UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DE CHAPÉU DO SOL A ÁGUA FRIA

NUMA TRAMA DE ENREDOS, A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UM BAIRRO NA CIDADE DO RECIFE

Bruno Maia Halley

Recife, 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DE CHAPÉU DO SOL A ÁGUA FRIA

NUMA TRAMA DE ENREDOS, A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UM BAIRRO NA CIDADE DO RECIFE

Bruno Maia Halley

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel

Recife, 2010

Catalogação na fonte
BibliotecáriaDivonete Tenório Ferraz Gominho, CRB4-985

H187d Halley, Bruno Maia.
De chapéu do sol a Água Fria : numa trama de enredos, a construção da identidade de um barro na cidade do Recife / Bruno Maia Halley. – Recife: O autor, 2010.
238 folhas : Il., 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Pós –Graduação em Geografia, 2010.

Inclui bibliografia.

1. Geografia. 1. Água Fria. 2. Vida suburbana. 3. Enredos. 4. Recife(PE). I. (Orientador) Maciel, Caio Augusto Amorim. II. Titulo.

910 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2011-03)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS - DCG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DEM GEOGRAFIA

BRUNO MAIA HALLEY

Título: "DE CHAPÉU DO SOL À ÁGUA FRIA: NUMA TRAMA DE ENREDOS, A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UM BAIRRO NA CIDADE DO RECIFE "

BANCA EXAMINADORA

TITULARES:

Orientador: _____
Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel (UFPE)

1°. Examinador: _____
Prof. Dr. João Baptista Ferreira de Mello (UERJ)

2°. Examinador: _____
Prof. Dr. Jan Bitoun (UFPE)

APROVADA em 29 de outubro de 2010.

RCMS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DE CHAPÉU DO SOL A ÁGUA FRIA

NUMA TRAMA DE ENREDOS, A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UM BAIRRO NA CIDADE DO RECIFE

Bruno Maia Halley

Banca Examinadora

Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel – UFPE (Orientador)

Prof. Dr. Jan Bitoun – UFPE

Prof. Dr. João Baptista Ferreira de Mello - UERJ

Prof. Dr. Antônio Carlos de Barros Corrêa – UFPE (Suplente Interno)

Prof. Dr. Antônio Alfredo Teles de Carvalho – UFAL (Suplente Externo)

Recife, 2010

Amar mulheres, várias
Amar cidades, só uma – Recife

Lêdo Ivo

As páginas deste trabalho, escritas numa enternecida ligação evocativa de figuras habituais da minha existência, a elas são particularmente dedicadas em pensamentos de afeto e de carinho:

Meu pai José Carlos,

minha mãe Maria do Socorro,

meu irmão Antônio Weber,

minha irmã Joana Angélica,

e minha avó Hebe Carvalho

E ao amigo

Caio Augusto Amorim Maciel

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais **José Carlos Cavalcanti** e **Maria do Socorro Maia** pelas oportunidades ofertadas e experiências repassadas ao longo de minha existência. Aos meus irmãos **Antônio Weber Maia** e **Joana Angélica Maia**, pela compreensão e apoio logrados a minha pessoa. Obrigado pelo convívio diário repleto de respeito e carinho.

À minha avó materna **Hebe Carvalho Mendes Maia**, grande paraibana responsável pela formação humana de tantos filhos e netos. Obrigado vovó por ter me ajudado com tanta disposição e carinho. À minha tia **Paula Carvalho Maia**, e meu tio **João Carlos de Holanda**. Pessoas maravilhosas sempre dispostas a me auxiliar desde os tempos doces das brincadeiras infantis no bairro da Várzea, passando pelas malandragens adolescentes na Caxangá, e agora na fase adulta, em Porto da Madeira. Nestes diferentes lugares, sempre recebi um tratamento especial por vocês, com muita descontração e afeto.

Agradeço ao amigo e orientador **Caio Augusto Amorim Maciel**, pelas oportunidades ofertadas ao longo da minha trajetória como aluno e agora como profissional de geografia. Na minha monografia defendida em 2005, o referido professor, mesmo fora de sua área de atuação imediata, orientou a pesquisa sobre as vilas e becos do Arruda de forma segura e competente. Quanto à dissertação, Caio Maciel me estimulou do início ao fim, depositando uma confiança inabalável no meu trabalho e na minha capacidade. Agradeço-lhe querido professor por ter me recebido com tanto carinho e afago. Espero ter correspondido à altura suas expectativas.

Agradeço ao professor **Antônio Carlos de Barros**, talentoso profissional que sempre me dispensou uma atenção especial desde os primeiros anos de graduação. Ao mestre franco-brasileiro **Jan Bitoun**, que com sua paciência e simpatia escutou minhas inquietações a respeito da originalidade de um bairro na perspectiva do Recife. As sugestões levantadas por esses professores (Jan Bitoun e Antônio Carlos) mostraram-se valiosas para minha pesquisa, e, por conseguinte, para minha formação intelectual.

Ao professor **João Baptista Ferreira de Melo**, pela compreensão e ajuda nos momentos mais difíceis. Seus textos sempre me motivaram a fazer uma geografia mais humana e sincera com o universo vivido. Fica aqui registrado um agradecimento especial.

Ao amigo **Robert Vasconcellos**, figura ímpar da Vila Dom Lara, situada no bairro do Arruda. Agradeço pela ajuda e paciência na reta final deste trabalho, pela acolhida na sua casa, e pelo convívio com pessoas tão queridas (Dona Soares, Dona Vera, Andréia, Rômulo, Hugo, Marcone e as crianças) residentes naquele pitoresco arruamento. Não encontraria ninguém melhor para me ajudar e me tranqüilizar nesses momentos tão difíceis.

Agradeço a queridíssima **Lúcia Cassilla** pelas conversas bobas e sérias travadas ao longo desses anos. Uma boa mãe de filhos amáveis e inteligentes (Lícia e Leonardo), e que sempre me forneceu abrigo nos momentos mais delicados dessa caminhada. Nesse sentido, também agradeço a dupla **Gerarly** e **Gerailton Medeiros**, irmãos queridos de uma boa vontade enorme. Muito obrigado pelas extensas conversas nas madrugadas sem fim.

Ao amigo potiguar **Gleydson Pinheiro Albano**, uma figura pitoresca sempre presente, seja nos carnavais da vida, nas expedições geográficas e nas discussões acadêmicas, seja nas nossas residências, no convívio com nossos pais e amigos próximos. Obrigado grande intelectual do Vale do Açu pelas conquistas compartilhadas e comemoradas naqueles dias inesquecíveis de folia!

Ao baiano **Paulo Baqueiro Brandão**, amigo recente que abriu as portas da residência de seus pais em Salvador para acolher o amigo pernambucano durante sua pesquisa na Universidade Federal da Bahia. Obrigado Baqueiro pela hospitalidade e pelo convívio maravilhoso ao longo destes últimos anos. Outrossim, agradeço ao homem das “mil cartas na manga”, **Arlindo da Silva Viana,** o príncipe da Iputinga que primeiro caminhou comigo nos endereços então desconhecidos de Água Fria. Pai de uma menina linda chamada **Camila** e marido de uma mulher incrível de nome **Suely**.

Agradeço a filha querida de **Dona Jurema**, minha princesa das terras olindenses **Juliana Estolano**, sempre disposta a ajudar com um toque de

carinho e um sorriso lindo e cativante. A **André Pereira Marinho**, um ser humano especial, um homem de grande caráter e sensibilidade... Enfim, um amigo honesto e prestativo que seguidamente me socorre nos momentos mais difíceis. Ao amigo francês **Mathieu Fruleux** pela ajuda no resumé, figura carismática que veio abrilhantar o convívio no Laboratório de Estudos sobre Espaço e Cultura da UFPE.

Ao caubói do asfalto, o senhor dos múltiplos anéis **Girlan Cândido da Silva**. Grande sujeito com aparência de mal, mas de uma bondade sem igual. Meu amigo desde o primeiro ano de graduação, e agora do mestrado, e amanhã talvez do doutorado. Ao colega **Roberto Silva de Souza**, um ótimo profissional de invejável senso geográfico. Tornei-me fã incondicional de seus estudos a propósito da Marim dos Caetés e arredores próximos. Muito obrigado "Robertos Carlo" pelos mapas e discussões construídas ao longo da minha pesquisa.

Ao corajoso maranhense **Alisson Bezerra**, uma espécie humana rara no meio acadêmico. Dono de uma fisionomia singular acabou por conquistar a todos que o cercam com seu carisma e benevolência. Ao torcedor do Esporte Clube Vitória, meu amigo **Antônio Marcos**. Um sujeito tímido de pouca conversa, mas de significativa boa vontade, sempre me confortando com suas palavras de incentivo e admiração.

Agradeço ao geógrafo **William Alcântara** pelos sintomáticos passeios ciclísticos compartilhados ao longo da planície recifense. Momentos de entusiasmadas reminiscências e de interessante leitura sob duas rodas da paisagem urbana da capital pernambucana. Agradeço igualmente ao professor **Alcindo José de Sá**, que com seu estilo único, atendeu meus pedidos mais urgentes de forma costumeiramente segura e rápida.

Agradeço também a professora **Jaci Câmara**, que com sua bondade e disposição me permitiu uma minuciosa pesquisa no acervo do Núcleo de Apoio Pedagógico e Acadêmico do curso de Geografia. Sem o apoio de Dona Jaci certamente os percalços da pesquisa teriam sido maiores e mais árduos. No âmbito do programa de pós-graduação, agradeço à queridíssima **Rosa Marques** que me acolheu carinhosamente, ajudando-me sempre com um ar de doçura e gentileza.

Às minhas colegas do Laboratório de Estudos sobre Espaço e Cultura, **Cássia Pernambuco** e **Danuza Moraes**. De início me encantei por Cássia pelo seu nome, e depois, com o convívio diário, pela mulher amável, linda e inteligente que é. Agradeço a "branquinha" pelo incentivo e paciência, bem como pelo empréstimo de alguns livros e textos imprescindíveis a feitura deste trabalho. Agradeço igualmente a pequena Danuza, a mãe mais linda do ano, que sempre apoiou minhas pesquisas, tanto nos encontros semanais do grupo de leitura do LECgeo como nas aulas de campo sobre as particularidades do sítio urbano recifense.

Aos amigos dos tempos de ginásio **Sérgio Augusto Oliveira** e **Eduardo Aragão Fragoso**, quase sempre presentes nas ocasiões mais felizes e divertidas de minha existência. Ao amigo recém-casado **Felipe Freire**, pelos momentos inesquecíveis vivenciados em torno de nossa combinação noturna predileta: as mulheres, a boa conversa e a música de qualidade. Os encontros com esses amigos (Sérgio, Eduardo e Felipe) representaram nos últimos anos instantes de pura alegria e descontração durante àquelas semanas cansativas carregadas de atribulações.

Agradeço ao amigo **Valério Cordeiro**, pela entrega e disposição no meu estabelecimento comercial enquanto tentava conciliar minha vida acadêmica com as obrigações da minha vida empresarial. Durante os últimos quatro anos, Valério conquistou a todos com seu sorriso largo, suas estórias pitorescas, e, especialmente pelo seu caráter e complacência com minha família.

Nesse sentido, também não posso deixar de agradecer a **Severino da Silva**, o conhecido "Billy, the Kid"; e aos inúmeros clientes e amigos ciclistas que diariamente passaram a construir na minha bicicletaria um vínculo afetivo e duradouro com todos ali presentes. Agradeço também ao amigo de quase todas as horas **Alfredo Carvalho**. Obrigado pelo empréstimo de alguns livros, dissertações e teses ao longo do primeiro ano de mestrado.

Agradeço também aos funcionários da Biblioteca Setorial do Centro de Filosofia e Ciências Humanas representados aqui pelos amigos **Rodrigo Galvão, Marcelly Lacca e Evanise Carvalho**, que desde os tempos idos da graduação me auxiliam na feitura das minhas pesquisas. Outrossim, agradeço aos colegas da Prefeitura da Cidade do Recife, da Fundação Joaquim Nabuco,

do Arquivo Público Jordão Emereciano, e das Bibliotecas do Estado e do Centro de Artes e Comunicação, que pacientemente me mostraram os atalhos da pesquisa científica.

Por fim, agradeço aos moradores do bairro de Água Fria, pela acolhida e depoimentos, indispensáveis a realização dessa pesquisa.

Ao santo das causas urgentes, Santo Expedito. Meu amigo, meu protetor, minha esperança nas horas mais aflitas e angustiantes.

À bondade divina e toda sua graça derramada sobre nós.

RESUMO

Compreendendo o lugar como a porção do espaço estruturado e ordenado, constituído a partir das experiências dos seres humanos; e o bairro como uma realidade material a partir da qual se torna possível compartilhar a existência do lugar, a presente dissertação procura desvendar e analisar as relações que individualizam o bairro de Água Fria no contexto da cidade do Recife. Unidade urbana imbuída de sintomáticos enredos, conceituados como determinados conjuntos de experiências comuns e intrínsecas do bairro, responsáveis pelas ocasiões mais propícias ao envolvimento mútuo das pessoas, e, por conseguinte, pelo pulsar mais intenso da vida local. É a conversa e o jogo de cartas e dominó na calçada, o encontro na padaria no final da tarde, na feira livre ou no mercado público, a festa do padroeiro, a folia de momo, os rituais do terreiro de xangô... Práticas comuns que revelam a trama de relações de Água Fria, e que permitem demarcar com maior precisão seu coração simbólico caracterizado pela concentração dos principais pontos de encontro da população (a igreja, o mercado, a feira livre e etc.). Também entendidos como verdadeiros abrigos ou refúgios de laços identitários, que regem a experiência do morador e lhes possibilita perceber a fluidez e as coisas comuns do lugar. Daí que se apreende as particularidades da vivência local, e, doravante, a personalidade do bairro, que outrora chamava-se Chapéu do Sol devido uma antiga estação de trem ali existente no limiar do século XX.

Palavras-chaves: Bairro, Lugar, Enredos, Água Fria, Recife

RESUMÉ

Comprenant le lieu comme une portion d'espace structuré et ordonné, constitué à partir des expériences des êtres humains; et le quartier comme la réalité matérielle à partir de laquelle il devient possible de partager l'existence du lieu, ce travail cherche à dévoiler et analyser les relations qui individualisent le quartier d'*Água Fria* dans le contexte de la ville de *Recife*. Unité urbaine imbibée de symptomatiques intrigues, conçues comme ensembles déterminés d'expériences communes et intrinsèques du quartier, responsables des occasions les plus propices à l'implication mutuelle des personnes, et, par conséquent, du tressaillement plus intense de la vie locale. C'est la conversation et le jeu de cartes et de domino sur le trottoir, la rencontre à la boulangerie en fin d'après-midi, à la *feira livre* ou au marché publique, la fête du saint patron, la *folia de momo*, les rituels du *terreiro* du culte afro-brésilien de *xangô*... Pratiques communes qui révèlent la trame des relations de *Água Fria*, et qui permettent de démarquer avec une plus grande précision son cœur symbolique caractérisé par la concentration des principaux points de rencontre de la population (l'église, le marché, la *feira livre*, etc.). Aussi compris comme véritables abris ou refuges de liens identitaires, qui régissent l'expérience du résident et lui permettent de percevoir la fluidité et les chose communes du lieu. A partir de là on apréhende les particularités du vécu local, et, dorénavant, la personnalité du quartier, qui autrefois s'appelait *Chapéu do Sol* dû à une pittoresque station de train qui y existait au seuil du XXe siècle.

Mots-clés : Quartier, Lieu, Intrigues, Água Fria, Recife

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Espaço e Lugar na Geografia Humanística..... 31

Figura 02 - As Delimitações do Bairro e sua Trama Densa..... 56

Figura 03 - Experiência Vivida do Bairro e seus Marcos Referenciais..... 58

Figura 04 - Sítio Urbano Primitivo do Recife..... 54

Figura 05 - Palácio de Friburgo, na Ilha de Antônio Vaz..... 68

Figura 06 - Cidade Maurícia (Mauritzstadt) – Reprodução da Obra de Barlaeus. 69

Figura 07 - Perspectiva do Recife e Olinda no Século XVII (1627)..... 75

Figura 08 - Chácara à Margem do Capibaribe..... 82

Figura 09 - Passagem da Madalena..... 85

Figura 10 - Diligências de Burros no Centro do Recife (o "Ônibus" de Cláudio).. 88

Figura 11 - Planta da Cidade do Recife e seus Arredores – 1870..... 89

Figura 12 - Planta da Cidade do Recife - 1915..... 92

Figura 13 - Cidade de Moldura Líquida do Recife..... 95

Figura 14 - Sobrados e Casarões da Rua da Aurora..... 97

Figura 15 - Bacia do Beberibe em Trechos Municipais de Olinda, Recife e Camaragibe..... 120

Figura 16 - Monumento no Centro da Praça da Convenção em Beberibe..... 121

Figura 17 - Litografia do Arrabalde de Beberibe no Último Quartel do Século XIX..... 123

Figura 18 - Três Perspectivas do Povoado de Beberibe no Início do Século XX..... 128

Figura 19 - Estação de Fundão no Início do Século XX..... 129

Figura 20 - Planta da Cidade do Recife e seus Arredores de 1876..... 130

Figura 21 - Estação Chapéu do Sol no Arrabalde de Água Fria em 1909..... 133

Figura 22 – Principais Construções de Água Fria em Meados do Século XX..... 141

Figura 23 - Paróquia de Santo Antônio do Arruda e Água Fria..... 142

Figura 24 - Calçamento da Estrada Nova de Beberibe no Bairro de Água Fria em 1947..... 143

Figura 25 - Construção do Pontilhão do Arruda em 1947..... 145

Figura 26 - Mercado Público de Água Fria em 1954..... 146

Figura 27 - Feira Livre de Água Fria ("Beliscada") na década de 1940..... 148

Figura 28 - Água Fria e Arruda nos Primeiros Decênios do Século XX..... 150

Figura 29 - Construção do Canal de São Sebastião em Água Fria (1958)..... 151

Figura 30 - Alto do Pascoal em Água Fria no Início de 1960..... 153

Figura 31 - Batutas de Água Fria no Centro da Cidade do Recife (1955)..... 156

Figura 32 - Centro de Água Fria na Avenida Beberibe..... 164

Figura 33 - Bairro de Água Fria..... 165

Figura 34 – Sítio de Pai Adão..... 172

Figura 35 – Residências no Sítio de Pai Adão..... 173

Figura 36 – Capela de Santa Inês..... 177

Figura 37 – Instituições do "Bairro Negro" de Água Fria..... 179

Figura 38 – Maracatu Bacnaré do Mestre Ubiracy em Água Fria..... 180

Figura 39 – Caboclinho Oxóssi Pena Branca, Alto do Pascoal..... 185

Figura 40 – Sr. José Severino dos Santos (Mestre Alfaiate) na Sede do Caboclinho Sete Flechas, Água Fria..... 187

Figura 41 – Ensaio do Caboclinho Sete Flexas, Água Fria..... 189

Figura 42 – Dona Marina Ferreira e os Trféus e Placas do Boi Teimozo no Alto do Pascoal..... 192

Figura 43 – Boi Teimozo nas Ruas de Água Fria, Carnaval 2010..... 195

Figura 44 – Pastoril Estrela Brilhante na Cerimônia da Queima da Lapinha..... 196

Figura 45 – Localização das Agremiações Carnavalescas de Água Fria..... 198

Figura 46 – Fogueira e Estrela de São João na Rua Júlio Ramos, Água Fria.... 201

Figura 47 – Itinerário da Procissão de Santo Antônio em Água Fria..... 205

Figura 48 – Procissão de Santo Antônio em Água Fria..... 206

Figura 49 – Apoio dos Comerciantes à Procissão de Santo Antônio..... 207

Figura 50 - Fiéis na Igreja de Santo Antônio para Procissão do Santo Padroeiro..... 208

Figura 51 – Inauguração do Mercado Público de Água Fria, em 1954..... 211

Figura 52 – Barracas e Casas Comerciais em Água Fria no Início de 1940..... 214

Figura 53 – Feira Livre de Água Fria..... 216

Figura 54 – Mercado Público de Água Fria..... 217

Figura 55 – Centro Comercial de Água Fria..... 218

Figura 56 - Moradores a Conversarem nas Calçadas do Bairro de Água Fria..... 223

Figura 57 – Demarcação da Trama Densa de Água Fria..... 224

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Localização da Cidade do Recife..... 61

Mapa 02 - Principais Rios da Cidade do Recife..... 76

Mapa 03 - A Cidade do Recife e suas Regiões Político-Administrativas..... 101

Mapa 04 - Região Político-Administrativa Centro – RPA1..... 102

Mapa 05 - Região Político-Administrativa Norte – RPA2..... 107

Mapa 06 - Região Político-Administrativa Noroeste – RPA3..... 108

Mapa 07 - Região Político-Administrativa Oeste – RPA4..... 109

Mapa 08 - Região Político-Administrativa Sudoeste – RPA5..... 110

Mapa 09 - Região Político-Administrativa Sul – RPA6..... 112

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Principais Estudos Sobre o Bairro Rural no Brasil (1941-1979)..... 43

SUMÁRIO

Considerações Iniciais..... 18

I. Evidenciando Conceitos em Geografia Humanista: o Lugar e a Trama Densa do Bairro..... 21

1.1 Lugar: um Conceito-Chave na Geografia Humanista..... 22

1.2 Apreendendo o Bairro como Lugar e Recorte Temático Complementar na Geografia..... 33

1.3 Na Descoberta do Bairro, o Encontro com a sua Identidade..... 40

1.4 Tecendo o Lugar: o “Coração de Bairro” numa Trama de Enredos..... 49

II. Dos Moinhos de Açúcar aos Sítios de Arrabaldes: a Formação dos Bairros Continentais na Cidade do Recife..... 60

2.1 O Sítio do Recife e sua Evolução Urbana..... 61

2.2 Os Engenhos sob os Domínios da Planície Recifense..... 71

2.3 Os Sítios de Arrabaldes e o Crescimento Tentacular da Cidade..... 78

2.4 Os Bairros Continentais na Cidade de Moldura Líquida 94

III. De Chapéu do Sol a Água Fria: o Surgimento de um Bairro na Zona Norte do Recife..... 114

3.1 Nos Meandros Históricos de Beberibe: a Gênese de um Bairro..... 115

3.2 Beberibe de Baixo: as Origens de Água Fria no Século XIX..... 125

3.2.1 O Mercado, a Feira Livre e a Paróquia na Constituição do Bairro..... 138

3.2.2 Os Morros e os Antecedentes Vividos do Lugar..... 149

IV. Água Fria: a Identidade de um Bairro numa Trama de Enredos..... 162

4.1 Desatando a Trama Densa de Água Fria..... 163

4.1.1 Água Fria: um “Bairro Negro” Recifense e seu Enredo..... 167

4.1.2 Ao Som dos Clarins... o Carnaval Enaltecendo um Enredo Local..... 182

4.1.3 Paróquia de Santo Antônio e o Enredo Religioso do Lugar..... 200

4.1.4 Legitimação de um Enredo no Entorno do Mercado Público..... 210

Considerações Finais..... 221

Referências..... 226

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Geógrafos do horizonte humanista descrevem o lugar como uma entidade única, um conjunto especial, que tem história e significado, como bem diz Yi-Fu Tuan. Uma porção do espaço estruturado e ordenado, constituído a partir das experiências e aspirações dos seres humanos, sendo comumente encontrado em diferentes escalas concêntricas de mundo vivido. Podendo ser desde o lar, a rua, o quarteirão, e o bairro, até os locais de encontro, lazer, e de trabalho.

Inserido nesta hierarquia, na condição de realidade material a partir da qual se torna possível compartilhar a existência do lugar, o bairro na geografia humanista, configura-se num local vivido por excelência, demarcado e consagrado afetivamente por seus moradores em sintomáticas relações sociais de familiaridade, vizinhança e compadrio. É ainda exaltado como portador de identidade própria, resultante de uma fisionomia particular e de uma convivência social específica.

Nesse sentido, entendendo o bairro como um lugar de vivência íntima investido por características marcantes que denotam identidade, buscar-se-á no trabalho ora apresentado, desvendar e analisar as particularidades que individualizam o bairro de Água Fria no contexto da cidade do Recife. Considerando a sua relação com o bairro, e a inserção deste no processo histórico da cidade, afora uma revisitação na trajetória conceitual da unidade nos estudos acadêmicos, e, por conseguinte, às leituras humanísticas, que aproximam a categoria espacial ao conceito fenomenológico de lugar.

Assim, tomando emprestada a idéia de Mendes (1958), segundo a qual o bairro autêntico possui um coração simbólico, o estudo dissertativo tem por objetivo apreender a identidade do lugar à luz do âmago de Água Fria, que se encontra tecido por significativos enredos. Determinados conjuntos de experiências comuns e intrínsecas do lugar, responsáveis pelas ocasiões mais propícias ao envolvimento mútuo das pessoas, e, conseqüentemente, pelo “pulsar” mais intenso da vida local, que estimula e ressoa suas especificidades para outros recantos da célula urbana.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho está organizado com base na “arrumação” das reflexões e conclusões derivadas de um referencial bibliográfico (livros, teses, dissertações, monografias, revistas e jornais), que priorizou os temas e conceitos aqui evocados (a exemplo de lugar, bairro, identidade de bairro, arrabaldes, Recife); levantamento de dados estatístico, e trabalho de campo (mapeamentos principais pontos de encontro e entrevistas com os moradores de Água Fria).

No primeiro capítulo, *Evidenciando Conceitos em Geografia Humanística: o Lugar e a Trama Densa do Bairro*, dividido em quatro partes, discorre, a princípio, sobre o conceito de lugar no âmbito dos estudos humanísticos. Em seguida é feita a associação do espaço vivido (o lugar) com a categoria espacial de bairro, estabelecendo uma aproximação conceitual entre os dois recortes temáticos da geografia.

A terceira parte do capítulo revisita o estudo do bairro no âmbito da literatura científica, priorizando as formas de entendimento da personalidade da célula urbana face à metrópole. Por último, alicerçado nos itens precedentes, discorre-se a propósito da trama densa do bairro, formada pela urdidura dos principais enredos do lugar localizados no cerne do bairro, que a despeito dos outros endereços vividos, concentra consigo a alma ou o espírito da vivência local.

No segundo capítulo realiza-se um resgate histórico da formação da cidade do Recife, destacando as particularidades do seu sítio e posição no processo de evolução urbana. Do porto natural à Cidade-Maurícia, e dela, rumo à área continental ocupada pelos moinhos de açúcar situados às margens dos principais braços d’água da planície recifense. Posteriormente, é realizada a desconstrução ou reconstituição histórica dos arrabaldes situados à beira do Capibaribe, outrora importantes engenhos de açúcar, que possibilitaram junto com os transportes coletivos da época, o crescimento tentacular da cidade no decorrer do século XIX. Por fim, é feita uma leitura geográfica dos atuais bairros continentais do Recife, que se mostra emoldurado pelas águas do rio e do mar.

O terceiro capítulo trata de Água Fria. Do surgimento do bairro na perspectiva da Zona Norte do Recife, que anteriormente constituía-se num

pequeno arrabalde nascido do próspero povoado de Beberibe, este situado às margens do rio de mesmo nome. Através dele, originou-se o Beberibe de Baixo, loteamento inicial dos atuais bairros do Arruda, Água Fria e Fundão. E que no limiar do século XX tiveram seu crescimento estimulado pelo trem suburbano da “maxambomba”, onde cada povoado possuía uma estação de embarque. A de Água Fria chamava Chapéu do Sol, um pitoresco ponto de parada, que possibilitara a ocupação dos terrenos lindeiros ao longo da Estrada Nova de Beberibe, como também dos morros, córregos e ladeiras do até então arrabalde. Outrossim, registra-se como marcos iniciais desse processo, a presença da Igreja de Santo Antônio e do Sítio do Pai Adão (Terreiro Obá Ogunté), ambos datados do último quartel do século XIX.

O quarto e último capítulo, *Água Fria: a Identidade de um Bairro numa Trama de Enredos* discorre a propósito do âmago do lugar. Dos enredos do bairro que demarcam através dos seus marcos referenciais, o coração simbólico de Água Fria. Imbuído por especificas relações sociais estabelecidas pela igreja católica, o mercado, a feira livre, o terreiro de xangô e as diversas agremiações carnavalescas aí existentes. A concentração destes pontos de encontro no cerne do lugar permite perceber a personalidade do bairro no contexto da cidade. Caracterizada pela solidariedade entre os vizinhos, a conversa e o jogo de cartas ou dominó na calçada, o encontro na feira livre ou no mercado público (que resiste ao hipermercado), a festa do padroeiro, os rituais do tradicional terreiro de xangô, a folia de momo...

Esses aspectos comuns da vida do bairro resistem às inovações da metrópole, onde se materializam diferentes texturas, que engendram comportamentos, novos modos de vida, que tendem a vilipendiar, e doravante, extinguir a espessura do lugar. Contudo, em Água Fria foi possível ver e compreender mais profundamente que as metamorfoses processadas na cidade nem sempre são captadas por seus moradores, imersos cada vez mais numa vivência cotidiana, que os aproxima das particularidades do bairro e da vida do bairro.

I Capítulo

EVIDENCIANDO CONCEITOS EM GEOGRAFIA HUMANISTA

O LUGAR E A TRAMA DENSA DO BAIRRO

Recordando a contribuição de Yi-Fu Tuan, o que importa assinalar é que realidades como os bairros (...) são lugares, ou seja, espaços internalizados mentalmente pelos indivíduos de uma coletividade, que os têm como espaços vividos e sentidos.

Marcelo José Lopes de Souza

1.1 Lugar: um Conceito-Chave na Geografia Humanista

Entendida como espaço ocupado, ponto referido a um fato, ou qualquer referência de povoação, a palavra lugar carrega consigo, irrecusavelmente ao longo dos séculos, uma definição relacionada à localização. Em tempos mais remotos, na Grécia Antiga, o vocábulo significava a simples localização das coisas. Ainda que para Aristóteles, na sua *Física*, o lugar apareça como o limite que circunda o corpo[1]. Séculos mais tarde, em *Princípios Filosóficos*, por sua vez, Descartes além de apreender o lugar como a delimitação do corpo, sugere igualmente que ele deva ser compreendido em relação à posição de outros corpos.

Na geografia, a expressão representa uma antiga noção, anterior mesmo a espaço e região (GOMES, 1995, p. 25). No entanto, das categorias matriciais do pensamento geográfico, o lugar constitui-se no menos desenvolvido dentro dos meios e instrumentos teóricos da disciplina. Desde a implantação da disciplina no universo acadêmico, no período correspondente as idéias positivistas de investigação, o lugar fora eventualmente analisado, mas sempre no plano superficial reservado aos aspectos locacionais. Ademais, quando o estudo e a confecção de mapas conformava-se num dos fundamentos do tradicionalismo geográfico, o lugar no seu sentido locacional era utilizado para definir a própria ciência. Não por acaso, afirmou La Blache (1985, p. 47), no transcorrer daquele momento, que “a Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens”.

A associação da noção de lugar à origem da disciplina perdurou na geografia por cinco décadas (HOLZER, 1999, p. 67). Porém, não obstante a importância conferida a categoria, a busca crescente da objetividade científica inviabilizou praticamente qualquer consideração que transcendesse seu primeiro significado de situação espacial. Por conseguinte, durante esse interstício temporal, poucos foram os geógrafos que impulsionaram ou estimularam a mudança na definição da concepção.

[1] É importante ressaltar que na Teoria Newtoniana, pautada em leis e princípios da física moderna, o lugar é novamente localização a partir da diferenciação entre espaço absoluto e espaço relativo.

Carl “Sauer talvez tenha sido o primeiro a desvincular o lugar deste sentido estritamente locacional”, sublinha Holzer (Op. Cit., p. 68). Na terceira década do século XX, o geógrafo norte-americano não necessariamente trilhando os caminhos preconizados pelos positivistas, incorporava elementos subjetivos ao conceito de paisagem cultural, sendo os mesmos remetidos à noção de lugar, na condição de espaço vivido da experiência humana. Outrossim, Eric Dardel ao elaborar um livro[2] em meados do mesmo século, voltou-se à “análise fenomenológica da relação visceral que o homem mantém com a Terra” (HOLZER, 2001, p. 103), como modo de sua existência e de seu destino. Neste estudo, o professor secundarista, considerado pioneiro na relação com a fenomenologia, assegurou que a direção associada à distância, estabelece ao corpo um sítio estável e inerte. Ou como prefere o autor, uma situação, onde o homem se locomove em função de “um conjunto de relações e de trocas, fixando de algum modo o lugar de sua existência” (DARDEL, 1952, p. 19)

As concepções adotadas por esses dois autores (Sauer e Dardel) influenciaram nos decênios subseqüentes a construção de uma concepção humanística de lugar, destituindo-o de conotações exclusivamente locacionais. Com efeito, a partir da sétima década do século passado, alguns profissionais desiludidos com uma geografia sem homens começam a buscar, nas filosofias dos significados (fenomenologia, hermenêutica, existencialismo, e idealismo), respostas para suas angústias e caminhos para o rompimento com o positivismo e neo-positivismo predominantes na ciência geográfica (MELLO, 1991, p. 22). Geógrafos de pensamento crítico como Anne Buttimer, Yi-Fu Tuan, Edward Relph, entre outros, entrosados com as humanidades e ciências sociais, acabam por adotar seus métodos e princípios, com vistas a aclarar a consciência espacial dos seres humanos num mundo imbuído de ambigüidades, valores contrários e grupos diversos.

Assim, contrapondo-se às observações do positivismo que distancia o sujeito e o objeto do conhecimento, a perspectiva humanista centra suas atenções na multiplicidade dos eventos processados no mundo vivido a partir

[2] DARDEL, Eric. **L´Homme et la Terre – Nature de La Réalite Geographique**. Paris: CTHS, PUF, 1952.

da interpretação dos valores e sentimentos dos seres humanos no seu espaço circundante. Esse movimento, portanto, “assume um compromisso com o antropocentrismo”, cujas “idéias nascem do homem e são sempre relativas a ele” (GOMES, Op. Cit., p. 26). “E assim estuda o(s) mundo(s) habitado(s), logo experenciado(s) por homens e não um mundo hipotético” (MELLO, Op. Cit., p. 29) reduzido a modelos, medidas e técnicas de laboratório. Em outras palavras, a geografia humanista (ou humanística) propõe “um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar” (TUAN, 1985, p. 143).

Diante destes preceitos analíticos, o humanismo passa a estabelecer na Geografia um estatuto conceitual muito bem explicativo sobre a idéia de lugar (GOMES, Op. Cit., p. 26). Elegendo-o como categoria-chave, os adeptos desta corrente exaltam o lugar como o singular: “o que é próprio, o que é concreto, o que resiste a qualquer generalização” (GOMES, Op. Cit., p. 27). O recorte espacial que significa e é significador de práticas sociais no interior do mundo habitado, sendo portador de variadas mensagens coerentes com o código de expressão particular de cada comunidade.

Tal compreensão de lugar tomaria sentido, inicialmente, nos escritos desenvolvidos por F. Luckerman[3] e Tuan[4] na sexta década do século passado, e por Buttimer, no período posterior correspondente aos três decênios subseqüentes. De modo geral, as idéias elaboradas por esses autores evidenciam semelhanças entre o que os fenomenólogos chamam de ‘mundo’ e os geógrafos humanistas denominam de ‘lugar’. No caso de Anne Buttimer, a então freira forneceu uma ponte preciosa entre a geografia e a fenomenologia no célebre ensaio *Apreendendo o Dinamismo no Mundo Vivido*[5], de 1985. Neste artigo, ao comentar sobre a complexa noção de vida diária (*lebenswelt*), Buttimer (1985, p. 172) descreve o mundo fenomenológico como o contexto dentro do qual a consciência é revelada. Não um mero mundo de fatos e

[3] LUCKERMANN, F. **Geography as a Formal Intelectual Discipline and the Way in Wich it Contributes to Human Knouledge**. Canadian Geographer, 8 (4), 1964, pp. 167-172.
[4] TUAN, Yi-Fu. **“Environment” and “World”**. Professional Geographer, 1965, 17 (5), pp. 6-7.
[5] Originalmente publicado nos *Annals of the Association of American Geographers* com o título *Grasping the Dynamism of Lifeworld,* em 1976. No Brasil, o texto fora traduzido por Neide Piran e Antonio Cristofoletti, sendo introduzido no já clássico *Perspectivas da Geografia* organizado por este último de meados da década de 1980.

negócios, mas de valores, bens, e ações. Está ancorado em tempos pretéritos e direcionado para o futuro; é um horizonte compartilhado, embora cada indivíduo possa construí-lo de modo particularmente distinto.

Sobre a experiência pessoal no mundo, a geógrafa ressalta que os estudiosos deste segmento filosófico enxergam cada ser humano como portador de um "lugar natural". Um marco inicial do sistema referencial inserido num ambiente espacial estruturado, formado por uma série de regiões significativas, cada qual com sua dimensão apropriada e orientada para outras regiões. Assim, cada pessoa encontra-se envolvida por diversas "camadas" concêntricas de espaço vivido, podendo ser do quarto para o lar, para rua, para o bairro, cidade, região e para a nação. Afora isso, pode haver "lugares privilegiados", qualitativamente diferentes de todos os outros, tais como os lugares de nascimento, do primeiro amor, etc. (BUTTIMER, Op. Cit., p. 178).

Essas considerações levantadas sobre as idéias de mundo e de espaço vivido possibilitaram aos geógrafos a construção de inúmeras formas de compreensão à noção de lugar. A própria Anne Buttimer (1985b, p. 228), pautada na relação corpo-espaço[6], irá defini-lo como o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas. Tuan (1980, p. 05), por sua vez, em texto emblemático sobre o tema, identifica a relação íntima do individuo com o lugar como *topofilia* (1980), tratando-se do "elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico", que pode ser "difuso como conceito", mas "vivido e concreto como experiência pessoal".

Em outro livro, o geógrafo chinês radicado nos Estados Unidos, descreve à luz da complexa natureza humana, o conteúdo e as singularidades entre *Espaço e Lugar* (1983); cujo primeiro corresponde a qualquer fragmento da superfície terrestre, amplo, desconhecido, anônimo e temido. Já o segundo, entretanto, se constitui na porção do espaço recortado afetivamente, emerge da experiência e é um "mundo ordenado e com significado" (TUAN, 1983, p. 64).

[6] Segundo Gomes (Op. Cit., p. 28), Anne Buttimer "explorou esse tipo de relação na definição do próprio espaço, baseada justamente em um ramo do conhecimento da fenomenologia, sobretudo heideggeriana, de Marleau Ponty, que trabalha com essa mesma relação".

A análise desse recorte espacial, de acordo com Tuan, se apresenta na geografia sob duas perspectivas: a do lugar como localização e a do lugar como artefato único (TUAN *apud* HOLZER, 1999, p. 70). Sobre a perspectiva locacional, o autor designa-o como uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação. No tocante à segunda, todavia, ele vai além e reconhece que o lugar possui mais substância do que nos sugere a palavra localização, pois representa

> uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado (TUAN *apud* HOLZER, Op. Cit., p. 70).

Na esteira desse pensamento, Edward Relph (1979, p. 16/17) acrescenta que o "lugar é principalmente um produto da experiência humana. Significa muito mais que o sentido espacial de localização". Pois, o mesmo "não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança", complementa o autor (RELPH, Op. Cit., p. 16/17).

Vê-se, portanto, que o lugar é exaltado na corrente humanista como o lócus da experiência vivida, estruturado e estabilizado emocionalmente por múltiplos significados geográficos de pertencimento, familiaridade e identidade. E que o espaço, onde ele está contido, representa um constructo paradoxal, desprovido de ligações físico-afetivas e marcado por sensações de desconforto e insegurança. Ele é aberto, livre e vulnerável, diferente do lugar, fechado, íntimo e humanizado (TUAN, 1983, p. 61). Um centro calmo de valores e sentimentos que transmite tanto boas lembranças quanto a sensação de lar. Contudo, embora ambos se apresentem distintos (espaço e lugar), um sempre completará o outro.

Conforme lembra Tuan (Op. Cit., p. 61) "os seres humanos necessitam de espaço e lugar", pois "as vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade". Num espaço amplo e aberto, uma pessoa pode chegar a ter um sentido profundo de lugar. Outrossim, na solidão de um lugar fechado a vastidão do espaço exterior pode despertar uma necessidade imediata.

Nesse sentido, “um local pode ser espaço ou lugar em questões de horas” (MELLO, 1997, p. 95). Toma-se como exemplo o centro da cidade do Recife, mais especificamente o largo do mercado público do bairro de São José. Durante o dia, o espaço dinâmico imbuído de variadas sociabilidades, constitui-se um ‘lugar’ para aqueles que o freqüentam (vendedores, comerciantes, moradores, etc.). À noite, entrementes, o bairro torna-se um ‘espaço’ temido e misterioso para os indivíduos diurnos, mas para aqueles que o vivenciam no período noturno (prostitutas, desocupados, alguns boêmios e etc.) a localidade é novamente compreendida como ‘lugar’ em razão do contato estabelecido com outras pessoas em trocas afetivas, econômicas e etc.

A passagem de espaço para lugar sempre provém da intencionalidade humana (RELPH, 1976, p. 42). Ou seja, as pessoas se voltam para os lugares munidos de propósitos pré-determinados. Para que isso ocorra é necessário um longo tempo de envolvimento dos indivíduos com o espaço circundante. Embora nada impeça, segundo Tuan (Op. Cit., p. 204), que os mesmos possam se apaixonar por um lugar à primeira vista, tal qual por uma pessoa. Por outro lado, uma pessoa pode ter morado toda sua vida em determinado local e sua relação com ele ser completamente irreal, sem nenhum apego ou enraizamento.

Tais reflexões remetem a um sentido elementar da dimensão prático-sensível, segundo o qual “Lugar é uma pausa no movimento” (TUAN, Op. Cit., p. 152). Um instante no imenso movimento que denota uma relação inseparável entre espaço e tempo, possibilitando a transformação de uma simples localidade em um centro de reconhecido valor na ampla estrutura do espaço. Outro exemplo corriqueiro talvez facilite a compreensão desta proposição. Após caminhar num bairro qualquer do Recife, o transeunte busca no retorno ao lar, um abrigo de ônibus dotado de certa “acessibilidade” para sua orientação. Encontrado o “ponto de parada”, outras vezes ele retorna e indica, quando indagado, o local para outros citadinos. Sua atitude é repetida em mais uma ou várias oportunidades. Seja como for, o que cabe ressaltar é que, “para ser alçado à categoria de lugar (ainda que passageiro), o local não precisa ser investido de carinho e sim ser apenas um ponto de significação, ainda que por uma única vez” (MELLO, Op. Cit., p. 96).

Deste modo, por se constituir num centro envolto de significados pessoais ou intersubjetivos, o lugar pode se materializar em diferentes escalas de percepção: “Uma poltrona perto da lareira é um lugar, mas também o é um estado-nação”, assinala Tuan (1985, p. 149). O mesmo pode-se dizer de outros locais experenciados diretamente, a exemplo do bairro, da rua onde se mora, e do lar. Principal referencial de existência da espécie humana no que se refere à forma concreta do abrigo, da proteção contra as intempéries e outros perigos potenciais, o lar se configura no ponto de partida e chegada para lugares mais distantes, como a padaria da esquina, a praça, os locais de trabalho e lazer, as casas de parentes, entre outros.

Embora não vivenciados na sua totalidade por cada um dos indivíduos, a cidade e a nação também se mostram símbolos dessa fraternidade homem-meio em razão do apego e do sentimento único e identitário que os envolvem (patriotismo, bairrismo, etc.). Sobretudo durante a realização de alguma competição esportiva, festival de música ou cinema, concurso de beleza, etc. A propósito, argumenta Frémont (1980, p. 205) que os homens não vivem “sobre” ou “na” nação. Os homens são simplesmente a nação. Configuram-se num único ser, em decorrência do forte sentimento de unidade interna existente, propiciado principalmente pela comunhão do idioma e da cultura.

Um fato igualmente revelador da identificação e aproximação do ser humano com o lugar refere-se ao estado de transe emotivo aflorado nos momentos de regresso ao local de moradia. Nas áreas urbanas, a expectativa diária de chegada ao bairro de vivência, significa em si um reencontro seguro e empático, depois de um dia exaustivo carregado de inúmeras atribulações. O mesmo tipo de sentimento emerge quando do retorno de viagens realizadas no conhecimento de novos lugares que são sempre marcadas por uma volta revestida de grande emoção e expectativa.

Nesses momentos, à medida que o lugar ou o lar se aproxima, o indivíduo começa a ter a sensibilidade aguçada, o que demonstra que a sensação de mudança de espaço para lugar é, evidentemente, experenciada por qualquer cidadão. Haja vista os ditos populares, cujas expressões costumeiramente recordam a essência e o sentido do lar: “não há lugar como a casa da gente” ou ainda “este é meu lugar”. São falas comuns do cotidiano que justificam a

importância dos reencontros, e, por conseguinte, das viagens para o estabelecimento de bases comparativas entre os lugares, conforme observa Pocock (1981).

No Brasil, as considerações elaboradas por expoentes da corrente humanística foram corroboradas pelos trabalhos desenvolvidos por Mello (1991; 2000) e Holzer (1990; 1998) a partir dos anos de 1990. No caso do primeiro, na sua dissertação de mestrado, João Baptista Ferreira de Mello descreve e aponta diferentes apreensões do lugar à luz das experiências vivenciadas dos compositores da Música Popular Brasileira na cidade do Rio Janeiro. [7]Aí, ele enxerga o lugar como um "ninho aconchegante" (MELLO, 1991, p. 49). Complementando que os pertences, parentes, amigos e o território experenciado

> fazem parte do acervo íntimo do indivíduo. Pausa, movimento e morada conferem ao mundo vivido a distinção do lugar. As experiências nos locais de habitação, trabalho, divertimento, estudo e dos fluxos transformam os espaços em lugares, carregam em si experiência, logo, poesia, emoção. Sensação de paz e segurança dos indivíduos que estão entre os 'seus', tem uma conotação de pertinência por pertencer à pessoa e esta a ele, o que confere uma identidade mútua, particular aos indivíduos (MELLO, 1991, p. 43).

O autor fluminense ainda discute duas escalas compreensivas desse recorte espacial: os lugares míticos e concebidos (FIGURA 01). Os primeiros destinam-se aos locais nunca experienciados concretamente, mas que assumem para as pessoas a imagem do paraíso, alimentando os mais profundos desejos em manter com ele um contato direto. Também não vivenciados, os lugares concebidos se diferenciam dos míticos por serem locais mais próximos transmitidos através dos meios de informação (jornais, televisão, revistas, etc.) ou por relatos de pessoas já conhecedoras dos mesmos.

Outra dimensão de análise discutida por Mello (Op. Cit., p. 43) diz respeito ao *placelessness*. Um neologismo anunciado por Edward Relph (*Place and Placelessness*, 1976) referente às paisagens estandartizadas, repetidas, e com uniformidades de seqüências encontradas no espaço. O que "em

[7] Na sua tese de doutoramento, Mello (2001) descortina e debate a partir do universo da cantora e atriz Marlene, em sua vida particular e artística. Pautando-se nos princípios da geografia humanística, o geógrafo (re)introduz a abordagem do indivíduo nos estudos científicos analisando as diferentes apreensões do conceito de lugar à luz das reminiscências do universo vivido da artista na cidade do Rio de Janeiro.

português, talvez seja entendido como “deslugar” ou “ausência de lugar”” (MELLO, Op. Cit., p. 93). Podendo ser evidenciado nos aeroportos, nas grandes cadeias de hotéis (*resorts*), nos conjuntos habitacionais, nos viadutos, nas auto-estradas... Enfim, nas mais variadas construções do espaço que para uns artificializam a paisagem urbana, mas que para outros, dependendo da experiência pessoal de cada um ou dos grupos sociais, podem merecer apreciações distintas, e assim, se tornarem lugares ou espaços. Daí se assenta a principal crítica a esta concepção, visto que as pessoas podem amar tanto as paisagens por elas criadas, como as escolhidas ou impostas pelas contingências da vida. [8]

No que tange as concepções de Werther Holzer, observa-se a desconstrução e discussão dos caminhos trilhados pela geografia humanista de 1950 a 1990 no mundo anglo-saxão, e seu rebatimento nos escritos desenvolvidos no Brasil durante este interstício. Registra-se, também, a preocupação do autor em estabelecer um rigor científico nas categorias e recortes temáticos elencados pela nova abordagem cultural, especialmente no que concerne as categorias paisagem e lugar.

Sobre este último, Holzer (1999, p. 76) propõe que se conceitue o lugar “sempre como um centro de significados e, por extensão, um forte elemento de comunicação, de linguagem, mas que nunca seja reduzido a um símbolo despido de uma essência espacial, sem a qual torna-se outra coisa”. Nesse sentido, para o autor, se faz necessário não desqualificar as qualidades espaciais do lugar, visto que ele é também caracterizado como portador de identidade própria, correspondendo ao espírito, ao sentido, ao gênio do lugar (*genio locci*).

Nos estudos humanísticos, esta personalidade do lugar resulta das intenções e experiências intersubjetivas do ser humano, cujos estreitos laços de sociabilidade e familiaridade iniciados no nascimento do indivíduo e

[8] Convém aqui também mencionar a noção desenvolvida pelo antropólogo Marc-Augé (2001) referente ao *não-lugar*. Espaços produzidos pela “supermodernidade”, que transmitem tanto sentimento de individualidade e anonimato, como de estranheza e desconforto. São conceituados como espaços físicos despidos de envolvimento e identificação, comumente materializados em estações ferroviárias, aeroportos, supermercados, lanchonetes *fast-food* e etc. Sua contradição é associada ao lugar, segundo o autor, uma construção concreta e simbólica do espaço, sempre identitário, relacional e histórico.

aprofundados com a prática cotidiana conduzem a um conhecimento detalhado de uma determinada localidade, possibilitando a constituição de raízes, e de um "centro de significados que se torne insubstituível" (HOLZER, Op. Cit., p. 72).

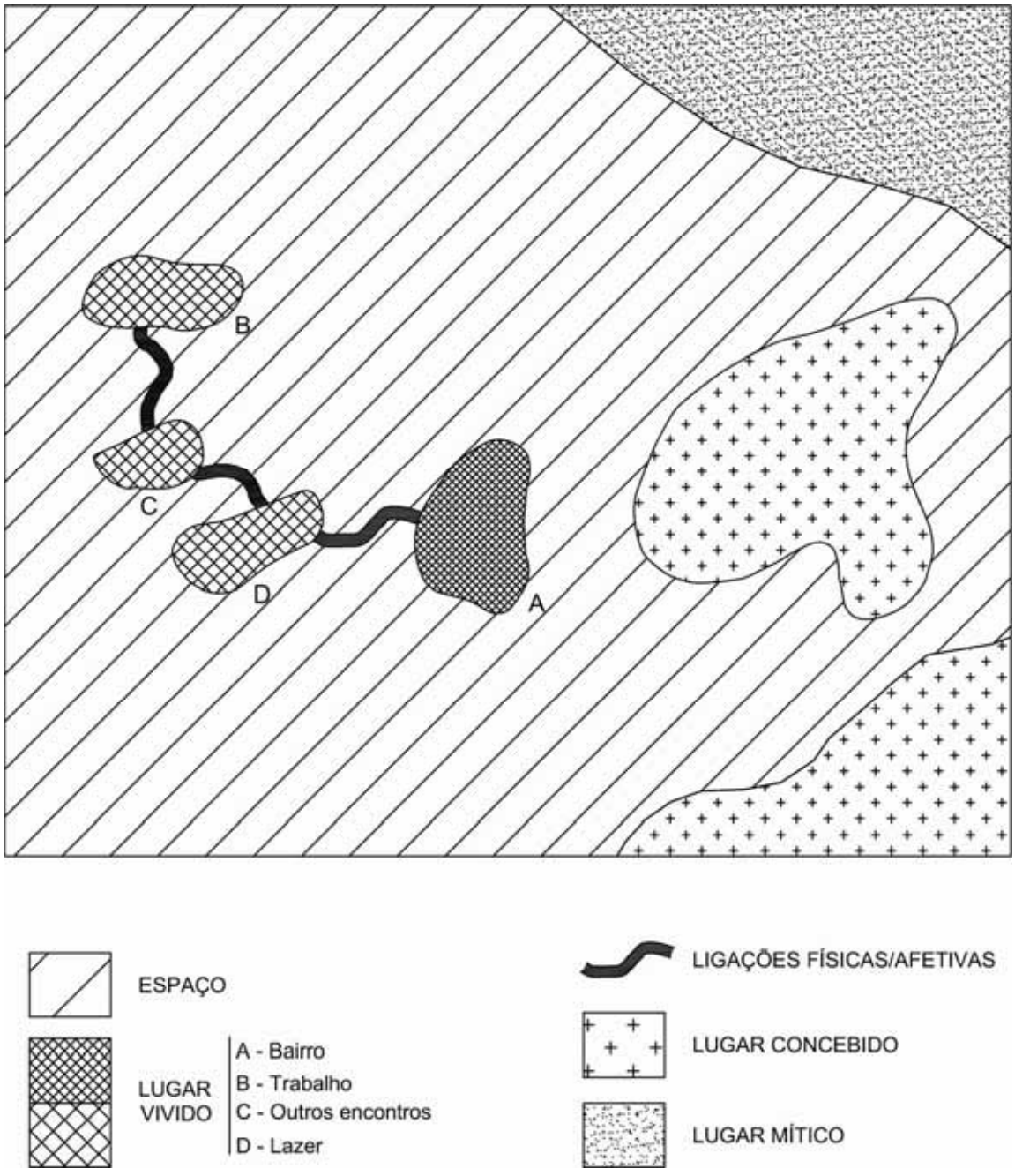


Figura 01 – Espaço e Lugar na Geografia Humanística
Fonte: MELLO, João Baptista Ferreira de. Espaço, Lugar e "Deslugar". In: **Redes – Revista do Departamento de Estudos Sociais**. V. 1, n. 2, maio/agosto. Rio de Janeiro: Associação de Ensino de Campo Grande, 1997.

As leituras construídas a propósito do lugar e de sua identidade se coadunam ao conceito de bairro na condição de espaço vivido e sentido de seus moradores. Os textos mais significativos e alusivos desta associação serão evidenciados e analisados na seqüência, como forma de ‘arrumação’ teórico-metodológica da pesquisa centrada no desvendamento das singularidades identitárias do bairro de Água Fria no contexto da cidade do Recife.

1.2 Apreendendo o Bairro como Lugar e Recorte Temático Complementar na Geografia

Os anos de 1980 assinalam o ressurgimento da Geografia Cultural após um período de relativa perda de prestígio (entre 1940 e 1970). Ganhando, assim, novo fôlego tanto na Europa como nos Estados Unidos. Consiste, na verdade, numa revisão da abordagem geográfica da Escola de Berkeley, assentada em uma conjuntura científica pós-positivista e caracterizada pela consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial.

Nesse sentido, torna-se necessária para a compreensão do mundo através de diferentes enfoques temáticos que carregam consigo influências herdadas tanto de um período antecedente como de aspectos oriundos do materialismo histórico dialético. Recebe aportes das filosofias do significado através da geografia humanística, conforme aludido anteriormente, que valoriza a experiência no mundo vivido, a intersubjetividade e os valores e sentimentos dos seres humanos na compreensão do espaço habitado.

Dentro desse contexto, o espaço urbano passa a ser objeto de análise dos estudos culturais, antes mais orientados às questões relacionadas ao campo. Até o final da década de 1960, os geógrafos de tradição francesa e norte-americana "adotaram uma perspectiva antiurbana, enfatizando o rural, o passado e as sociedades primitivas ou atrasadas, pouco ou nada interessando-se pelo urbano" (CORRÊA, 2003, p. 167).

No entanto, com a redefinição do conceito de cultura por parte desses profissionais no último quartel do século XX, consubstanciada pelas metamorfoses processadas na sociedade em curso, que ia se tornando mais urbana e diversificada, o quadro investigativo dos geógrafos culturais se desloca do campo para a cidade.[9] O que suscita o desenvolvimento de inúmeras pesquisas voltadas à multiplicidade das relações sociais no urbano em três eixos temáticos principais: toponímia e identidade, a cidade e a

[9] Ao mesmo tempo em que os estudos urbanos, outrora submetidos a discussões relacionadas à funcionalidade das cidades, acabam por também considerar a dimensão cultural nas suas análises.

produção de formas simbólicas, e a paisagem urbana e seus significados (CORRÊA, 2003).

Destacam-se também nesses estudos, as leituras empreendidas no desvendamento das diversas partes que representam a cidade, e com elas o bairro. Especialmente quando se observa na literatura humanístico-cultural a associação da categoria espacial ao conceito de lugar, na condição de realidade material apropriável para experiência existencial no mundo vivido. Destarte, o bairro é compreendido como um lugar de vivência íntima, demarcado e consagrado afetivamente por seus moradores em profundas e duradouras relações de familiaridade, vizinhança e compadrio. É ainda evocado como portador de identidade própria, resultante de uma fisionomia particular e de uma convivência social específica.

Essa concepção de bairro pode ser reforçada e ampliada a partir das formulações de Mello (Op. Cit., p. 62), que o entende como "lugar vivido por excelência, percorrido com segurança, onde muitos se conhecem e, portanto se familiarizam". Ainda de acordo com ele, "o bairro, no qual se habita, não é conhecido em sua totalidade" (MELLO, Op. Cit., p. 62). Contudo,

> os laços de afinidade são muito expressivos nesses centros de significância, onde não há tabuletas indicando a sua designação. Mas a experiência repetida dos homens, transformada em fraternidade, identifica ou traça os limites de seu território. Os administradores estabelecem fronteiras rígidas para os bairros. Entretanto, para os moradores do lugar a demarcação é tênue e não muito rígida, podendo variar para lhes conceder status, por exemplo (MELLO, Op. Cit., p. 62).

Percebe-se, assim, a carga simbólica e subjetiva que o fragmento urbano encerra em si na geografia humanística, sendo entendido como uma porção do espaço caracterizado pelas sociabilidades engendradas no seu interior e pelas particularidades que o individualiza. Outro aspecto diz respeito à ausência de coincidência entre os limites pré-estabelecidos pelo poder público e àqueles delimitados e tomados como verdadeiro pelo senso comum.

A propósito dessa realidade, Serpa (2007, p. 9) sugere como procedimento teórico-metodológico, a superação da rígida dicotomia centro versus periferia, relativizando-a a partir da instrumentalização do conceito de bairro como espaço vivido e sentido. Pois, conforme ressalta o autor, os recortes espaciais priorizados pelos órgãos municipais (as regiões

administrativas ou os distritos) se mostram “grandes demais para despertar empatia como “espaços vividos” pela população, como “lugar””. Essas divisões acabam por esconder o sentimento de pertencimento ao bairro, tido como “espaço das práticas cotidianas e aparentemente banais” (SERPA, Op. Cit., p. 10) dos seus usuários.

Certo da magnitude desse pensamento e apoiando-se nas concepções desenvolvidas por Edward Relph e Marc-Augé sobre espaço vivido, Serpa (Op. Cit., p. 11) vincula o bairro ao conceito de lugar, o que implica enxergá-lo como um sistema particular de relações, “já que o lugar é mais que a soma de objetos ou uma localização (...) e exprime a experiência e o envolvimento com o mundo”. O bairro, segundo o autor, “é sempre identitário, relacional e histórico”, uma “fonte de autoconhecimento e responsabilidade social” (SERPA, Op. Cit., p. 11).

Na ordem do dia, os dois últimos autores citados (Mello e Serpa) se constituem nas maiores representatividades do estudo do bairro na geografia humanista no Brasil. São responsáveis por mais de duas dezenas de orientações reservadas à apreensão da célula urbana na perspectiva da metrópole. João Baptista Ferreira de Mello analisa os bairros na cidade do Rio de Janeiro à luz de métodos pioneiros concernentes à individualidade do fragmento urbano. Sempre considerando leituras mais atuais subjacentes ao universo vivido do conceito de lugar.[10] Por sua vez, Serpa apreende e discute os bairros periféricos no planejamento urbano da cidade de Salvador através da aplicação de mapas cognitivos, mais associados às técnicas de investigação da geografia da percepção e do comportamento.[11]

Afora esses dois autores é importante destacar uma terceira perspectiva de análise do bairro na geografia brasileira, dentro do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo, através das

[10] São exemplos dessa abordagem adotada por Mello na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, os estudos desenvolvidos por Bandeira (1998), Tostes (1999), Henrique Gomes (1999), Brito (2000), Lima (2003), Lima e Silva (2005) e Pizotti (2010).

[11] Além das orientações concluídas sobre bairro na Universidade Federal da Bahia – ver, por exemplo, os trabalhos de Angeoletto (2000), Garcia (2001), Coelho (2002), e Silva de Souza (2006), o autor e seu grupo de pesquisa ainda produziram vídeos-documentários com moradores de bairros populares, com o objetivo de caracterizar algumas manifestações culturais do cotidiano dos bairros da cidade de Salvador.

professoras Amélia Luisa Damiani, Margarida Maria de Andrade[12], Odette Carvalho de Lima Seabra[13] e Ana Fani Alessandri Carlos. Nos estudos empreendidos por esse grupo e seus orientandos, é evidente a influência dos postulados desenvolvidos pelo filósofo francês Henri Lefebvre. Centrados, sobretudo no livro *De lo Rural a lo Urbano* (1968), que traz uma discussão a propósito do *bairro e da vida de bairro* na organização da sociedade urbana.

Mesmo não se enquadrando na perspectiva humanista, e sim numa vertente geográfica denominada por Maurício de Abreu de *marxista lefebvriana*, Carlos (1996, p. 20) aproxima a noção de bairro a uma perspectiva fenomenológica de lugar, partindo do entendimento que o indivíduo embora morador da metrópole não a vivência em sua totalidade, vive apenas fragmentos deste espaço. O que claramente corresponde ao "lugar – porção do espaço apropriável a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos dos seus moradores". Podendo ser a rua, a praça, o bairro... Que compreende ao

> espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas – as relações de vizinhança, o ir as compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar" (CARLOS, Op. Cit., p. 21).

Ancorada nesta concepção, Nogueira da Silva (1999, p. 12), analisou o bairro da Torre na cidade de João Pessoa como um "lugar de grandes potencialidades; um espaço complexo, imbuído de variadas significações conferidas pela própria dialética do cotidiano". A referência que o usuário tem de pertencimento ao lugar; seu ponto de partida e chegada para construção de relações interpessoais, às vezes duradouras e profundas, estabelecidas em momentos de alegrias, realizações, dificuldades e frustrações.

---

[12] A propósito, vide a sua tese de doutoramento **Bairros Além-Tamanduatei:** o imigrante e a fábrica no Brás, Mooca e Belenzinho. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1991. Nesse trabalho, a autora trata da formação e dissolução de antigos bairros "italianos" na cidade de São Paulo.

[13] A tese de Livre Docência da autora, **Urbanização e Fragmentação** – cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do bairro do Limão. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - USP. São Paulo, 2003; consiste num minucioso estudo sobre a fragmentação urbana do bairro e da vida do bairro face ao processo de metropolização da capital paulista.

Também Scarlato (1988), na sua tese de doutoramento sobre o real e o imaginário no Bexiga (São Paulo), evocou o bairro como categoria de análise, afirmando que a opção pelo estudo desse fragmento urbano conduz uma maior problemática do que a simples escolha de um território com limites administrativos. Pois, o bairro resulta de um somatório de relações sociais que passam pela consciência histórica de pertencerem a uma localidade,

> cujos limites podem ser definidos pelo grau de relações entre as pessoas ao viverem um mesmo cotidiano, problemas de rua ou quarteirão, cria um clima de "cumplicidade" para viver ou encontrar saída para os mesmos. O bairro pode ser encarado portanto, como lugar onde as relações de vizinhança se encontram mais bem configuradas (SCARLATO, Op. Cit., p. 178).

Dessa forma, para o autor o bairro constitui uma unidade espacial de profunda significância à compreensão das transformações de uma cidade ou da sociedade como um todo. Unidade menor onde se realiza com intensidade a vida cotidiana da população urbana, é ainda o lugar onde se manifesta importantes movimentos sociais urbanos (SCARLATO, Op. Cit., p. 179).

Aqui, faz-se necessário ressaltar que esta perspectiva referente aos movimentos sociais, fora aprofundada por Souza (1988) na sua análise sobre o ativismo de bairro, partindo de uma abordagem política e do seu entendimento como lócus organizacional das práticas sociais e das lutas dos seus usuários. Avançando, dessa maneira, na construção de um arcabouço teórico-conceitual para realidade dos bairros, Souza (1989, p. 156) conceitua essas células urbanas como "lugares, ou seja, espaços internalizados mentalmente pelos indivíduos de uma coletividade, que os têm como espaços vividos e sentidos".

No entanto, é o mesmo Souza (Op. Cit., p. 149) quem mostra que um bairro, por mais que encerre unidade de composição material e social, se não desperta o menor afeto, a menor empatia, ou simplesmente um referencial para o cotidiano, não é um bairro. Mas tão somente uma parcela da cidade particularizada por este ou aquele critério. O autor ainda comenta, no bojo da variável vivência do espaço entre os citadinos, que existem certas situações (ou certas localidades) onde o bairro é uma realidade pouco significativa para a maioria das pessoas nele residentes. Configurando-se dessa forma, apenas numa mera orientação geográfica, normalmente lembrada como complemento do endereço domiciliar dos seus moradores.

Contudo, já afirmara Tuan (Op. Cit., p. 189) que “a rua onde se mora é parte da experiência íntima de cada um, mas a unidade maior, o ‘bairro’, é um conceito”. Não se expande automaticamente o sentimento que se tem pela rua para todo o bairro. O conceito depende da experiência, mas não é uma conseqüência inevitável da experiência, já que o ‘bairro’ só adquire visibilidade e torna-se um ‘lugar’ através de um esforço da mente (TUAN, Op. Cit., p. 189).

Assim, para ele o bairro pode ser deduzido e esclarecido por meio de indagações, dirigidas inicialmente para o concreto e depois para o mais abstrato (o que é ou constitui o *meu* bairro? o que é *nosso* bairro? o que é *o* bairro?). Dessa maneira, “o bairro inteiro torna-se lugar” (TUAN, Op. Cit., p. 189). Todavia,

> é um lugar conceitual e não envolve as emoções. As emoções começam a dar cor ao bairro inteiro – recorrendo e extrapolando da experiência direta de cada umas de suas partes – quando se percebe que o bairro tem rivais e que está ameaçado de alguma maneira, real ou imaginária. Assim, o sentimento afetuoso que se tem por uma esquina expande-se para incluir a área maior (TUAN, Op. Cit., p. 189). [14]

Em outras palavras, é a partir da diferença, da alteridade, do reconhecimento, enfim do despertar identitário face às outras unidades urbanas que se processa a transformação do bairro em lugar. Nessa perspectiva, a emergência da identidade do bairro pode decorrer tanto de fortes fatores individualizantes (estrato social, amenidades locais, arquitetura secular, etc.), como por sintoma de reação aos pequenos ou grandes atos de interferência na vida cotidiana do morador, a exemplo da demolição de algum imóvel simbólico, ou mesmo do risco de desocupação do lugar em razão de um processo de reurbanização.[15]

Contudo, dada a atribuição de um significado ao bairro, a formação de uma imagem mental forte, a construção da personalidade do lugar na mente do indivíduo depende também de outras circunstâncias. No item a seguir serão revisitados outros estudos reveladores da identidade de bairro em diferentes

[14] A noção de bairro defendida por Tuan no livro *Topofília* (1980), baseia-se no estudo de caso realizado pelo pesquisador Herbert Gans sobre os bairros de *West End* e *Beacon Hill* na cidade norte-americana de *Boston*.

[15] Essas situações engendradas no interior do bairro respaldam a afirmativa de Relph (1976), que o lugar só adquire identidade e significado através da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas.

perspectivas, a fim de se estruturar um quadro referencial coerente na análise do bairro de Água Fria, que aqui será entendido como um “lugar” a partir do qual os indivíduos reproduzem parte de sua existência cotidiana, construindo, de uma forma ou de outra, um sentimento coletivo de pertencimento no local onde habita.

1.3 Na Descoberta do Bairro, o Encontro com a sua Identidade

Derivado do latim *barrium* ou do árabe *bárri,* o vocábulo bairro possui um uso comum na totalidade do Brasil, costumando ser descrito nos dicionários da língua portuguesa[16] através de dois verbetes: o primeiro relacionado a cada uma das partes principais em que se localiza a população de uma cidade ou vila. E o segundo direcionado aos aspectos interioranos do pequeno povoado, arrabalde ou arraial, este encontrado nos aglomerados rurais situados no interior do estado de Minas Gerais.

A associação do termo com a dimensão rural suscitou uma série de estudos pioneiros sobre esta unidade de povoamento no Brasil. Até os anos de 1970 do século passado, autores oriundos tanto da geografia quanto da sociologia tomaram como foco de análise os bairros "caipiras" (Quadro 01), percebendo-os como organizações rurais dispersas, estruturadas por grupos de vizinhança, e marcadas por uma consciência coletiva de pertencimento, emanada na convivência diária do homem do campo com seus parentes, vizinhos e parceiros.

Com efeito, em *Os Parceiros do Rio Bonito,* o sociólogo Antônio Cândido Sousa (1964, p. 44) ao discorrer sobre o povoamento da zona rural de São Paulo, define o bairro tradicional como uma estrutura basilar da "sociabilidade caipira, consistindo no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas".

No dizer de Sousa (Op. Cit.), a fisionomia do bairro resulta, sobretudo desse sentimento de pertencimento existente nos seus moradores, cuja formação se processa através do intercâmbio entre as famílias e o povoado, construindo um sentido comum de pátria, de terra querida no local de moradia. Neste caso, portanto, o bairro representa uma unidade social impregnada de identidade, valores e diferenciação, onde os

[16] A título de exemplo ver: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. Ou JOSÈ DE SOUZA, Bernardino. **Dicionário da Terra e da Gente do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 5 ed., 1961.

> membros, estando à frente de empreendimentos rurais de que guardam responsabilidade, desenvolvem entre si relações de ajuda mútua, e conservam relações de vizinhança que se concretizam na participação, em nível igualitário, das atividades cotidianas e festivas do grupo de localidade (QUEIROZ, 1973, p. 49).[17]

Sobre sua delimitação, mostra Schmidt (1951, p. 15) que, até certo ponto, os limites de um determinado bairro se confundem com os limites fisiográficos do espaço. Pois, o bairro, para o autor, "é um lugar, uma área qualquer, com características mais ou menos próprias", podendo ser "um vale, uma cabeceira ou nascente de algum ribeirão, uma praia (...). É o povo que lhe dá o nome e determina, com limites mais ou menos imprecisos, a área abrangida pelo mesmo" (SCHMIDT, Op. Cit., p. 15).

Seguindo essa trilha sociológica, os geógrafos brasileiros inicialmente estudaram os bairros a partir de agrupamentos rurais encontrados no estado de São Paulo. Concentrando suas análises na forma de dispersão das habitações, nos aspectos concernentes ao uso do solo, e no relacionamento do lugar com o espaço circundante. Assim, não por acaso, nos estudos clássicos de Alice Cannabrava (1941)[18] e de Nilo Bernardes (1958)[19], percebe-se a descrição do bairro mais relacionada à distribuição espacial das moradias, sendo designado como um tipo de "habitat" disperso, ainda que por vezes revele tendências para uma aglutinação.

Em outros trabalhos, contudo, encontram-se conceituações não ligadas propriamente à dispersão rural e sim dando maior ênfase à existência de unidades territoriais, mais ou menos amplas, definidas em função da presença de determinados contatos sociais estabelecidos entre a população residente. É o caso do trabalho *A Região de São Luiz do Paraitinga* de Pasquale Petrone (1959); e também da análise de Nice Lecocq Müller (1946, p. 42), uma das

---

[17] Para a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz (Op. Cit., p. 4), os componentes que caracterizam um bairro rural são os seguintes: "Configuração intermediária entre a família, de um lado, e de outro o arraial, ou a vila, ou a cidadezinha, o bairro apresentava as formas mais elementares de sociabilidade da vida rústica, que se alargavam em diferentes graus a partir dele, na seguinte escala: a) relações familiares; b) relações de vizinhanças; c) relações dos bairros entre si; d) relações com a região; e) relações com o exterior (isto é com tudo que ultrapasse a região".

[18] CANNABRAVA, Alice. **Primeiras Notas para um Estudo Acerca dos Bairros no Estado de São Paulo.** Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro, 3:650 – 652, 1941.

[19] BERNARDES, Nilo. **Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e Arredores de São Paulo**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1958.

primeiras teses em geografia no Brasil[20] que conceitua o bairro rural como uma célula de comunidade social não-morfológica, formada por habitações dispersas suficientemente próximas,

> onde existem certos tipos de relações sociais a lhe darem corpo: laços de parentesco ou de vizinhança, reforçados freqüentemente pela existência de uma venda, capela ou escola cujo raio de ação marca comumente os limites do bairro (MÜLLER, Op. Cit.. p. 42). [21]

Anos após as considerações levantadas por Müller e Petrone, Liliana Laganá Fernandes (1972, p. 09), ao discorrer sobre a colonização japonesa no meio rural paulista, igualmente identifica o bairro como uma designação genérica de limites nem sempre precisos, geralmente definidos em função de um sentimento de localidade, não raro reforçado pela presença de algum elemento social de coesão.

Observa-se, portanto, que os conceitos esboçados por geógrafos e sociólogos sobre a realidade bairro, apresentavam certa uniformidade de compreensão no tocante ao sentimento de pertencimento dos habitantes com o local de moradia. Desde os primeiros estudos, o bairro é definido como um espaço vivido e sentido pelos seus moradores em sintomáticas e variadas relações interpessoais, normalmente exercitadas nos pontos de encontro mais significativos da população (igreja, praça, escola, etc.). E ainda, um grupo de vizinhança disperso, portador de características marcantes, e, por conseguinte, reveladoras de uma identidade particular aceita por aqueles que ali vivem.

Essa identidade do bairro também fora evidenciada, pelo menos em suas grandes linhas, nos primeiros estudos das células urbanas. Entretanto, os interesses da geografia clássica impossibilitaram a construção de um ambiente intelectual favorável ao estudo do bairro num nível analítico satisfatório quanto

---

[20] MÜLLER, Nice Lecocq. **Tipos de Sitiante em Algumas Regiões do Estado de São Paulo**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 1946.

[21] Sobre suas designações, Müller (Op. Cit., p. 142) salienta que “os nomes dos bairros indicam até certo ponto a sua origem ou o fator mais importante de coesão social entre seus habitantes, como a capela. Embora muitos ostentem nomes que derivam de um acidente geográfico, como o “bairro do Guaxindiva”, “bairro da Matinada”, “bairro do rio do Braço” etc., outros indicam claramente a sua origem familiar, ligada a subdivisão da terra por herança. Temos assim o “bairro dos Amaraes”, o “bairro dos Gonçalves”, o “bairro dos Neves”, o “bairro dos Melos”, o “bairro dos França” e muitos outros. Não menos numerosos são os que emprestam seu nome do Santo sob cuja invocação foi construída a capela, tais como o “bairro de Cruzeiro de Santa Bárbara”, “bairro de Santa Rita”, “bairro de Santa Cruz”, “bairro de Santa Lúcia”, “bairro da Aparecida”.

à natureza e ao papel social dessa realidade. Conseqüentemente, independente de seus contextos culturais distintos, as pesquisas urbanas acabaram por adotar a mesma direção dos estudos agrários, passando a compreender o bairro novamente como uma designação genérica, marcado por uma "alma própria" decorrente do senso comum dos habitantes, associado à relação do meio físico com a evolução da ocupação humana.

QUADRO 01: Principais Estudos sobre Bairro Rural no Brasil (1941-1979)

Ano	Autor	Trabalho	Área de Conhecimento
1941	Alice Piffer Canabrava	Primeiras Notas para um Estudo Acêrca de Bairros no Estado de São Paulo	Geografia
1946	Nice Lecocq-Müller	Tipos de Sitiantes em Algumas Regiões do Estado de São Paulo	Geografia
1951	Carlos Borges Schimidt	A Vida Rural no Brasil: a Área de Paraitinga, uma Amostra Representativa	Sociologia
1958	Nilo Bernardes	Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e Arredores de São Paulo	Geografia
1959	Pasquale Petrone	A Região de São Luis do Paraitinga	Geografia
1964	Antônio Cândido Sousa	Os Parceiros do Rio Bonito	Sociologia
1967	Maria Isaura P. de Queiroz	Bairros Rurais Paulista	Sociologia
1971	Liliana Laganá Fernandes	O Bairro Rural dos Pires (Dissertação)	Geografia
1972	Liliana Laganá Fernandes	Bairros Rurais no Município de Limeira – Estudo Geográfico (Tese)	Geografia
1973	Adyr A. B. Rodrigues	O Bairro do Tanque – Atibaia (SP) – Um Exemplo da Contribuição da Colonização Japonesa para a Evolução do Meio Rural Paulista	Geografia
1973	Maria Isaura P. de Queiroz	Bairros Rurais Paulistas – Dinâmica das Relações Bairro Rural - Cidade	Sociologia
1979	Ruth Lauras Biajoti	Uma Vila Paulistana: Vila Palmeira	Geografia

Fonte: Pesquisa Direta
Organizador: Bruno Maia Halley

As discussões desenvolvidas por Renato Silveira Mendes e Maria Terezinha Segadas Soares encontram-se centrados nessa perspectiva. A propósito, entendendo o bairro como local de originalidade própria, o primeiro analisou os bairros das zonas norte, sul, orientais e ocidentais da cidade de São Paulo. Por sua vez, Soares discorreu a respeito de alguns bairros cariocas

a partir da coexistência de uma série de elementos (sítio, conteúdo social, paisagem urbana e função) que os singularizavam em meio a outros da mesma cidade. Dessa forma, para Mendes (1958, p. 185) "o bairro possui determinadas características muito próprias que, com o passar do tempo, se reforçam e acabam por individualizá-lo de maneira inconfundível, tanto para os que nele habitam como no conceito geral da população citadina". [7]

Seguindo na mesma direção, acrescenta Soares (1958, p. 47/48), que "a noção de bairro é uma noção de origem popular", sendo, portanto "muita mais geográfica, mais rica e mais concreta. Ela se baseia num sentimento coletivo dos habitantes, que têm a consciência de morarem em tal ou qual bairro". Essa noção defendida por ambos os autores, baseia-se na concepção da geografia francesa da época, que entendia o bairro como "uma categoria espacial de difícil definição (...) Visto como uma individualidade determinada muito pelo 'sentimento coletivo' dos moradores de que pela ação do Estado" (SORRE *apud* MARTIN, 1984, p. 53).[8]

Os anos que se sucederam as publicações de Mendes e Soares constituíram um hiato de mais de duas décadas de ausência de trabalhos a propósito do bairro, só sendo retomados efetivamente a partir dos anos 80 do século passado à luz da renovação do pensamento geográfico nacional. Destarte, durante este período (1958-1982)[9], apenas algumas alusões à concepção de bairro são encontradas nas grandes obras de sistematização

[7] Antecipa este autor que "na maioria dos casos, o que a lei reconhece como subdistrito não corresponde ao que a população reconhece como bairro, embora o nome possa ser o mesmo" (Op. Cit., p. 185).

[8] Na sua dissertação de mestrado, Barros (2004) retoma esta questão dual do conceito de bairro ao discutir a existência objetiva e subjetiva da unidade na cidade do Recife. In: BARROS, Sandra Augusta Leão. **O que são Bairros: Limites Político-Administrativo ou Lugares Urbanos da Cidade?** o Caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife. Recife: Livro Rápido, 2004.

[9] Registra-se como marcos simbólicos desse recorte temporal, os dois estudos realizados por Soares e Mendes em 1958, e a retomada com o trabalho de Armando Corrêa da Silva, em 1982, sobre o bairro da Consolação na capital paulista. Aí o autor, partindo da análise de São Paulo como metrópole já no final do século XIX, define o bairro em geral como "o lugar da vida comunitária e do poder local. Quer sua origem seja um aglomerado rural, o loteamento urbano, ou o apêndice residencial da atividade industrial ou portuária, ele se define como um conjunto restrito de edificações, mais ou menos densas, que se organizam juntamente a certo número de serviços públicos e privados a ele relacionados. Nesse sentido, ele possui um significado geral válido para situações diversas" (SILVA, 1982, p. 348).

teórica em geografia urbana, a exemplo do estudo clássico de Pierre George publicado originalmente em 1961.[10]

Contudo, no transcorrer do mesmo período, alguns escritos desenvolvidos por outros profissionais emergem na literatura científica trazendo no seu bojo um expressivo arcabouço teórico-metodológico sobre o bairro face ao imaginário coletivo da cidade. Antropólogos e urbanistas, utilizando-se de técnicas relacionadas à cartografia cognitiva, se propuseram a analisar o subconsciente dos citadinos no local de moradia, apoiando-se num esforço de operacionalização dos significados através da feitura e aplicação de entrevistas, questionários e mapas mentais.

Nesse sentido, sob as preposições teóricas, o nome mais emblemático é o de Kevin Lynch. Pioneiro no resgate da dimensão subjetiva, o urbanista no livro *A Imagem da Cidade*[11] influenciou estudiosos de diversas áreas do conhecimento, inclusive geógrafos, investigando a cidade a partir de imagens mentais que os habitantes fazem de seu espaço e de suas diversas partes componentes.

Em tal contexto, Lynch (2001) desmembra essas imagens/identidades em cinco categorias principais (vias, limites, bairros, pontos nodais, e marcos), entendendo-as como lugares sobrepostos uns aos outros, comumente singularizados por uma determinada vivência, ou por um específico *design* urbano. Os bairros, por exemplo, são descritos pelo urbanista como espaços médios ou grandes de uma cidade, sendo concebidos como dotados de extensão bidimensional, uma vez que “o observador neles “penetra” mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam. Sempre identificáveis a partir do lado interno, são também usados para referência externa quando visíveis de fora”, complementa Lynch (Op. Cit., p. 52).

Em seguida, tomando como foco de análise as entrevistas realizadas nos bairros de metrópoles norte-americanas (Boston, Jersey City e Los Angeles), o autor representa as unidades urbanas como elementos básicos da imagem da cidade, com características físicas próprias determinadas por continuidades

[10] GEORGE, Pierre. **Geografia Urbana**. Difel: São Paulo, 1983.
[11] Primeira edição publicada na década de 1960.

temáticas expressas numa infinita variedade de componentes, como textura, espaço, símbolo, topografia, tipo de construção, usos, etc. Sobre suas denominações, esclarece ainda Lynch (Op. Cit., p. 76), semelhantemente aos geógrafos, que “os nomes dos bairros também ajudam a conferir-lhes identidade, mesmo quando a unidade temática não estabelece um contraste eloqüente com outras partes da cidade”.

Do ponto de vista da Antropologia, faz-se importante mencionar o estudo introdutório de Gilberto Velho (1973) a propósito dos *White-Collars* copacabanenses no livro *A Utopia Urbana*. O antropólogo analisa o bairro de Copacabana na capital fluminense resgatando noções clássicas da geografia urbana, no que concerne a individualidade do bairro resultante de quatro especificidades essenciais: as funcionais, fisionômicas (paisagísticas), históricas (processo de ocupação e evolução urbana), e fisiográficas (relação disto com o meio natural). Conseqüentemente, não há um aprofundamento conceitual, mostrando-se incipiente à escala do bairro, sobretudo quando se constata as atenções da análise centradas num estrato social particular e num prédio específico (Edifício Estrela).

Em contrapartida, no *Quando a Rua Vira Casa* (1985)[12]*,* outros antropólogos e arquitetos coordenados por Carlos Nelson Ferreira dos Santos avançam na interpretação do bairro ao se aproximarem de questões relativas à construção social de identidades no centro do Catumbi na cidade do Rio de Janeiro. Aí, os autores mesmo não apresentando uma definição para o bairro, destacam um conjunto de idéias aproveitáveis (desenhos, fotografias e mapas mentais) para se pensar a célula urbana em toda sua complexidade. Passando a privilegiar a subjetividade e a intersubjetividade, relacionado-as à objetividade das formas espaciais e da dinâmica urbana, no âmbito de uma forte sensibilidade para com os aspectos culturais vivenciados nas áreas de contatos mais amiúdes.

Ancorado nesses postulados e nos escritos desenvolvidos por Y-Fu Tuan a respeito da noção de lugar, Souza (Op. Cit.) após a retomada de trabalhos sobre bairro na geografia, apresenta uma proposta de conceituação holística

[12] SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos, VOGEL, Arno. **Quando a Rua Vira Casa**. Rio de Janeiro, FINEP/IBAM, 1985.

para o fragmento urbano, ao mencionar que “qualquer bairro, é simultaneamente uma realidade objetiva e subjetiva/intersubjetiva, e estas duas dimensões interpenetram-se e condicionam-se uma à outra ao longo do processo histórico” (SOUZA, Op. Cit., p. 148). Mais adiante acrescenta que “o bairro pertence àquela categoria de “pedaços da realidade social” que possuem *identidade* mais ou menos inconfundível para todo um coletivo” (SOUZA, Op. Cit., p. 149), possuindo uma personalidade intersubjetivamente aceita pelos moradores da cidade, ainda que com variações de percepção.

Quanto à análise dessa identidade, Souza (Op. Cit., p. 151) adverte ser imprescindível a interação entre as duas dimensões da unidade social, sem a qual o bairro torna-se uma realidade “coisificada” (o bairro como uma individualidade objetiva de formas espaciais e funções, historicamente forjadas no contexto da ação das “leis gerais da sociedade” e acima das subjetividades) ou então “fantasmagorizada” (o bairro é um espaço vivido e sentido por um coletivo, mas a realidade sócio-espacial que existe objetivamente, fora da mente de cada um, não é examinada seriamente e criticada).

Ciente deste pressuposto, mais recentemente Serpa (Op. Cit.) vem se aventurando a analisar a identidade de bairro nas áreas periféricas da cidade de Salvador. Conforme aludido no item precedente, Serpa vincula o bairro à concepção de lugar, estabelecendo uma proximidade conceitual com a geografia humanística e da percepção no descortinamento das múltiplas práticas sociais engendradas no interior das unidades estudadas, e também na aplicabilidade de novas metodologias de abordagem do espaço vivido nas políticas público-participativas da capital baiana.

De modo geral, os procedimentos analíticos do autor se assentam nas técnicas de campo elaboradas por Lynch (Op. Cit.), com a identificação dos referenciais arquitetônicos, dos percursos, limites etc., e nas noções de intersubjetividade e transubjetividade utilizadas nas representações mentais dos moradores. Assim, entendendo o bairro como um construto mental constituído por diversas redes sociais, Serpa explicita a compreensão e a identidade do espaço social através de representações individuais dos moradores, agrupando-as em redes diferenciadas até a formação de uma imagem coletiva “síntese” do lugar.

É evidente, portanto, as múltiplas possibilidades de se pensar o bairro na perspectiva da cidade. Outrora, as primeiras discussões limitavam-se a constatação superficial da "alma própria" de um determinado bairro, enfatizando a relação do meio físico (sítio) com a evolução da ocupação humana. Todavia, com a emergência de outros estudos a partir do sexto decênio do século passado, as questões relativas ao fragmento urbano tomam um impulso revigorado e continuado, deixando para trás as descrições formais, ainda que compreensivas, para centrar-se na apreensão da personalidade intersubjetiva do bairro frente à complexidade da vida cotidiana na metrópole.

Nessa perspectiva, com pretensão de dar prosseguimento a este tipo de análise, buscar-se-á no item seguinte discorrer a propósito daquilo que Mendes (Op. Cit., p. 186) cunhou de "coração de bairro". Aqui, entendido como um espaço simbólico de elevada magnitude, constituído por um conjunto de valores e representações sobre os quais se assenta o conteúdo concreto da existência. Construindo o cotidiano e a personalidade do lugar a partir da concentração de diferentes aspectos, a pouco mencionados por inúmeros autores, referentes à paisagem, à ocupação histórica, à convivência social, ao sentimento de pertencimento, ao nome do lugar, dentre outros, que associados acabam por denotar um "gênio" próprio ao bairro no contexto da cidade.

No presente trabalho, vincula-se a expressão de Mendes à noção de "trama densa do bairro". Ou seja, a trama densa de Água Fria. Bairro recifense tecido no seu núcleo principal por sintomáticos "enredos identitários". Determinados conjuntos de ações comuns e intrínsecas do lugar, responsáveis pelas ocasiões mais propicias ao envolvimento mútuo das pessoas e, por conseguinte, pelo "pulsar" mais intenso da vida local, que estimula e ressoa suas especificidades para outros recantos da célula urbana.

1.4 Tecendo o Lugar: o “Coração de Bairro” numa Trama de Enredos

Os traçados das ruas, os caminhos mais longos, os atalhos, os estilos das construções, as casas, praças e calçadas, constituem reminiscências afetivas para os indivíduos de um bairro que ali vivem ou viveram. Dessa encruzilhada de endereços compartilhados, emerge uma porção de espaço contínuo investido de referências simbólicas, expressas tanto nas formas das paredes e trilhas percorridas, como nos sentidos e significados das práticas sociais estabelecidas.

Nesse sentido, um caminhar despretensioso pela cidade, observando os passos das pessoas e os contornos dos objetos, permite perceber o sentido e a razão da existência dos bairros, e não apenas daquele onde se reside. À medida que, nesse flanar desconcertante, novos bairros são redescobertos, também são identificados seus núcleos dominantes de vivência. Pouco a pouco, arrefecidos com a proximidade de lugares imprecisos denominados de fronteiras ou limites intra-urbanos. Na maioria dos casos, pontos flexíveis do espaço que acabam por confundir a percepção do observador de estar em tal ou qual bairro.[13]

Essas fronteiras de inexpressiva vida própria contrapõem-se aos lugares de extrema sociabilidade, comumente materializados nos “corações” dos sintomáticos bairros tradicionais. Espaços nodais de características marcantes, cuja personalidade se mostra mais vívida e forte em decorrência da efervescência das práticas sociais ali engendradas que cadenciam e harmonizam o ritmo do lugar.

Não por acaso, ter afirmado Mendes (Op. Cit., p. 186), que ao se estudar um bairro, uma categoria espacial de difícil definição, tornar-se mais perceptível “reconhecer-se e identificar-se o seu núcleo principal, o ‘coração’ do bairro”, do que suas áreas de transição. Nessa perspectiva, o que mais importa “é o ponto

[13] Em outros casos, contudo, áreas de barreiras físicas bem definidas associadas à zonas de descontinuidade social implicam em limites precisos e claros entre bairros, coincidindo com a demarcação subjetiva dos citadinos. Na cidade do Recife, isto se torna evidente nas áreas drenadas pelo rio Capibaribe. Entre os bairros da Ilha do Leite e Joana Bezerra, por exemplo, o rio separa nitidamente as duas unidades urbanas, dividindo igualmente duas realidades sociais distintas. A primeira, um dos mais elevados índice de desenvolvimento humano (IDH) da cidade, e a segunda um dos mais sofríveis.

onde, pelo consenso, há maior coincidência de representações: onde o lugar é visto como sendo mais ele mesmo. Limites e fronteiras são secundários, frente à interdependência entre o núcleo e o território que domina" (FERREIRA DOS SANTOS, 1988, p. 113). Representando apenas meras abstrações objetivas (administrativas) ou linhas traçadas em um mapa que tentam corresponder mais ou menos ao que todo um coletivo já sabe e sente. Posto que as pessoas

> inconscientemente ou conscientemente sempre "demarcam" seus bairros, a partir de marcos referenciais que elas, e certamente outras antes delas, produzindo uma herança simbólica que passa de geração a geração, identificam como sendo interiores ou exteriores a um dado bairro (SOUZA, Op. Cit., p. 150).[14]

Tal delimitação intersubjetiva, no entanto, pode variar um pouco de habitante para habitante (por motivos de status, por exemplo). "Mas se essa variação for muito significativa, dificilmente estar-se-á perante um bairro, porque dificilmente haverá um suporte para uma identidade razoavelmente compartilhada, ou um legado simbólico suficientemente expressivo" (SOUZA, Op. Cit., p. 150). Para existir um bairro, portanto, é necessário haver um espaço comum para todo um conjunto de indivíduos, os quais vêem assim suas imagens mentais se aproximarem e se superporem a ponto de proporcionar a comunicação, e, doravante, a construção de um lugar singularizado para além dos limites de suas ruas. Onde as pessoas se sentem mais seguras, vivenciando num clima de solidariedade os mesmos espaços de diálogo que regem a experiência cotidiana e lhes possibilitam perceber a fluidez e as coisas comuns do bairro.

No interior da unidade urbana, os lugares de forte atração social condicionam a rota do ir e vir das pessoas, criando representações que se objetivam através de símbolos. Estes podem ser as praças, as ruas, as casas, a igreja, espaços vivenciados naquele cotidiano, sempre como lugar comum, e

[14] No bojo da discussão sobre os limites do bairro (administrativo e subjetivo), Barros (Op. Cit., p. 30) acrescenta que na imensa maioria das vezes as duas demarcações "não coincidem, porém faz-se necessário que existam, caso contrário essa escala urbana não existiria de fato. Os (limites) administrativos são necessários porque é a partir deles que aquele recorte é identificado oficialmente e planejado ou assistido gestoramente; e os (limites) subjetivos fazem-se necessários porque (o módulo social é aí definido) é a partir de sua definição coletiva que a base social se instaura, as reivindicações tomam corpo e o suporte físico o faz único" (BARROS, Op. Cit., p. 30).

que reforçam os laços de vizinhança, familiaridade e compadrio dos habitantes desde a rua onde se mora até a área mais dinâmica do bairro.

No dizer de Ferreira dos Santos (Op. Cit., p. 116), este núcleo dinâmico conforma-se num espaço central geralmente caracterizado pela presença de algum templo religioso, acompanhado por uma feira livre e um mercado público.[15] No caso do bairro analisado (Água Fria), além desses três elementos, adiciona-se a presença de um importante centro religioso afro-brasileiro (o terreiro de xangô Obá Ogunté) e um expressivo conjunto de casas comerciais inseridas nas principais vias da localidade.

Historicamente, a origem destes marcos referenciais remonta no interior do bairro a própria formação do lugar. De acordo com Seabra (2000, p. 12), no mundo ocidental, ”os bairros geralmente coincidiram com as paróquias, e foi, a partir das capelas e igrejas que foram sendo configuradas as modalidades da vida de bairro”. E não apenas as modalidades religiosas (missa, batismo, casamento, procissão, primeira-eucaristia, e extrema-unção), e sim também as de sentido civil e político praticadas por grupos e associações que se organizavam em torno do aparato eclesiástico, juntamente com outras facilidades, a exemplo das já citadas feiras e mercados públicos.

Em tempos pretéritos, na cidade medieval, esse quadro organizacional estabelecia a vida do bairro, que tinha seu conteúdo simbólico (“personalidade” intersubjetivamente reconhecida) definido simultaneamente por um conteúdo composicional (composição de classe, de grupo, econômico-funcional, étnica) e por um conteúdo interacional (a vida de relações do bairro, vida de bairro) (SOUZA, Op, Cit., p. 156). Outrossim, a vida de bairro apresentava uma dinâmica fortemente definida pela atração exercida pela igreja local e pelos festejos e comércio de bairro garantidores de um certo fechamento e de uma atmosfera de intimidade.

Nesse período, como bem lembra Raymond Ledrut (1971, p. 119), os bairros clássicos já eram paróquias seculares, e “já possuíam seu centro de

[15] Por se tratar de uma realidade social de caráter múltiplo e diverso, não se deseja aqui classificar um tipo de bairro no espaço urbano, mas sim apresentar uma proposta de análise do lugar assentada numa característica comum de alguns bairros. Representada na existência de um núcleo simbólico forte no seu interior, que estimula e ressoa as particularidades do bairro no tecido da cidade.

atividades coletivas e de reunião, organizado em torno dos recursos, dos edifícios e dos lugares (a igreja, a praça do mercado, etc.), polarizando e estruturando o espaço social". Para o sociólogo, os bairros dessa época se constituíam como realidades coletivas a partir do status social e profissional dos residentes. Encontrando-se freqüentemente o bairro da paróquia, dos comerciantes e dos artífices, o militar e administrativo e o universitário.[16]

À luz desse contexto, o bairro configurava-se num lugar autônomo de vivência fechada, com seu núcleo catalisador, composto por sua feira livre e suas pequenas casas comerciais responsáveis pelos contatos mais freqüentes e não raro intensos entre vizinhos. Tratava-se, assim, de uma realidade coesa, com significativo conteúdo composicional, havendo também uma coexistência de funções produtiva e residencial, responsáveis no próprio bairro de todo consumo rotineiro de seus moradores.

No entanto, com o crescimento urbano, e a conseqüente emergência de novas práticas e equipamentos modernos, a capacidade estruturante do bairro entra em declínio, perdendo simultaneamente sua unidade e seu caráter de comunidade. Segundo Souza (Op. Cit., p. 164), as bases materiais do bairro são diluídas pela dinâmica envolvente, acarretando uma descaracterização da vida de relações do lugar e também do conteúdo composicional, refletindo no enfraquecimento do conteúdo simbólico, ou seja, de sua personalidade intersubjetiva reconhecida.

Com o fortalecimento do capitalismo, essa problemática singulariza-se, observando-se, a partir daí, a crescente complexidade das relações mercantis que se desenvolvem na cidade, transformando-a constantemente. Nesse sistema econômico, a vida de bairro sofre uma crescente e contínua diluição, em decorrência da significativa expansão urbana que se tem manifestado desde o limiar do século XIX.

No bojo desse processo, Ledrut (Op. Cit., p. 127) chega a sugerir que o bairro autêntico ou clássico, outrora concebido, não mais existe. È algo em extinção na sociedade moderna. Scarlato (Op. Cit., p. 187), por sua vez,

[16] Acrescenta ainda Ledrut (Op. Cit., p. 123) que "os bairros da cidade antiga, em seus inícios constituídos sobre bases tribais ou patriarcais, tinham existência tão efetiva quanto os bairros das cidades da idade média, formados sobre bases profissionais".

assinala que a metrópole contemporânea operou uma verdadeira cirurgia no espaço, criando uma nova relação do indivíduo com seus lugares de residência e trabalho. As antigas cidades, pelo seu tamanho reduzido e menor complexidade na divisão social do trabalho, ao lado de um menor número de pessoas, permitiam uma maior proximidade entre residência e lugar de trabalho. Contudo, na cidade grande

> o citadino é muita vezes obrigado a vencer longas distâncias do local de moradia até o local de trabalho, vivenciando aquele muito superficialmente – especialmente porque cresce a inclinação, sobretudo entre a burguesia e a classe média emergente, de se procurar, nos fins de semana, lazer em bairros específicos, ou um bairro contendo amenidades como praia ou reserva florestal (SOUZA, Op. Cit., p. 160).

Na ordem do dia, esse arrefecimento da vivência se intensifica, deixando evidente que quanto mais complexas as relações capitalistas na cidade mais se acelera o declínio da vida de bairro e mais o usuário tende a se deslocar do seu bairro para vivenciar outros lugares da mesma. Assim, o morador do bairro submetido à lógica do mercado transforma-se em mercadoria e, assim é tragado pela centralidade econômica e pelas oportunidades de recreação em lugares específicos/concentrados na cidade, e até mesmo do mundo exterior, separa na vida cotidiana, os espaços de lazer, do trabalho e da vida privada (CARLOS, 2001, p. 245). Logo, ele tende a viver mais superficialmente o lugar, o que resulta no enfraquecimento das relações de vizinhança, dos encontros, das festas comunitárias, e de tantas outras práticas sociais que se manifestam no interior da unidade.

O saber acumulado dimanado dos modos de vida passada e da vida de bairro fica à deriva, não obstante a resistência que se dá através daqueles resíduos, fragmentos remanescentes de uma vida anterior, materializados nos encontros espontâneos aparentemente sem sentidos que marcam a cadência e a “alma” do lugar. São as conversas nas calçadas, o jogo de bola das crianças nas ruas, o encontro diário na padaria, no mercado ou na feira livre, as relações amistosas nos botequins, mercearias e bodegas, os contatos freqüentes entre os vizinhos... . Enfim, as práticas e costumes mais singelos que ainda permitem, nos dias atuais, identificar a existência de um bairro nos grandes centros urbanos, mesmo quando aquelas relações de vizinhança já se encontram ameaçadas pelo novo ritmo de vida de seus habitantes. Por

conseguinte, “não é o bairro (...) que agoniza, mas o bairro clássico, tornado completamente inviável pela contemporaneidade” (SOUZA, Op. Cit., 166).

Nesse sentido, o que importa neste novo contexto, é assinalar que realidades como os bairros são lugares. Espaços internalizados mentalmente pelos seus habitantes que os reconhecem como recantos vividos e sentidos na ampla estrutura do espaço. Nessa perspectiva, não obstante o arrefecimento de sua vida, o bairro permanece quase sempre sendo o espaço mais intensamente vivenciado, embora o apego ou sentimento de pertencimento não seja muito exercitado ou pronunciado.

Com efeito, nos espaços de forte atração social (nas padarias ao fim da tarde, nas praças, na feira livre, no mercado público, na igreja católica ou em outros pontos de encontro) ainda se processam as relações mais imediatas do bairro, permitindo pensá-lo como lugar de referência para a construção de relações interpessoais e também a referência a partir da qual os moradores se relacionam com espaços mais amplos.

No interior de alguns bairros, a trama de relações possibilita a comunhão entre as pessoas não somente porque moram, compram, trabalham, cultuam ou se divertem no mesmo lugar. Mas porque fazem de forma personalizada – todos se conhecem (de uma forma ou de outra). “Saber quem é quem é uma imposição da própria intensidade do contexto e das muitas oportunidades diferentes em que ela se dá” (FERREIRA DOS SANTOS, 1985, p. 85). E mais,

> significa conhecer o mesmo individuo em diversas situações, desempenhando os papéis de vizinho, freguês, associado, parceiro do jogo, freqüentador de determinados lugares, membro de uma igreja, profissional disto ou daquilo e assim por diante (FERREIRA DOS SANTOS, Op. Cit., p. 85).

Essa troca reiterada de “personagens” assenta-se no bojo da construção social e identitária da pessoa com o lugar. Graças ao seu comprometimento, o indivíduo tende a viver com maior intensidade o bairro, adquirindo um apego, um sentimento de pertencimento ao lugar tanto mais rico quanto mais variado forem os papéis por ele desempenhados. Assim, ao participar de um conjunto de experiências regidas por uma série de **enredos**, o morador insere-se numa densa trama de conteúdos e significados que suscitam, no dizer de Carlos (Op.

Cit., p. 21), a criação de “laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar”.

Cumpre esclarecer que, o vocábulo enredo é aqui compreendido como um conjunto de experiências, historicamente formado por determinadas ações conduzidas por marcos referenciais ou focos de intenção e propósito do bairro (a igreja, o comércio local, o mercado, a feira livre, etc.). Os enredos, portanto, se referem às relações primárias da dimensão existencial, sendo responsáveis no interior do espaço habitado pelo encontro sistemático das pessoas e dos grupos em função da maneira pela qual partilham, numa configuração territorial precisa, a multiplicidade de meios que viabilizam a vida cotidiana.[17]

Eles (os enredos) tornam-se mais evidentes nos corações simbólicos dos antigos bairros, cuja concentração articulada de residências, negócios, locais de trabalho, serviços, estabelecimentos de culto e lazer, promovem o encontro diário das pessoas em suas várias atividades desempenhadas. Nesse cruzamento de caminhos, os moradores, ao tecerem suas diferentes trajetórias, acabam por tecerem a personalidade do lugar. Respaldando assim, a frase do filósofo francês Gabriel Marcel, segundo a qual “um indivíduo não é distinto do seu lugar, ele é esse lugar”.[18] Na concepção de Carlos,

> (...) ao demarcar o lugar, com suas ações, com seu “ir e vir” no uso, para a vida, o homem se identifica com o espaço porque seus traços, suas marcas o transformam. Na convivência com o lugar, e nele, se produz a identidade. (...) Assim lugar e identidade são indissociáveis (CARLOS, 1996, p. 81/82).

Partindo deste princípio, o “coração do bairro” (MENDES, 1958) marcado pelo envolvimento mútuo das pessoas, e, por conseguinte, pelo “pulsar” mais intenso da vida local, configura-se numa “trama densa” (FIGURA 02). Tecida cotidianamente a partir do entrelace dos mais variados enredos que demarcam um conjunto reticulado, comumente situado no espaço inicial de ocupação do bairro. Trata-se, na verdade, de um “retalho”, correspondente a localização dos principais espaços de diálogo da população. No caso de Água Fria seria o

[17] Essa definição de enredo baseia-se no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1977.), cuja palavra significa, dentre outros verbetes, o conjunto dos incidentes que constituem a ação de uma obra de ficção; argumento, entrecho, história, intriga, trama. No campo da literatura, o enredo constitui-se no “arranjo de uma história; a apresentação/representação de situações de personagens então envolvidos e as sucessivas transformações que vão ocorrendo entre elas criando-se novas situações até se chegar à final – o desfecho do enredo” (MESQUITA, 1987, p. 07).
[18] In: MELLO (1991, p. 55).

recorte espacial marcado pela coexistência do mercado público, da feira livre, do Sítio de Pai Adão e Paróquia de Santo Antônio, que remonta à segunda metade do século XIX.

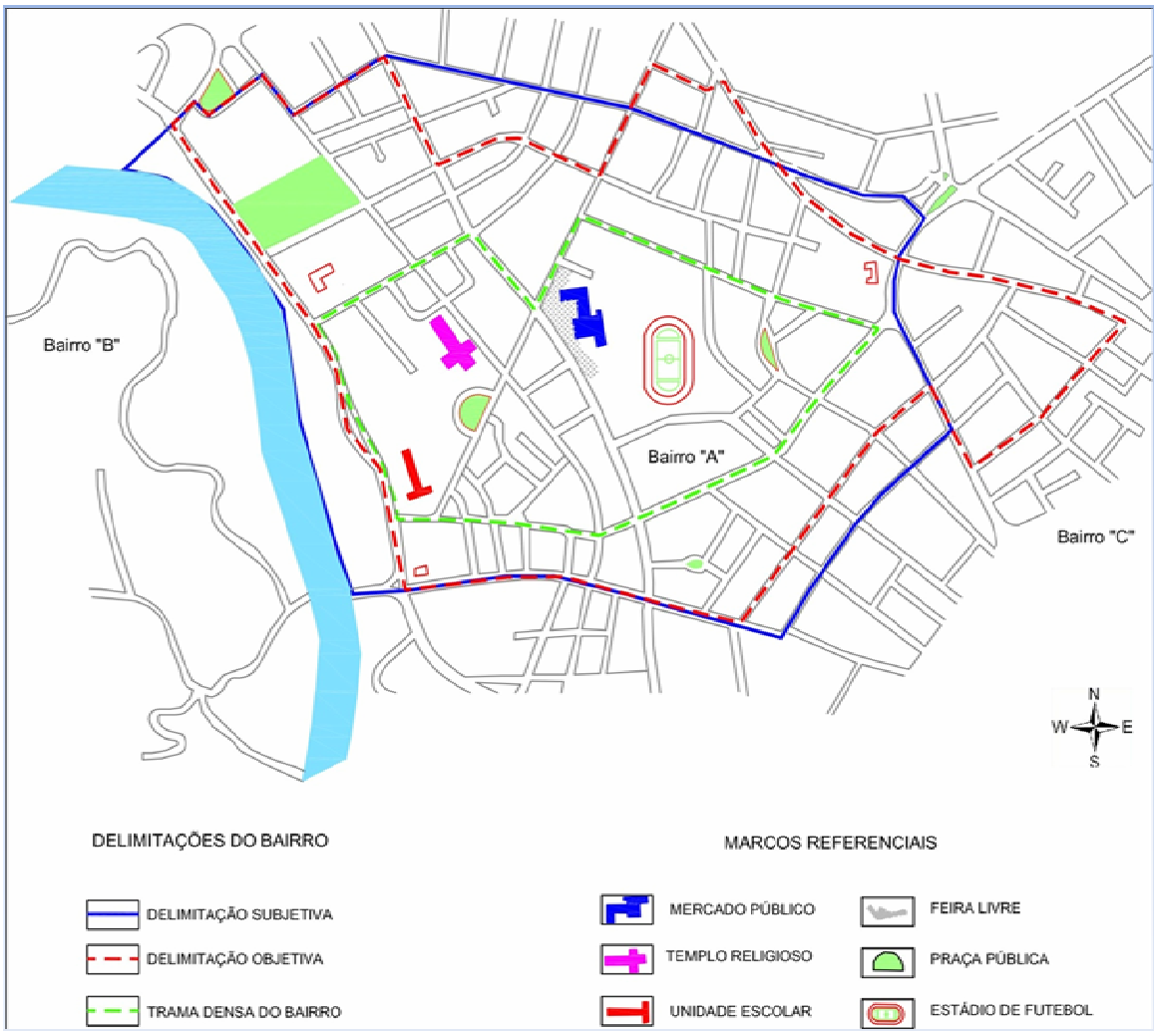


Figura 02: As Delimitações do Bairro e sua Trama Densa
Desenho: Bruno Maia Halley / André Pereira Marinho
Organização: Bruno Maia Halley

Nesse espaço simbólico de Água Fria, como também de outros bairros, os contatos recorrentes ao nível do cotidiano têm um caráter não eventual. Não resultam de fatalidades, mas da própria lógica das relações vigentes nesse tipo

de meio urbano. [19] As pessoas se encontram, porque as trajetórias se cruzam em muitos pontos e em muitos enredos. A exemplo dos contatos estabelecidos diariamente nas calçadas, nas ruas, nas esquinas, nas praças, na condução do bairro, na igreja ou no clube, no armazém ou no botequim.

É, portanto, na urdidura da trama[20] que se localizam os recantos mais vivenciados do lugar, possibilitando os contatos freqüentes entre os moradores numa ininterrupta troca de experiências calcadas em antigas relações de confiança (parentesco, vizinhança e compadrio), que a despeito das outras relações marcadas por uma certa impessoalidade contemporânea, persistem em existir no bairro. Outrossim, é no coração da unidade que se percebe com maior precisão os aspectos anteriormente lembrados por diferentes autores do bairro no que concerne ao nome[21], aos aspectos singulares do sítio[22], aos contornos da paisagem, do conteúdo social, da ocupação histórica, e da função do lugar no âmbito da cidade.

Nesse sentido, não obstante a afirmativa de Tuan (1983), segundo a qual a rua é parte da experiência íntima de cada indivíduo, mas o bairro é um conceito, acrescenta-se, ademais, que na escala da unidade, o morador também experencia intensamente outros espaços. Contudo, "o bairro, no qual se habita, não é conhecido na sua totalidade" (MELLO, Op. Cit., p. 62). Vive-se apenas lugares concêntricos do seu tecido, materializados notadamente em escalas hierarquizadas de vivência, que se inicia no lar, na rua, na esquina, no quarteirão, passando por alguns caminhos trilhados diariamente, e, sobretudo,

[19] Nesse sentido, parafraseando Bourdieu (1998, p. 7/8), o simbolismo do coração do bairro é, "com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem".

[20] Em seu livro o Mapa e a Trama – Ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas, o geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro comenta que "a importância conferida à trama liga-se ao fato de que ela é aquilo que, em seu dinamismo, representa a "condição humana". A sua comunicação, o seu "tomar vida", requer forçosamente, a projeção dessa trama num dado espaço-tempo, um "palco" – praticável, concreto – em que qualquer trama "humana" está envolta nas malhas de diferentes espaços relacionais: social, político, econômico, cultural, enfim" (MONTEIRO, 2002, p. 24/25).

[21] No caso do Recife, o bairro da Encruzilhada exemplifica com precisão a identidade toponímica da unidade. Surgido ainda no século XIX, o bairro adquiriu sua designação a partir do entroncamento de caminhos ali existente. Hoje, este cruzamento de vias delimita o raio de influência do lugar, demarcando também o seu núcleo forte de vivência.

[22] Sobre as características do sítio, isto é, do local onde se implantou o bairro, no Recife, cidade moldada pelas águas dos rios e do mar, é expressivo o número de bairros que têm o elemento líquido uma das razões principais de sua unidade. O bairro de Apipucos, a noroeste do centro, tem parte de sua individualidade vinculada ao açude de mesmo nome e ao rio Capibaribe, estes se encontrando localizados na área circunvizinha ao sítio histórico.

no âmago do bairro (FIGURA 03). Este se mostrando num espaço consagrado pelos moradores, uma vez que ali há uma ampla interseção de subjetividades individuais.

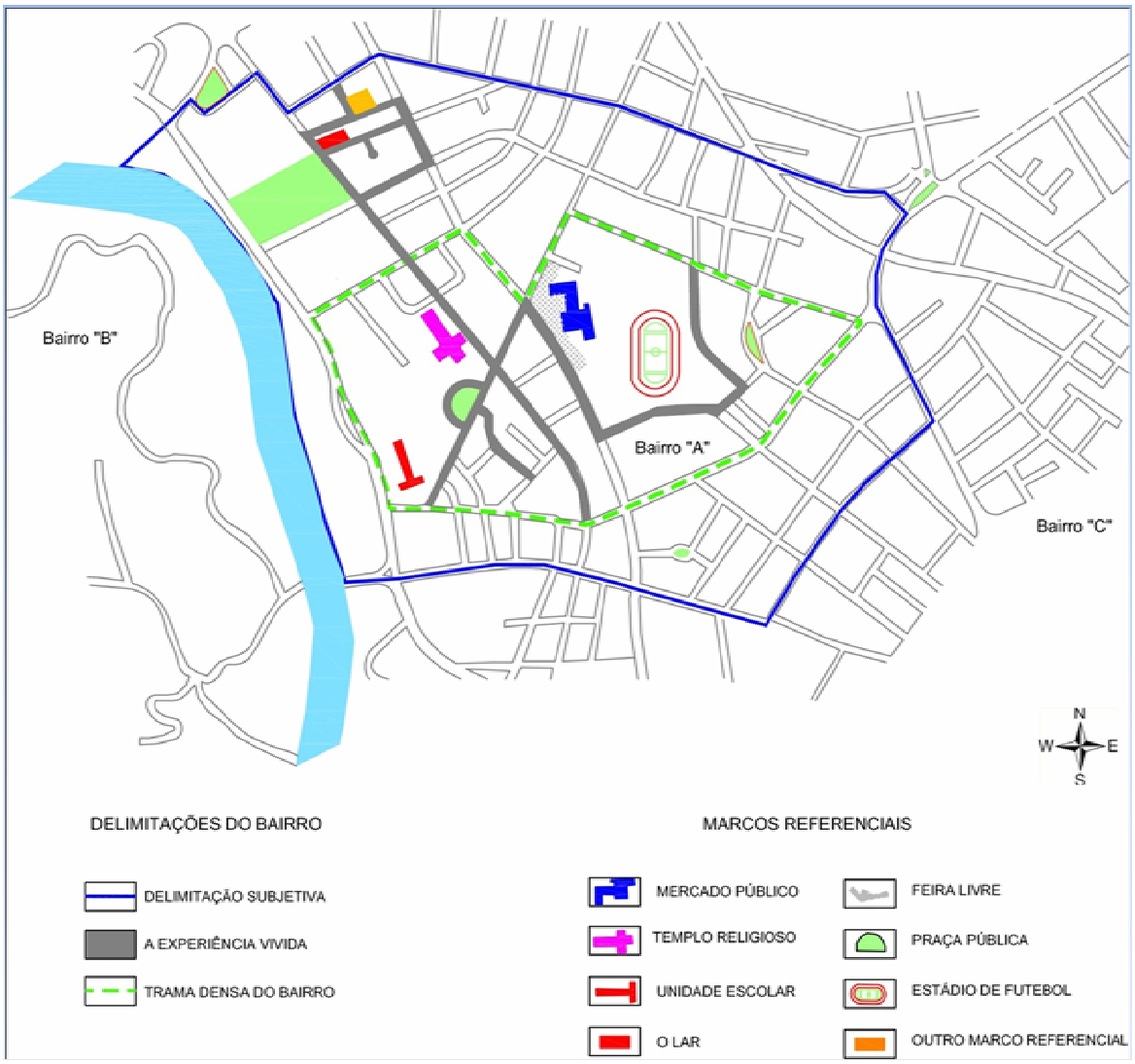


Figura 03: Experiência Vivida do Bairro e seus Marcos Referenciais
Desenho: Bruno Maia Halley / André Pereira Marinho
Organização: Bruno Maia Halley

Por conseguinte, na trama densa do bairro não há questionamentos a propósito da delimitação do lugar. Todos se reconhecem habitando o mesmo bairro em razão do legado simbólico existente nos marcos referenciais, nas formas e estilos das construções, nas placas e tabuletas indicativas, nas ruas mais intensamente vividas, etc. Logo, neste recanto do bairro o indivíduo

encontra-se imbuído de um sentimento de pertencimento, o que lembra assim a clássica observação de Pierre George (1983, p. 76): “o morador refere-se ao bairro quando quer situar-se na cidade; tem a impressão de ultrapassar um limite quando vai a um outro bairro”. Posto que “é com base no bairro que se desenvolve a vida pública, que se organiza a representação popular” (GEORGE, Op. Cit., p. 76), complementa o geógrafo.

Outro aspecto considerável diz respeito à identidade de um bairro que se revela mais bem configurada no âmbito do seu núcleo principal. Ou seja, naquele espaço de comunhão que concentra e harmoniza as relações, o ritmo e alma do lugar. O endereço coletivo dos moradores e de seus inúmeros pontos de encontro: a igreja, a escola, o mercado, a feira livre, a praça... E que em alguns casos carregam consigo até o nome do bairro: Mercado de Água Fria, Mercado da Encruzilhada, Estádio dos Aflitos, Estádio do Arruda, Praça de Casa Forte, etc.

Essas representações materiais se constituem em provas marcantes de diversos tipos de identidades no lugar (RELPH, 1976, p. 64/65). Todas estas identidades possuindo como característica comum a de que: “(...) não podem ser entendidas simplesmente em termos de padrões físicos e de traços observáveis, nem só como produtos de atitudes, mas como uma condição indissociável destes” (RELPH, Op. Cit., p. 59). Cabe então definir quais são esses elementos e atitudes que, associados dão a um bairro sua feição característica. Ou mesmo, quais são os marcos referenciais e seus principais enredos que revelam a trama identitária de Água Fria no contexto da cidade do Recife.

Trilhando nessa direção, buscar-se-á no item subseqüente desvendar a formação dos bairros continentais do Recife ao longo de sua expansão urbana**.** Dos moinhos açucareiros nos séculos XVI e XVII, passando pelos sítios frutíferos nos séculos XVIII e XIX, aos atuais bairros espalhados na planície flúvio-marinha banhada por inúmeros braços d’águas. Essa reconstituição sumária dos bairros recifenses centra-se nas concepções elaboradas por Soares (Op. Cit., p. 68), onde ”não se pode compreender uma cidade sem analisar os seus bairros, mas ao estudarmos um bairro temos sempre que ter em mente a cidade a que ele pertence”.

II Capítulo

DOS MOINHOS DE AÇÚCAR AOS SÍTIOS DE ARRABALDES

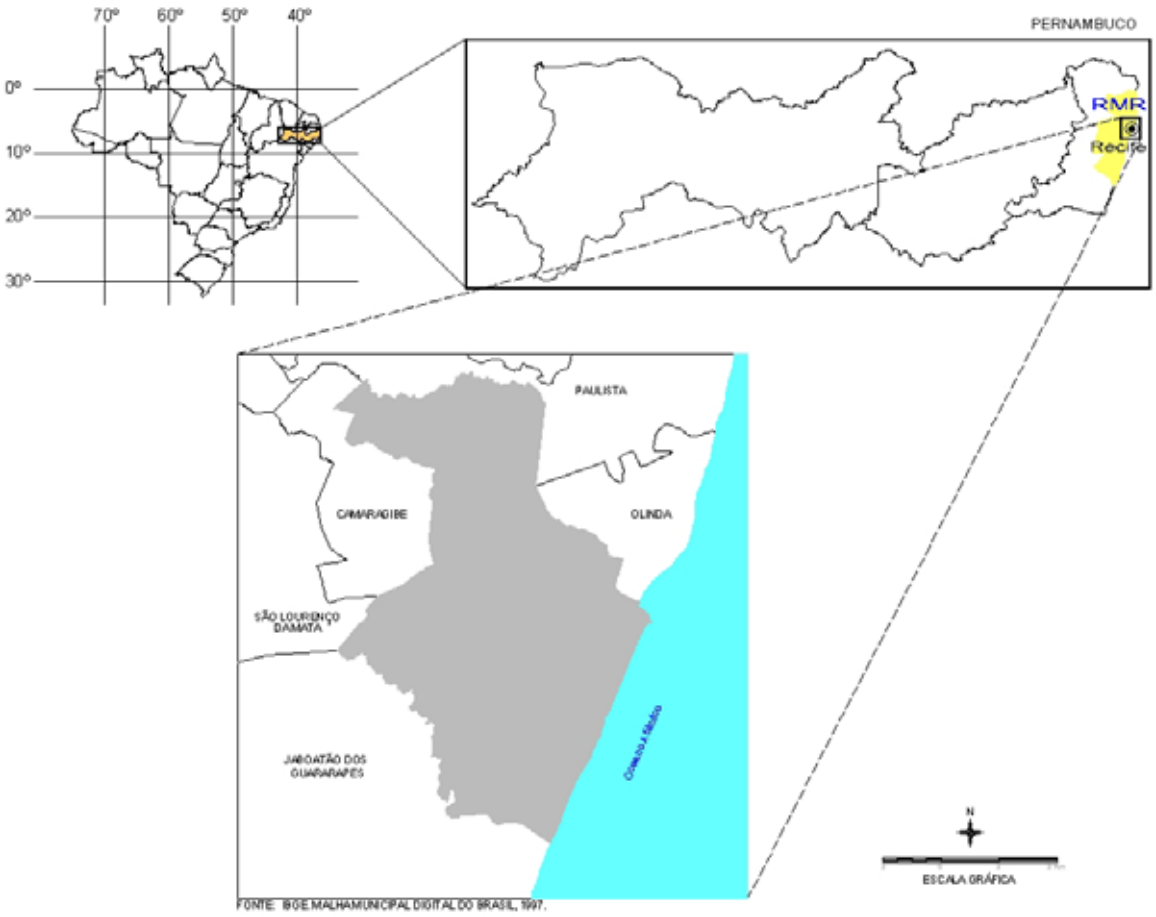
A FORMAÇÃO DOS BAIRROS CONTINENTAIS NA CIDADE DO RECIFE

Que foram os engenhos os germes desses centros ganglionares de crescimento (...) não se pode ter nenhuma dúvida quando se põe em confronto qualquer mapa antigo da região com a localização dos engenhos, e qualquer mapa atual da cidade com seus diferentes bairros...

Josué de Castro

2.1 O Sítio do Recife e sua Evolução Urbana

Capital do Estado de Pernambuco, a cidade do Recife, situa-se no trecho mais oriental do continente americano, no litoral curvilíneo do Nordeste brasileiro, que a partir da cidade de Salvador projeta-se em sentido leste a procura do continente africano (MAPA 01). É banhada pelo Oceano Atlântico, encontrando-se localizada no meridiano mais avançado do continente[23]. O que representa aproximação com o velho mundo de onde vieram seus fundadores e de onde chegaram durante três séculos, os influxos responsáveis pela sua ocupação humana e exploração econômica da vasta região de que haveria de constituir o grande centro.



Mapa 01: Localização da Cidade do Recife
Fonte: IBGE. Malha Municipal Digital do Brasil, 1997.

[23] A Cidade do Recife situa-se no Nordeste do Brasil, mais especificamente entre 8° 04' 00'' de Latitude Sul e 43° 52' 00'' de Longitude Oeste.

O sítio sobre o qual se assenta a cidade é constituído por uma planície quaternária de origem flúvio-marinha. De um lado cercada pelas águas do Atlântico, e do outro circundado por um cordão de colinas terciárias, disposto num socalco do cristalino, prolongando-se em forma de anfiteatro desde Olinda, ao norte, até Prazeres (Jaboatão dos Guararapes), ao sul, passando pelos altos do Beberibe, Casa Amarela, Apipucos, Dois Irmãos, Jaboatão, e Guararapes.

A cidade se expande sobre essa baixada aluvional, composta por ilhas, penínsulas, alagados e mangues, limitando-se a leste pelas costas marinhas, onde se avista uma muralha de arrecifes areníticos que abriga a área portuária; a oeste, pelos municípios de Camaragibe e São Lourenço da Mata; e de norte a sul, pelas já mencionadas encostas de colinas do Varadouro (Olinda) e Prazeres, respectivamente.[24]. Essa planície é ainda formada por diferentes elementos naturais, sinteticamente descritos por Lins (1987, p. 343) como

> Coroas e bancos de areia, cordões litorâneos arenosos ou restingas, associado tudo a pântanos de água salobra, manguesais, lagamares, esteiros e camboas, eis um resumo do sítio do Recife em sua origem, ou seja do estuário afogado comum dos rios Capibaribe, Beberibe e Tejipió.[25]

Na concepção de Castro (1948, p. 24), esta composição fisiográfica representou o cenário natural com que se defrontaram os portugueses da expedição do donatário Duarte Coelho, ao desembarcarem naquelas terras em 1534 e ao alcançarei pela primeira vez a colina de Marim, para fundarem o

[24] Essas colinas lembram o formato de "uma grande meia lua em que os extremos ainda são marcantes na linha da costa Olinda – Cabo de Santo Agostinho, e que formavam, no período pliocênico, uma baía" (BEZERRA, 1965, p. 21)

[25] Sob a ótica geológica, Correia de Andrade (1987, p. 261) destaca que a formação do sítio da cidade do Recife 'poderia ser dividido em duas partes distintas, conforme o maior e menor trabalho de acumulação dos sedimentos em uma antiga baía rasa onde desaguavam os dois rios mais importantes – Capibaribe e Beberibe – e outros menores – Tejipió, Jiquiá, etc. – A baía, com forma de semi-círculo, ia sendo entulhada ao Oeste pelos sedimentos trazidos pelos rios durante as cheias, enquanto na porção oriental, apesar de separada do oceano por um recife paralelo à costa, iam se depositando sedimentos de origem marinha. Daí a formação de uma planície flúvio-marinha que em sua porção ocidental apresentava solos de aluvião, argilosos – o famoso massapê – onde o Capibaribe desenhava caprichosos meandros, enquanto na porção oriental, mais baixa, encontravam-se depósitos areno-argilosos, de cor escura e que ficavam cobertos pelo mar na maré alta. (...) Nessas superfícies se formavam porções separadas uma das outras pelo próprio rio e por canais e camboas onde se desenvolvia uma vegetação de mangue (Rizhofora Mangle) que, com suas numerosas raízes, conseguia se fixar a um solo lamacento e sujeito à alternância de águas salgadas e doces. Em alguns pontos alteavam-se acima da maré alta "crôas" de areia que formavam pequenas ilhas. Entre o curso final do Capibaribe e do Beberibe e o mar, encontrava-se uma península arenosa, uma restinga, que se estendia de Olinda para o Sul por uns sete quilômetros de comprimento por menos de meio quilômetro de largura'.

burgo que depois se chamaria Olinda e seria por muito tempo a cidade principal da capitânia.

Quando os lusitanos iniciaram a colonização do Nordeste brasileiro, um de seus principais objetivos centrava-se na fundação de uma vila que lhes servisse de capital. Optaram como sítio os outeiros ao norte do rio Beberibe, os mais avançados para o mar nesse trecho do litoral. Ali as condições militares de defesa, tão relevantes para época, se mostravam satisfatórias, uma vez que os "outeiros conferiam ao local uma topografia correspondente à tradição portuguesa e mediterrânea de fundação de cidades acrópoles" (MELO, 1958, p. 51).

Com efeito, a vila de Olinda fora implantada pelo donatário sobre esta posição estratégica, tendo como finalidade a defesa contra o ataque dos indígenas hostis e se estendeu pela encosta até a margem do Beberibe. Naquelas imediações, no lugar chamado Varadouro das Naus, construiu-se um porto para atender às necessidades de uma emergente economia açucareira. Contudo, o ancoradouro apenas oferecia calado a pequenas embarcações em razão da inexistência de uma maior proteção natural que pudesse proporcionar o repouso necessário às águas, contendo o ímpeto das vagas e das correntes durante o período de preamar.

Por outro lado, mais para o sul, distando apenas seis quilômetros, a restinga ou istmo que se estendia a partir da vila de Olinda, entre o mar e o rio Beberibe, possuía a sua extremidade guarnecida por um alinhamento de arrecifes areníticos dispostos de forma transversal em relação à foz comum dos rios Beberibe e Capibaribe. A área líquida entre o baluarte natural e a restinga, de águas mansas e de significativa profundidade, tornou-se o principal porto a serviço da área colonizada por Olinda (FIGURA 04). Representando, no fim do século XVI, um lugarejo onde viviam "alguns pescadores e oficiais da ribeira e estavam alguns armazéns em que os mercadores agasalhavam os açucares e outras mercadorias".[26]

O crescimento econômico advindo da exploração canavieira assegurava o desenvolvimento dos engenhos e de Olinda, enquanto a pequena povoação

[26] Segundo testemunho de Gabriel Soares de Sousa (1979) em *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*.

que se instalara na ponta da restinga se limitava à função portuária. Pelo istmo, ou pelo curso do Beberibe, faziam-se as comunicações entre Olinda e a aldeia de mareantes que, no ano de 1627, consistia de aproximadamente umas 200 casas, uma igreja (a do Corpo Santo), algumas casas de comércio, além dos armazéns de açúcar, e era chamada de *O Povo* ou a *Povoação dos Arrecifes*, ou ainda, *Ribeira Marinha dos Arrecifes*. Configurando-se, assim, num pequeno aglomerado criado "para servir ao porto e, portanto, como uma conseqüência direta de sua atividade específica, com sua vida e seu futuro indissoluvelmente ligados à vida do porto" (CASTRO, Op. Cit., p. 32).[27]

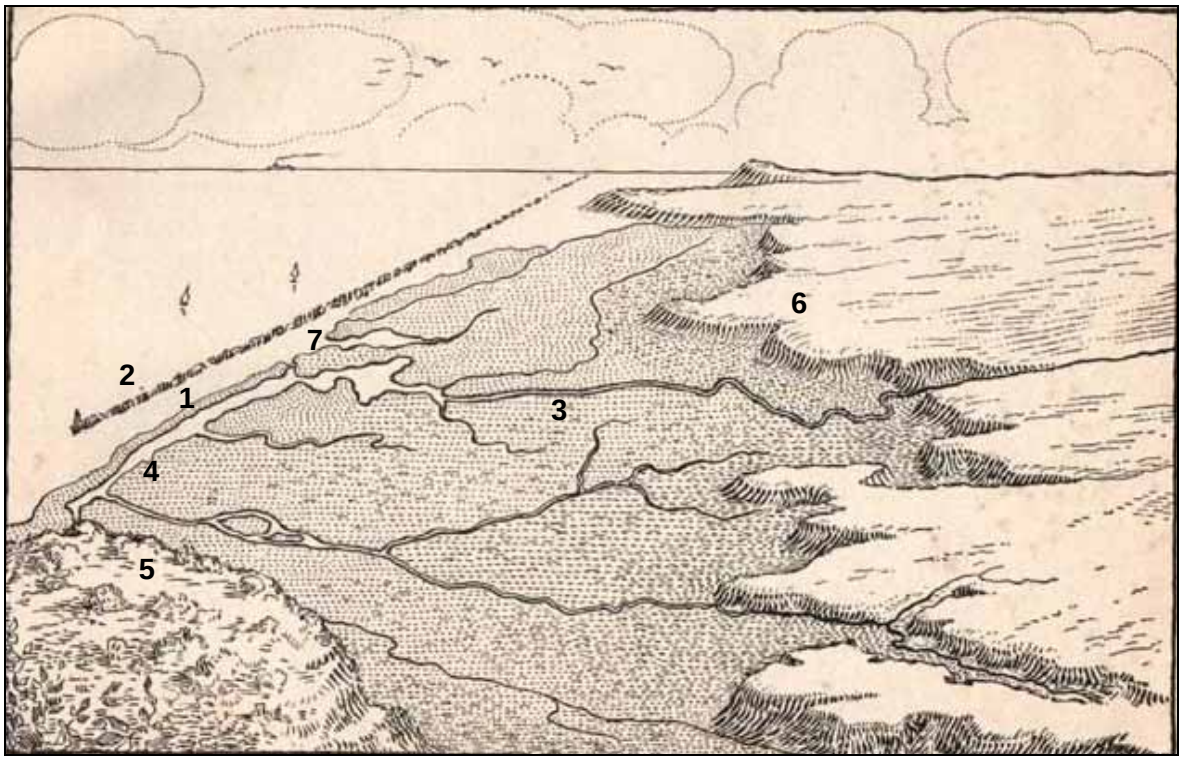


Figura 04: Sítio Urbano Primitivo do Recife (Baía Entulhada do Recife por J. C. Branner – O Cordão Litorâneo ou Restinga (1), a Linha Costeira de Arrecifes (2), os rios Capibaribe (3) e Beberibe (4), as Colinas Terciárias de Olinda (5) e Jaboatão (6), e o Estuário Afogado Comum dos Rios (7))
Fonte: CASTRO, Josué de. **A Cidade do Recife. Ensaio de Geografia Urbana**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954.

[27] Na visão de Gonsalves de Mello (1987, p. 35), "o "Povo" do porto "era um triste burgo nos primeiros anos do século XVII que os nobres de Olinda deviam atravessar pisando em ponta de pé, receando os alagados e os mangues; burgo de marinheiros e de gente ligada ao serviço do porto; burgo triste, sem vida própria, para onde até a água tinha de vir de Olinda".

No ano de 1630, registrou-se nessas terras (Olinda-Recife) a invasão dos holandeses, os quais iriam modificar a organização do espaço, sobretudo no que tange ao desenvolvimento urbano da capitânia. Os holandeses provinham de uma sociedade mais avançada na economia mercantil, do que a sociedade portuguesa. Eles visavam à organização da vida urbana. Suas concepções urbanísticas eram progressistas, e, conforme, as experiências trazidas da Holanda, adaptavam-se melhor às condições topográficas da planície flúvio-marinha. Caracterizada pelas terras baixas do Capibaribe, quase conquistadas do mar e próximas ao porto de escoamento da capitânia.

Convém ressaltar que suas concepções militares também apontavam a planície inundada por braços d'águas como o lugar mais propício para manutenção de pontos defensivos (muralhas, fortes, redutos). Com o incêndio atado pelos flamengos na vila preterida de Olinda[28], no ano de 1631, inicia-se a construção do bairro portuário do Recife, e, por conseguinte, do espaço que iria constituir o sítio inicial da cidade.

Durante o domínio holandês, o aglomerado surgido na restinga do porto, passou a ocupar também a ilha onde atualmente se situam os bairros de Santo Antônio e São José, então designada dos Navios e de Antônio Vaz.[29] Foram realizados também os primeiros melhoramentos no ancoradouro, além de um plano urbanístico para a cidade, com a edificação de fortes e redutos. Vale salientar que, data desta época, o início do aterramento dos mangues e alagados da cidade, bem como a construção das primeiras pontes: a do Recife e a da Boa Vista, que conectavam as ilhas (Boa Vista, Santo Antônio e Recife) à península do porto. Além das duas, outras pequenas pontes e pontilhões, foram erguidos sobre os mangues e canais aí existentes.

[28] Josué de Castro (Op. Cit., p. 48/49) acredita que a opção holandesa pela ocupação do Recife em detrimento à Olinda resultou da "superioridade estratégica" do sítio natural, quer do ponto de vista militar, quer do ponto de vista econômico. Para o geógrafo "nenhum povo tinha até então associado tão intimamente o espírito mercantilista ao militar, como o fizeram os holandeses do século XVI e XVII. As grandes cidades que eles fundaram ou desenvolveram ao máximo, no começo da idade moderna, denotam sempre, em sua situação geográfica, a associação do fator militar e do fator econômico, agindo como determinantes na escolha do seu sítio" (CASTRO, Op. Cit., p. 48/49).

[29] De acordo com Correia de Andrade (1979, p. 78), na ilha dos Navios e de Antônio Vaz os holandeses inicialmente transformaram um convento aí existente em forte. Para disciplinar o abastecimento da povoação criaram, ainda em 1635, um mercado para produtos em geral e outro para venda de peixe.

Com a vinda do Conde João Maurício de Nassau-Siegen houve a construção, na ilha de Antonio Vaz, de uma cidade projetada pelo arquiteto Pieter Post, que recebera o nome do Conde alemão, então governador-capitão e almirante do Brasil. Na extremidade norte da ilha levantou-se o Palácio de Friburgo (FIGURA 05), sua residência particular, e na porção oeste, um pouco mais afastado, o Palácio da Boa Vista, sua residência de repouso. Havia também "vários edifícios públicos e mercados: o do peixe, da carne, de verduras e o grande mercado de Maurícia, no "terreiro dos coqueiros", onde atualmente está a Praça da Independência" (BARRETO, 1990, p. 38).

A Cidade Maurícia ou *Mauritzstadt* (FIGURA 06) apresentava um traçado no "modelo norte-europeu, com o escoamento e canalização das camboas, sendo o material retirado do fundo do mangue utilizado no aterro da área a ser ocupada pelas construções" (CORREIA DE ANDRADE, 1979, p. 80). Tais ações determinaram a delimitação da área da cidade defendida por fosso e estacada. Ocupando, após o encontro dos rios Beberibe e Capibaribe, uma área restrita compreendida entre o Palácio do Governo e a Igreja do Espírito Santo, ao norte, e a Igreja de Santo Antônio, a oeste. Representava, assim, praticamente, à metade do atual bairro de Santo Antônio.

No entanto, para além dos seus limites, circundados por muralhas e pelo Forte das Cinco Pontas, Nassau fez levantar ao sul da cidade, modestas residências destinadas a uma população menos abastada, que recebera a designação de Nova Maurícia - esta apresentando ruas reticuladas, terrenos divididos em blocos, canais, jardins etc. Na área central de Antônio Vaz, foram abertas ou fechadas camboas e canais, ou ainda, aterrados, locais alagadiços e encharcados, incorporando novos espaços à expansão urbana. No bojo desse processo, o Conde alemão, a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, dotou sua cidade

> de um jardim botânico e de um jardim zoológico, organizando serviços de limpeza pública e de conservação das ruas, ladrilhando as mesmas e, para evitar a destruição do calçamento, proibiu a passagem dos carros de bois pelas mesmas(CORREIA DE ANDRADE, Op. Cit., p. 80).

No campo do saber e das artes, um grupo de sábios e letrados trazidos por Nassau contribuíram para a riqueza da vida cultural da cidade. Guilherme Piso escreveu a propósito da História Natural e Médica da Índia Ocidental e

George Marcgrave, História Naturalis Brasilhe que revelou aspectos desconhecidos da natureza do Brasil. Estudos sobre a fauna e flora foram desenvolvidos, além de análises das doenças tropicais e suas possíveis curas. Dois pintores, Frans Post e Albert Eckhout, retrataram as paisagens e os tipos humanos brasileiros. Afora isso, Maurício de Nassau estimulou a abertura religiosa na cidade, com templos e pregadores calvinistas e rabinos judeus, e a produção em outras áreas da ciência, chegando a construir o primeiro observatório astronômico da América Latina, que funcionava numa das torres do Palácio de Friburgo.

Conseqüentemente, por se constituir no maior centro cultural e econômico da época, o Recife acabou por conquistar merecidamente à condição de capital de Pernambuco e do domínio holandês, suplantando a vizinha Olinda. Não apenas em números de habitantes como também em importância econômica e no que concerne às decisões político-administrativas. Dada sua projeção, a cidade alcançou uma expressiva população de 6.000 habitantes[30], denotando uma significativa densidade demográfica, em se tratando de uma cidade construída sob reduzido sítio marcado por terras ilhadas e a conquista das águas. Daí o porquê da fisionomia magra e alta dos sobrados na área central, compreendida como uma tentativa de melhor aproveitamento do exíguo espaço urbano.

Do momento de consolidação destes sobrados, chama atenção o mapa de Barleaus (1648), tido como a representação cartográfica mais precisa do Recife no período holandês. A carta abarcava o Recife, a cidade Maurícia, Olinda e uma parte da Várzea, trazendo referências sobre a existência de rios, aldeias, fazendas, fortificações e engenhos de açúcar. Nela constava também, a presença de uma estrada margeada por um canal, que se estendia desde o Forte de Cinco Pontas até o Forte dos Afogados (Frederico Henrique), correspondendo ao atual traçado da Rua Imperial. Outros caminhos, entremeados por mangues, ilhas, camboas e rios, seguiam em direção aos engenhos Jiquiá, Torre, Madalena, São Tomé, Beberibe e ao povoado do Arraial Velho do Bom Jesus. Todos zaracterizados como áreas de baixa

[30] Contudo, afirma Gonçalves de Mello (1992, p. 266) que “um recenseamento feito em 1645 revela que no Recife residiam 8.000 pessoas”.

densidade no desenho mencionado, que também revelava a existência de olarias, currais e pequenas fábricas situadas nas cercanias do centro habitável.

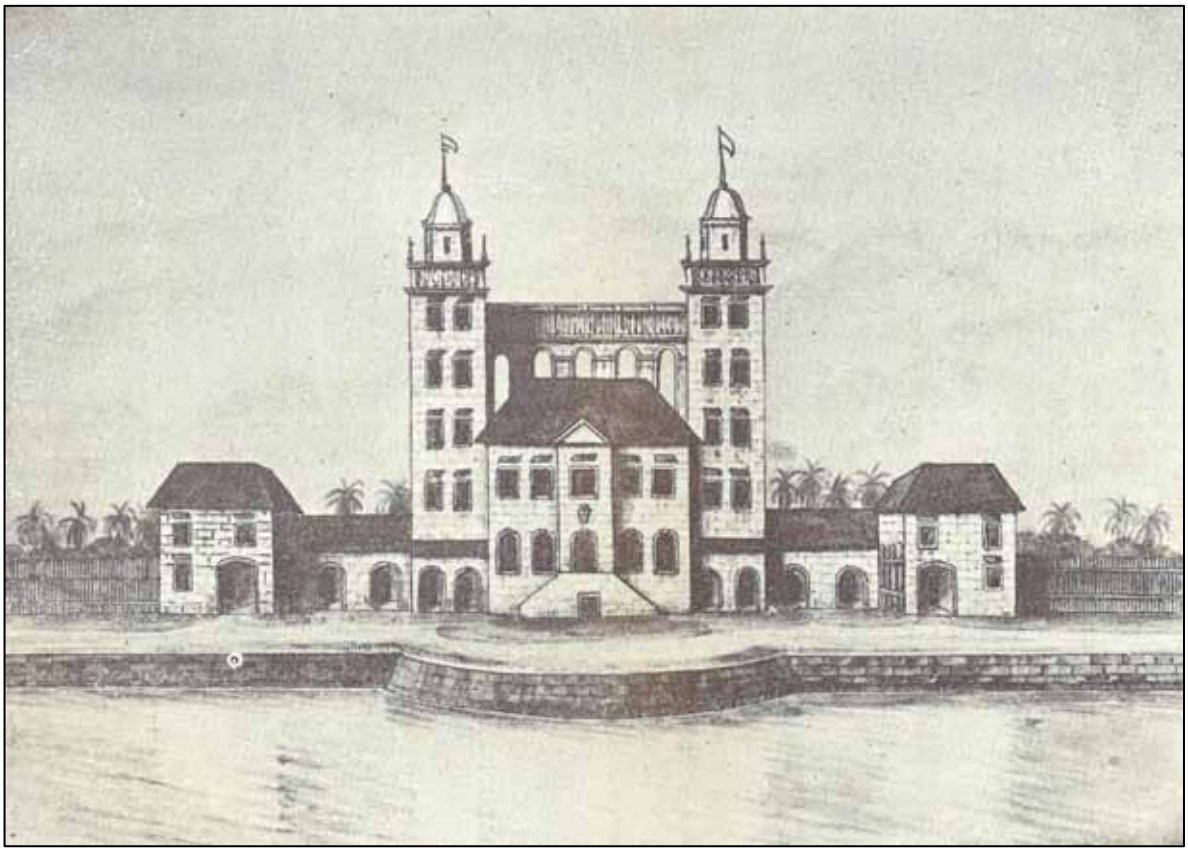


Figura 05: Palácio de Friburgo, na Ilha de Antônio Vaz
Fonte: CASTRO, Josué de. **Fatores de Localização da Cidade do Recife**. Um ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional - Brasil, 1948.

Apesar de dominarem a vida urbana, estimulando o surgimento de uma nova classe burguesa, composta por ricos comerciantes, banqueiros e trabalhadores especializados, os holandeses não buscavam dominar a produção do açúcar, tipicamente rural, que continuava sob controle dos donos de engenhos. Essa situação resultou justamente na perda do poder político destes últimos, levando-os à Restauração Pernambucana de 1645, que expulsou os holandeses e devolveu o poder à aristocracia rural e a capital a Olinda (BARRETO, Op. Cit., p. 38).

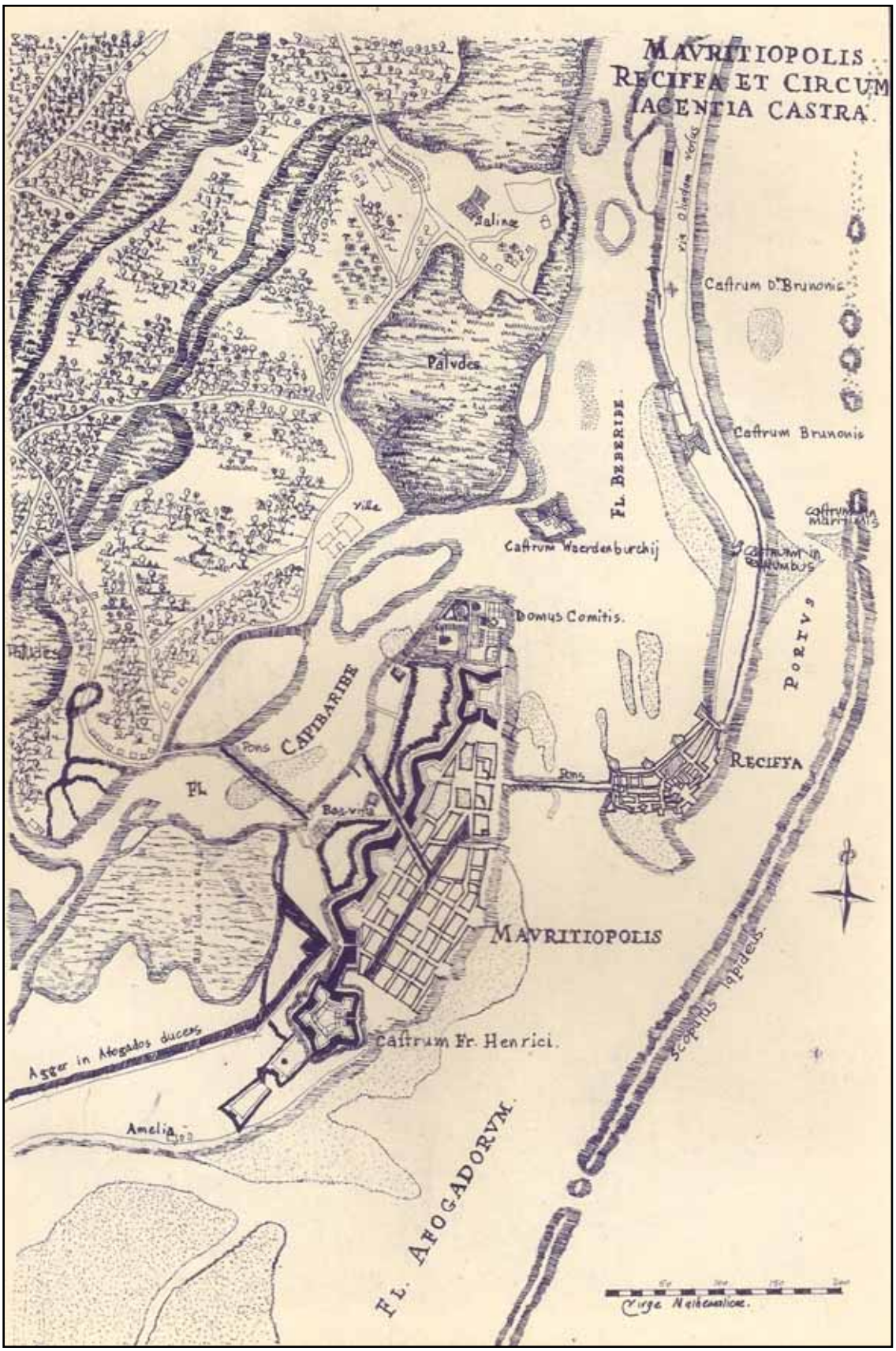


Figura 06: Cidade Maurícia (Mauritzstadt) – Reprodução da Obra de Barlaeus (1648).
Fonte: CASTRO, Josué de. **Fatores de Localização da Cidade do Recife**. Um ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional - Brasil, 1948.

Contudo, faz-se importante registrar que a fixação definitiva da cidade na sua atual localização deve-se em muito a presença dos holandeses no Recife do século XVII. As linhas de orientação da cidade Maurícia engendraram a direção que tomou a expansão da cidade rumo ao continente. Tanto é verdade que, mesmo depois da expulsão dos flamengos, a cidade continuou a crescer seguindo a disposição radioconcentrica do antigo plano nassoviano.

Com isso, observa-se que desde a época mais remota, os condicionantes topográficos da planície associados aos fatores de localização geográfica, determinaram a origem e consolidação da cidade. Nesse sentido, afirma Castro (Op. Cit., p. 64), que a povoação do Recife "germinou e ganhou consistência de núcleo urbano num determinado sítio, quando os holandeses, em seu sentido cultural, valorizaram esse sítio, pondo em relevo as suas virtudes". Assim, nascida como porto ainda no século XVI e como cidade-portuária no século XVII, o primeiro fator de progressão do Recife

> foi o crescimento desse porto a serviço de uma região fértil, onde a indústria açucareira prosperava a largo passos. Foi o açúcar produzido nos solos aluvionais e de decomposição do Nordeste, nas famosas terras de massapé, da chamada região da Mata, que constituiu, desde o começo e durante quase todos os períodos da história nordestina, o fator fundamental de propulsão e de evolução da cidade do Recife (CASTRO, Op. Cit., p. 65).

Nessa mesma direção, vale ressaltar a função dos rios da planície recifense, principais responsáveis nas suas margens pelo desenvolvimento da atividade açucareira por todo período colonial, em virtude da fertilidade do solo das várzeas e das características climática com duas estações bem definidas (seca e úmida, alternadas) aliadas à facilidade de transporte desse produto pelos seus cursos e meandros. Através destes, foram abertos posteriormente, caminhos de penetração em direção ao continente. Abrindo um leque desde as ilhas centrais até os pequenos povoados surgidos em torno dos engenhos açucareiros, que viriam caracterizar a configuração urbano-territorial da cidade, conforme será visto a seguir.

2.2 Os Engenhos sob os Domínios da Planície Recifense

Quando se analisa a evolução urbana do Recife, percebe-se um sentido de crescimento que abrange a área do porto em direção às ilhas de Santo Antônio (antiga ilha de Antônio Vaz) e Boa Vista. Porém, "há um movimento contrário, igualmente importante – economicamente importante – que vem do interior no sentido do porto" (GONÇALVES DE MELLO, 1992, p. 266). Diz respeito àquele movimento que tinha origem os engenhos de açúcar, desde meados do século XVI estabelecidos à margem de importantes rios, como o Capibaribe e o Beberibe. Esses engenhos, segundo Castro,

> tiveram uma extraordinária influência na direção que tomou a cidade em sua evolução. Desde suas origens, a cidade do Recife cresceu sempre atraída por duas seduções opostas: pela atração do vasto mar salpicado de caravelas e pela atração do ondulado mar dos canaviais espalhados nas grandes várzeas. De um lado, pelo azul das águas e de outro pelo verde das canas (CASTRO, Op. Cit., p. 66).

Nesse sentido, assim como as condições naturais da área deltáica possibilitaram a formação da cidade-porto, também a área da planície flúvio-marinha engendrou o estabelecimento dos pequenos núcleos de povoamento representados pelos engenhos açucareiros. Com efeito, as particularidades fisiográficas da planície aluvional concorreu para a fixação dos engenhos nas várzeas dos rios, principalmente na do Capibaribe, onde houve grande concentração destes.[31] O solo de massapé se mostrava adequado, a várzea ficava um pouco afastada do porto, o que resguardava garantindo certa segurança, e ao mesmo tempo tinham-se os cursos naturais de escoamento rápido da produção para o centro portuário, onde o açúcar era armazenado, negociado e embarcado em navios para a Europa.

Naquele momento (séculos XVI/XVII), o açúcar constituía-se numa das especiarias mais valiosas do mundo, e sua riqueza afluía ao porto do Recife, criando condições à ampliação do povoamento da cidade. Inúmeros "passos",

[31] Durante o período holandês, a concentração de engenhos no vale do Capibaribe estava ligada as melhores condições de escoamento da produção. Posto que "não interessava aos senhores de engenho subir o Beberibe para embarcar a sua produção no Varadouro, se era mais prático descer o Capibaribe até a foz e embarcar no ancoradouro aí existente, já que, à proporção que o desmatamento se intensificava na sua bacia o seu leito (Beberibe) ia sendo assoreado" (CORREIA DE ANDRADE, 1979, p. 75).

armazéns ou depósitos de caixas de açúcar, foram sendo construídos às margens dos rios nas proximidades do porto e alguns desses “passos” se transformaram em pequenos núcleos de povoação.

Contudo, vale lembra que naquele instante os núcleos habitados dividiam-se entre a *Vila de Olinda*, local do aparato jurídico e burocrático da capitania; o *centro portuário*, um agrupamento de pescadores e comerciantes, protegidos pelos arrecifes e enlameados de poças d’águas, bancos de areia e mangue; e a *planície recifense*, um extenso canavial cujo melhor acesso ainda se fazia pelo rio (FIGURA 07). A propósito, sublinha o geógrafo Jan Bitoun que, nos primeiros séculos da colonização pernambucana, a paisagem rural do Recife caracterizava-se pela justaposição de quatro elementos principais:

> o engenho constituído pelo conjunto formado pela fábrica de açúcar, a casa grande, a capela, a senzala, os canaviais, outros cultivos e matas; os sítios, pequenas unidades familiares produtoras de cultura de subsistência e de fruteiras; os passos, na confluência dos rios, principais vias de escoamento do açúcar até a segunda metade do século XIX, eram pequenos aglomerados de armazéns; o quarto elemento presente na paisagem rural era o povoado, onde moravam os homens livres que trabalhavam nos engenhos da vizinhança (BITOUN, 2000, p. 44).

Ao estudar especificamente o papel dos engenhos no crescimento da cidade do Recife, o historiador Olímpio Costa Filho refere-se aos mesmos com as seguintes palavras: “uma grande povoação com muita gente branca e de cor, senhores e escravos, foram assim aqueles engenhos que, seguindo as margens do Capibaribe, situados na extensa planície do Recife, condicionaram a situação da cidade” (COSTA FILHO, 1944, s/p).

Observa-se, assim, que o rio Capibaribe[32] conformava-se num incessante criador de nódulos rurais, permeados de zonas de cultura e de riqueza. Desde o século XVI, a colonização pernambucana mostrava um traçado interessante

[32] O rio Capibaribe nasce na Serra do Jacarará, entre os municípios de Jataúba e Poção, onde inicialmente drena o Agreste e em seguida a Zona da Mata, juntamente com importantes afluentes como o Tapacurá e o Goitá até chegar a capital pernambucana. Já em Recife, distando 14 quilômetros do litoral, o rio irrompe a encosta de colinas no bairro da Várzea e começa a divagar em meandros caprichosos, por entre as terras planas da cidade. Todavia, em proximidade a sua foz, na parte sul da península da Ilha do Retiro, o Capibaribe desorienta-se em dois braços d’água envolvendo-se com ilhas e ilhotas: o braço norte contorna a ilha da Boa Vista, separando-a da ilha de Santo Antônio e, em seguida, desta com a ilha do Recife, até alcançar a foz no bairro do Recife. Por sua vez, o braço meridional, margeia o bairro continetal de mesmo nome no seu lado direito e as ilhas do Maruim, Joana Bezerra e de Santo Antônio no seu lado esquerdo, até receber os influxos dos cursos d’água dos rios Tejipió, Jordão e Pina, e despejar no extremo sul do porto (HALLEY, 2005, p.14/15).

no qual designavam às margens do rio pitorescamente apenas como “terra de engenhos”. Eram pelas águas mansas do Capibaribe, do Beberibe (e afluente Água Fria) ao norte, e dos pequenos rios Jiquiá, Jordão e Tejipió[33] ao sul (MAPA 02), que os senhores de engenho, até quase os meados do século XIX, faziam escoar em canoas a produção de suas fábricas, rumo aos pontos de embarque, ou aos depósitos no centro do Recife.

Inicialmente, os primeiros engenhos se fixaram no vale do Beberibe. Conforme lembra Tadeu Rocha (1968, p. 76), data do ano de 1542 a indústria permanente de açúcar no Nordeste brasileiro, quando o donatário Duarte Coelho constrói o engenho do Salvador,

> localizado na margem direita do rio Beberibe (que depois lhe transmitiu o nome), acêrca de uma légua de Olinda (...). O engenho Nossa Senhora da Ajuda, que seria o segundo de Pernambuco, foi levantado por Jerônimo de Albuquerque, mais perto da Vila de Olinda, e cedo ficou conhecido como “Forno da Cal” (ROCHA, 1968, p. 76).

Com a descoberta do vale do Capibaribe associado aos melhoramentos processados no porto dos arrecifes, os engenhos passaram a se concentrar principalmente nas várzeas deste curso d’água. Com efeito, o quarto donatário de Pernambuco Duarte Coelho de Albuquerque, em suas “Memórias Diárias da Guerra do Brasil”, escrevia que no ano da invasão holandesa (1630), prosperavam na várzea do Capibaribe, “assim chamada por ser torneada pela torrente do mesmo rio... 16 moinhos ou engenhos de açúcar como lá se diz” (*apud* CASTRO, Op. Cit., p. 66).

Enumerando-se os engenhos existentes na várzea do Capibaribe, Josué de Castro (Op. Cit., p. 67/68), apoiado nos estudos clássicos de Pereira da Costa, menciona as designações destas propriedades açucareiras, sendo elas: o São João, Santo Antônio e o do Melo; o São Francisco; o São Brás e o São Sebastião, que tomou depois o nome de Curado; Torres ou Marcos André, do

[33] Estes rios correspondem a bacia do rio Tejipió, que nasce em São Lourenço da Mata e drena a zona oeste e parte da zona sul da cidade do Recife. O principal afluente do Tejipió é o Jiquiá inserido inteiramente no Recife drena a zona central da cidade, mostrando-se bastante canalizado (17 canais que medem 19 Km). Outro rio da bacia é o Jordão, procedente das colinas situadas a sudoeste, nos morros do Alto Jordão, drena a parte sul do Recife num total de 21,17 Km². Por último, completando a bacia tem-se o rio Pina, um dos braços do rio Jordão que atravessa ao meio o manguezal até chegar a bacia do Pina, ponto onde todos os rios da bacia do rio Tejipió, juntamente com o rio dos Afogados (braço sul do Capibaribe) confluem formando uma única foz que deságua no bairro do porto. In: **Atlas Ambiental do Recife** (2000, p. 53-4).

nome de seu proprietário; o São Paulo, Madalena ou Mendonça; Apipucos, Monteiro, Santo Cosme e Damião, Casa Forte, Beberibe, Jiquiá e o de Ambrósio Machado, que estava situado entre o engenho Madalena e o do Cordeiro, levantado muito depois da época em questão.

Já o geógrafo Mário Lacerda de Melo (1978, p. 63), descreve como sendo 19 o número de engenhos na planície recifense: O engenho Casa Forte, do Monteiro, dos Apipucos, São Brás, Nossa Senhora do Rosário e São Cosme, na margem esquerda do rio Capibaribe; e os da Madalena, da Torre, do Cordeiro, São Tomé, Santo Antônio, de Melo, São João e São Francisco, na margem direita. O Camaragibe, junto ao rio deste nome. Os engenhos do Curado, São Paulo e Jiquiá, na bacia deste pequeno afluente do rio Tejipió. E o engenho Tejipió, na margem esquerda deste rio.

Entrementes, observa Tadeu Rocha (1963, p. 77) que muitos destes engenhos, com as denominações primitivas ou posteriores, ligaram os seus nomes a bairros e subúrbios do Recife ou a localidade de outros municípios, como Forno da Cal (Olinda) e Camaragibe. Sua divisão territorial, a partir do século XVII, foi determinando o aparecimento de novos moinhos na planície do Recife, como o Peres, o Uchoa, o Ibura, o Poeta, o Dois Irmãos, o Brum-Brum e o Brum. Os dois últimos em terras da margem esquerda do Capibaribe (anteriormente ocupadas pelo Nossa Senhora do Rosário) e o Barbalho na outra margem, entre o do Cordeiro e o do Poeta.

Concomitantemente ao processo de ocupação dessas propriedades no interior da planície, o Recife fora pouco a pouco adquirindo ares urbanos com seus sobrados e palacetes, prolongando-se em sentido radial na direção desses engenhos situados nas terras continentais percorridas pelos rios. Crescendo através das águas, na modelagem que os rios determinavam, em busca dos miúdos núcleos de povoação representados por esses primeiros engenhos. Naquela época, interpretados como “centros autônomos de vida, alguns concentrando a vitalidade de verdadeiros burgos, com seu esplendor e relativo conforto” (CASTRO, 1954, p. 136). Nesse sentido, acrescenta Gonsalves de Mello (1992, p. 266) que os

> engenhos eram, realmente, núcleos de população, pois contavam cerca de 100 a 200 moradores cada um: o senhor do engenho com sua família; os lavradores

que cultivavam pequenas parcelas da área dos canaviais e que formavam uma classe média na hierarquia da sociedade açucareira, também com suas famílias; o engenho: feitores, mestre de açúcar, banqueiros, escumeiros, purgadores, caixeiros, carreiros, etc... Abaixo de todos, os escravos do serviço doméstico e do campo.

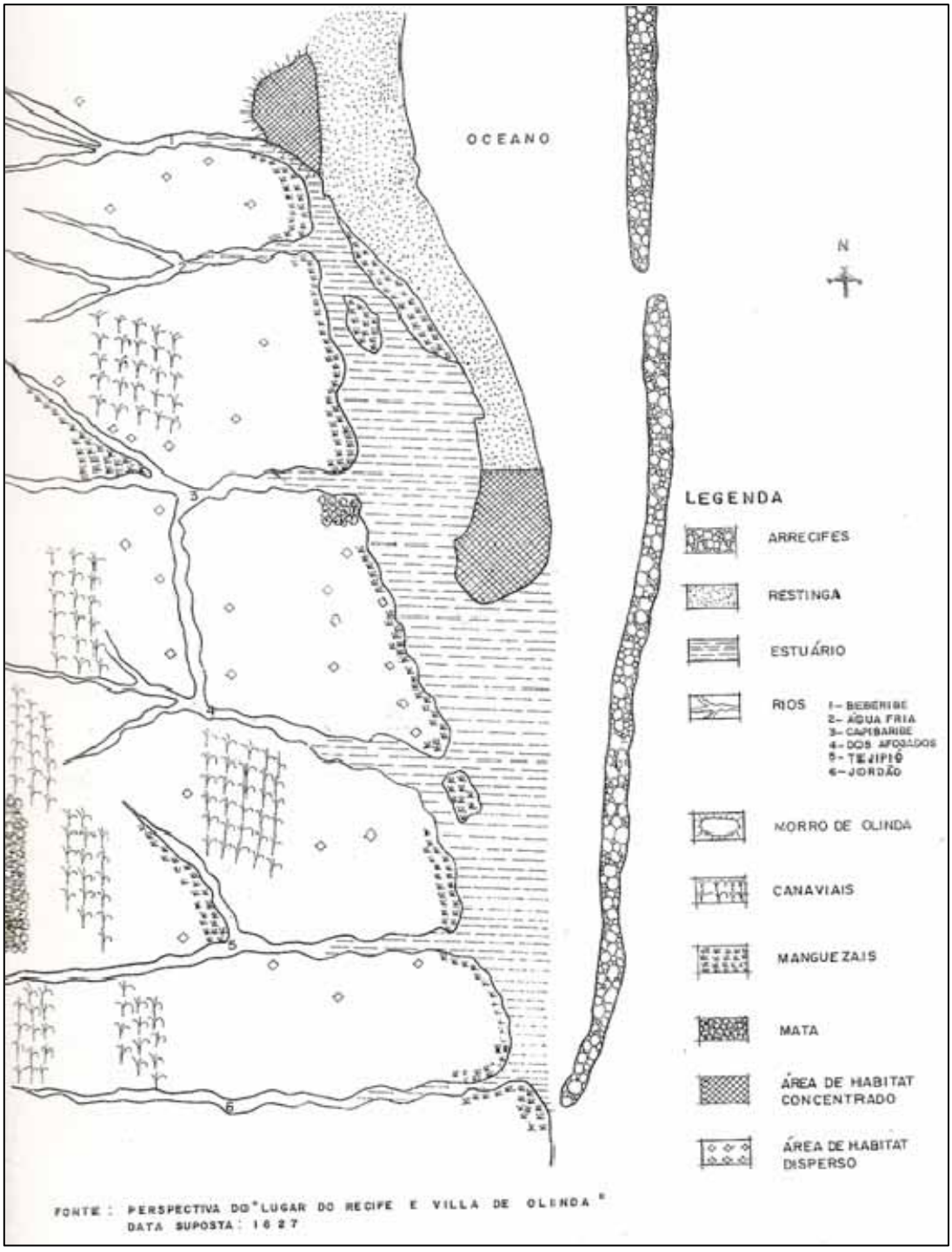
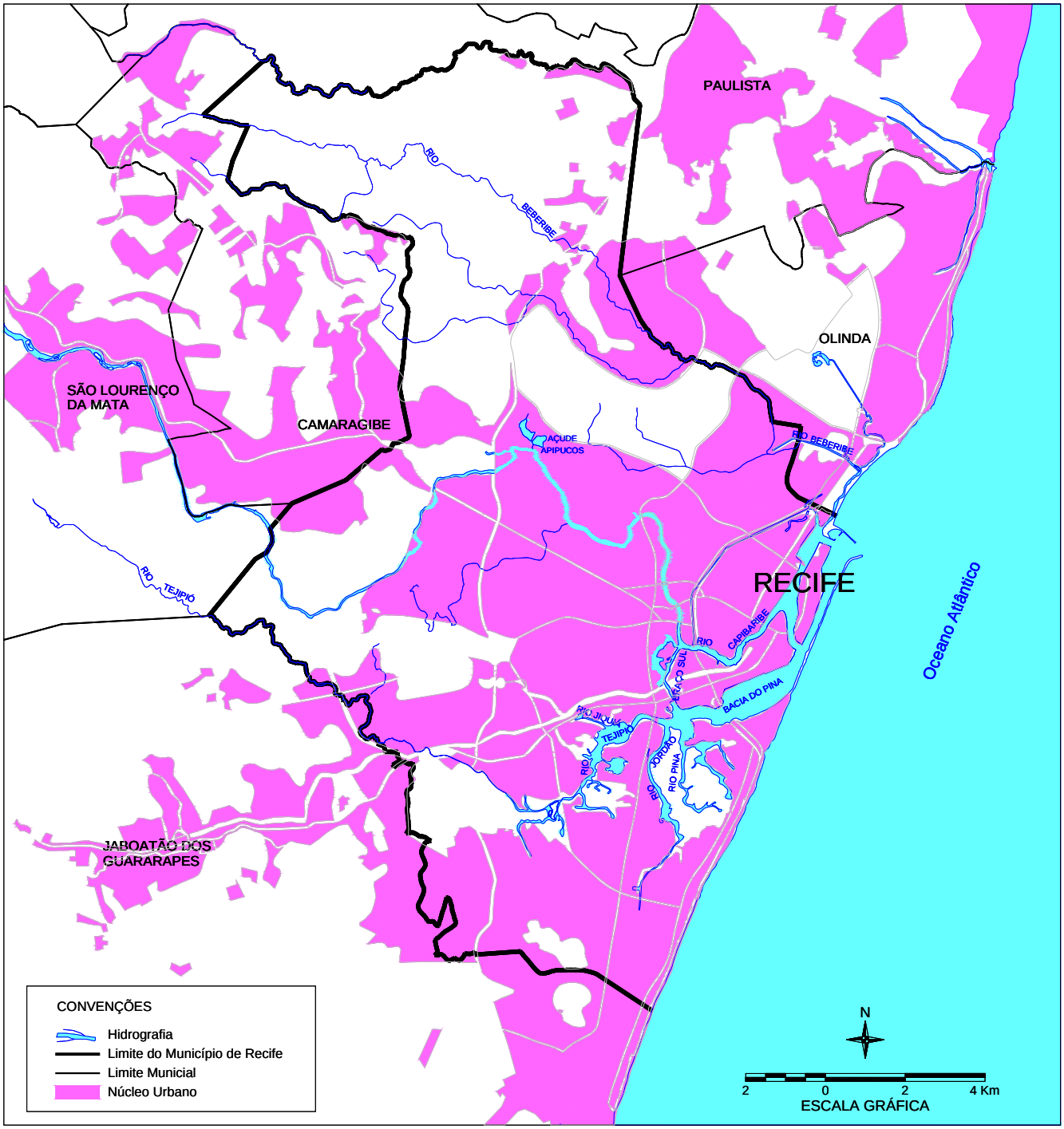


Figura 07: Perspectiva do Recife e Olinda no Século XVII (1627)
Fonte: BITOUN, Jan. Centro Histórico e Identidade Cultural. In: **Recife, Cidadania e Revitalização**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 1993.



FONTES: SUDENE. CARTAS TOPOGRÁFICAS - Escala: 1:100.000, 1974

GOVERNO DE PERNAMBUCO - SRH. CARTAS DIGITAIS - Escala: 1:100.000, 2001 - SRH/PE.

IBGE. MALHA MUNICIPAL DIGITAL DO BRASIL, 1997.

FIDEM. MAPA DE USO DO SOLO ATUAL, 1998.

Mapa 02: Principais Rios da Cidade do Recife

É a prova marcante que esses engenhos se apresentavam como núcleos de povoamento, e que muitos deles vieram a se transformar em bairros. No dizer de Castro (Op. Cit., p. 69), cidade de ilhas em seu sentido fisiográfico, o

organismo urbano do Recife formou-se pela associação ganglionar dessas ilhas de povoamento que, ampliando-se progressivamente, provocaram a formação da massa total de construção urbana. O geógrafo ainda reforça,

> que foram esses engenhos os germes desses centros ganglionares de crescimento, atraídos pela força absorvente da cidade-porto, ou melhor, da direção imposta pelo porto, não se pode ter nenhuma dúvida quando se põe em confronto qualquer mapa antigo da região com a localização dos engenhos, e qualquer mapa atual da cidade com seus diferentes bairros, trazendo até hoje as denominações dos primitivos engenhos da Torre, da Madalena, da Várzea, de Caxangá, de Cordeiro, de Dois Irmãos, de Apipucos, do Monteiro, da Casa Forte, de Beberibe, de Jiquiá, etc" [34] (CASTRO, Op. Cit., 69).

Convém aqui ressaltar que, no fim do século XIX, parcela significativa destes engenhos já haviam se transformado em subúrbios ou em povoações periféricas, como o Madalena, o da Torre, o Casa Forte, o Monteiro e o Apipucos. Porém eram numerosos os ainda existentes. No entanto, com o passar do tempo e a conseqüente melhoria dos transportes, as terras onde ficavam as suas instalações foram sendo ocupadas por povoações, que, por sua vez, tornar-se-iam em bairros e subúrbios com o avançar da urbanização.

O loteamento de terras advindas da evolução fundiária haveria de ocorrer como parte integrante do processo de transição do habitat rural das propriedades canavieiras em habitat suburbano e urbano dos bairros e subúrbios. Procedendo-se, assim, a passagem da paisagem rural (engenho) à paisagem urbana (bairro). Não esquecendo que com a decadência da economia de engenhos e a instalação de usinas em locais mais distantes, as grandes propriedades da planície transformaram-se em sítios e chácaras semi-urbanas, denominadas arrabaldes.

[34] "Como quase todo nome pernambucano que se preza – nome de subúrbio, nome de povoação, título de visconde – foi nome de engenho. Mas depois, nome de povoação. Transição do rural para o suburbano. Processo rurbano", ressalta Gilberto Freyre (1983, p. 32).

2.3 Os Sítios de Arrabaldes e o Crescimento Tentacular da Cidade

A partir da segunda metade do século XVII, novas tendências econômicas no mercado externo começaram a se refletir sobre o crescimento da antiga capital holandesa.[35] A emergência de uma unidade produtora de açúcar nas Antilhas provocou a queda nos preços da especiaria na Europa, causando uma crise no setor, que iria se estender até o último quartel do século XVIII.

Conseqüentemente, trabalhadores e recursos foram transferidos para o mercado interno, suscitando a partir de então, o perfil de um novo elemento na sociedade, o agregado. Trabalhador livre, que através do arrendamento dos engenhos estagnados, plantavam e criavam para sobreviver, especialmente nos arredores do centro urbano e nas proximidades das vias terrestres, como modo de facilitar a venda do excedente. “São estes fatores que irão direcionar o crescimento do Recife durante o século XVIII, caracterizado, não pelo crescimento propriamente dito do centro urbano, mas dos seus arredores: sítios, pomares, hortas e roças” (BARRETO, Op. Cit., p. 40).

Nessa perspectiva, rememora Cabral de Mello (1992, p. 196/197), que “o aparecimento dos subúrbios ao longo do Capibaribe não se fez de maneira geograficamente contínua, mas ganglionar”. Pois,

> (...) a dispersão com que surgem os subúrbios parece estar ligada à disposição dos proprietários dos antigos engenhos de desfazerem de suas terras. Esta inclinação teria aumentado, (...) em vista da péssima conjuntura que pesava sobre o açúcar. Em vez de cultivar suas grandes propriedades das cercanias do Recife, estes senhores preferiam alugar uma pequena porção delas por uma ínfima anuidade (CABRAL DE MELLO, 1992, p. 196/197).

No início do século XIX, o algodão adentra no mercado, ampliando a área de cultivo para o interior e o poder aquisitivo dos pequenos proprietários, que por sua vez, se deslocam ao Recife para adquirir artigos importados. Nesse instante, o açúcar também retoma sua participação na economia urbana, em função do aumento do consumo e de problemas relacionados à produção

[35] No período correspondente a expulsão dos holandeses, “o Recife e a Ilha de Antônio Vaz contavam com 464 prédios de pedra, tijolo e madeira, 242 eram sobrados de dois andares (térreo e primeiro) e 50, chegavam aos três andares. Do total deste tipo de habitação, 33 haviam sido construídos pelos portugueses, segundo consta no Inventário das Armas e Apetrechos Bélicos Deixados pelos Flamengos, feito em 1654” (BARRETO, 1990, p. 40).

antilhana, inaugurando outro período importante para o comércio e expansão da cidade.

Com a abertura dos Portos às Nações Amigas, houve a elevação dos produtos exportados (açúcar, algodão e couro), e, por conseguinte, o aumento da renda dos proprietários e comerciantes. Essa abertura dos portos, rompendo o monopólio comercial da metrópole, possibilitou aos comerciantes brasileiros transações imediatas com os países do velho mundo, sobretudo a Inglaterra, desaparecendo, assim, o papel dos intermediários, outrora os maiores beneficiados.

O contato estabelecido com a Inglaterra, e depois, com outros países europeus e norte-americanos, igualmente provocou a introdução de novos hábitos na burguesia local. Estimulando, doravante, o desenvolvimento urbano no velho burgo de pescadores, que se elevaria à condição de cidade em 1823. Com efeito, ao longo do século XIX, o Recife apresentaria um expressivo crescimento populacional, passando dos 46.273 habitantes, em 1837, a 116.000, em 1872.[36]

À luz desse contexto, a cidade sofrera mudanças profundas na sua fisionomia e estrutura, havendo a abertura de inúmeras ruas quase sempre conquistadas aos mangues, através de aterros realizados pela administração pública e por particulares, e a construção de pontes que passariam a facilitar a ligação com outras localidades (Afogados, Madalena, Olinda). Data igualmente desse período a chegada de comerciantes ingleses ao Recife, que construíram uma Igreja Anglicana e um cemitério, introduzindo inovações nos padrões e costumes dos habitantes da província.

Foi nesse ambiente ávido por mudanças, que “um homem nascido na terra, integrado na oligarquia rural, embora educado na Europa (...), realizou grandes modificações no Recife – Francisco do Rêgo Barros, Barão, Visconde e, depois, Conde da Boa Vista” (CORREIA DE ANDRADE, Op. Cit., p. 87). É tributada a sua administração (1837 a 1844) a abertura de estradas carroçáveis para o interior visando aproximar algumas vilas da capital, tal como as ações destinadas ao melhoramento urbano do Recife, com a construção de

[36] Segundo números do Primeiro Recenseamento da População Geral do Império.

cemitérios, sistema de iluminação pública à luz de lampiões, a criação de uma companhia de abastecimento d'água (a Companhia Beberibe), a reconstrução do Palácio do Governo, a edificação da primeira ponte pênsil do país, etc. Nessa época, em 1840, iniciou-se também

> (...) a arborização da cidade, até então considerava-se que as árvores seriam atributos do meio rural. Os serviços de infra-estrutura, como abastecimento d'água, saneamento, iluminação pública e transportes coletivos se incorporam às atribuições da administração do município. Companhias particulares foram contratadas pelo poder público para suprir a demanda de tais serviços, se bem que estes eram de má qualidade, atendendo às necessidades das classes mais abastadas (BARRETO, Op. Cit., p. 53).

Outrossim, registra-se dessa época a presença de uma missão técnica francesa na cidade. Liderada pelo engenheiro Louis Vauthier, que viera à capital pernambucana com o objetivo de modernizar o traçado interno de ruas e construir estradas de penetração para o interior, afora edificar importantes prédios públicos, como o Teatro de Santa Isabel, a Academia Pernambucana de Letras, entre outros.

Mesmo passada a administração do Conde, a cidade continuou a crescer, os edifícios a serem construídos por engenheiros franceses que aqui ficaram como Bolitreau e Millet e por brasileiros como Mamede Ferreira que projetou prédios e residências de estimado valor arquitetônico. A exemplo do edifício do Ginásio Pernambucano, situado na Rua da Aurora, em frente ao Palácio do Governo, e da antiga Casa de Detenção, atualmente transformada em Casa de Cultura, no bairro de Santo Antônio.

Com relação aos meios de transportes, ainda na primeira metade do século XIX, charretes e carruagens substituem as cadeirinhas e as redes transportadas por escravos, permitindo trajetos a maiores distâncias. Esse desenvolvimento dos transportes engendrou o surgimento de "residências em arrabaldes outrora ocupados por engenhos, casas de pessoas abonadas, construídas em meio de grandes sítios e utilizadas para passar as festas de fim de ano" (CORREIA DE ANDRADE, Op. Cit., p. 88).

Os arrabaldes que ganharam maior fama e prestígio, sempre lembrados como recantos bucólicos de residências patriarcais, inseridas numa paisagem exuberante, foram os de Apipucos, Poço da Panela, Ponte d'Úchoa e, posteriormente, Caxangá. Nesses lugares as famílias ricas dispunham de

maior área para o cultivo de fruteiras, maior facilidade de abastecimento d'água, e rios para o banho. "Outra forma, mais antiga, que tomou essa democratização, consistiu no recurso pela gente menos endinheirada, ao veraneio em casas e sítios de Beberibe" (CABRAL DE MELO, Op. Cit., p. 198), às margens do rio deste nome.

Alguns desses arrabaldes possuíam habitação regular, embora ainda escassa face às dificuldades dos transportes, e, especialmente no verão despertavam atenção dos moradores do núcleo urbano, para os festejos natalinos, ou mesmo por uma necessidade médica.[37] Isto porque, nos arrabaldes "abundavam as árvores, as frutas, a frescura da noite, o banho de rio, uma porção de requisitos aprazíveis, úteis e atraentes para quem vivia num sobrado ou numa casa imprensada" (SETTE, 1978, p. 104). Na concepção de Castro, um traço interessante dos arrabaldes eram as vivendas e os palacetes que denunciavam as

> (...) influências de sua origem, para o rio, com as belas fachadas sempre voltadas para a água (FIGURA 08). É que a água continuava sendo a grande artéria urbana. Nas famosas gravuras de Carls e de Schlappriz, de meados do século XIX, ainda se vêem esses casarões patriarcais, com suas escadarias descendo até o rio, seus cais privados, seus botes atracados ao cais ou já de remos em riste ou de velas enfunadas ou de varas tesas contra os peitos dos remadores, levando os seus senhores de cartola e de "croisé" para a cidade, para o centro, para o que se chamava no tempo o *Recife* (CASTRO, Op. Cit., p. 69/70).

Dessa época, portanto, se descobre um outro Capibaribe. Caracterizado pelos deliciosos banhos, banhos inclusive com poderes curativos. Além dos banhos, por ele se faziam mudanças, se passeava de canoa ou de botes, aconteciam românticas serenatas. Costumes e hábitos que se consolidaram no século XIX, tornando os arrabaldes em pitorescas alternativas para quem estava exausto dos burburinhos do centro habitável. A propósito, realça Villaça que

[37] De acordo com Gonçalves de Mello (1992, p. 267) "na segunda metade do século XVIII divulgam-se informações sobre a importância medicinal dos banhos do rio Capibaribe. Segundo uma notícia da fundação do povoado do Poço da Panela, os médicos do Recife, por volta de 1758, por observações feitas, concluíram que havia no uso de banhos no rio Capibaribe grande vantagem para debelar certa febre epidêmica que desde 1746 aparecera aqui. Com esta descoberta e o gosto da população pelos banhos do rio, as grandes propriedades marginais foram sofrendo as primeiras divisões e começaram a surgir os sítios ou chácaras recifenses, muito deles com suas capelas, na sua maioria do século XVIII: a da Sagrada Família no Chora Menino, a de São José do Manguinho, a dos Aflitos, a da Jaqueira, a do Rosarinho, etc".

no espaço urbano do Recife, as margens do rio Capibaribe firmaram-se então como uma região privilegiada, que combinava às vantagens de acessibilidade ao centro da cidade um atraente elemento do sítio natural. Evidentemente, ao longo do Capibaribe, instalou-se a aristocracia recifense (VILLAÇA, 1998, p. 216).

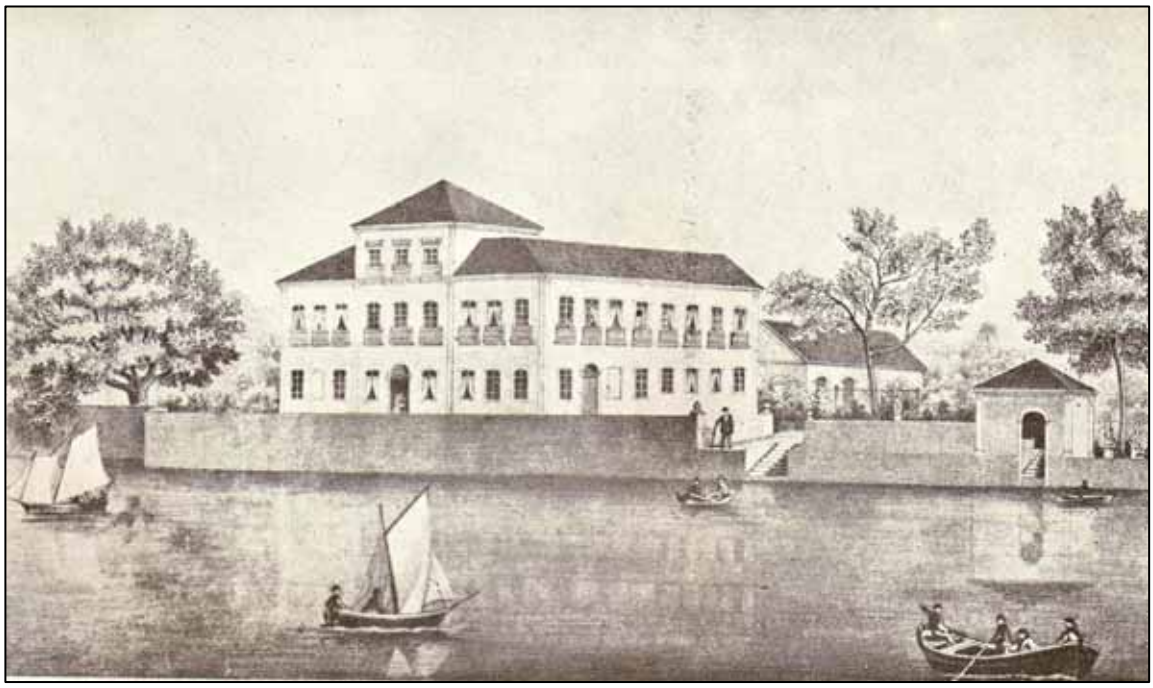


Figura 08: Chácara à Margem do Capibaribe no Século XIX
Fonte: CASTRO, Josué de. **Fatores de Localização da Cidade do Recife**. Um ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional - Brasil, 1948.

Do processo de formação dos arrabaldes, resultam os principais relatos de diversos viajantes que passaram pelo Recife naquela época, registrando o caráter bucólico e acolhedor existente nos sítios e chácaras, como os ingleses Henry Koster e Maria Graham (*Diário de uma viagem ao Brasil, e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*); e os franceses Louis-François Tollenare e Robert Avé-Lallemant (*Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe)*, entre outros. [38]

[38] Também esteve no Recife o inglês James Henderson (1992, p. 115), registrando tais aspectos sobre os arrabaldes: “Durante os feriados de Natal e na estação mais quente, o Poço da Panela, Ponte d’Úchoa e arredores, incluindo lugares mais distantes como Monteiro (...) e Caxangá (...) são muito freqüentados pelas famílias do Recife, com seus trajes mais vistosos, as senhoras freqüentemente nas janelas e portas, os homens passam os dias feriados sentados nas varandas, jogando cartas ou gamão. (..) Uma outra excursão muito agradável (...) é feita através do rio Capibaribe, cujas margens sinuosas são orladas por casas e cabanas brancas, algumas com ótima aparência, também habitadas durante esse período, cada uma com sua casa de banhos bastante rústica, feita com palhas de coqueiro.

No tocante à Tollenare, que esteve na cidade no segundo decênio do século XIX, o que mais chamou a atenção do viajante fora o uso do rio e os hábitos sociais aí envolvidos: a higiene em relação a banheiros, a navegação de canoas, e o espetáculo visual em torno dos banhistas. Logo, no Recife de outrora, registrava Tollenare nas suas notas dominicais:

> o prazer que parece gozar com mais sensualidade é o banho, e que nas margens do Capibaribe podiam se ver famílias inteiras mergulhando no rio e nele passando parte do dia, com mães amamentando seus filhos, a avó mergulhando ao lado dos netos e dos seus negros a lançarem-se com presteza e atravessarem o rio a nado (TOLLENARE, 1973, p. 467/468). [39]

Inicialmente, os arrabaldes mais longínquos do centro eram tidos como a fronteira externa da cidade, "o mato". Como dito, para lá iam as famílias em caráter sazonal, para curar alguma enfermidade com os usos terapêuticos dos banhos do rio, para passar as festas de fim de ano, ou simplesmente para descansar do ritmo intenso da cidade, unidos a outros benefícios. Pois, nos arrabaldes havia muitos "coqueiros, jaqueiras, um ar de quietude, de 'passar festa', de distância. De 'mato'" (SETTE, Op. Cit., p. 20). No entanto, a princípio,

> ainda se tinha muito o preconceito, se não o pavor do mato. O mato era o subúrbio. Ia-se para o mato quando se procurava um arrabalde para morada ou vilegiatura. Outros detestavam sair da cidade. Perder o Carnaval, as procissões... não se via quem passava... E as conversas nas calçadas, e os mexericos de postigo a postigo? No mato, cada um metido no seu sítio como bichos... No verão os moradores buscavam esses aprazíveis recantos arrabaldes banhados pelo rio, gostando de banhar-se no Capibaribe ou nele passeando em barcos, quando não deitados à sombra dos arvoredos (SETTE, Op. Cit., p. 20).[40]

Com o passar dos anos, e as conseqüentes melhorias processadas na cidade, os sítios de arrabaldes criaram novas fisionomias, cada uma com sua personalidade própria. Assim, descreve o cronista Mário Sette (Op. Cit., p. 42): "Caxangá não era o poético Apipucos, nem o aristocrático Jaboatão, nem o suntuoso Poço, (...) nem a européia Passagem, nem a orgulhosa Ponte

[39] Quanto ao Capibaribe, acrescenta Sette (1978, p. 47): "lenda ou não, o rio muito concorrera, numa das suas mais lindas curvas, para atrair moradores porque o banho era delicioso, armando-se banheiros de palha por toda parte, utilizados pelas famílias, com muito recato (...). As casas eram identificadas mais pelos nomes dos moradores do que pelos das ruas ou os números quando foi de moda adotá-los".

[40] 'O mato', portanto, "era a frescura do verão, as fruteiras pejadas, os chalés de azulejos, os solares de sótãos e terraços de pedra de lioz, os caramanchões perto dos muros para ver quem passa, as figuras de louça do Porto, a vida regalada da mesa farta, do leito macio e das palestras convidativas. Sem falar na dança, nos jogos de víspora ou gamão, nas músicas e nos cantos ao piano" (SETTE, 1978., p. 42).

d'Úchoa, mas é o humilde Caxangá onde as famílias parecem ser uma só família".

Essa descrição de índole sentimental demonstra a feição particular de cada arrabalde no decorrer do século XIX, que passaram a ter habitantes fixos, principalmente após o advento da iluminação à gás, da abertura de novos caminhos, e do desenvolvimento dos transportes com as carruagens, berlindas e os trens suburbanos. Tais fatores permitiram o crescimento de núcleos intermediários entre os arrabaldes, e assim, progressivamente,

> perdera-se o preconceito contra o 'mato', contra 'um fim de mundo'. Nasceram as residências nos extensos sítios, com a casa envolta pelas árvores, a cacimba de água gostosa, o copiar aberto à viração, o viveiro farto de peixes, a cocheira para os cavalos de montar e os de puxar a sege (SETTE, Op. Cit., p. 43).

Nesse ambiente bucólico, procedera-se no final do século XVIII e na primeira metade do XIX, a incorporação gradativa do Recife a chamada Várzea do Capibaribe. Isto é, toda a extensão que segue da Boa Vista e da Madalena até Caxangá e Várzea, propriamente dita, subindo o rio e dividindo os antigos engenhos em sítios e chácaras, que, por sua vez, sobretudo no decênio de 1840, serão objeto de loteamento.

Naquele instante, com a abertura regular das estradas, ocorre a divisão mais acelerada dos extensos sítios ainda existentes no Recife. Algumas dessas propriedades, que deram origem a tantos bairros, como o da Torre, Madalena (FIGURA 09), Beberibe, Monteiro, Apipucos, depois de loteadas, tão grandes eram, originaram outros bairros, a exemplo da Tamarineira, de Santana, do Fundão, de Peixinhos e da Jaqueira. Esses também passaram a atrair uma forte população, contando com outros atrativos que buscavam associar as amenidades naturais às culturais. Nessa perspectiva, afirma Sette que vários desses arrabaldes

> (...) possuíam hotéis (...) E hotéis que se anunciavam nos jornais com elogios aos cômodos, ao banho do rio, à comida, aos bilhares, ao transporte. E que dizer dos que tiveram teatros e clubes de danças ou, melhor, 'partidas'? Prestigiavam-nos também as novenas e festas das padroeiras. Algumas, como as do Poço, do Monteiro, do Monte, tinham fama que chegou até os nossos dias (SETTE, Op. Cit., p. 42/43).

Em 1855, o crescimento dos arrabaldes tornou-se tão expressivo que já se fazia notar o serviço regular de ônibus (diligência a tração animal, puxada

por quatro cavalos, às vezes com dois andares) para Apipucos, a 8 quilômetros de distância. Na verdade, nos tempos dos arrabaldes "três gerações de sistemas de transporte se sucederam naquele eixo, reforçando a estrutura urbana herdada do sistema anterior: o hidroviário, os caminhos por onde transitavam os ônibus[41] e as estradas de ferro" (VILLAÇA, Op. Cit., p. 214).[42]

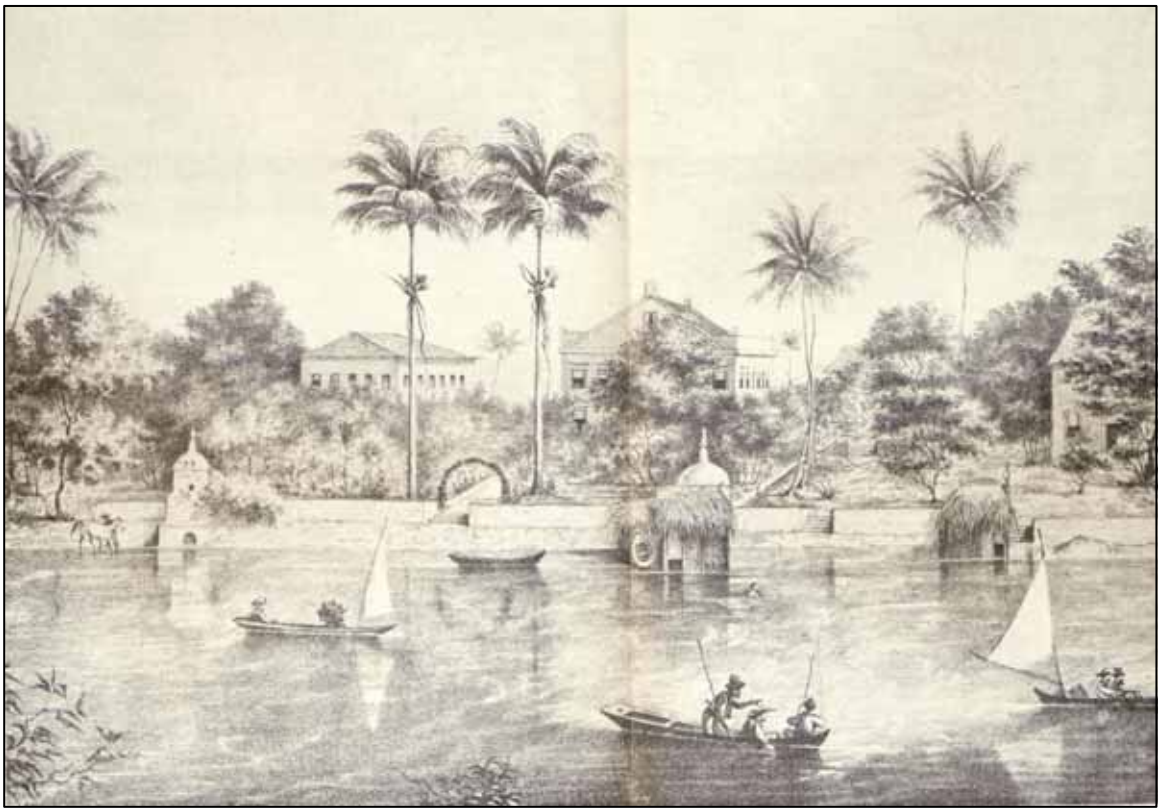


Figura 09: Passagem da Madalena (o Capibaribe, com os banheiros de palha, as canoas, e as residências voltadas para o rio).
Fonte: MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas da. **O Recife – Quatro Séculos de sua Paisagem**. Recife: Editora Massangana, 1992.

O transporte hidroviário desenvolveu-se no Recife a partir da utilização da canoa movida a vara, e o Capibaribe junto com o Beberibe representaram importantes vias de comunicação (FIGURA 09). Por conseguinte, o crescimento do Recife

[41] A primeira condução coletiva puxada a muar, no Recife, foi a diligência, que se chamou também ônibus. Puxado por quatro cavalos e tendo, às vezes, dois andares. Trafegava por Monteiro, Manguinho, Casa Forte, Apipucos, partindo do largo da Matriz de Santo Antônio. Houve vários exploradores destes serviços, a exemplo do inglês Thomas Sayle, e do contrante Cláudio Dubeux. Suas atividades, contudo, findaram-se em 1871 (SETTE, 1978, p. 89).
[42] Nesse momento, faz-se interessante observar que o "Recife já havia desenvolvido uma rede de arrabaldes com residências permanentes e hábitos de vida mundana fora da cidade não apresentados por nenhuma capital brasileira, com exceção do Rio de Janeiro" (VILLAÇA, 1998, p. 214/216).

> (...) dependeu do transporte fluvial e especialmente da canoa indígena. Desde o século XVI ela assegurara as comunicações entre o Recife e Olinda, de um lado, e entre o Recife e os engenhos da Várzea do Capibaribe, de outro (...) De canoa transportava-se gente, água de beber, material de construção. (...) Mas é o aparecimento dos arrabaldes que vai dar-lhes um realce inusitado. (...) O isolamento dos subúrbios, sua localização ribeirinha e a falta de caminhos fizeram da canoa, durante muito tempo, o recurso que, sem ser o único, era o mais cômodo ou o mais fácil (CABRAL DE MELLO, Op. Cit., p. 199).

Em meados do século XIX, com o já mencionado desenvolvimento dos caminhos e do transporte terrestre, o uso das canoas começara a declinar: "são as estradas de subúrbio que desferem duro golpe no tráfego das canoas de carreira, especialmente ao longo do Capibaribe, ao possibilitar o uso mais intenso dos carros e coches" (CABRAL DE MELLO, Op. CIt., p. 216).[43]

Dessa forma, a utilização dos arrabaldes se tornaria mais freqüente e acessível às classes menos favorecidas, depois que se desenvolveu no Recife o serviço regular de transportes coletivos, "com as diligências a tração animal, os bondes de burro, cuja estação central se localizava no Brum, próximo ao porto, e com os trens chamados de maxambombas" (CORREIA DE ANDRADE, Op. Cit., p. 88/89). Essas pequenas locomotivas, inauguradas em 1867, conectavam o centro aos bairros mais distantes e a cidades vizinhas como Olinda. Por serem mais lentos, os bondes de burro[44] eram utilizados para ligar os arrabaldes mais próximos, e foram instalados a partir de 1871 (FIGURA 10).

Não obstante a pequena capacidade de transporte, os bondes de burros estimularam o desenvolvimento dos lugares por ela servidos, assim como dos sítios e chácaras situados no percurso, suscitando a formação de outros povoados. Todavia, o aumento populacional provocaria a necessidade intensa

[43] De acordo com Evaldo Cabral de Mello (1992, p. 217), "a década de 1830 assiste, porém, à difusão desses novos veículos por uma sociedade que se queria europeizar rapidamente e para quem o recurso à rede, ao cavalo e ao palanquim representava um arcaísmo mais penoso que os meios incômodos de viagem".

[44] Os bondes de burro eram conduzidos pela Companhia Pernambuco Street Railway, depois chamada de Companhia Ferro Carril de Pernambuco, que recebera autorização para funcionar no império. Desta forma, em setembro de 1971, abre-se ao público a linha da Madalena e, em novembro do mesmo ano, inaugura-se a segunda linha: a de Afogados, que possuía um ramal pela Duque de Caxias, Afogados-Caxias, e um ramal pela rua Marquês do Herval-Afogados-Herval. O percurso total das linhas da Companhia Ferro Carril de Pernambuco compreendia 23km, além das linhas duplas que partiam da estação central, na rua Barão do Triunfo, e terminava em Afogados, Madalena, Capunga e Santo Amaro. As linhas de bondes se expandiram, tendo sido inaugurada, em 1898, a linha para o Derby e, em 1906, corriam bondes para Jiquiá e Hospital D. Pedro II. Instala-se, posteriormente, três linhas circulares: Ponte Santa Isabel, Ponte da Boa Vista e Cinco Pontas e um ramal para a estação central. No início do século XX, os bondes de burro vão sendo gradativamente extintos para cederam lugar aos bondes elétricos.

dos transportes e a conseqüente implantação de linhas regulares e modernas, como as maxambombas.[45] Com o advento deste trem,

> fácil é imarginar-se o vulto das modificações de vida e de hábitos que atingiram o Recife do meado do século XIX em diante. A cidade cresceu, os subúrbios desenvolveram-se, as comunicações amiudaram-se, tudo recebeu um impulso vigoroso e continuado. O que era distante "mato" virou acessível arrabalde. Por esses recantos rurais onde as residências fixas não se contavam por índices elevados ergueram-se casas avizinhadas e apareceram moradores cujos nomes se tornaram depois tradicionais no local. (...) Aos poucos esses sítios deixaram de servir apenas para "passamento de festas"; tornaram-se bairros residenciais" (SETTE, Op. Cit., p. 119).

A principio, os trens foram implantados nos subúrbios e arrabaldes mais próximos à cidade, com linha para Apipucos e toda área localizada no percurso. Em seguida, ampliaram-se os trilhos até a Caxangá, passando por Dois Irmãos, situado à margem do Capibaribe, no quadrante oeste da planície. Em 1871, inaugurou-se a linha de Casa Amarela que, partindo do centro, se bifurcava ao se aproximar do Entroncamento, e assim, seguia pela Estrada do Arraial. Ao longo desse itinerário, na altura dos Aflitos, a facilidade do transporte estimulou o surgimento de uma série de bairros intermediários, a exemplo do Espinheiro e Tamarineira. Os trens de Olinda, por sua vez, partiam da Rua da Aurora, numa estação localizada em frente à ponte Santa Isabel.[46]

Nos últimos decênios do século XIX, utilizando meios de transportes coletivos (bondes de burro e as maxambombas), o Recife demonstrava uma configuração radial, com as linhas convergindo para o porto, seguindo o curso dos principais rios. Assim, em direção ao Beberibe, estendeu-se um tentáculo ao norte em direção à Olinda, e aos arrabaldes de Santo Amaro e Campo

[45] O serviço das maxambombas inaugura-se com a empresa Trilhos Urbanos do Recife e Apipucos, em 1867, os trens a vapor partiam da Praça da República, passando pelo Largo do Entroncamento e seguiam até Apipucos. A partir daí, os trilhos foram estendidos até Encanação (Dois Irmãos) e posteriormente, em 1870, até Caxangá. Neste mesmo período, surgem duas novas extensões à linha principal. A partir do Largo do Entroncamento, onde havia uma estação com várias plataformas, partiam os trens dos ramais da Várzea e dos Aflitos. Uma nova companhia obteve concessão para instalar uma linha de trilhos urbanos do Recife à Olinda. Assim, em 1870, inicia-se um tráfego experimental diário entre Recife e Varadouro, com uma linha de 12Km de extensão e uma bitola de 1,32m. A estação central foi construída na Rua Visconde de Rio Branco (Rua da Aurora) e foi aberta em 1873. Até o ano de 1922, as maxambombas trafegaram na cidade do Recife.

[46] Sobre esse sistema de trilhos urbanos, ressalta Villaça (1998, p. 214/216): "Pernambuco foi a segunda região brasileira a dispor de transporte ferroviário, e em nenhuma cidade brasileira as elites se utilizaram desse transporte, as maxambombas, mais que em Recife. Ou melhor, é possível afirmar que Recife foi a única capital brasileira em que as elites utilizavam sistematicamente o transporte ferroviário como transporte urbano de passageiros" (VILLAÇA, Op. Cit., p. 214/216)

Grande. Para oeste, irradiou-se outro raio de penetração, em direção ao Capibaribe e aos povoados de Apipucos, Dois Irmãos e Caxangá. E para o sul, em busca das águas da bacia do Pina, formou-se um alinhamento rumo aos bairros de Afogados e Jiquiá.

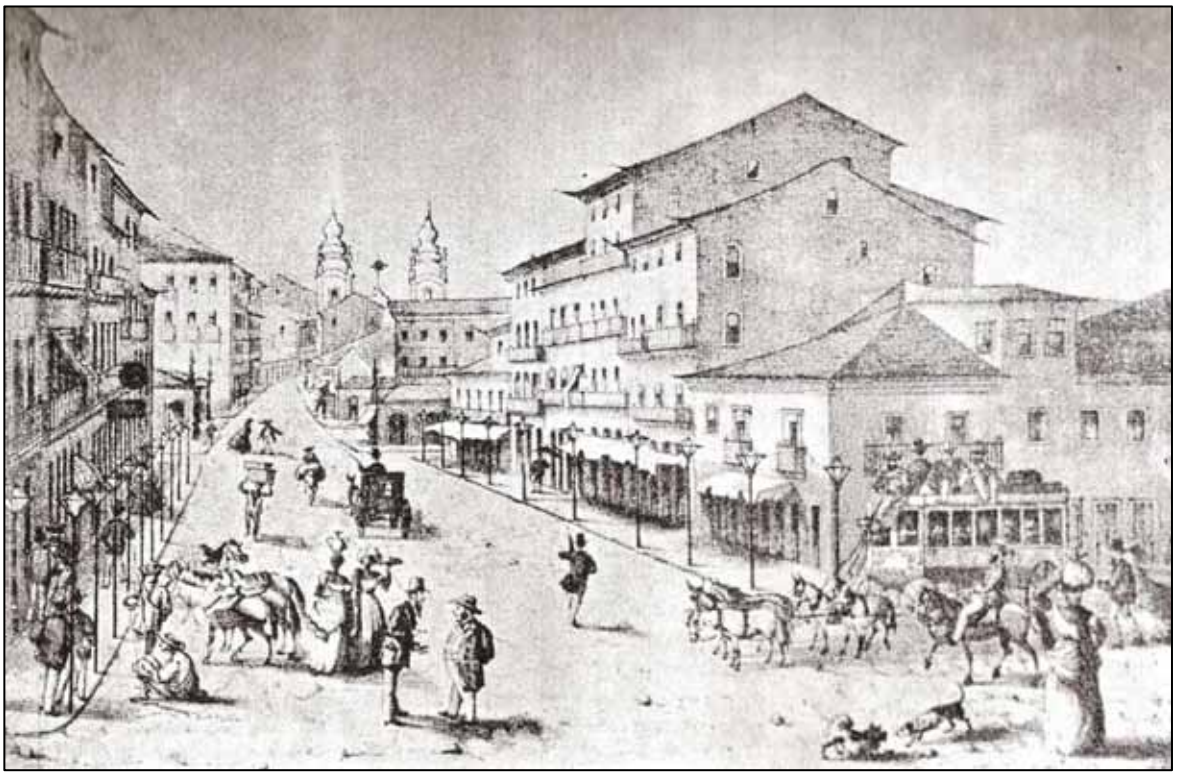


Figura 10: Diligências de Burros no Centro do Recife (o "ônibus de Cláudio")
Fonte: SETTE, Mário. **Arruar**, história pitoresca do Recife antigo. 2 ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1978.

A planta de 1870 (FIGURA 10) indica com precisão essa expansão da cidade, observando-se uma significativa concentração de habitações nos quatro bairros tradicionais (Recife, Boa Vista, Santo Antônio e São José), com adensamento menores em Santo Antônio, na Capunga, na Madalena e em Afogados. Aglomerações mais isoladas são observadas na área próxima à Casa Forte (Caldeireiro, Cobocó, etc.) e em Beberibe. "Olinda ocupava as suas colinas primitivas e se estendia um pouco em direção aos Arrombados, onde se localizava o Colégio dos Órfãos" (CORREIA DE ANDRADE, Op. Cit., p. 90).

Figura 11: Planta da Cidade do Recife e seus Arredores – 1870.
Fonte: MENEZES, J. L. M. **Atlas Histórico Cartográfico do Recife**. Recife: Massangana, 1988.

Com uma perspectiva ampliada, o geógrafo Mário Lacerda de Melo (1978, p. 59-61) descreve que a partir do centro urbanizado, o Recife estendeu-se por cinco vias de circulação principais, configurando um esboço de expansão tentacular. Seu quadro de crescimento representava-se por um alongamento que, partindo do bairro de São José, se estendia sobre o dique da época dos holandeses (hoje Rua Imperial) até Afogados onde se trifurcava em vias de curta extensão, balizadas pelas estradas “do Sul”, “da Vitória” e “dos Remédios”; por outro alongamento que, partindo da Boa Vista, alcançava

Madalena e Torre, de onde prosseguia ao longo da “Estrada de Caxangá” (hoje Avenida Caxangá) até a povoação do mesmo nome; por uma terceira ramificação que, partindo também da Boa Vista, subia pela margem esquerda do Capibaribe, compreendendo sucessivamente os então subúrbios da Capunga, Santana, Casa Forte e Monteiro; por uma quarta ramificação que, partindo ainda uma vez da Boa Vista, era aproveitada pelo curso da maxambomba de Olinda, ligando aquele bairro a Encruzilhada e a Campo Grande. Havia também uma linha transversal de ocupação suburbana que ligava Madalena e Afogados através da já mencionada Estrada dos Remédios (MELO, 1978, p. 59-61).

Subjacente a esses tentáculos existia nos arredores do Recife dos fins do século XIX, um conjunto de “nódulos periféricos” (MELO, 1978), não raro estabelecidos ao longo das mesmas estradas que serviam, nos seus trechos iniciais, de linhas de consolidação do habitat suburbano. Configuravam-se em estradas, inclusive ferrovias, que partiam das áreas urbanizadas e, depois de atravessar os nódulos periféricos, dirigiam-se para o interior.[47]

Naquele instante, observava-se também o crescimento de Olinda, cada vez mais acelerado a partir da implantação dos trens a vapor e, depois dos bondes elétricos (no século XX) face à valorização dos banhos de mar e à busca de residências na praia para o veraneio ao fim do ano. Associado a este fato, registra-se a difícil comunicação com a área litorânea sul (ainda não havia as pontes do Pina), o que tornava as praias olindenses valorizadas, especialmente nos pontos atendidos pela linha elétrica. [48]

[47] De acordo com Melo (1978, p. 62) os nódulos periféricos “de Nossa Senhora da Boa Viagem e de Nossa Senhora da Piedade eram praias de coqueiros, de pescadores e de veraneio servidas por estações ferroviárias da então chamada Estrada de Ferro São Francisco. Os de Barro e Tejipió ficavam na então chamada Estrela da Vitória. O de Campo Grande, na estrada de Olinda, não estava bem ligado ao Recife por um casario contínuo. O de Apipucos também não. Muito menos, no vale do Beberibe, o pequeno núcleo deste nome e o de Porto da Madeira”.

[48] No Recife, o serviço de bondes elétricos inicia-se com a empresa Pernambuco Transway & Company Ltd., que inaugura a primeira linha em 13 de maio de 1944, entre Recife e a Praça Maciel Pinheiro e outra linha até Cabanga. Em julho do mesmo ano, iniciou-se o tráfego na nova linha elétrica da Soledade e, em outubro, inaugura-se a do Jiquiá e a linha de bondes a vapor entre Recife e Olinda é eletrificada. No ano de 1915, o bonde elétrico é inaugurado em Ponte d’Uchoa. Em 1916, inaugurou-se a linha elétrica para Dois Irmãos. As linhas de bondes elétricos para Beberibe e Tejipió foram inauguradas em junho de 1922 e, no ano seguinte, iniciam-se os trabalhos de assentamento da linha mais extensa do Recife, a de Boa Viagem, cuja inauguração ocorreu em outubro de 1924. No mesmo ano, inaugurou-se a linha da

No caso do Recife, vale lembrar que a expansão da cidade intensificou-se após a Abolição da Escravatura (1888). Um expressivo número de negros libertos abandonou as propriedades em busca de novas oportunidades de vida e de trabalho. A modernização dos transportes coletivos facilitou a migração para o Recife. Resultando num aumento considerável de habitações pobres (os mocambos) nas áreas pertencentes aos manguezais.

Nos primeiros decênios do século XX, os espaços correspondentes a cidade do Recife e seus arredores não diferiam muito dos registrados na planta de 1870. Com efeito, numa tentativa de descrição, pode-se observar um núcleo de construções densa, representado pelos bairros do Recife, Santo Antônio, São José e parte do atual Boa Vista. Deste núcleo compacto seguia um tentáculo linear rumo aos subúrbios de Afogados e Caxangá. Outro alongamento trilhava a sucessão de bairros e subúrbios situados às margens do Capibaribe até Monteiro. Havia também uma concentração de nódulos isolados de posição periférica localizados em sua maioria ao longo das estradas que se irradiavam para o interior. Próximo ao centro, fazia-se presente uma considerável aglomeração, materializada nos arrabaldes de Santo Amaro, Espinheiro, Aflitos, Ponte d'Uchoa, Capunga, Torre, Madalena, Encruzilhada, e Afogados, inclusive nos povoados localizados em torno da Estrada os Remédios (FIGURA 11).

Com o passar dos decênios, outras manifestações de expansão surgem no tecido da cidade. Os tentáculos tornaram-se mais largos, perdendo aos poucos a configuração linear original. Ampliando-se, os bairros e subúrbios uniram-se uns aos outros, e todos com o centro, formando uma massa urbanizadora contínua. Desse modo, emerge uma faixa densamente ocupada no litoral sul, estimulada pela ocupação de Boa Viagem e Pina, que iriam transpor os limites meridionais do município. Outrossim, os pequenos nódulos periféricos foram evoluindo, dilatando-se e soldando-se melhor aos outros bairros e subúrbios.

Avenida Beira-Mar. No ano de 1951, termina-se o tráfego de bondes da área insular do Recife até Santo Antônio. Em 1953, só existiam quatro linhas em operação: Dois Irmãos, Beberibe, Campo Grande/Peixinhos e Olinda. Em meados de 1955, o serviço de bondes elétricos da cidade é extinto. Finda-se assim, no Recife, a trajetória dos bondes, transportes que contribuíram para o desenvolvimento da área portuária e do centro da cidade, como também para a consolidação de uma estrutura urbana crescendo ao longo das vias de circulação (CECÌLIA DE SOUZA, 2006, p. 45/46).

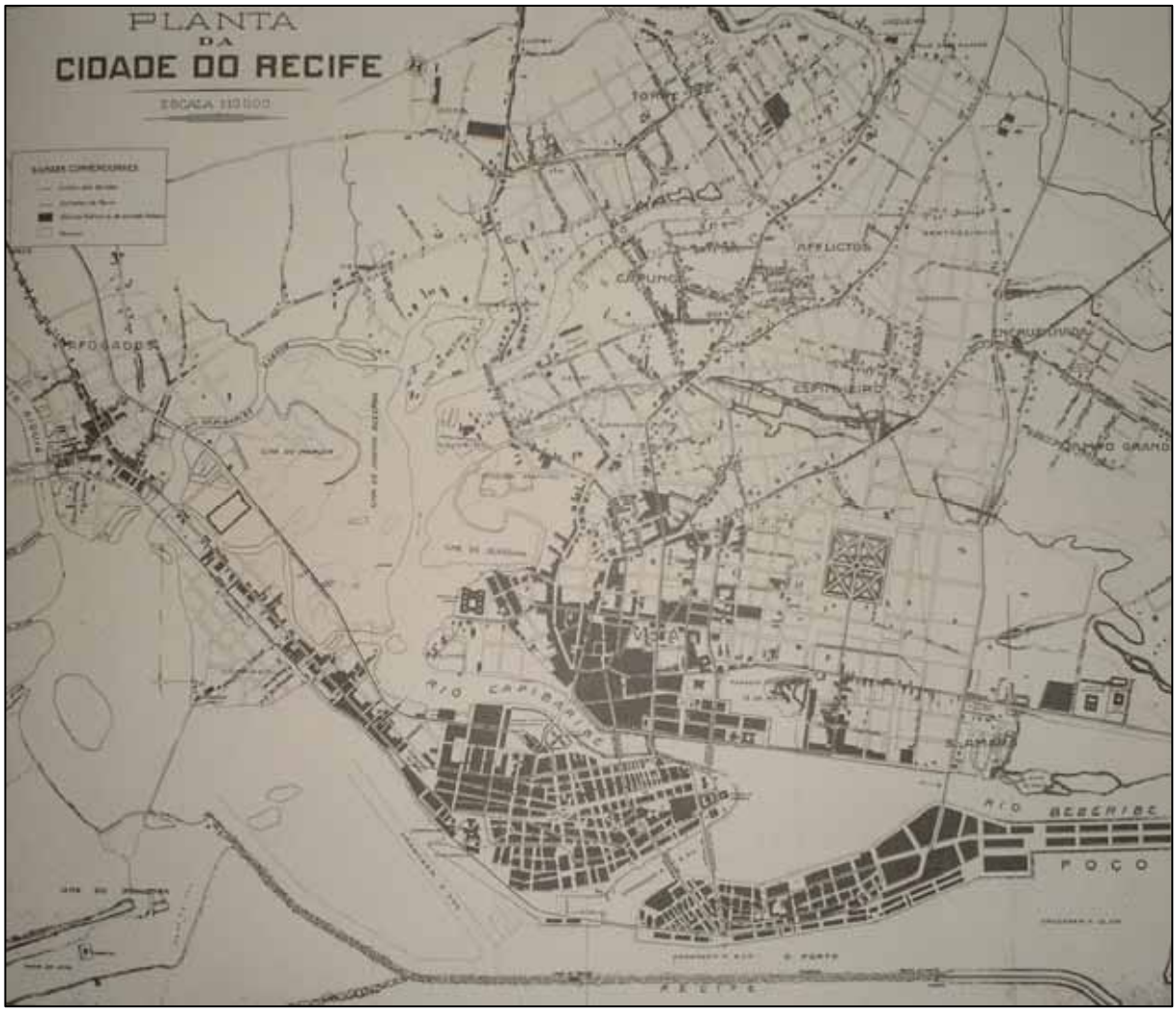


Figura 12: Planta da Cidade do Recife – 1915.
Fonte: MENEZES, J. L. M. **Atlas Histórico Cartográfico do Recife**. Recife: Massangana, 1988.

Conseqüentemente, no decênio de 1940, ocorre o desmanche da forma tentacular (PONTUAL, 2001, p. 25). Os bairros se interligaram com a ocupação das áreas vazias entre os tentáculos, ao norte (os morros), tornando-se uma mancha contínua e compacta de quadras, ruas e edificações. Abrangendo os bairros do Recife, Santo Antônio, São José, Boa Vista, Santo Amaro, Graças, Encruzilhada, Beberibe, Casa Amarela e Poço.

Durante esse processo de expansão urbana, o Recife conhecera um acelerado crescimento demográfico resultado tanto de uma evolução natural

quanto dos fluxos migratórios.[49] As populações de baixa renda, advindas do interior do estado e de outros recantos do Nordeste, concentraram-se nos bairros mais afastados do núcleo central, mais precisamente na zona de morros, córregos e ladeiras situados na porção norte da planície.

Na década de 1950, as áreas vazias entre os tentáculos ao sul foram sendo ocupadas, com o prolongamento da mancha urbana em quase toda a extensão territorial da cidade, inclusive, formando-se novos bairros como Imbiribeira, Jordão e Ibura. Os tentáculos ou avenidas continuaram a existir. No entanto, os lugares ocupados dilataram-se, incorporando novas áreas além daquelas limítrofes a essas vias. Assim, no decorrer deste decênio (1950), outra configuração urbana dimana na cidade, já delineando a fisionomia urbana do Recife na atualidade (PONTUAL, 2001).

A partir de então, a mancha urbana estende-se. Avançando mais e mais no ambiente natural, transformando-o em ambiente construído, em quase toda a extensão territorial da cidade. Contudo, as singularidades de sua fisionomia continuam associadas à presença do elemento líquido. Pois, foram as águas dos rios e do mar que engendraram a constituição e o ajustamento da cidade às formas e os contornos dos espaços sólidos. O amoldamento dos bairros continentais conduzido pelas águas flúvio-marinhas será revisitado a seguir à luz das regiões político-administrativas do município criadas durante o processo de metropolização (1970-80).

[49] “De 1950 a 1960, o acréscimo foi de 272,5 mil habitantes, passando o total a 797, 2 mil. E de 1960 a 1970 houve um incremento de 263, 5 mil fazendo o total ultrapassar a casa de um milhão (1.060,7 mil)” (MELO, 1978, p. 71).

2.4 Os Bairros Continentais na Cidade de Moldura Líquida

Um considerável aspecto da cidade do Recife refere-se à sua fisionomia, orientada e configurada pelos inúmeros cursos d'águas existentes e pelo Oceano Atlântico. As singularidades topográficas do sítio deltaico, embora ampliadas e modificadas, reproduzem-se notadamente em bairros, sobretudo nas unidades que constituem o espaço central da cidade. Os bairros insulares do Recife e Santo Antônio bem demonstram a influência das águas dos rios no ajustamento das ilhas às formas e contornos dos espaços sólidos. Indicando que a cidade "teve de ser traçada em quadros de moldura líquida, muita vezes de belas molduras líquidas que lhe dão seus aspectos mais pitorescos e mais típicos" (MELO, 1940, p. 145).

Contudo o que mais chama atenção na sua paisagem só pode ser de fato captado quando visto do alto, em sua perspectiva vertical. Com efeito, realça Castro (1968, p. 127) que "sem a arquibancada móvel dos aviões nunca poderíamos descobrir toda a graça e encanto dos monumentais saltos das pontes galopando sobre os rios". Tampouco "todo corpo e toda alma da cidade deitada ao longo do Capibaribe...". Complementa o autor[50]. Pois, um olhar panorâmico da cidade (FIGURA 13) surpreende quase por toda parte a influência da água. "Tanto que poderia dizer que, no Recife, o que não é água, foi água ou lembra água, sendo essa razão por que a crismaram de cidade anfíbia" (OLIVEIRA, 1942, p. 38).

O fato de a cidade apresentar esta condição aquática fez das pontes uma das suas características mais peculiares. "São várias as que se levantam sobre as águas do Capibaribe (...) dando ao Recife uma fisionomia única entre as cidades brasileiras" (FREYRE, 1968, p. 49), conferindo a cidade encanto e beleza, além de constituir um importante instrumento viário. As três grandes

[50] O médico e geógrafo Josué de Castro (1968, p. 15) ressalta ainda que o Recife constitui-se num mosaico de cores cheio de tons. "Nesse desarvorado caos urbano, reflexo confuso da fusão de várias expressões culturais, só uma coisa tende a dar um sentido estético próprio à cidade do Recife, a absorver e a anular os efeitos dos contrastes desnorteadores, dando um selo inconfundível à cidade. É a paisagem natural que a envolve, o seu mundo circundante porque os acidentes geográficos e sua atmosfera sentem vibrações varar em todos os sentidos, pelos reflexos do vento, da luz, sobre as águas".

pontes que ligam a ilha do Recife a de Santo Antônio[51] e, as quatro pontes que comunicam esta a Boa Vista[52], apresentam um plano divergente a partir do porto, e exprimem um sentido para malha urbana da capital pernambucana. Várias outras, que cortam diferentes cursos d'água (rio, braços de rios, canais) desempenharam algum papel no processo de expansão e urbanização da cidade.

Figura 13: Cidade de Moldura Líquida do Recife (os meandros das águas do Capibaribe no encontro com o Beberibe; as várias pontes do centro urbano, e os bairros-ilhas do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista).
Fonte: Acervo da Prefeitura da Cidade do Recife

Outro traço urbano condicionado pelo sítio fluvial e deltaico do Recife, segundo Melo (1958, p. 42/46), é representado pelas ruas e avenidas às margens dos rios, com suas casas de lado único a refletirem-se sobre as águas

[51] Ponte Buarque de Macedo, Ponte Conde Maurício de Nassau e Ponte 12 de Março.
[52] Ponte Princesa Isabel, Ponte Duarte Coelho, Ponte da Boa Vista (ou Ponte de Ferro) e Ponte 6 de Março (ou Ponte Velha).

e a participarem do conjunto (rios, pontes e ruas) pitoresco e embelezador da sua paisagem. Também singularizada pelos sobrados altos (de três a cinco andares) e estreitos situados nas áreas mais antigas da cidade (FIGURA 14). Essas construções de exagerada dimensão frente-fundo, altas empenas e telhado agudo, constitui ponto de controvérsia entre os estudiosos no que se refere a sua natureza arquitetônica.[53] Enquanto uns defendem a idéia que resultam da influência holandesa, outros asseguram que a influência é cosmopolita. Todavia, parece haver um consenso[54] quando parcialmente atribuem a fisionomia magra e esguia dos sobrados ao reduzido sítio da cidade (emoldurado pelas águas).

Mesmo na área continental, onde a presença dos braços dos rios diminui, continua-se a encontrar o amoldamento da cidade sob a influência do elemento líquido através dos pântanos e mangues que, ao deixarem os terrenos mais firmes possibilitaram a abertura de ruas, e, conseqüentemente, a ampliação do espaço sólido na área urbana. Outrossim, conforme observado no item precedente, o estabelecimento dos antigos engenhos canavieiros nas margens do Capibaribe e Beberibe permitiram a formação dos núcleos pioneiros de ocupação na parte continental do Recife. O que exerceu uma extraordinária influência na direção que tomou a cidade em sua evolução.

Entre o momento em que foram engenhos e bairros, essas localidades sofreram um longo processo de urbanização gradativa, fazendo-se sentir a influência de diferentes fatores responsáveis pelo aceleramento, retardamento e características que ia recebendo cada uma. As extensas explorações dos engenhos foram substituídas paulatinamente por chácaras ou sítios semi-urbanos cujas casas nobres e sombreadas se voltavam pitorescamente para o rio, importante via de circulação, e de sociabilidade das pessoas da época.

---

[53] De acordo com Gilberto Freyre (1968, p. 59/60), os sobrados antigos é um aspecto da influência holandesa num "Recife que, direta ou indiretamente, deixou-se influenciar como nenhuma outra cidade do Brasil pela arquitetura mais burguesa desenvolvida pelos europeus do Norte da Europa nas suas cidades de beira-mar". Em contrapartida afirma Josué de Castro (1954, p. 160) que "não parece correto falar-se, no caso dos magros sobrados do Recife, em influência holandesa, quando há do mesmo tipo em Lisboa, Amesterdã ou Argel".

[54] É o caso de Aderbal Jurema (1952) e Josué de Castro (1954) que discordando sobre a influência cultural dos sobrados magros da cidade (o primeiro acredita que seja holandesa, e o segundo universal), concordam que os mesmos são assim devidos, em alto grau, às condições do sítio recifense (falta de espaço sólido).

Figura 14: Sobrados e Casarões da Rua da Aurora (o rio Capibaribe e o reflexo das construções nas suas águas).
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Janeiro de 2004.

No entanto, no limiar do século passado, os sítios de arrabaldes, mais ou menos isolados, foram se expandindo de forma acelerada à semelhança de manchas de óleo, ocupando espaços menores e expulsando as atividades rurais. As áreas intermediárias entre os cinco tentáculos iniciais de penetração foram sendo desmembradas e povoadas, e as próprias vias foram se estendendo em outros caminhos e estradas suburbanas. Havia assim, a um só tempo, um desenvolvimento das extremidades, com a ampliação dos transportes coletivos, e um crescimento interno, ocupando os locais outrora desocupados.

Nesse sentido, com a forma de um leque aberto convergindo do centro portuário, os bairros e subúrbios recifenses cresceram seguindo cinco direções principais. No sentido oeste, o rio Capibaribe representou a mais significativa irradiação da cidade, situando nas duas margens da corrente uma ampla

sucessão de bairros e subúrbios.[55] Uma cadeia de bairros com o sentido noroeste, segue o alinhamento do rio Beberibe (Espinheiro, Encruzilhada, Água Fria, Beberibe). Outros bairros situados na direção sudoeste (Afogados, Areias, Tejipió), seguem em demanda dos rios Jiquiá e Tejipió. No rumo norte, paralelamente à linha da costa, na altura do baixo Beberibe, situa-se a quarta sucessão de unidades urbanas do Recife (Santo Amaro, Campo Grande, Sítio Novo, Peixinhos, Tacaruna até Olinda). Finalmente um ramo da cidade alonga-se para o sul atraído pelas águas e areias das praias que aí se encontram (Pina, Boa Viagem) (MELO, Op. Cit., p. 44).

A ocupação para o norte, embora dificultada pela presença dos mangues do rio Beberibe, emana da influência exercida pela cidade vizinha de Olinda. O alongamento irradiado para o sul resulta da atração exercida pelas praias balneárias. E, quanto aos bairros situados no interior da cidade, a noroeste, a sudeste, e, sobretudo, a oeste, a formação desses tentáculos urbanos deriva em grande parte da localização dos engenhos de açúcar espalhados ao longo da planície recifense.

Conforme visto anteriormente, tais propriedades açucareiras evoluíram para arrabaldes, unindo-se uns com os outros e todos com a cidade[56] ao longo das principais vias de transporte, estrategicamente abertas ao lado dos importantes cursos d'águas (Capibaribe, Beberibe, Tejipió, Jiquiá, Jordão e Pina). Formando assim, povoações que originaram os bairros recifenses, a exemplo de Beberibe, Madalena e Várzea, que passam a ser tratados como tal. Com efeito, mostra Bitoun (Op. Cit., p. 44), que no vocabulário urbano utilizado na cidade do Recife, "o desaparecimento da palavra *arrabalde* se deve à sua substituição paulatina pela de *bairro*". Depois, lembra o autor, que

> Na escala do progresso, esta última designação assume uma conotação positiva: mais do que uma delimitação precisa, o *bairro* retrata um status adquirido a partir de uma origem – o engenho ou o arrabalde – e de características de equipamentos e infra-estrutura urbanas – igreja, mercado, ruas pavimentadas, transportes públicos (BITOUN, Op. Cit., p. 44).

[55] Na margem esquerda: Boa Vista, Graças, Aflitos, Casa Amarela, Casa Forte, Apipucos e Dois Irmãos. Na margem direita: Madalena, Torre, Iputinga, Caxangá, Várzea).

[56] No dizer de Melo (1958, p. 44), "Recife os absorveu a todos. Do que eram outrora, só os nomes não mudaram. As várzeas do Capibaribe, condensadora principais de engenhos, guardam hoje, em bairros e subúrbios, velhos e evocativos topônimos a lembrarem a forma primitiva de utilização de suas terras".

No decênio de 1980, consolida-se a proporção e o formato dos bairros e da Região Metropolitana do Recife.[57] Os cinco tentáculos iniciais de expansão urbana resultantes dos caminhos de circulação terrestre e dos condicionantes históricos e topo-hidrográficos da planície, acabam por projetar a origem das 6 Regiões Político-Administrativas (RPA's), nas quais se encontra dividido o município do Recife na atualidade (MAPA 03).

Hierarquicamente, as antigas freguesias[58] ou paróquias, ao passarem ao controle do estado, deram origem às Zonas Administrativas do município, por iniciativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que contabilizara a população por meio dessas zonas, em recenseamentos nos anos de 1950, 60, 70 e 80. Na década de 1980 essas Zonas Administrativas já se encontram espacializadas no território recifense, apresentando outro dado administrativo – os setores censitários, que as dividem em porções menores – os bairros ou zonas eleitorais, impondo limites que vão ser absorvidos e incorporados na nova divisão político-administrativa do município, no final dos anos 90 (Decreto Lei 16. 213/97). Por esse decreto o município do Recife fica dividido em 94 bairros, agrupados em 6 regiões político-administrativas cada qual nomeada e definida por coordenadas geográficas e por números: RPA1 - Centro (11 bairros), RPA2 - Norte (18 bairros), RPA3 - Noroeste (29 bairros), RPA4 - Oeste (12 bairros), RPA5 - Sudoeste (16 bairros) e RPA6 - Sul (08 bairros).

[57] Segundo dados do IBGE (2000), a cidade do Recife apresenta uma população domiciliada da ordem de 1.358.199 habitantes numa área de 214 km² e comanda uma Região Metropolitana composta por treze municípios (Abreu e Lima, Araçoiaba, Cabo de Santo Agostinho, Camaragibe, Igarassu, Ipojuca, Itamaracá, Itapissuma, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Olinda, Paulista, São Lourenço da Mata) com uma população superior a 3.500.000 habitantes, espalhada num território de 2.238 km².

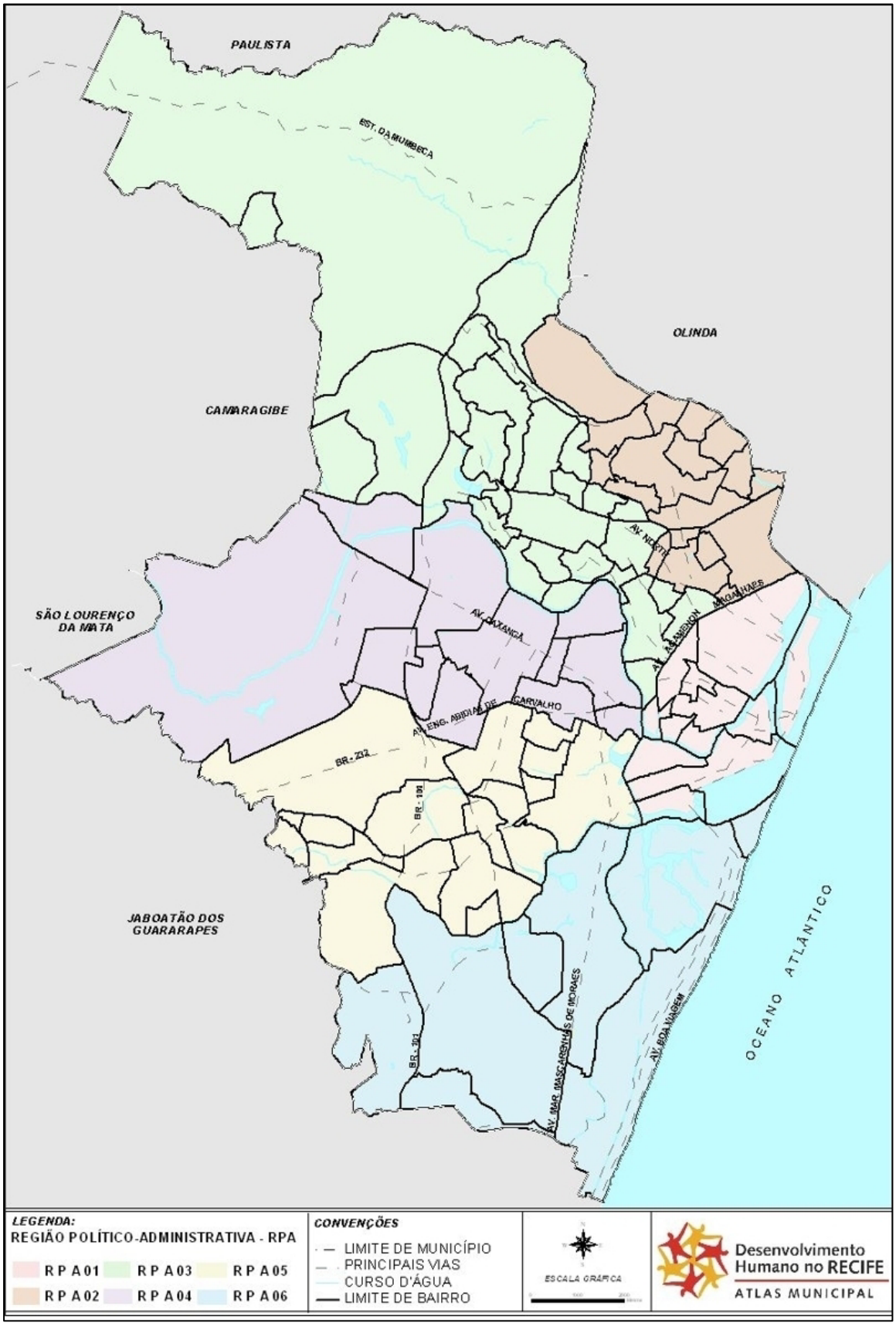
[58] Sobre as freguesias recifenses, ver-se o estudo de Barros (2002), que através do Censo Domiciliar da primeira década do século XX, obtido no IBGE, e das informações contidas no *Diccionário Chorografico, Histórico e Estatístico de Pernambuco* de Sebastião Galvão, editado em 1910, formula um quadro indicando o número de habitantes e a quantidade de domicílios das freguesias existentes na época, sendo elas em número de 13: Recife, Santo Antônio, 1ª e 2ª distritos de São José, Boa Vista, Santo Amaro, Graças, Encruzilhada, Afogados, Madalena, Torre, Peres, Poço da Panela e Várzea. Neste estudo, Barros (Op. Cit.) ainda esboça um desenho esquemático dos possíveis limites das freguesias no município do Recife, tomando como base as descrições do dicionário e as Regiões Político-Administrativas atuais.

A Região Político-Administrativa 1 Centro (RPA 1), contém os primeiros bairros da cidade (MAPA 04), formadores do núcleo primitivo urbano[59], que nasceu com o porto do Recife. Têm-se nesta região os elementos principais e peculiares da formação e da evolução da cidade, como as pontes, as igrejas, os fortes e diversos outros monumentos alusivos à sua historicidade.

Nesta área deltaica, mais especificamente nos bairros do Recife e Santo Antônio, iniciou-se a expansão da cidade entre a segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII. Constituiu-se originalmente de um conjunto de estreitas ilhas e camboas, resultantes das ações de depósito, trazidos pelos rios e pelas correntes marítimas e do aterro de manguezais, em diversos momentos da história. A ocupação, restrita a uma pequena povoação, era conduzida por marinheiros, carregadores e pescadores, morando na extremidade meridional do antigo cordão litorâneo, ou restinga, projetado a partir de Olinda. Até a chegada dos holandeses (1630), a pequena vila de mareantes dependia da vizinha Olinda – local de moradia da aristocracia açucareira.

Os invasores preferiram se estabelecer nas terras baixas do Recife, seja porque o sítio de Olinda não favorecia aos seus interesses militares e comerciais, seja pela semelhança da planície recifense com as terras da Holanda. A ocupação foi se realizando por soldados, colonos, habitantes de Olinda (incendiada pelos holandeses) e por imigrantes judeus. Conforme visto anteriormente, a intervenção holandesa constituiu-se um fator decisivo para o direcionamento dos eixos de urbanização da parte central do Recife, com a construção de fortes e redutos para impedir os ataques por terra e, também, através da intervenção planejada de Maurício de Nassau, com o erguimento de pontes, canais, e diques. Essas obras visavam propiciar a ligação da cidade-porto com a sua hinterlândia agrícola, que começava logo a oeste da área propriamente deltaica da planície, a partir de onde se estendiam as terras dominadas pelos canaviais e pelos engenhos.

[59] A Região Político-Administrativa RPA1, é constituída pelas unidades urbanas mais antigas da cidade (Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista) e pelos bairros da periferia imediata do centro (Ilha do Leite, Soledade, Paissandu, Cabanga, Joana Bezerra, Santo Amaro e Coelhos). Abrange uma área de 15,72 km², ocupada por uma população de 78.098 habitantes, segundo informações contidas no Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife (2005).



Mapa 03: A Cidade do Recife e suas Regiões Político-Administrativas
Fonte: Atlas Municipal de Desenvolvimento Humano no Recife, 2005.

Mapa 04: Região Político-Administrativa Centro – RPA1
Fonte: Atlas Municipal de Desenvolvimento Humano no Recife, 2005

No entanto, a ocupação urbana dos espaços do atual bairro da Boa Vista somente foi iniciada e desenvolvida no século XVIII. Originou-se a partir da via

que surgiu em continuação à ponte (anterior à da Boa Vista) que se chamaria de Ponte Velha (a primeira do bairro). A expansão da cidade pelas terras que iriam constituir o referido bairro ocorrera muito lentamente e ainda não se havia completado nos fins do século XIX.[60] No entanto, com o crescimento do Recife processado no início do século XX a partir do desenvolvimento dos transportes terrestres, os bairros centrais começaram a se unir com maior precisão aos arredores da cidade. Criando novos caminhos e habitações, estruturadas por redes de abastecimento de água, de energia elétrica, e, muitas vezes, de ruas pavimentadas.

Atualmente, os bairros centrais mostram-se plenamente integrados à cidade e ainda se prendem a algumas de suas funções originais; o bairro do Recife, não obstante o enfraquecimento de suas atividades constitui-se ainda um distrito portuário, com seus armazéns, com o comércio grossista, sedes dos principais bancos, etc. Sua população é insignificante, porém apresenta uma interessante vida noturna decorrente da revitalização ocorrida no bairro durante o derradeiro decênio do século XX. O que promoveu a criação de um pólo tecnológico e de um pólo turístico, este estruturado por uma série de empreendimentos comerciais e por uma diversificada rede de serviços (centros culturais, bares, espaços de compras, dentre outros).

Marcado por seus edifícios públicos monumentais (Palácio do Governo, Secretária da Fazenda, Arquivo Público, Teatro Santo Isabel, Palácio da Justiça), o bairro de Santo Antônio também se individualiza pelas atividades comerciais existentes ao longo da Av. Guararapes, pelas s igrejas coloniais, pelas praças públicas (da República e da Independência), e pelas ruas cívicas. Por apresentar uma extensão territorial reduzida, algumas repartições públicas se expandiram, inicialmente pelo bairro da Boa Vista (Assembléia Legislativa, Ginásio Pernambucano), e depois por Santo Amaro (o Departamento de Estradas de Rodagem, a Vice-Governadoria, as instalações da Base Naval, entre outros).

[60] É tanto verdade, que o cemitério de Santo Amaro "data de 1851 e foi construído deliberadamente fora da área urbana recifense. O fato está ligado às concepções sanitárias da época em função do problema da propagação da febre amarela e implica em singular início de ocupação urbana do lugar: a ocupação pelos mortos, ressalta Melo (1978, p. 57/58).

Ao adentrar por São José, realça Josué de Castro (Op. Cit., p. 14), o Recife orientaliza-se. Pois, este bairro, em relação aqueles anteriormente aludidos, possui “um aspecto quase suburbano, inteiramente diferente, com suas ruas atropeladas, enoveladas, com suas casas em promiscuidade, com seus pequenos funcionários públicos de vida apertada para parecer classe média” (CASTRO, Op. Cit., p. 14). Bairro do comércio de artigos baratos, do Mercado de São José, da Rua Direita e da Rua do Livramento, das travessas, dos becos (Sirigado e do Marroquim), dos feirantes e ambulantes, do carnaval, do Galo da Madrugada...

O bairro da Boa Vista, por sua vez, que sofrera grande impulso em seu crescimento no século XIX, além da função residencial, de população de classe média e média alta, vem também consolidando o comércio. Outrossim, o bairro passa a ser utilizado para instalações de repartições públicas, de escolas secundárias e superiores, de consultórios médicos, de centros de compras, de escritórios, de agências bancárias, etc.

Dos limites da Boa Vista e Santo Amaro, segue o alinhamento de bairros em demanda do rio Beberibe. Constituindo-se na Região Político-Administrativa 2 Norte (RPA 2) do Recife[61], composta por um quadro fisiográfico plano e outro de domínio dos morros. Até o final do século XVII esta porção da cidade era ocupada por alagados e sítios. Caminhos rurais ligavam o centro do Recife com Olinda e Beberibe. O advento dos trilhos urbanos, em direção ao referido bairro e a cidade de Olinda favoreceram a urbanização, então dificultada pela presença de extensos manguezais comuns naquela região.

Na década de 40 do século XX, inicia-se a ocupação dos morros, a partir dos bairros de Água Fria e Beberibe. Assim sendo, os primeiros elevados da RPA 2 a serem ocupados foram os Altos de Beberibe e do Pascoal. A área correspondente aos morros da Zona Norte é ainda constituída pelos bairros de Cajueiro, Linha do Tiro, Fundão, Bomba do Hemetério, Alto Santa Terezinha e

[61] A Região Político-Administrativa 2 Norte (RPA 2), é formada pelos bairros do Arruda, Campina do Barreto, Campo Grande, Encruzilhada, Hipódromo, Peixinhos, Ponto de Parada, Rosarinho, Torreão, Água Fria, Alto Santa Terezinha, Bomba do Hemetério, Cajueiro, Fundão, Porto da Madeira, Beberibe, Dois Unidos e Linha do Tiro. Todos esses bairros ocupam uma área de 14,89 km², perfazendo uma população de 205.986 habitantes, a maior densidade demográfica das regiões administrativas da cidade.

Dois Unidos. Apresentam-se bastante populosos, com altíssimas densidades demográficas nos setores mais próximos do centro e de ocupação mais antiga.

Nessa perspectiva, vale destacar que a ocupação dos morros recifenses é recente, contemporânea do expressivo fluxo migratório em demanda da capital oriundo das áreas rurais do Nordeste. Teve o seu auge nos anos quarenta, cinqüenta e sessenta do século passado. Associados a esta imigração, outros fatores contribuíram à urbanização dos morros: a expulsão de mocambos localizados nos alagados do centro, as limitações ao adensamento da várzea do Capibaribe provocadas pelas enchentes, a construção pelo Poder Público de conjuntos populares (as Unidades Residenciais – UR´s) facultando o acesso aos morros da zona sul e a comercialização de terrenos via loteamentos irregulares (BITOUN, 1996, p. 48).

A comunhão destes fatores no contexto do forte crescimento demográfico, natural e migratório, elevou a população recifense dos 342.740 habitantes em 1940 para os 1.300.000 em 1991. A ocupação dos morros representou assim uma alternativa para a população de baixa renda quando se reduziram as disponibilidades do espaço sólido, seja por conta das freqüentes enchentes, seja por conta da acelerada transformação em mercadoria do solo urbano e dos aterros nos antigos alagados da planície. A esse respeito, acrescenta Bitoun que a expansão recente da cidade no ambiente dos morros, expressa a

> (...) permanência de uma importante proporção de população pobre na população total do Recife, fato já registrado por viajantes do século XX e atestado pelo Censo de 1913 que registrava 43% de mocambos no total de domicílios de uma cidade então limitada à planície. Essa permanência chama atenção quando, segundo Censo de 1991, mais de 35,5% dos domicílios se localizam em aglomerados subnormais; configura-se, portanto, num fato estrutural devido a uma secular impotência da economia urbana em gerar condições satisfatórias de acesso ao solo e à moradia para uma parcela significativa das famílias recifenses (BITOUN, Op. Cit., p. 48).

No tocante à Região Político-Administrativa 3 Noroeste (RPA 3), sua ocupação resulta dos pequenos entrepostos comerciais e dos engenhos de açúcar instalados desde os séculos XVI e XVII às margens do Capibaribe

(MAPA 06). [62] De onde surgiram também outros povoados espalhados ao longo dos caminhos terrestres que interligavam a área central e o interior.

Até o último quartel do século XVIII, os atuais bairros dessa região eram ocupados por sítios e chácaras, do Derby à Tamarineira, e por engenhos, de Santana ao Monteiro. Durante o século XIX, as propriedades açucareiras ao norte do Capibaribe se transformaram em povoados de residências temporárias, cada vez mais permanentes com a emergência dos trens suburbanos, dando origem aos arrabaldes residenciais de Casa Forte, Poço e Arraial.

Atualmente, a expansão desses bairros resulta da substituição de casas térreas por edifícios, denotando um processo continuado de verticatilização. Outrossim, o crescimento horizontal da RPA 3 processa-se mais no sentido oeste, em bairros onde encostas e topos estão em via de adensamento ou ocupação (Macaxeira, Nova Descoberta, Vasco da Gama, Brejo da Guabiraba, Passarinho, e Córrego do Jenipapo). Ou ainda, nos bairros de Sítio dos Pintos e Guabiraba, na extremidade oeste da planície, onde há uma predominância de matas e chácaras com alguns assentamentos populares em expansão.

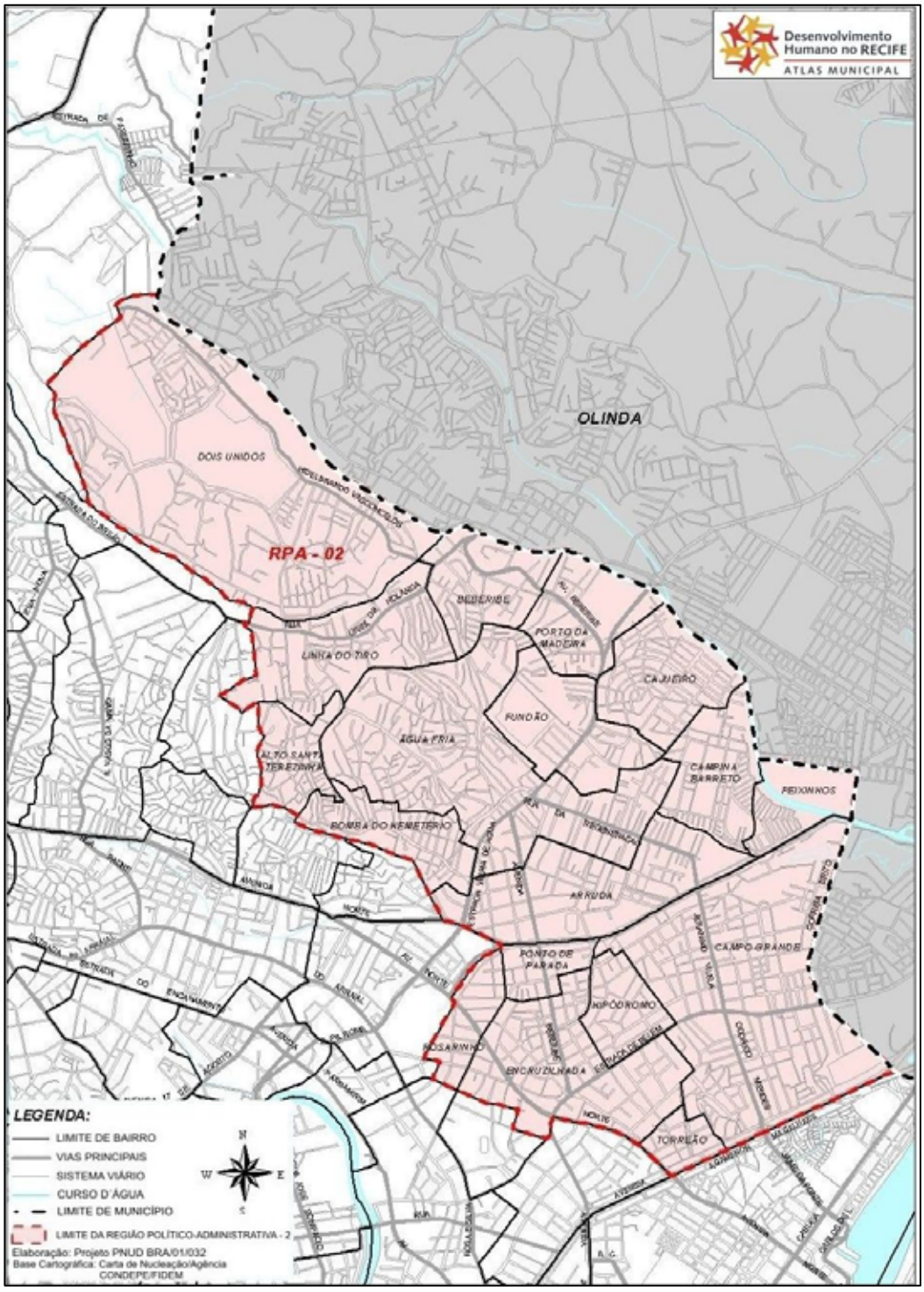
O surgimento dos bairros situados na Região Político-Administrativa 4 Oeste (RPA 4)[63], vincula-se aos caminhos que interligavam as ilhas e o porto ao continente (MAPA 07). A exemplo da Estrada de Caxangá (hoje, Avenida Caxangá) que seguia em direção ao povoado mais próspero da Várzea, tido na época como um importante centro histórico e sede paroquial que atendia às necessidades dos engenhos situados na planície do Capibaribe (Torre, Madalena, Cordeiro, Engenho do Meio, São João e Santos Cosme e Damião).

Até a primeira metade do século XX conservou-se nessas localidades a fisionomia dos sítios semi-urbanos circundados por extensas propriedades.

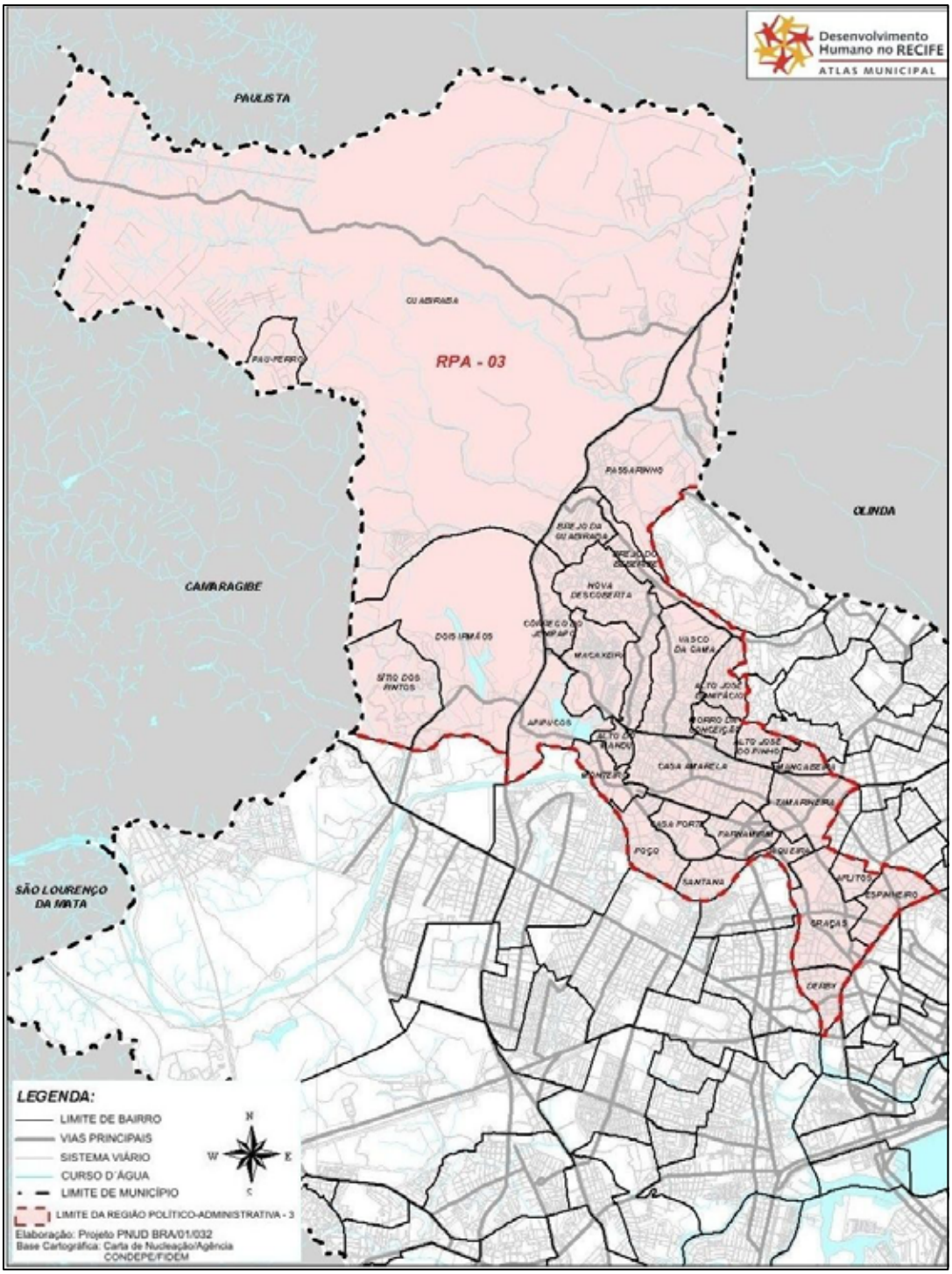
[62] A Região Político-Administrativa 3 Noroeste (RPA 3) é composta pelos bairros dos Aflitos, Alto do Mandú, Apipucos, Casa Amarela, Casa Forte, Derby, Dois Irmãos, Espinheiro, Graças, Jaqueira, Monteiro, Parnamirim, Poço da Panela, Santana, Sítio dos Pintos, Tamarineira, Alto José Bonifácio, Alto José do Pinho, Mangabeira, Morro da Conceição, Vasco da Gama, Brejo da Guabiraba, Brejo de Beberibe, Córrego do Jenipapo, Guabiraba, Macaxeira, Nova Descoberta, Passarinho e Pau de Ferro. A região noroeste do Recife ocupa um território de 77,37 km², com uma população estimada de 283.525 habitantes.

[63] A Região Político-Administrativa 4 Oeste (RPA 4) é formada pelos bairros de Caxangá, Cidade Universitária, Cordeiro, Engenho do Meio, Ilha do Retiro, Iputinga, Madalena, Prado, Torre, Torrões, Várzea e Zumbi. A RPA 4 possui uma população estimada de 253.015 habitantes, numa área territorial de 41,94 km².

Contudo, na segunda metade deste mesmo século, houve a conformação da Cidade Universitária, no bairro da Várzea, e o estabelecimento até os anos de 1970 de várias indústrias nas outras unidades da RPA.



Mapa 05: Região Político-Administrativa Norte – RPA2
Fonte: Atlas Municipal de Desenvolvimento Humano no Recife, 2005

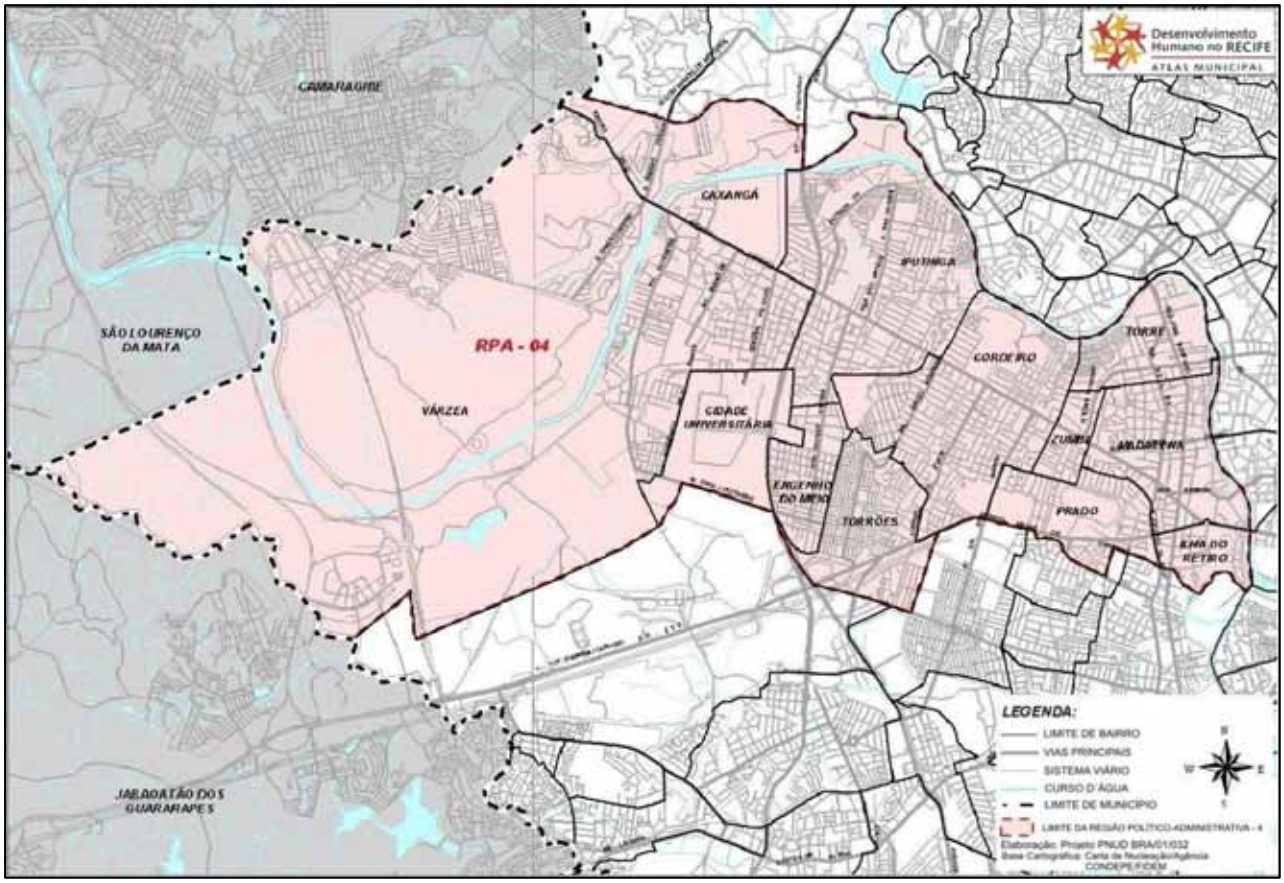


Mapa 06: Região Político-Administrativa Noroeste – RPA3
Fonte: Atlas Municipal de Desenvolvimento Humano no Recife, 2005.

Nesse mesmo período, na Avenida Caxangá, iniciou-se a dilatação e a expansão ocupacional em toda sua extensão, sobretudo nos bairros do Cordeiro e Iputinga, resultando num expressivo crescimento populacional. Atualmente, esses bairros apresentam um crescente adensamento com o

advento de inúmeros condomínios habitacionais, bem como de outros tipos residências notadamente consideradas subnormais.

A Região Político-Administrativa 5 Sudoeste (RPA 5)[64] tem seu processo de urbanização iniciado a partir do século XVII, no bairro de Afogados, quando ocorre a invasão holandesa, e com ela o surgimento do forte do Príncipe Guilherme (MAPA 08). No decorrer do século XVIII, com a expansão das áreas aterradas, houve o aceleramento da ocupação. Especialmente após a construção de uma ponte de madeira, que facilitou o acesso àquela parte da cidade banhada pelos rios Tejipió e Jiquiá.

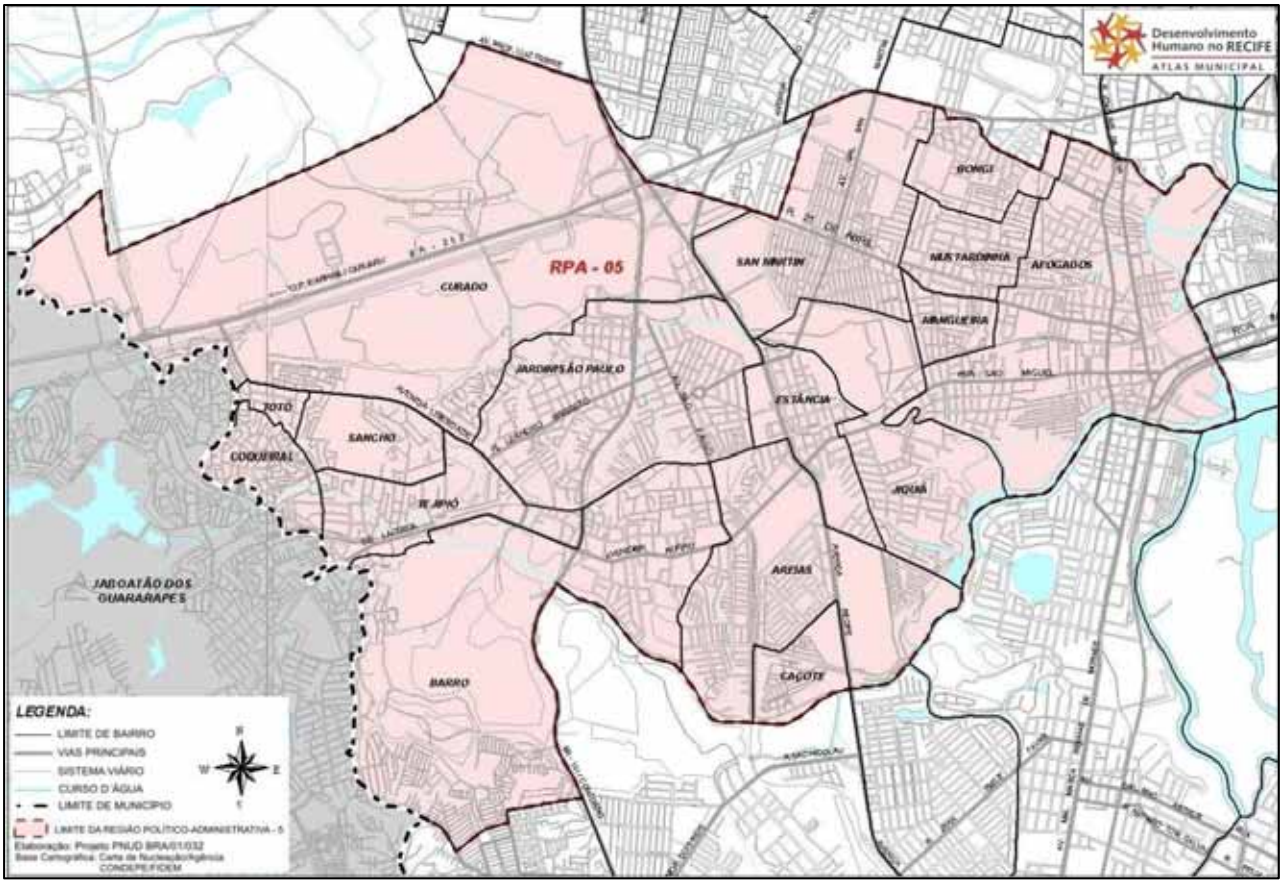


Mapa 07: Região Político-Administrativa Oeste – RPA4
Fonte: Atlas Municipal de Desenvolvimento Humano no Recife, 2005.

[64] Situada a sudoeste do centro urbano do Recife, a Região Político-Administrativa 5 (RPA 5) é composta pelos bairros de Afogados, Bongi, Mangueira, Mustardinha, San Martin, Areias, Caçote, Estância, Jiquiá, Barro, Coqueiral, Curado, Jardim São Paulo, Sancho, Tejipió e Totó. O conjunto dessas unidades somam um total de 248.483 mil habitantes, ocupando uma área de 30,09 Km².

Outro aspecto relevante de sua ocupação refere-se aos caminhos do açúcar que possibilitou a abertura de inúmeras estradas, passando a conectar mais rapidamente a área portuária com as localidades do continente. Deste período, tem-se como exemplo o caminho entre Afogados e Jaboatão, que permitiu o surgimento e evolução dos povoados de Areias, Estância, Barro e Tejipió.

Dessa forma, a constituição dos bairros da RPA 5 está associada a emergência dos caminhos rurais, que coincide com o período de expansão da cultura canavieira. O açúcar advinha das regiões mais distantes e descarregava sua produção nos “passos”, pequenos entrepostos de trocas, como Afogados e Jiquiá. Com a chegada do século XIX, estas localidades foram evoluindo, muito em função da modernização dos transportes coletivos, que possibilitaram a consolidação dos pequenos aglomerados localizados às margens das estradas da época.



Mapa 08: Região Político-Administrativa Sodoeste – RPA5
Fonte: Atlas Municipal de Desenvolvimento Humano no Recife, 2005.

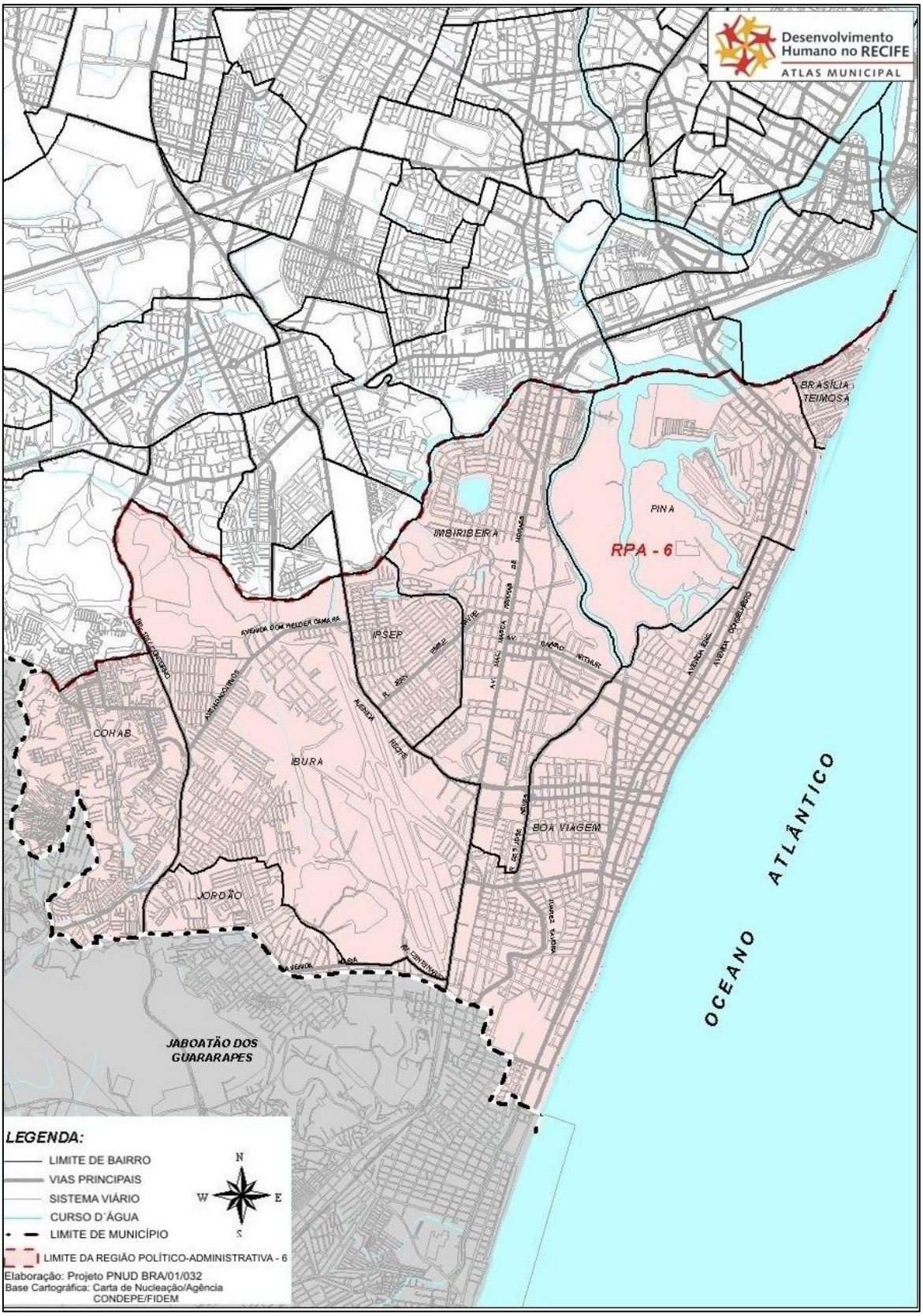
No transcorrer do século XX, ocorre a expansão ocupacional do bairro de Tejipió, principalmente, ao longo da Avenida de São Miguel. Ali próximo, na década de 1950, inicia-se "a ocupação dos morros ao sul da cidade, com a construção dos conjuntos habitacionais da Companhia de Habitação Popular de Pernambuco (Cohab), justificando o crescimento populacional de 51,30%" (PONTUAL, Op. Cit., p. 52).

No que diz respeito à Região Político-Administrativa 6 Sul (RPA 6)[65], esta iniciou seu processo de urbanização a partir do decênio de 1920, quando foi construída uma ponte, atravessando a bacia do Pina e a Avenida Beira Mar (MAPA 09). O que ampliou o sistema viário da cidade facilitando o acesso às ilhas do Pina, então ocupadas por pescadores e carregadores, e às areias de Boa Viagem, que foi se transformando em local de veraneio.

Na segunda metade do século XX, com a popularização das praias na cidade e a proximidade do aeroporto, os bairros de Boa Viagem e do Pina assistiram um acentuado crescimento urbano, sobretudo durante os decênios de 60, 70 e 80. Neste interstício, os bairros presenciaram um período de profundas metamorfoses, impulsionado por uma forte especulação imobiliária nas Avenidas Boa Viagem e Navegantes, e pelos deslocamentos populacionais provenientes de outras áreas da cidade. Registra-se também nesse período o surgimento de uma população pobre numa área litorânea situada na margem direita da bacia do Pina, que depois se chamaria Brasília Teimosa.

Vale destacar igualmente, ao longo dos anos de 1950 a 1960, a acelerada ocupação das áreas entre a faixa litorânea e a Av. Imbiribeira, assim como a oeste dessa última avenida, com o surgimento dos bairros de Imbiribeira, Ibura e Jordão, com exceção dos mangues espalhados às margens dos rios Jordão e Pina. Naquela época, tais mudanças resultaram num expressivo crescimento populacional da área (171,34%), o maior registrado entre os bairros da cidade, conforme aponta Pontual (Op. Cit., p. 53).

[65] Constituída pelos bairros de Boa Viagem, Brasília Teimosa, Imbiribeira, IPSEP, Pina, Ibura, Jordão e COHAB, a Região Político-Administrativa 6 sul (RPA 6) do Recife possui uma área territorial de 38,74 Km², totalizando uma população de 353.798 habitantes, a maior de todas as regiões da cidade.



Mapa 09: Região Político-Administrativa Sul – RPA6
Fonte: Atlas Municipal de Desenvolvimento Humano no Recife, 2005.

Na ordem do dia, o processo de urbanização da RPA 6 apresenta-se mais vinculado ao crescimento do município vizinho de Jaboatão dos Guararapes, especificamente à beira-mar dos bairros de Piedade e Candeias, conurbada com Boa Viagem. Convém mencionar também que nos morros da zona sul, a oeste do aeroporto, localiza-se outro pólo de concentração populacional do Recife, prolongado pelo Distrito de Cavaleiro em Jaboatão, sendo representado pelos “bairros do Ibura, Cohab e Jordão que, em conjunto, foram durante os anos oitenta a maior área de crescimento demográfico da cidade” (BITOUN, Op. Cit., p. 47).

Dessa forma, resumidamente processou-se a formação dos atuais bairros do Recife, e, por conseguinte, de suas unidades administrativas. Contudo, faz-se necessário ressaltar que a divisão territorial da cidade, não corresponde aos limites perceptivos de seus habitantes, tampouco à dimensão vivida de cada bairro, mas somente a unidades estatísticas que permitem aliar dados censitários e outros oriundos dos cadastros municipais. Todavia, adverte Bitoun, que esses

> (...) não podem ser usados, senão com muita cautela, para inserir dados levantados em pesquisas diretas com informantes (moradores e mesmo técnicos), já que os nomes dos bairros e sobretudo os seus limites não correspondem à apreensão do homem comum (BITOUN, Op. Cit, p. 52).

Comungando com tal raciocínio e entendendo o bairro como uma unidade urbana de vivência íntima, a referência que o usuário tem de pertencimento ao lugar, buscar-se-á nesse instante enforcar o bairro de Água Fria. Concebendo-o não apenas como um espaço físico delimitado, com suas formas e funções específicas, mas à luz da sua historicidade. Ou seja, do pequeno sítio de arrabalde ligado à freguesia de Beberibe (século XIX) ao bairro crescido em torno da estação Chapéu do Sol (século XX). Logo, como um lugar da materialização urbana da vivência cotidiana.

III Capítulo

DE CHAPÉU DO SOL A ÁGUA FRIA

O SURGIMENTO DE UM BAIRRO NA ZONA NORTE DO RECIFE

Mas não é só junto ao rio
que o Recife está plantado
hoje a cidade se estende
por sítios nunca pensados
dos subúrbios coloridos
aos horizontes molhados

Carlos Pena Filho

3.1 Nos Meandros Históricos de Beberibe: a Gênese de um Bairro

Beberibe se constitui num dos endereços mais tradicionais de Olinda e Recife[66]. Situado na área limítrofe entre os dois municípios (FIGURA 15), o bairro de importante viés histórico remonta à primeira metade do século XVI. Emana da construção de um engenho de açúcar à margem do rio que lhe empresta o nome[67], ao que se seguiu à vinda de inúmeros colonos após a concessão de diversos lotes de terra para a exploração da cultura canavieira e outros gêneros de lavoura.

Naquela época, marcada pelo apogeu do açúcar no Brasil, as terras de Beberibe, somadas com as de Casa Forte e uma parte da Várzea formavam uma única e extensa data de terra, que fora doada pelo primeiro donatário de Pernambuco Duarte Coelho, a Diogo Gonçalves, auditor da gente de guerra da capitania, a título de dote, por ocasião do seu matrimônio com D. Isabel Fróis, afilhada da rainha D. Catarina, mulher de D. João III.[68]

Celebrado o casamento, e de posse das suas terras, tratou logo Diogo Gonçalves do levantamento de um engenho de açúcar, situando-o na paragem mais próxima da capitania de Olinda, à margem direita do rio Beberibe, e no próprio lugar onde hoje se encontra o bairro. Neste local, o engenho denominado Nossa Senhora da Conceição apresentava uma interessante

---

[66] O bairro de Beberibe situa-se na Região Político-Administrativa 2 (norte) da cidade do Recife, numa área de 0,5 Km² ocupada por uma população residente de 8.629 habitantes. In: Atlas de Desenvolvimento Humano do Recife - 2005.

[67] Sobre a origem do vocábulo Beberibe "há várias versões, entre as quais a de Paulino Nogueira, que atribuiu o nome a um ajuntamento das palavras indígenas vila e pype, que quer dizer: *lugar onde cresce a cana.* O Padre Luís de Montoya já dizia que o significado vem de bebé e ribe, que quer dizer voar em bando, referindo-se aos pássaros que se reúnem nas margens do rio, voando depois em bandos; e ainda Alfredo Carvalho, que atribuiu o nome à expressão tupi Iabebir-y, que quer dizer rio das raias ou peixes chatos. Em qualquer das hipóteses, todas elas aliás sujeitas a modificação ortográfica, pelo uso da corruptela, têm como resultado o nome atual de Beberibe. Em um mapa levantado por Barleaus, quando da invasão holandesa, encontramos, por exemplo, a referência ao nome Jababiri, e em vários outros mapas, copiados em Portugal por José Antônio Gonçalves de Melo Neto, anotamos incidentemente a referência do nome de Bibiribe" (GUERRA, 1961, p. 207).

[68] De acordo com Costa (1983, vol. 1, p. 158), D. Isabel Fróis "viera de Portugal em 1535 em companhia de D. Brites de Albuquerque, esposa do referido donatário, quando veio ele fundar a colônia, com recomendações daquela rainha para – a sua acomodação, - ao que generosamente satisfez D. Brites, casando-a com o dito auditor (Diogo Gonçalves), e dando-lhe em dote as terras de Beberibe, onde fundou ele os engenhos de Santo Antônio da Várzea, da Casa Forte e o de Beberibe, para cada uns dos seus três filhos".

disposição triangular, com a casa da vivenda ao centro, tendo mais ao norte o edifício da fábrica e mais a oeste, numa ponta angular, a capela.[69] O auditor ainda levantou nas terras da Várzea um engenho à margem do Capibaribe, chamado Santo Antônio, e nas de Casa Forte construiu outro de denominação homônima à localidade.

Em 1609, pertencia o engenho de Beberibe a Leonardo Fróis, herdeiro dos primeiros proprietários, e que, abandonando-o à entrada dos holandeses, e militando na campanha movida contra eles, em 1635, se recolhera ao Arraial do Bom Jesus.[70] No ano de 1637, era o engenho do colono Antônio de Sá, quando foi confiscado pelos flamengos e vendido a Duarte Saraiva por dez mil florins, tendo então a denominação batava de *Eenkalchoven*. Anteriormente, porém, era também conhecido por Engenho Velho de Beberibe, "acaso da circunstância de ser o primeiro que levantara o auditor Diogo Gonçalves nas terras de sua propriedade" (COSTA, 1983, vol. 4, p. 158).

Durante o domínio holandês (1630-1654), os pitorescos e interessantes aspectos da propriedade açucareira foram registrados pelos pintores da comitiva científica do príncipe Maurício de Nassau, e consta de um dos mais belos quadros existentes na exposição oferecida anos depois ao rei Luís XV, da França, e com a seguinte inscrição: *La riviére se nome Bibaribe; de dela cést um moulin à sucre avec la demeure Du seigneur, ET plus haut la chapelle (O rio se chama Bibaribe; lá tem um moinho de açúcar com a morada do senhor, e mais acima a capela)*.[71]

Expulsos os invasores, reivindicaram os herdeiros de Antônio de Sá os seus direitos de posse, no que foram atendidos pelas autoridades portuguesas, reservando às terras para o direito de José de Sá e Albuquerque, que não se preocupando mais com a indústria açucareira (naquele instante já em declínio),

[69] Ali próximo, em 1542, Jerônimo Albuquerque construiu em uma grande data de terra, de doação donatarial a título de sesmaria, o engenho Nossa Senhora da Ajuda, situado na margem esquerda do Beberibe, a três quilômetros acima do Varadouro, onde atualmente encontra-se o bairro de Peixinhos, e que foi a primeira fábrica de açúcar levantada em Pernambuco (CAMPOS, 1991, p. 51).

[70] Durante a invasão holandesa, criou-se em Beberibe, no ano de 1630, uma estância militar sob a liderança do general Matias de Albuquerque, com o objetivo de estabelecer "uma rede de linhas de defesa para apertar o invasor holandês na praça do Recife e interceptar a sua comunicação com o interior do país" (COSTA, 1983, vol. 4, p. 159).

[71] In: COSTA, F. A. Pereira da. **Anais Pernambucanos**. vol. 1, Recife: FUNDARPE, 1983. p. 159.

transformou a propriedade na Fazenda Beberibe. Estando o engenho de fogo morto, a fazenda de “uma légua de terra” acabou por dedicar-se “apenas à exploração das matas, em que havia abundantes madeiras de todos os gêneros para construções, e ao fabrico do carvão vegetal” (GUERRA, Op. Cit., p. 208). No lugar chamado Porto da Madeira (hoje, bairro de denominação homônima), o material retirado das matas era embarcado, seguindo rio abaixo, até seu destino na cidade de Olinda.

Tempos decorridos, porém, retornou a propriedade aos sucessores legítimos do seu primitivo proprietário e fundador do engenho. Com efeito, em 1739, pertencia Beberibe ao coronel Jacinto de Freitas da Silva[72], fidalgo da casa real, que cedeu uma significativa área de sua propriedade a uma irmandade religiosa, composta de moradores da localidade, para que se erguesse ali um templo religioso, o qual, com algumas mudanças e reformas, é o mesmo que ainda se encontra hoje erguido, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição do Beberibe. As obras de construção do templo, iniciadas em 1743, somente foram concluídas em 1767, quando foi aberta a igreja ao culto público.[73]

Nesse momento, com as mudanças processadas no povoado, os antigos aspectos do velho feudo açucareiro foram desaparecendo. E já em meados do século XVIII não mais havia vestígios da capela ou do engenho, enquanto aos poucos se ia verificando uma invasão de novos proprietários, pela negociação de lotes isolados de terras, surgindo, então, a fisionomia de povoado próspero, com uma crescente indústria de carvão vegetal, associada a uma diversificada lavoura de cereais, fabrico de farinha de mandioca e outros gêneros de trabalhos. A título de exemplo, o industrial Antônio José Souto introduziu no

[72] Conforme lembra Costa (1983, vol. 4, p. 54), o coronel Jacinto de Freitas da Silva, nascido em 1680, era filho do tenente general Antonio de Freitas da Silva, que militara com distinção na revolta contra os holandeses em Pernambuco e na Bahia, onde faleceu, e de sua mulher D. Jeronyma Paes Daltro, filha de Jerônimo Paes Daltro, casado com D. Isabel Gonçalves Fróis, filha do auditor Diogo Gonçalves e D. Isabel Fróis.

[73] Na capela de Nossa Senhora da Conceição de Beberibe, descansam os restos mortais dos seus bem feitores, os últimos proprietários das terras do extinto engenho, encerrando sua serie, D. Josepha Francisca de Freitas e Silva, falecida em 1856 (GALVÃO, Op. Cit., vol. 1, p. 54/ 55)

povoado a cultura da planta do anil, construindo uma fábrica para sua manipulação, no ano de 1772, à margem direita do rio Beberibe.[74]

No início do século XIX, ao visitar as cidades do Recife e Olinda, o cronista francês Tollenare (1978, p. 22) descreveu aspectos interessantes do arrabalde de Beberibe, tido como um pitoresco povoado de fisionomia bucólica, refúgio aprazível de negros e mulatos, conforme se observa nas linhas seguintes:

> Deixando o Recife passa-se pelo povoado de Beberibe, situado sobre o rio do mesmo nome, ornado de lindas casas de campo; e que ali se lava quase a maior parte da roupa do Recife, onde há falta de água doce. (...) todo esse espaço é muito bem povoado por brasileiros, mulatos e negros livres: as casinhas e os jardins se sucedem a pouca distância (TOLLENARE, 1978, p. 22).

Naquele instante, o abastecimento de água na capital pernambucana constituía séria dificuldade desde a época colonial, pois nas imediações da área habitada não havia nenhuma vertente de boa qualidade para atender o consumo da população. Os seus habitantes utilizavam a água do rio Beberibe (FIGURA 15), comumente captada em locais que estivessem isentos da influência das marés, a exemplo do povoado de Beberibe localizado no médio curso do rio, ou mesmo da antiga represa do Varadouro, situada no curso terminal do referido hidrônimo, nas proximidades do istmo de Olinda. Desses locais era retirada a água potável, transportada em canoas para ser comercializadas nas vilas do Recife e Olinda, então mal abastecidas por poços, cacimbas, bicas, etc.

Anos mais tarde, porém, o abastecimento do Recife ficou a cargo da *Companhia Beberibe*[75] (1838-1912), que optou pela canalização do manancial da Prata (hoje, Mata de Dois Irmãos) em detrimento à captação das águas do Beberibe. A vila de Olinda, por sua vez, continuou a se beneficiar deste rio, sobretudo após a emergência da *Companhia de Santa Tereza* (1870-1933). Uma empresa de origem recifense[76] que iniciou suas atividades inaugurando um chafariz público no Varadouro, abastecido pelas águas do mencionado rio e

[74] Tal fábrica constituía-se num grande prédio de dois pavimentos, cujas ruínas avistavam-se ainda no ano de 1881, conforme lembra Costa (1983, vol. 6, p. 342).
[75] A propósito da implantação e funcionamento da Companhia Beberibe ver o estudo de Jucá (1979).
[76] Segundo Campos (1991, p. 34), a empresa "foi fundada, na cidade do Recife, por Claudino Coelho Leal, tendo sido os seus estatutos aprovados pelo governo Imperial em 10 de setembro de 1870".

tomadas no endereço denominado Cumbe (atual, bairro de Aguazinha), adjacência da povoação de Beberibe.

Outro aspecto relevante lembrado por Tollenare (1978), diz respeito à forte presença de negros e mulatos na várzea do Beberibe, que buscavam fixar moradia nas antigas propriedades açucareiras transformadas em sítios e chácaras semi-urbanas. Nesses recantos mais distantes, os negros se refugiavam encontrando um espaço mais propício para construção de suas habitações (os mocambos), para o exercício de suas atividades ribeirinhas (lavanderia, canoagem, marcenaria, etc.) e para a celebração de seus cultos afro-religiosos.

Nesse sentido, se faz importante mencionar a existência da irmandade de Nossa Senhora da Boa Hora em Beberibe, no ano de 1787. Tal congregação composta de homens pretos, livres ou escravos erigiu na igreja do povoado um altar particular para sua padroeira, e anualmente celebrava a sua festividade, pomposa e solenemente. Segundo Costa (Op. Cit., vol. 6, p. 45/46), “as festas de N. S. da Boa Hora (...), precedidas do seu competente novenário, eram afamadas, concorridíssimas, até que desapareceram com o correr dos tempos, como uma tantas outras de iguais acentuações aparatosas”.

A existência desta antiga congregação, talvez seja uma prova marcante do sincretismo religioso da época, pois “os bairros circunvizinhos ao rio Beberibe são apontados desde o século XVII como reduto de pobreza e gente de cor. Este fato indica que esta área (o que inclui a Encruzilhada) forma um dos nichos mais antigos de localização de Xangôs no Recife”, como bem lembra Brandão (1988, p. 121).

Já no século XIX, representou a povoação de Beberibe um verdadeiro teatro de notáveis acontecimentos. Durante o comentado domínio de Luís do Rêgo Barreto em Pernambuco, verificou-se no até então arrabalde a maior atividade das forças que se levantaram em movimento armado contra aquele governante, ali instalando o seu quartel-general. Movimento que culminou com a derrota do último governador português em outubro de 1821, quando naquelas matas foi assinada a célebre “Convenção do Beberibe”, pondo termo ao domínio lusitano ao instaurar uma junta de governo nacional provisório em Pernambuco. Também em novembro de 1848, em pleno furor da Revolução

Praieira, assistiu a povoação um grande combate entre os praieiros e as forças do governo.

À luz da atualidade, há no centro de Beberibe uma praça evocativa à famosa Convenção. No entorno dela, ainda encontra-se duas casas tidas como as que serviam de reuniões dos políticos: a de número 125, totalmente descaracterizada, e a número 131, com uma porta entre janelas, conserva, em sua simplicidade, seu aspecto original. Outras pequenas e antigas casas da praça são as de número 107 e 105. O monumento esculpido por Abelardo da Hora (FIGURA 16), no centro da praça, constituiu-se de cimento polido e tem cerca de oito metros de altura (FRANCA, 1977, p. 208). [77]

Outrora, na segunda metade do século XIX, com o crescimento urbano acelerado no Recife, tornaram-se mais profundas as mudanças na ocupação fundiária e no uso do solo de Beberibe. Com efeito, as antigas e extensas propriedades do outrora feudo açucareiro passaram a serem desmembradas e repassadas a diversos foreiros constituindo-se nos chamados sítios, que contribuíram para multiplicar os caminhos de comunicação do povoado com as cidades de Olinda e Recife através da abertura de novos caminhos e estradas suburbanas.

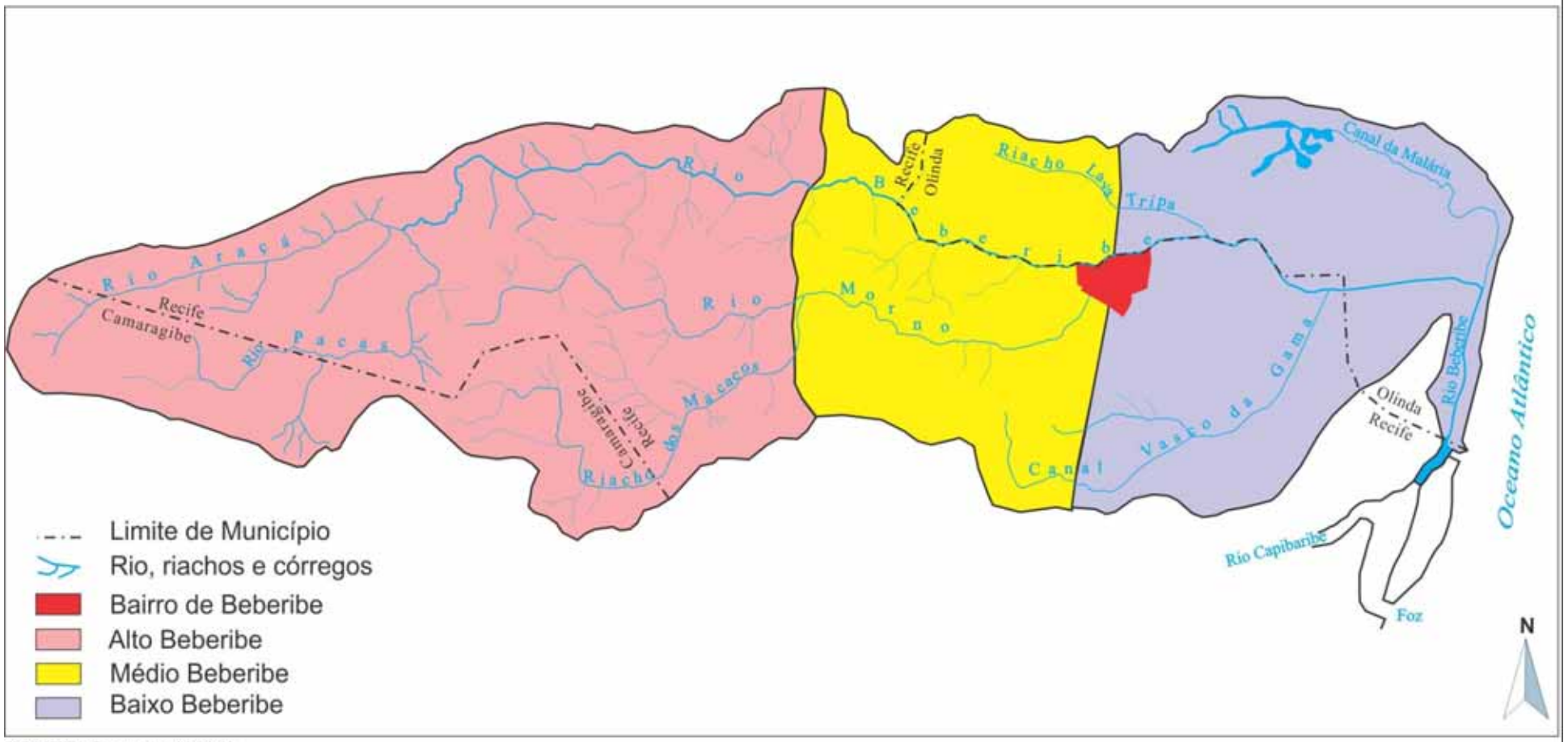
Em Beberibe, no último quartel do século XIX, inúmeros caminhos tinham origem no povoado, como as “estradas de Maricota (...); a do lugar Cumbe, com 88 m., e construída em 1879; e a da ladeira Lava-Tripas” (GALVÂO, Op. Cit., vol. 3, p. 377). Havia também a estrada do Matumbo e a das Boiadas, que se configurava num sinuoso caminho lançado a partir do lugar chamado Cruz das Almas, na Tamarineira, a guisa de Estrada Velha de Beberibe, e que ao se aproximar dos morros de Água Fria se dividia em dois cursos: o primeiro contornava pela planície os elevados até alcançar o “povoado do rio”; e o outro adentrava nas colinas com o nome de Estrada das Boiadas, uma trilha íngreme

[77] Sobre espessa coluna, vê-se uma estátua de mulher, a liberdade de braços erguidos e asas abertas, a pisar um chão de rosas. Na coluna há cinco datas: 1654 (Restauração Pernambucana) – 1710 (Guerra dos Mascates) – 1821 (Convenção de Beberibe) – 1822 (Independência do Brasil) – 1848 (Revolução Praieira). Na parte inferior do monumento, em larga pilastra, há três estátuas: um homem escreve à mesa, entre dois políticos que, parece, estão falando. Atrás do monumento, três soldados com espada e escudo; um índio, um branco e um negro. Abaixo, na base cilíndrica, uma placa em homenagem aos heróis da Convenção (FRANCA, 1977, p. 208/209).

aberta pela passagem dos rebanhos leiteiros que ali atendiam as necessidades da população.

Figura 16: Monumento no Centro da Praça da Convenção em Beberibe
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, abril de 2010.

FIGURA 15
BACIA DO BEBERIBE EM TRECHOS DOS TERRITÓRIOS MUNICIPAIS DE OLINDA, RECIFE E CAMARAGIBE (PE)



FONTE: Campos (1991).
ADAPTAÇÃO E EXECUÇÃO: Roberto Silva de Souza.

Em 1866, foi construída a estrada ligando a Encruzilhada de Belém com Beberibe. Anos depois, servia a Estrada Nova de Beberibe para as linhas da estrada de ferro (FIGURA 17), ramal da linha Recife a Olinda, e o seu tráfego foi aberto ao público em 14 de maio de 1871. Depois cedeu lugar ao trânsito de bondes elétricos em 1922, e hoje constitui-se numa importante avenida (Avenida Beberibe) que atravessa os bairros à margem dela nascidos (Ponto de Parada, Arruda, Água Fria, Fundão e Cajueiro).

Figura 17: Litografia do Arrabalde de Beberibe no Último Quartel do Século XIX (a linha férrea de Olinda-Beberibe no lado esquerdo inferior; as edificações do povoado ao centro – Igreja de Nossa Senhora da Conceição e algumas “casas de sítio”; os arvoredos e os morros no flanco superior; e o vale do rio Beberibe por trás das construções).

Fonte: CARLS, F. H. **Álbum de Pernambuco e seus Arrabaldes**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2007.

Em tempos pretéritos, os atuais bairros do Arruda, Água Fria e Fundão eram conhecidos simplesmente como Beberibe de Baixo. Uma referência do passado que designava a noroeste do Recife um conjunto de pequenos povoados (sítios de arrabaldes) surgidos do desmembramento das terras de Beberibe, numa área periférica pouco distante do centro habitado, situada entre as primitivas colinas da região e à margem direita do antigo riacho Água Fria (atual, canal do Arruda ou Vasco da Gama).

No fim do século XIX, a ligação do centro com esses povoados tornou-se mais intensa, especialmente após a introdução da locomotiva a vapor (a maxambomba), que adentrava na Estrada Nova de Beberibe estimulando o desenvolvimento dos lugares por ela servido e também dos sítios e chácaras localizados no percurso. Esse evento subjacente ao processo de modernização dos transportes coletivos do Recife possibilitou o crescimento dos pequenos arrabaldes, e, por conseguinte, a transformação paulatina dos mesmos em bairros, como buscar-se-á melhor entender no item seguinte à luz do bairro de Água Fria.

3.2 Beberibe de Baixo: as Origens de Água Fria no Século XIX

Conforme visto no capítulo precedente, a primeira metade do século XIX foi o período no Recife marcado pelo uso generalizado de viaturas a tração animal (charretes e carruagens) substituindo as cadeirinhas e as redes de escravos. O que permitiu caminhos mais longos, suscitando a formação de "casas de residência em arrabaldes outrora ocupados por engenhos, casas de pessoas abonadas, construídas em meio de grandes sítios e utilizadas para passar as festas de fim de ano" (CORREIA DE ANDRADE, 1978, p. 88).

Nos arrabaldes as famílias dispunham de extensas áreas para o cultivo de fruteiras, maior facilidade de abastecimento de água, rios para os banhos, e etc. A maioria destes sítios localizava-se nas várzeas do rio Capibaribe: Torre, Madalena, Apipucos, Casa Forte... Outra pequena parcela encontrava-se estabelecida em Olinda, às margens do rio Beberibe, tendo como principal referencial o arrabalde de mesmo nome (FIGURA 18). Este reconhecido como um lugar de "grande concorrência, pelo sombreado de seus arvoredos, limpidez das águas de seu rio e amenidade e frescura de seu clima" (VIANNA, 1970, p. 171).[78] Outrossim, chamava atenção em Beberibe o cultivo de arvores frutíferas, como pode ser deduzido nos versos escritos pelo poeta da época Augusto Aristeu (*apud* COSTA, Op. Cit., Vol. 4, p. 161).

> Ao norte do Recife airoso e lindo,
> Existe um pitoresco povoado
> Que pertencendo à majestosa Olinda
> Beberibe será sempre chamada
> Em seu seio se alonga a selva infinda
> Onde se oculta o tímido veado;
> Tem doces sapotis, goiabas, mangas,
> Viçosos araçás, cajus, pitangas...

Na segunda metade do século XIX, possuía o arrabalde de Beberibe[79] "notáveis e abundantes (...) construções, em sítios e em prédios, avultando, porém as habitações de construção ligeira, humilde mesmo, vindo daí uma

[78] Era, assim, Beberibe uma "gentil povoação, rodeada de bosques, à margem do límpido rio de deliciosas águas, ao qual deu o nome e ahi corre entre sombrio orlado de bambus e outras árvores" (GALVÃO, Op. Cit., vol. 3, p. 393).
[79] No final do século XIX, "a lei Provincial n. 1.383 de 2 de maio de 1879, elevou-se este lugar à categoria de freguesia, desmembrando-o da Sé de Olinda..." (GALVÃO, 1921, vol. 1 p. 53).

grande e animada população" (COSTA, Op. Cit., vol. 4, p. 161). Em parte resultado do desenvolvimento no Recife do serviço de transportes coletivos, com as diligências a tração animal e com os trens chamados de maxambomba, que tornaria o uso do arrabalde mais freqüente e acessível às classes menos favorecidas.

À proporção que essas locomotivas iam ampliando seus tentáculos com outras linhas e ramais de comunicação, estimulavam o crescimento das povoações por elas servidas e das que ficavam no seu caminho, conforme aponta Sette:

> Antes de correrem os trens, anunciavam-se à venda no sítio de Belém, do Dr. Feitosa, onde vai passar o trem. Começava assim a valorização dos terrenos pelas regiões em que se prometia melhoramentos do transporte. E, de fato, a partir da Soledade tudo ali deveu sua prosperidade à maxambomba. Encruzilhada, para maior exemplo, hoje pequena cidade, deveria erguer um monumento à "Trilhos Urbanos". Por aí, como seu nome indica, cruzavam os trens de Beberibe e Olinda (SETTE, 1978, p. 114).

Inicialmente, em 1867, este transporte de origem inglesa percorria os arredores à margem do rio Capibaribe (Ponte d'Uchoa, Casa Forte, Monteiro, e etc.) através da linha "Caxangá". Anos depois, porém, com abertura da linha rumo à Olinda e Beberibe[80], em 1871, a locomotiva passou a atender os aldeamentos localizados a noroeste do Recife, em direção à várzea do rio Beberibe. O que possibilitou a formação de outros povoados através das estações de embarque e desembarque, estrategicamente erguidas no itinerário do trem a vapor.

Dentre os povoados formados ao longo do trajeto da maxambomba, estavam àqueles situados na Estrada Nova de Beberibe, cuja construção teve início em 1866, e começava na Encruzilhada, passando pelas povoações do Arruda, Água Fria, Fundão e Porto da Madeira, até alcançar o aglomerado mais próspero de Beberibe. Na altura do atual bairro de Água Fria, a estrada nova cruzava-se com a Estrada Velha de Beberibe (hoje, Estrada Velha de Água Fria), que se caracterizava como "um antigo caminho irregular que ia da Tamarineira e terminava na povoação de mesmo nome. Este trecho de viação

[80] Os *Trilhos Urbanos do Recife a Olinda e Beberibe*, partia da Rua da Aurora, no centro da cidade, seguindo pela rua do Príncipe e estrada de João de Barros, até a Encruzilhada, onde bifurcavam-se em um ramal, que chegava a Beberibe, via Água Fria (Beberibe de Baixo), e em outro que seguia para Olinda pela estrada de Belém, através de Campo Grande e Salgadinho (TRIGUEIRO, 1989, p. 117).

tinha pontes de madeira sobre os riachos Jacaré, Água Fria, e o rio Beberibe" (GALVÃO, 1921, vol. 3, p. 377).

Às margens destes braços d'água e caminhos terrestres, fez-se multiplicar inúmeros sítios, chácaras e loteamentos semi-urbanos na zona anteriormente conhecida por Beberibe de Baixo. Com efeito, registra Araújo (2007, p. 259) que "em 1867, a Senhorinha Germana do Espírito Santo solicitava licença da Câmara de Olinda para lotear o sítio de sua propriedade, o chamado Beberibe de Baixo, onde pretendia iniciar uma povoação". Anos mais tarde, em 1869, houve a divisão das terras do Sítio Água Fria, de propriedade do Sr. Pedro de Sousa Tenório[81], cuja designação, tudo faz crer, estava ligada ao afluente do Beberibe, o riacho Água Fria, denominado, justamente pela temperatura de seu manancial.[82]

O loteamento destas propriedades permitiu a ocupação mais acelerada na várzea do riacho Água Fria[83], que já se mostrava bastante povoada na *Planta da Cidade do Recife e seus Arredores*, de 1876 (FIGURA 20). As linhas e contornos da litografia de F. H. Carls revelam quadras regulares e ortogonais, ocupando uma área perpendicular ao trecho da atual Avenida Beberibe entre a Encruzilhada e Água Fria, no ponto de junção entre aquela avenida recém-construída então, e a Estrada Velha de Beberibe, que partia do endereço na época chamado Cruz das Almas (intersecção das ruas Padre Roma com Muniz Tavares).

O traçado da planta ainda indica a presença de pequenas construções espalhadas ao longo das atuais ruas do Machado, Regeneração, José Austregésilo, Bom Conselho, e das Moças[84]. Na Rua Zeferino Agra há uma

[81] In: COSTA, F. A. Pereira da. **Arredores do Recife**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981, p. 150.

[82] Tempos depois, o riacho emprestou o nome ao bairro de Água Fria, exemplificando com precisão a afirmativa de George (1983, p. 76), segundo a qual "o bairro tem um nome que lhe confere uma personalidade dentro da cidade"

[83] No início do século XX, este riacho nascia na freguesia do Poço da Panela, no lugar Brejo e, daí correndo a sudeste, depois pra leste, pelo lugar Bartolomeu, até a Estrada Nova de Beberibe, ponte desta a desaguar no rio Beberibe, abaixo do lugar Peixinhos, dividia os municípios de Recife e Olinda. Sobre ele existia uma ponte de madeira na Estrada de Beberibe com 7m 80 (GALVÃO, 1921, vol. 1, p. 8).

[84] Em tempos passados, era costume implantar na intersecção de estradas uma cruz com uma caixa, a fim de que os transeuntes depositassem algum valor para missa das almas. No itinerário da Estrada Velha de Água Fria, na segunda metade do século XIX, existiam as localidades Cruz das Almas, no Parnamirim, e Cruz das Moças, na Tamarineira. A Cruz das

referência sobre a Capela de Santo Antônio ali instalada no ano de 1873, sob a jurisdição da Igreja São Pedro Mártir de Olinda.

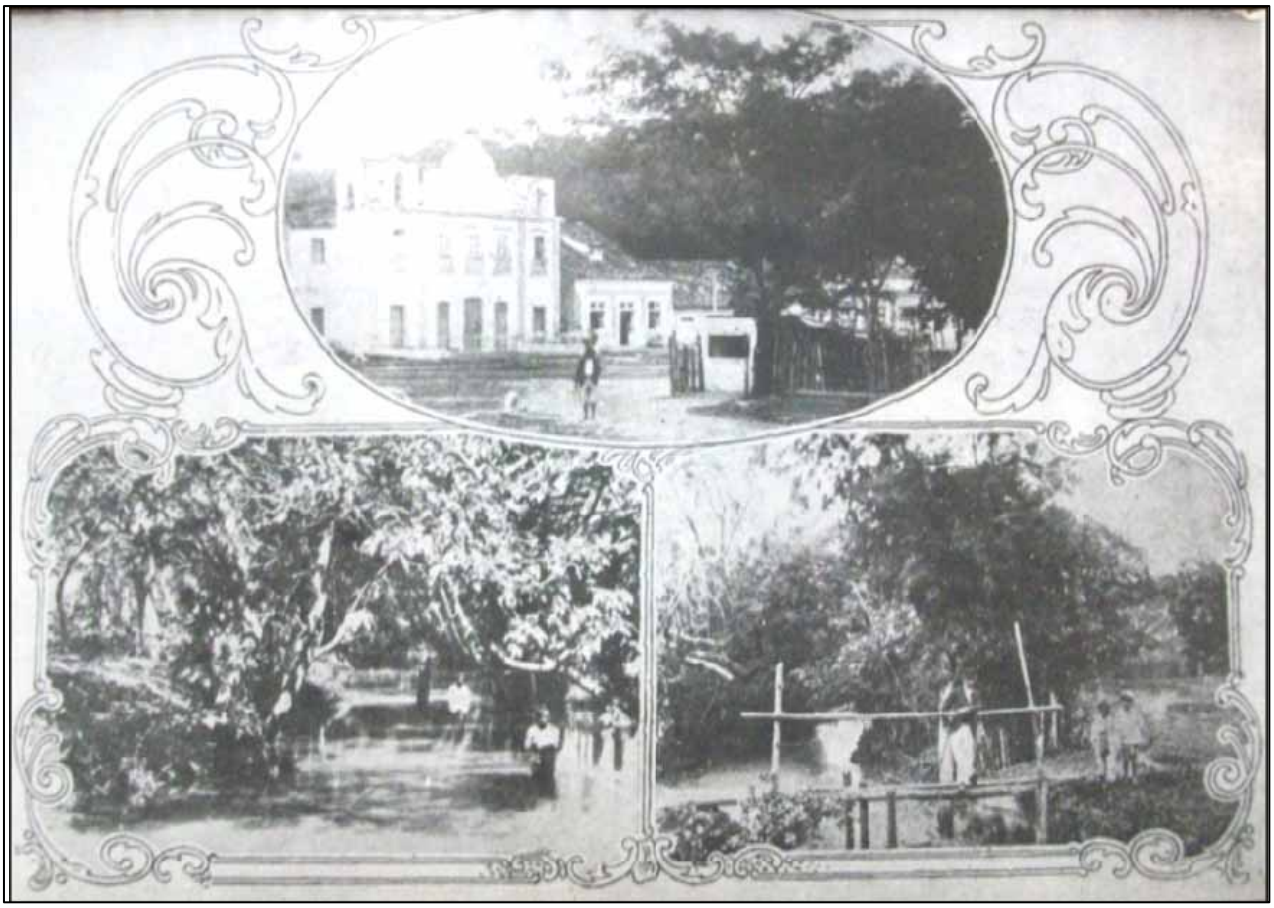


Figura 18: Três Perspectivas do Povoado de Beberibe no Início do Século XX (no alto a Igreja sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição no centro do arrabalde; à esquerda mulheres a lavarem roupas nas águas do rio Beberibe; e à direita uma rústica travessia sobre o leito do referido rio densamente sombreado por seus arvoredos).
Fonte: COSTA, F. A. Pereira da. **Arredores do Recife**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.

Contudo, vale lembrar também que na área correspondente ao atual bairro do Arruda, havia naquele momento uma estação de trem no cruzamento da Estrada Nova de Beberibe com a rua Bolívar, então chamada de São João.

Almas das Moças tinha essa designação em razão das mulheres jovens que ali residiam, e era o ponto inicial da estrada de mesmo nome, posteriormente chamada simplesmente de Rua das Moças (hoje, arruamento do bairro do Arruda).

Neste “ponto de parada” existia uma pequena mercearia administrada pelo português Manuel Ignácio de Arruda (mais conhecido como “Seu Arruda”). Surgindo daí o nome do bairro, em homenagem ao popular comerciante lusitano. Em Fundão, encontrava-se igualmente uma estação à margem da Estrada de Beberibe (Figura 19), no mesmo local outrora ocupado pelo antigo Sítio de Fundão.[85]

Figura 19: Estação de Fundão no Início do Século XX (a linha férrea da Estrada de Beberibe; a estação de trem com a presença de passageiros e comerciantes; e atrás das construções alguns arvoredos do antigo Sítio de Fundão).
Fonte: Museu da Cidade do Recife. Livro 1, Tombo 00036

[85] O Diário de Pernambuco de 9 de março de 1833, já indicava num anúncio a existência desta propriedade: “aluga-se ou vende-se um grande sítio em Beberibe de Baixo ou Fundão... com bastante arvoredo e alguma mata” (COSTA, 1981, p. 149).

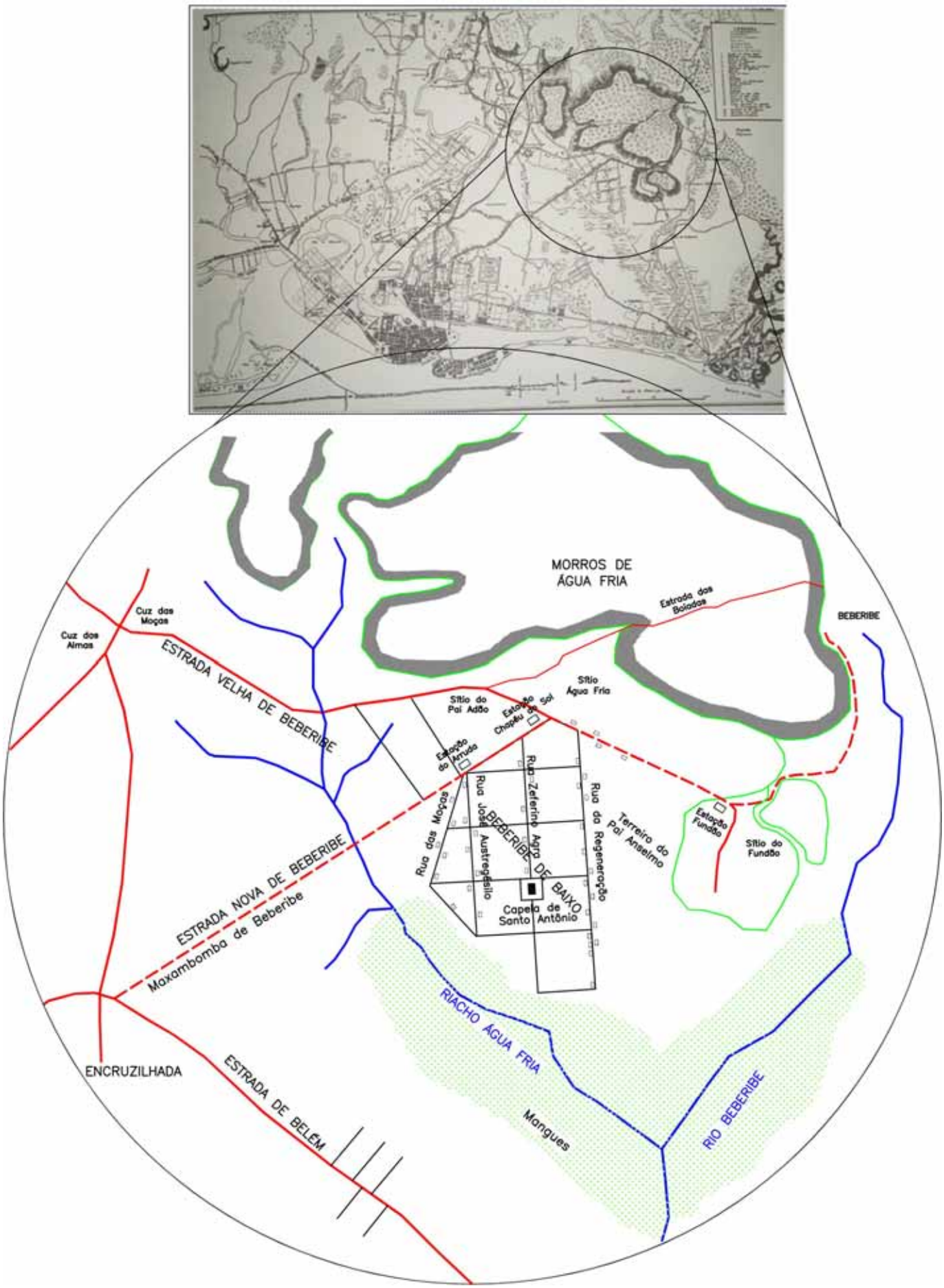


Figura 20: Planta da Cidade do Recife e seus Arredores de 1876 (pormenor para o povoado de Beberibe de Baixo – Arruda, Água Fria e Fundão – e adjacências).
Fonte: MENEZES, J. L. M. **Atlas Histórico Cartográfico do Recife**. Recife: Massangana, 1988.
Desenho: Bruno Maia Halley / André Luiz Pereira

O então aldeamento de Água Fria, por sua vez, situava-se circundado por morros, matas e braços d'águas; era considerado "saudável e assim muitas pessoas empregadas no Recife o procurava como moradia" (GALVÃO, Op. Cit., vol. 1, p. 07)[86]. Especialmente, após o advento do trem a vapor, onde o arrabalde possuía uma pitoresca estação chamada Chapéu do Sol. Na verdade, um grande sombreiro localizado no centro do povoado (FIGURA 21), que também se caracterizava pela presença de pequenas casas comerciais, e por uma peculiar feira livre denominada "Beliscada". Esta constituída por um conjunto de pequenas barracas e tendas onde se vendia verduras, legumes, frutas e carnes no popular Beco da Beliscada (hoje, Travessa Dowsley).

Ali próximo, naquele instante, também se fazia presente o terreiro de xangô *Obá Ogunté*, então chamado de *Ôbaoumin*[87]*.* A data de sua fundação é imprecisa. De acordo com a tradição oral a construção da "casa" iniciou-se há aproximadamente cento e cinqüenta anos. Sua fundadora teria sido a *ialorixá* Inês Joaquina da Costa, conhecida como "Tia Inês", uma negra africana trazida para o Brasil pelo também africano João Otolú, e que teria se "estabelecido em Água Fria quando recebeu herança de uns portugueses de Olinda" (BRANDÃO, 1986, p. 178). O sociólogo Roger Bastide (1946, p. 163), em seu livro *Imagens do Nordeste Místico em Branco e Preto*, fornece uma informação semelhante sobre a origem de Inês:

> O Xangô não se enraizou aqui com muita profundidade. Um único santuário tinha uma tradição verdadeira, o de Pai Adão. Fora fundado por uma antiga princesa da África trazida para o Brasil como escrava, e que por causa de sua origem recebera o nome de Baronesa...

[86] O historiador Sebastião Galvão, no primeiro volume do Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco, afirma erroneamente que Água Fria chamou-se, no período holandês, Estância de Leonardo Fróes. Na verdade, a estância do filho de Diogo Gonçalves, auditor de guerra, correspondia ao lugar chamado Santo Amaro da Água Fria que, atualmente é conhecido como Morro do Peludo ou Morro do Mirante e está situado no bairro de Ouro Preto na cidade de Olinda. Contudo, a respeito de Santo Amaro da Água Fria, o autor descreve, no quarto volume do dicionário, que ali "existiu uma ermida dedicada a Santo Amaro, fundada antes da invasão holandeza. O padre João Duarte de Sacramento (...), em 1662, reuniu naquela ermida alguns clérigos que seguiam a regra dos padres Congregados do Oratório de S. Felippe Nery e lhes deu aposento" (GALVÃO, 1921, vol. 4, p. 27). Reconhecendo, assim, o autor que "este logar não é o mesmo – Água Fria – de que, por engano, se aludiu às páginas 7 e 8 do vol I" (GALVÃO, 1921, vol. 4, p. 27).

[87] Em 1985, o antropólogo Raul Lody, na ocasião em que liderou o movimento para o tombamento do terreiro pelo Conselho Estadual de Cultura, renomeou o Terreiro *Ôbaoumin* para *Obá Ogunté*, sendo assim chamado desde então.

Sabe-se ainda, segundo Pereira (1994, p. 48), que "Tia Inês não teve filhos consangüíneos, porém adotou quatro: Maria Lori, Onorina, Antônio da Costa e Vicência". Ela teria criado Vicência porque vivera maritalmente com João Otolú, pai consangüíneo desta. Com a morte de João, Tia Inês a assumiu, inclusive registrando-a como filha. Nesta época, Felipe Sabino da Costa, o conhecido Adão[88], já residia no terreiro. Veio morar com a *ialorixá*, sendo "filho de santo" dela.

Após a morte de Inês, em 1919, o terreiro passou a ser liderado por Adão. Segundo os mais antigos, um *babalorixá* de personalidade extraordinária, com espírito de liderança incomum, a ponto de haver praticamente uma devoção à sua figura. Seu prestígio era enorme na época[89], contando com amizades as mais variadas inclusive com intelectuais, a exemplo de Ulisses Pernambucano e Gilberto Freyre. No livro *Xangôs do Nordeste*, de 1937, Gonçalves Fernandes (1937, p. 152/153) ao investigar os cultos negro-fetichistas do Recife, bem ilustra o prestígio do célebre Pai Adão quando de seu falecimento em 25 de março de 1936:

> Uma multidão densa se juntava, os olhos voltados para o morto. As orações subiam no ar, entrecortadas de soluços, os lábios tremiam as palavras em todo os filhos de terreiro. Como era querido o grande pai de terreiro! Sentiam a sua morte os que conheciam e o estimavam, os quais viveram ao seu lado e os que o viam só de longe. Morto agora, o casarão do Chapéu do Sol estava todo cheio dos seus velhos amigos que lhe foram dizer adeus. (...) No dia seguinte foi sepultado o pai de santo. Cerca de duas mil pessoas enchiam a estrada. Foi dispensada a carreta porque todos queriam pegar no caixão. As filhas de santo, travestidas de baiana, com as cores dos seus santos só nos collares, blusas brancas cheia de rendas e turbantes de rendas, abriam duas alas. A irmandade do senhor dos Martyrios seguia à frente do cortejo, toda paramentada. De mão em mão chegou o enterro à Encruzilhada. Ali, deixam levar o caixão na carreta. Mas, já próximo ao Campo Santo, ainda havia poeira na Estrada Velha de Beberibe... Calou o batuque do terreiro do Chapéu do Sol.

[88] Adão "nasceu no ano de 1877, na cidade do Recife, onde passou toda a mocidade. Mais tarde foi a Bahia, onde residiu algum tempo. Casou nessa cidade com Maria da Hora, de quem teve muitos filhos. Seu sonho era conhecer a terra dos seus maiores. Foi à África. Fez viagens em cargueiros, de todo jeito, e conseguiu realizar o seu desejo incontido. Passou anos em Lagos e voltou satisfeito do que aprendeu. O continente do outro lado do mar lhe ensinou o que a sua intuição vislumbrava. Dominava-o inteiramente o culto dos seus pais. No Recife fundou terreiro, que cedo ficou falado. Construiu depois até a capela, sua casa já era pequena. Viveu como um grande místico. Amou aos seus filhos, e morreu (1936) cercado de verbenas e violetas" (GONÇALVES FERNANDES, 1937, p. 154).

[89] "Entre os pais de terreiro, Pai Adão era, sem dúvida, o mais destacado. Todos os outros o têm em conta de um grande babalorixá, e si em voz baixa falam mal da sua importância, não é sem grande respeito com que o cumprimentam", rememora Gonçalves Fernandes (1937, p. 56).

Toda essa devoção externada ao famoso *babalorixá* levou o terreiro *Obá Ogunté* a se tornar mais conhecido como o “Sítio de Pai Adão” do que pelo nome oficial. Atualmente, o terreiro é conduzido por Manuel do Nascimento Costa (Manuel “Papai”), funcionando num amplo terreno localizado na Estrada Velha de Água Fria, e que no passado se constituía num verdadeiro sítio, como se pode registrar das palavras de Gonçalves Fernandes (Op. Cit., p. 58): “Essa casa no Chapéu do Sol, linha de Beberibe, tem um sítio esplêndido, cercado de árvores frondosas. Por detrás da casa há um irocó, gameleira sagrada que é venerada como santo”.

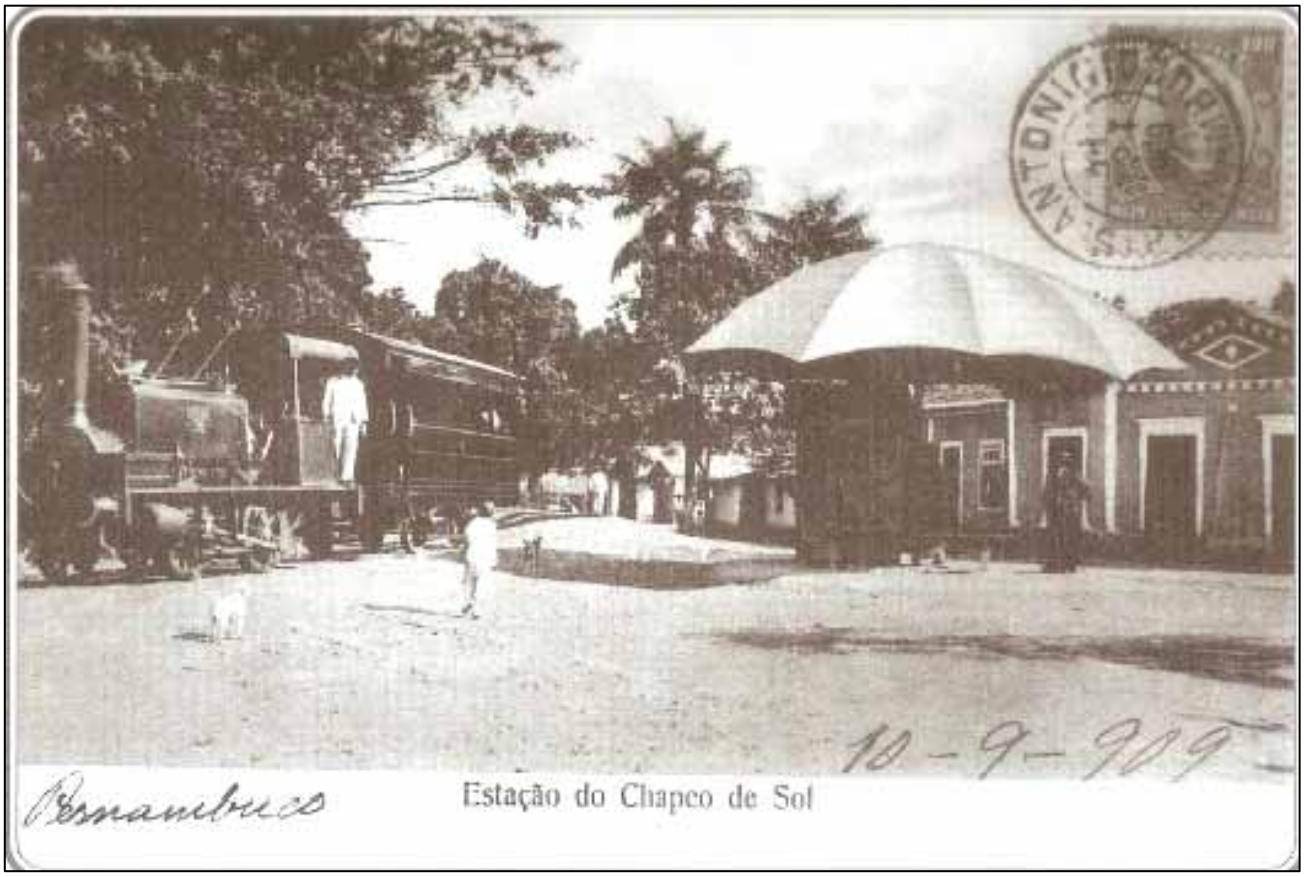


Figura 21: Estação Chapéu do Sol no Arrabalde de Água Fria em 1909 (à esquerda a maxambomba na Estrada Nova de Beberibe margeada por frondosa vegetação; à direita o pitoresco ponto de embarque em forma de guarda-sol; e no segundo plano a presença de algumas casas comerciais).
Fonte: PARAÍSO, Rostand. **Esses Ingleses...** Recife: Bagaço, 2009.

Outro terreiro importante estabelecido em Água Fria era o de Manuel Anselmo Reis Hipólito. Nos primeiros decênios do século XX, o terreiro de Anselmo localizava-se no "areal interminável" (GONÇALVES FERNANDES, Op. Cit., p. 69) da Rua da Regeneração, próximo ao antigo riacho Jacaré, numa casa humilde de taipa coberta de zinco. Configurava-se num centro de culto afro-recifense de menor expressão comparado ao sítio de Pai Adão. Entretanto, quando do falecimento do "pai de terreiro",

> Água Fria cobriu-se toda de tristeza. Emudeceram os atabaques e agoguê dos arredores. Foi igualmente sentida a morte do pai de Santo que mais serviços prestou ao S.H.M[90]. Sua popularidade, que não atingia a altura da de Pai Adão, era contudo um fato na redondesa. Nas construções mais próximas, os mestres-de-obras lastimaram a perda do bom pintor, mas um círculo de muitas almas cobriu-se de culto profundo (GONÇALVES FERNANDES, Op. Cit., p. 155).

Nessa época, em Água Fria ainda encontrava-se o terreiro São João, do pai Arthur Rosendo Ferreira, e o da Rua Mangerico, do pai João Nepomuceno Sampaio. No Arruda havia a seita africana Santa Bárbara, localizada na Rua das Moças, conduzida pela mãe Josefa Guedes Pereira (Dona Zezinha). E no Fundão existia o terreiro africano de Santo Antônio, situado na Rua do Craveiro, que tinha como liderança mãe Maria Celina.[91]

O momento de consolidação destes terreiros nestas localidades (Água Fria, Arruda e Fundão) se processava em consonância com a chegada naquela região de uma população pobre composta por negros e mulatos oriundos dos mocambos então existentes nos manguezais dos bairros centrais do Recife. E que outrora servira de abrigo aos marginalizados da cidade, aos negros libertos da zona açucareira e aos flagelados do sertão da fome.

Os "casebres de barro batido a sopapo, com telhados de capim, de palha e de folhas de flandres" (CASTRO, 1968, p. 19) foram sendo erradicados da européia "Veneza Americana" de belas pontes, palácios e sobrados, em razão da política de higienização e modernização introduzida na cidade nas primeiras

[90] Durante o período de perseguição aos cultos afro-brasileiros, o Serviço de Higiene Mental conduzido pelo médico Ulisses Pernambuco tinha como função realizar a mediação junto à polícia para o funcionamento dos terreiros na primeira metade do século XX.
[91] Informações obtidas no livro *Xangôs do Nordeste – Investigações sobre os Cultos Negro-Fetichistas do Recife,* de Gonçalves Fernandes escrito em 1937.

décadas do século XX.[92] O que acarretou na expulsão dos mocambos e dos terreiros para periferia, especialmente para área compreendida pelo cordão de morros, ladeiras e córregos situados no interflúvio do Capibaribe com o Beberibe, na porção norte da planície.

Outrossim, naquele momento, o Recife que presenciara um expressivo crescimento econômico, passando a ser também um centro de prestação de serviços (além da função portuária), com um comércio mais diversificado e as primeiras indústrias sendo implantadas, não comportava no seu exíguo núcleo formado por terras ilhadas, um número tão elevado de imigrantes. Por conseguinte, esse contingente populacional começou a buscar fixar moradia nos terrenos vazios localizados nas freguesias suburbanas.

Assim, crescendo rumo ao continente, a "mucambópolis" (MELO, 1940) tornava-se mais evidente[93], sobretudo nas freguesias de Afogados, Várzea, Poço, Graças e Beberibe, pois nesses lugares existiam muitos sítios, que os proprietários permitiam sua ocupação em troca do pagamento do foro. Nas imediações das Graças e Beberibe calculava-se na década de 1930 um total de 26 sítios, ocupados por 3.592 mocambos.[94] Severina Carneiro (Dona Nem), antiga moradora do bairro de Água Fria, comenta sobre a presença desses casebres nos primeiros decênios do século passado:

> Naquela época pagava-se o foro ao dono do sítio para construir e viver numa casa de taipa... Daqui pra cima, na Ladeira de Pedra (Água Fria), só era sítio, mato, riacho e casebre... Depois vieram mais pessoas e mais casebres... Éramos todos pobres e sofridos, mas satisfeitos com a vida... A água era de cacimba e não tinha luz elétrica.

Na região do Beberibe de Baixo, os primeiros mocambos foram se concentrando ao longo dos terrenos mais sólidos, localizados no entorno das estações de trem, nas cercanias das casas de sítio e terreiros de xangô, ou ainda nas áreas circunvizinhas à Igreja de Santo Antônio. Outros, porém, foram

---

[92] A propósito dessa política introduzida durante o período do Estado Novo, ver o estudo de GOMINHO, Zélia Oliveira de. *Veneza Americana X Mucambópolis* – o Estado Novo na Cidade do Recife (Décadas de 30 e 40). Dissertação (Mestrado em História). Recife, UFPE, 1997.

[93] "A cidade, em 1931-2, abrigava, em 23.869 prédios e 23.210 mocambos, uma população que girava em torno de 446.178 almas (incluindo Fernando de Noronha). Em 1936 este contigente subiria para 491.078, e em 1939 teríamos 550.389 habitantes" (GOMINHO, 1997, p. 13).

[94] De acordo com Peres (1932, p. 20/23), na freguesia do Poço, à margem do rio Capibaribe, havia 24 "lugares" e sítios, com um total de 4.540 mocambos. Na zona oeste, na freguesia da Várzea, contava-se 19 sítios e 4.332 casebres. E na periferia imediata do centro, na freguesia de Afogados, estimativa-se um total de 6.776 mocambos.

construídos nas áreas mais úmidas ou alagadas próximas aos pequenos cursos d'água. Depois disso, os últimos mocambos passaram a se estabelecer nas margens do riacho Água Fria, batendo o solo frouxo dos manguezais na ampliação do espaço sólido.

Com o passar dos anos, e a conseqüente melhoria da infra-estrutura urbana, os povoados surgidos ao longo da Estrada Nova de Beberibe foram evoluindo, unindo-se uns aos outros, na difícil conquista de terras inundáveis e irregulares da topografia local. O povoado de Fundão estabeleceu-se numa área anteriormente ocupada pelo sítio homônimo, na altura da atual Rua Coronel Urbano de Sena (antiga Travessa do Fundão) localizada no sopé das colinas terciárias outrora drenadas pelo antigo riacho Jacaré (hoje, canal do Jacarezinho), subafluente do rio Beberibe.

O arrabalde do Arruda, por sua vez, ocupou os sítios e manguezais à margem do riacho Água Fria, numa área plana e extensa correspondente ao primeiro loteamento de terras ali realizado, em 1867. As ruas, vielas e becos do povoado se estenderam desde a estação de maxambomba na estrada nova até as redondezas da Capela de Santo Antônio, situada na porção central do antigo Beberibe de Baixo.[95]

No cruzamento da estrada velha com o caminho novo de Beberibe, no espaço físico marcado pelo encontro da planície recifense com os outeiros da zona norte, o antes Sítio Água Fria acabou por transformar-se no bairro de mesmo nome. Irradiando seu crescimento tanto no sentido leste rumo às terras baixas do Arruda e parte de Fundão, como na direção oeste em busca das matas, córregos e elevações situadas entre os núcleos periféricos de Beberibe e Casa Amarela.

Durante esse processo, em meados do século XX, o bairro de Água Fria sofrera mudanças profundas na sua fisionomia e estrutura urbana. As ruas tortas ganharam alinhamento e calçamento; os mocambos ocuparam os morros; novas construções se ergueram; a maxambomba fora substituída pelo bonde elétrico; a capela virou paróquia; surgiram os primeiros cinemas;

[95] A propósito da formação do bairro do Arruda, ver-se HALLEY, Bruno Maia. Nos Recantos de um Bairro, a Emergência do Lugar: as Vilas e Becos do Arruda, Recife-PE. Monografia (Bacharelado em Geografia da UFPE). Recife, 2005.

ampliou-se o comércio... Configurando, assim, uma fase de transição do arrabalde ao bairro, sobretudo no âmbito do seu tecido inicial, representado pela estação Chapéu do Sol, o Sítio de Pai Adão, a feira livre, e a Capela de Santo Antônio, que também representariam o coração do bairro, ponto de concentração e efervescência de suas especificidades.

3.2.1 O Mercado, a Feira Livre e a Paróquia na Constituição do Bairro

Até os primeiros anos do século XX, o arrabalde de Água Fria apresentava uma infra-estrutura deficiente. Compunha-se de ruas estreitas e acanhadas com nomes santificados (São João, São Pedro, São Paulo, Santo Antônio) e excêntricos (Rua Sete Pecados, Beco da Beliscada, Rua das Pititas, Beco do Xamego e Rua dos Cavalos). Todas sem saneamento, com casas de palha, algumas de taipa, e outras de tijolo, localizadas em meio a sítios próximos a estação de trem.

No entanto, com o processo de modernização dos subúrbios recifenses, iniciado ainda no segundo decênio do século passado[96], o referido arrabalde conhecera mudanças significativas na sua fisionomia, principalmente após a substituição do transporte de maxambomba pelo bonde elétrico, que tornara a comunicação mais rápida com outros lugares, e, por conseguinte, com o núcleo central da cidade (bairro do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista), que já se mostrava naquele instante reformado, ampliado e modernizado.[97]

Implantado em 1914 pela *Pernambuco Tramways and Power Company Ltd.*, o sistema de bondes elétricos trafegou inicialmente nos bairros centrais do Recife e arredores próximos. Contudo, em meados dos anos 20, houve uma grande ampliação de suas linhas, que passaram a conectar todas as partes da cidade, inclusive a vizinha Olinda. A linha intermediária de Água Fria, inaugurada em 1922, iniciou suas atividades substituindo a maxambomba na

[96] De acordo com Moreira (1994), a modernização dos subúrbios recifenses representou o período do governo Sérgio Loreto (1922-1926) e o momento posterior, caracterizando-se desde a fase de erradicação dos mocambos (1930-1945) empreendida pelo governo Agamenon Magalhães, até a construção dos prédios suburbanos nos bairros da Encruzilhada, Afogados e Casa Amarela nos anos de 1950-60. Contudo, ainda na década de 1920, já se observara a urbanização da periferia imediata do centro (a Campina do Derby), a construção da Avenida Boa Viagem, e a modernização de antigos largos e praças, que se estenderia no decênio de 1940 a outros pontos da cidade, inclusive a zona norte.

[97] Segundo o historiador Antônio Paulo Rezende (2002), no início do século XX, o Recife queria ser moderno. As duas primeiras décadas do século passado conviveram com as mudanças que ocorriam com a expansão das práticas capitalistas. Houve, assim, a modernização do centro-portuário, a construção de casas populares, a erradicação dos mocambos, os aterros dos mangues, a ampliação dos serviços de luz elétrica, a abertura de ruas e avenidas, a reorganização dos serviços de higiene e saúde públicas, e a implantação de medidas disciplinadoras com relação à coleta do lixo. Além disso, destacaram-se o plano do engenheiro Saturnino de Brito e as obras feitas para sua concretização, marcantes para a estrutura urbana do Recife.

Estrada Nova de Beberibe, onde também foram erguidos postes de embarque nas proximidades das antigas estações do trem a vapor.

A partir deste momento, as distâncias são diminuídas, os acessos aos arrabaldes são facilitados, ocasionando uma paulatina estruturação do espaço urbano recifense nos seus arredores. Em decorrência disto, o uso do solo e a paisagem destes vão sendo modificados, "(...) pontes foram construídas, sítios subdivididos, ruas abertas e calçadas e casas edificadas" (MOREIRA, 1994, p. 51). Associa-se também aos benefícios da tração elétrica o saneamento, a assistência pública, a iluminação também elétrica, o aparecimento de cinemas suburbanos, a criação de outros hábitos e costumes, e etc.

No bojo dessas mudanças, os subúrbios recifenses deixam de ser povoações isoladas e separadas do contexto do urbano, e passam a ser continuidade do tecido. Com efeito, o povoado de Água Fria expande-se, sofrendo inúmeras intervenções, dentre as quais, sobressaem àquelas inicialmente processadas na Capela de Santo Antônio que virou igreja. Datada de 1873, a igreja era uma capela até o ano de 1926, ligada a Igreja de São Pedro Mártir, em Olinda. Entre os anos de 1926 a 1939, ficou sob a jurisdição da Igreja da Nossa Senhora da Conceição, em Beberibe, tornando-se paróquia em março de 1939. Neste mesmo ano, no mês de Junho, conclui-se a construção do atual templo religioso, inaugurado durante a realização da tradicional procissão de Santo Antônio, que naquele momento já se destacara, conforme mostra o Jornal do Commércio de 14 de junho de 1939:

> Ocorreram brilhantes e piedosas as festividades de caracter religioso celebradas, hontem, nesta capital, em louvor do grande thaumaturgo franscicano Santo Antonio de Lisbôa. (...) Nas matrizes de Santo Antonio e do Arruda, nas igrejas do convento de São Francisco e do Espírito Santo, houve missas solenes com communhão, saindo, à tarde, da matriz do Arruda e Água Fria e da Igreja do convento de São Francisco, ambas nesta cidade, piedosas procissões com a imagem do grande santo português.[98]

Em 1942, ao lado da igreja católica (FIGURA 23), foram erguidas a casa paroquial e o Colégio Santo Antônio. Este último construído num amplo terreno outrora ocupado por uma antiga casa de sítio e por alguns mocambos. A construção desta escola veio a atender as necessidades dos arrabaldes situados às margens do Riacho Água Fria, que até então se apresentavam

[98] Festas em Louvor de Santo Antônio. Jornal do Commércio. Recife, 14 de junho de 1939.

carentes de maior assistência educacional. Tempos decorridos, porém, a prefeitura municipal edificou outra unidade de ensino, o Grupo Escolar Dom Sebastião Lemos, que logo depois se chamaria Escola Alfredo Freyre, em homenagem ao pai do ilustre sociólogo pernambucano Gilberto Freyre.

Em sintonia com as transformações ocorridas numa cidade que buscava modernizar seus endereços suburbanos, o bairro de Água Fria ostentou no passado um importante símbolo da arte cinematográfica do Recife, o antigo Cinema Império. Construído em 1945, o suntuoso cinema de ampla sala de exibição encontrava-se situado no cruzamento da estrada nova com a Estrada Velha de Água Fria, e representava em si a principal opção de lazer do bairro. Anos depois, contudo, ao longo destas referidas vias foram erguidas mais duas salas de espetáculo, o Cine Olympia e o Cine Pompéia.

Remonta deste período também a construção de um abrigo em frente ao Cinema Império, utilizado tanto para o sistema dos veículos elétricos, como também para os pequenos ônibus da Viação São João[99]. Sua construção acarretou na demolição do pitoresco Chapéu do Sol, restando apenas sua antiga designação tomada emprestada pelo então recém construído ponto de embarque e desembarque (FIGURA 22).

Concomitantemente a construção desse abrigo, havia naquele instante a necessidade no Recife de pavimentar algumas vias públicas na tentativa de estabelecer uma ligação mais precisa entre os arrabaldes e as demais partes da cidade. Com efeito, no ano de 1947, houve o calçamento da Estrada de Belém e a de Beberibe (FIGURA 24), ambas favorecendo a comunicação com os subúrbios da zona norte (PONTUAL, Op. Cit., p. 96).

Embora parcialmente pavimentada, em paralelepípedo sobre o concreto, a Estrada de Belém contemplava os bairros do Hipódromo e Campo Grande, enquanto a de Beberibe atendia os bairros da Encruzilhada, Ponto de Parada, Arruda e Água Fria. Neste trecho (Encruzilhada-Água Fria), afora o calçamento, houve a instalação de luminárias, a retificação de ruas e calçadas, e a reforma de largos e chafarizes públicos. Na altura do bairro do Arruda substituiu-se uma ponte de madeira por um pontilhão de concreto sob o Riacho Água Fria, que já

[99] Naquele instante (1940), simultaneamente ao tráfego de bondes elétricos, já se fazia presente na cidade do Recife o transporte destas pequenas conduções da Viação São João.

apresentava seu leito bastante reduzido em razão dos inúmeros aterros ali realizados (FIGURA 25). Anos depois, este curso d'água fora transformado num extenso canal projetado desde o bairro de Vasco da Gama, no Recife, até Peixinhos, na divisa com Olinda.

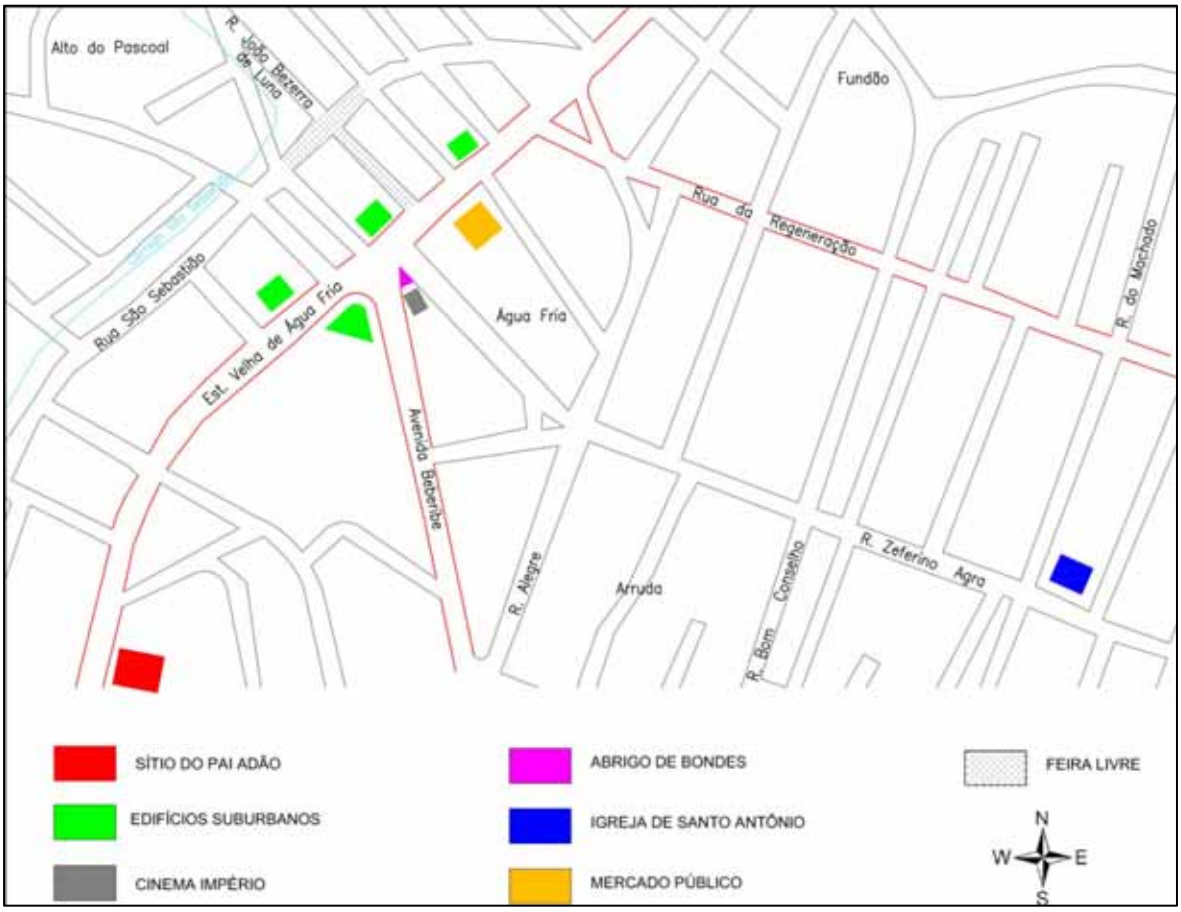


FIGURA 22: Principais Construções de Água Fria em meados do Século XX
Desenho: Bruno Maia Halley / André Pereira Marinho
Organização: Bruno Maia Halley

Com o acesso facilitado e modernizado, a Estrada Nova de Beberibe configurava-se num importante eixo a adentrar pelo interior, estimulando a ocupação dos sítios e terrenos lindeiros a partir da emergência de novos empreendimentos, a exemplo do Mercado Público da Encruzilhada e do Santa Cruz Futebol Clube. Durante o governo Sérgio Loreto (de 1922 a 1926), o primeiro mercado da Encruzilhada fora construído no edifício da Companhia

dos Trilhos Urbanos. Devido ao progresso, que exigia mais e mais medidas modernizantes, construiu-se na gestão do prefeito Manuel César de Moraes Rêgo, outro mercado junto ao antigo, sendo entregue à população em dezembro de 1950.[100] Conforme anunciou o Jornal Pequeno na época: "(...) nem mesmo os grandes centros do Rio e de São Paulo possuem coisa igual, o que constitui, sem dúvida alguma, um orgulho para os pernambucanos (...)[101].

FIGURA 23: Paróquia de Santo Antônio do Arruda e Água Fria (ao centro, o templo religioso construído em 1939 na Rua Zeferino Agra; ao lado da igreja a antiga Escola Santo Antônio hoje transformada no salão paroquial).
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Junho de 2009.

[100] Dessa década, também se registra a conformação do atual Largo da Encruzilhada, bem como da biblioteca e maternidade pública, e da Escola Técnica Estadual Agamenon Magalhães – ETAPAM, erguidos na área central do bairro (HALLEY, 2009).
[101] Moderno Edifício para o Mercado Público da Encruzilhada. Jornal do Pequeno. Recife, 11/12/1950.

O Santa Cruz, chegou ao bairro do Arruda em 1943[102], fixando sua sede no casarão que outrora abrigava a estação de maxambombas. Em 1954, o clube comprou um terreno na frente de sua sede e iniciou, a partir de meados da década seguinte, a construção do Estádio José do Rego Maciel e de suas dependências sociais e esportivas (parque aquático, ginásios e etc.), que só seriam finalizados em 1982.

FIGURA 24: Calçamento da Estrada Nova de Beberibe no Bairro de Água Fria em 1947 (a linha férrea dos bondes elétricos; os operários na pavimentação da via pública; as casas comerciais na margem esquerda da estrada; e a ocupação rarefeita dos morros ao fundo.
Fonte: Museu da Cidade do Recife, Livro 4, Tombo 03813.

[102] O Santa Cruz Futebol Clube foi fundado em 03 de fevereiro de 1914 no Pátio de Santa Cruz (daí o seu nome) no bairro da Boa Vista e, antes de se fixar no Arruda passou por outros lugares na cidade (vide www.coralnet.com.br)

Outro marco simbólico estabelecido naquela estrada, o Mercado Público de Água Fria, teve sua construção iniciada em 1952. A inauguração ocorreu em 1954 (FIGURA 26), durante a gestão do prefeito José do Rego Maciel, e o mercado iniciou suas atividades de forma semelhante aos demais da capital pernambucana, com pequenos boxes em que se vendiam, primordialmente, frutas, verduras e outros gêneros alimentícios. Na edição de 25 de janeiro de 1954, o Diário de Pernambuco publicou a importância do espaço público para a cidade do Recife e, conseqüentemente, para o bairro de Água Fria e adjacências:

> Um empreendimento que honra a administração da cidade. Água Fria tem, desde ontem, seu mercado modelo (...). Realizou-se ontem, com a presença do Governador do Estado Dr. Etelvino Lins, prefeito José do Rego Maciel, autoridades civis e militares, vereadores da câmara municipal e convidados a inauguração solene do Mercado de Água Fria, melhoramento que se fazia indispensável no populoso bairro e que irá atender os numerosos subúrbios vizinhos.[103]

O edifício do mercado, construído em forma de hangar, procurou mostrar sua conveniência em relação ao fator higiênico exigido na época: ventilação, iluminação, ruas a céu aberto, locais especiais para as carnes, pisos e instalações sanitárias adequadas, uso de azulejos e etc. Defronte ao mercado, efetivou-se a conformação do Largo de Água Fria, com a presença de jardins, estatuetas e placas comemorativas, estas alusivas à construção do mercado no ano do tricentenário da Restauração Pernambucana.

No entorno do largo processou-se a reorganização de ruas, praças e calçadas, com a retificação do traçado, calçamento e pavimentação das vias que iriam se tornar as principais artérias do bairro na atualidade. A título de exemplo, a Rua João Uzeda de Luna constituía-se nas primeiras décadas do século passado um arruado estreito de função estritamente residencial, sem calçamento ou qualquer tipo de infra-estrutura.[104] Tempos depois, no entanto, a mesma via representaria um importante eixo comercial, abrigando uma variedade de empreendimentos (supermercados, armazéns, frigoríficos, etc.), dentre os quais a diversificada feira livre do bairro.

---

[103] Um Empreendimento que honra a administração da cidade. Diário de Pernambuco. Recife, 25 de janeiro de 1954.

[104] Segundo depoimento em 15 de janeiro de 2010 de Seu Walfrido José da Silva, sobrinho do lendário Pai Adão (Felipe Sabino da Costa) e morador de Água Fria há 94 anos.

FIGURA 25: Construção do Pontilhão do Arruda em 1947 (no primeiro plano, o Riacho Água Fria; sob a ponte o ônibus da Viação São João e os operários da obra; e no segundo plano, os altos coqueiros existentes nos sítios da época).
Fonte: Museu da Cidade do Recife. Livro 1, Tombo 00561.

Aqui, faz-se importante mencionar que com o advento do mercado, a antiga feira da Beliscada (FIGURA 27) transferiu-se das proximidades do antigo Chapéu do Sol para as ruas paralelas existentes nas cercanias do então inaugurado prédio público. Semelhantemente às outras feiras livres da cidade do Recife (Casa Amarela, Afogados, Beberibe, entre outros.), a de Água Fria consolidou-se a partir da construção deste mercado criado com a intenção de comportar, de forma permanente e menos precária, o comércio popular cada vez mais crescente no subúrbio.

No entanto, não obstante as melhorias processadas no bairro, só no início da década de 1960, os serviços de abastecimento de água e energia elétrica

foram regularizados em Água Fria. Antes, em sua grande maioria, o bairro era abastecido por chafarizes e cacimbas localizadas em alguns trechos nas estradas de Beberibe e Água Fria, ou ainda em alguns locais específicos nos morros. Outrossim, o serviço de energia elétrica era fornecido pela companhia *Beberibe Eletric* que atendia a população de forma igualmente precária. Segundo Seu Israel Francisco de Assis, antigo morador do bairro,

> existia apenas um chafariz na estrada velha e outro na subida da Ladeira de Pedra, ao lado do Colégio Rotary. Ali todos tomavam banho, um pertinho do outro... o sistema de luz era ruim... chegava aqui uma luz bem fraquinha... só dava pra acender uma lâmpada.

FIGURA 26: Mercado Público de Água Fria em 1954 – o edifício em forma de hangar na Estrada Nova de Beberibe; à esquerda, a Rua Japaranduba ocupada por algumas barracas; e em frente ao mercado o largo público e o poste de parada dos bondes elétricos no canto direito da imagem.
Fonte: Museu da Cidade do Recife. Livro 1, Tombo 00070.

Até a terceira década do século XX, Água Fria, juntamente com outros arrabaldes próximos (a exemplo de Fundão, Beberibe, Arruda, e Porto da Madeira) pertenciam ao município de Olinda. Passando a partir de então, à tutela do Recife, o que já aparece na primeira divisão municipal da cidade em 1949, compondo a zona administrativa de Beberibe.[105] Porém, o abastecimento de água permanece sendo controlado pelo município vizinho, funcionando irregularmente em face à manutenção deficiente dos condutos, e a pouca oferta de água de Olinda. O fornecimento de energia também mostrava-se deficiente devido à carência do material de instalação elétrica por parte da empresa. Essa penúria se estendeu até os idos dos anos sessenta quando tais serviços foram ligados a capital.

Neste mesmo decênio (1960), o bairro de Água Fria conhecera um tipo particular de edifício suburbano da cidade do Recife, também encontrados nos bairros da Encruzilhada, Afogados, Casa Amarela, etc. Caracteriza-se por até quatro pavimentos e pelo uso misto de comércio e habitação. Em torno do mercado e da feira livre esses edifícios se estabeleceram, levando igualmente uma forma de habitar e comercializar até então inédita no bairro, o apartamento moderno e a galeria comercial, juntos em uma mesma edificação.[106]

Com o advento dos prédios suburbanos, o bairro acabou por conformar um centro comercial no seu interior, mais precisamente na área inicial de sua ocupação. Deste ponto surgiram diversos empreendimentos em Água Fria: Leiterias, padarias, sapatarias, agências bancárias, lojas de eletro-eletrônicos, etc. Todos situados na circunvizinhança da feira livre, do abrigo de bondes, e do mercado público. Elementos símbolos do lugar que compõem juntamente com a Igreja de Santo Antônio e o Sítio de Pai Adão, o núcleo dinâmico e inicial do bairro desde o limiar do século XX.

A coexistência destes marcos referenciais impulsionou o processo de ocupação dos morros, ladeiras e córregos de Água Fria, que ocorrera simultaneamente à modernização do bairro, na área correspondente à planície

[105] Conforme pode ser atestado no Atlas Ambiental da Cidade do Recife (2000).
[106] A propósito dos edifícios suburbanos modernos do Recife, ver-se ROLIM, Ana Luiza. **A Modernidade nos Subúrbios do Recife ou de Como Surge o Edifício Suburbano Moderno** – o caso de Casa Amarela, Afogados e Encruzilhada. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Recife, UFPE, 1999.

recifense. O processo de povoamento dos outeiros por uma população pobre, de trabalhadores informais, ambulantes, migrantes do interior, e, especialmente, de adeptos das religiões afro-brasileiras, possibilitou a formação dos aspectos singulares da vida do bairro. Marcada pelo engajamento de seus moradores no que diz respeito às práticas e costumes da cultura popular, conforme mostrar-se-á na seqüência.

Figura 27: Feira de Livre de Água Fria (“Beliscada”) na década de 1940 – Carroças, barracas e tendas no encontro da Estrada de Beberibe com a Estrada Velha de Água Fria; as linhas elétricas dos bondes na estrada nova; e a presença de antigos moradores e comerciantes na localidade.
Fonte: Museu da Cidade do Recife. Livro 1, Tombo 000659.

3.2.2 Os Morros e os Antecedentes Vividos do Lugar

Na primeira metade do século XX, o crescimento acelerado do Recife representou a retração cada vez mais acentuada das áreas alagadas. A cidade que crescera paulatinamente através de aterros em zonas alagadiças e de domínio dos manguezais passou a expandir-se com maior rapidez sobre amplos espaços aterrados. A redução das áreas de pântanos e mangues implicou na expulsão dos mocambos, que, por conseguinte, se deslocaram à procura de terrenos menos valorizados, situados "na periferia da cidade e mesmo na periferia da planície do Recife" (MELO, 1978, p. 74).[107]

A maior concentração desta população estabelece-se na sucessão de colinas que se alinham entre as várzeas do Capibaribe e do Beberibe (de Dois Irmãos à Água Fria), na porção norte da planície. Com efeito, conforme indica planta datada de 1924 (FIGURA 28), os morros de Água Fria já apresentavam uma ocupação linear nas circunvizinhanças da antiga estação Chapéu do Sol, com designações para o Córrego São Sebastião e o Alto do Pascoal.

Segundo relatos de antigos moradores[108], até os primeiros decênios do século XX, o córrego de São Sebastião possuía uma água corrente fria, que servia de fonte de renda para a população pobre do bairro. No inverno, as precipitações chuvosas carreavam uma significativa quantidade de material aluvional dos outeiros, concentrando-o no leito do pequeno curso d'água. A população retirava esse material (areia) do referido córrego e o comercializava em outros lugares da cidade.

Com as obras estruturais do governo Pelópidas Silveira, no ano de 1958, o Córrego de São Sebastião tornou-se um extenso canal (2 Km), dividindo o bairro entre a planície flúvio-marinha e a cadeia de colinas da zona norte (FIGURA 29). Sua construção associada à conformação do Córrego do Euclides proporcionou o saneamento e a salubridade dos córregos adjacentes

[107] No decênio de 1940, o recenseamento revelou uma população de 347.000 habitantes. A cifra de 524.000 registrada em 1950 exprime um aumento de 51% em uma década. Resultado da forte ocupação dos morros da cidade do Recife neste interstício (1940-50).
[108] Depoimento de Severina Carneiro (Dona Nem) e Seu Valfrido José da Silva, moradores do bairro de Água Fria há mais de 80 anos.

aos mesmos nos bairros de Água Fria, Beberibe e Casa Amarela, recolhendo as águas que desciam dos morros e conduzindo-as ao canal Vasco da Gama/Arruda (antigo Riacho Água Fria), tributário do rio Peixinhos e rio Beberibe. Todavia, ainda na década de 1950,

> complementarmente às obras de desobstrução, reitificação e revestimento dos canais, foram realizadas obras suplementares nos morros e nos córregos, como o calçamento de ruas, a construção de galerias, sarjetas, meio-fio e linha d´água, de forma a assegurar o livre escoamento das águas em direção aos mesmos canais (PONTUAL, Op. Cit., p. 190).

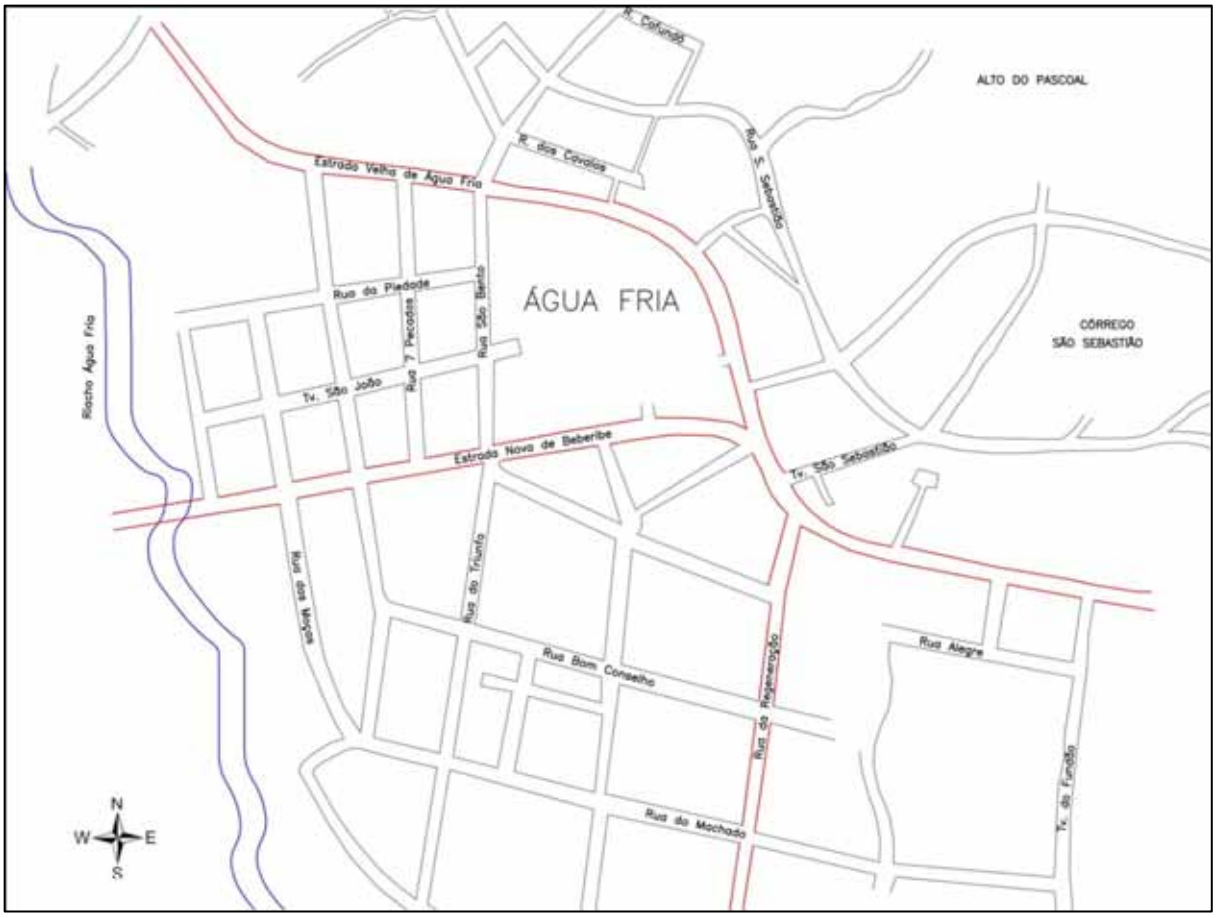


Figura 28: Água Fria e Arruda nos Primeiros Decênios do Século XX (Pormenor da Planta do Departamento de Saúde e Assistência em 1924) – observar-se a ocupação primitiva dos morros na área circunvizinha a Estrada Velha de Água Fria, com indicações para o Córrego de São Sebastião e o Alto do Pascoal.
Desenho: Bruno Maia Halley / André Pereira Marinho
Fonte: Acervo do Arquivo Público Jordão Emereciano

Circundando pelo Córrego de São Sebastião, o Alto do Pascoal (FIGURA 30) pertenceu ao Senhor “Pascoal Savine”, nascido na região de Nápoles na Itália. Veio para o Brasil ainda jovem (20 anos de idade), residindo durante muito tempo, no bairro vizinho do Arruda. Mais precisamente nas proximidades do alto que toma emprestado seu nome, na Rua São Bento, onde também construiu residências. Na sua época, início do século passado, o italiano tornou-se um próspero comerciante no Recife. Afora imóveis de aluguel, possuía outrossim açougue, mercado e criação de gado.

Consta ainda que “Pascoal”, primeiro incumbiu-se de lotear os terrenos situados nos morros de Água Fria, arrendando-os inicialmente às populações pobres advindas dos bairros centrais, e, depois, aos migrantes oriundos do sertão nordestino. Por conseguinte, a partir das décadas de 40 e 50 do século XX, outros morros, córregos e ladeiras também começam a ser ocupados, a exemplo da Bomba do Hemetério, do Alto do Céu, do Alto Santa Terezinha, Alto do Pereirinha, entre outros.

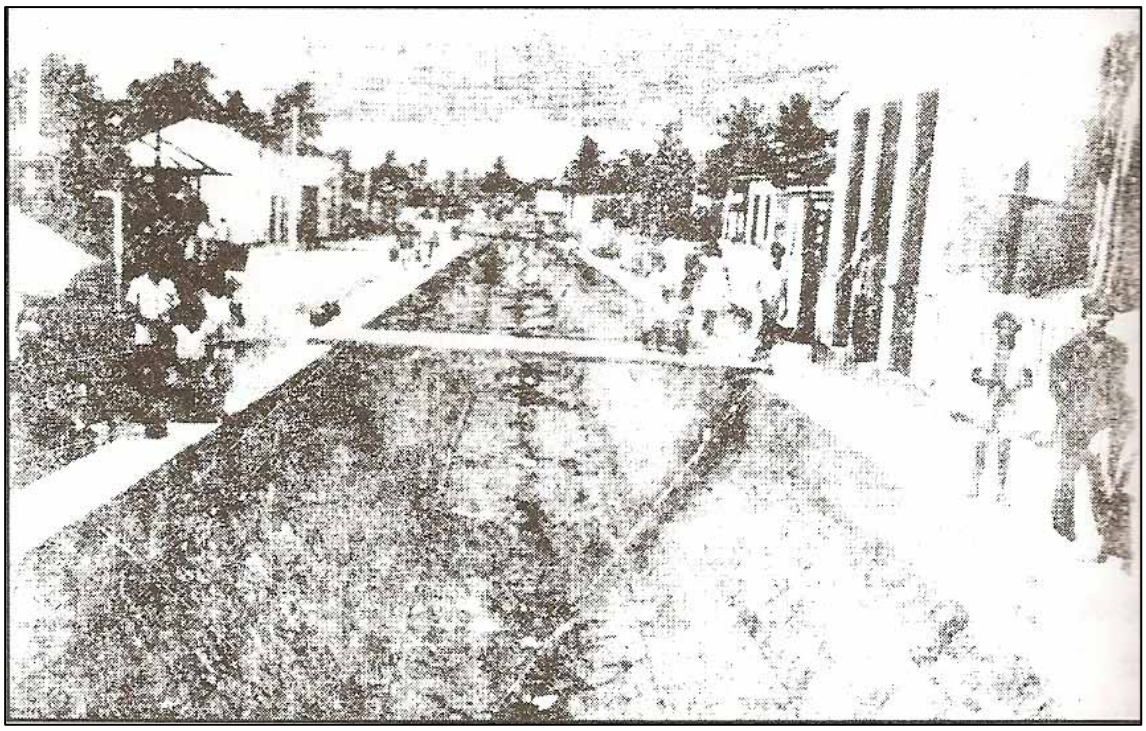


Figura 29: Construção do Canal de São Sebastião em Água Fria (1958) – à direita a formação dos morros de Água Fria, e à esquerda a planície flúvio-marinha do Recife.
Fonte: Jornal do Commércio (30/12/1958)

Com as melhorias processadas na área da planície, isto é, no espaço inicial de ocupação do bairro, os morros de Água Fria passam gradativamente a ser alvo das ações municipais. Com efeito, ali próximo, há a abertura no decênio de 1950 da ligação dos bairros de Casa Amarela e Beberibe. Iniciando na Praça da Convenção, em Beberibe, passando pela Avenida Uriel de Holanda, os córregos do Bartolomeu e do Euclides, até o terminal da linha de ônibus de Casa Amarela. Esta extensa via estabeleceu a conexão entre os morros, integrando de forma mais precisa os bairros da zona norte, e, estes, com outras partes da cidade, aproximando o transporte coletivo das habitações pobres.

Com o acesso facilitado aos meios de transporte, outras localidades emanam e se multiplicam em Água Fria. Irradiando seu crescimento a partir do núcleo pioneiro de ocupação representado pela estação Chapéu do Sol, o mercado público, a feira livre, o Sítio de Pai Adão e a Igreja de Santo Antônio. Deste nódulo periférico, o bairro expandiu-se. Crescendo rumo aos morros através de estradas íngremes ou tortuosas, a exemplo da Ladeira de Pedra, no Alto do Pascoal, da rua São Sebastião, margeada pelo córrego de mesmo nome, e da rua Córrego do Deodato, também ladeada pelo sulco de águas correntes.

Em virtude dos condicionantes topo-hidrográficos e das singularidades históricas de cada localidade, os morros e córregos do bairro acabaram por adotar um toponônimo próprio, revelando uma trajetória peculiar permeada de variados significados. Atualmente são elas as localidades existentes em Água Fria: Alto do Pascoal, Córrego de São Sebastião, Alto Belo Horizonte, Alto do Bonito, Alto do Guilhermino, Alto do Pereirinha, Córrego do Bombeirense, Córrego da Calma, Córrego do Cotó, Córrego do Deodato, Córrego da Padaria, Córrego do Pastor, e o Córrego São José.

Um aspecto comum desses lugares refere-se ao fato de serem bastante populosos, apresentando altíssimas densidades demográficas nos setores mais próximos do centro de Água Fria e de ocupação mais remota (Alto do Pascoal, Córrego de São Sebastião, Córrego do Deodato). Nessa perspectiva, vale lembrar que, outrora, a retração dos mangues, a escassez de moradias na cidade e o baixo poder aquisitivo de expressiva parcela da população,

resultaram no deslocamento dos mocambos em direção aos morros recifenses, especialmente às colinas da zona norte.

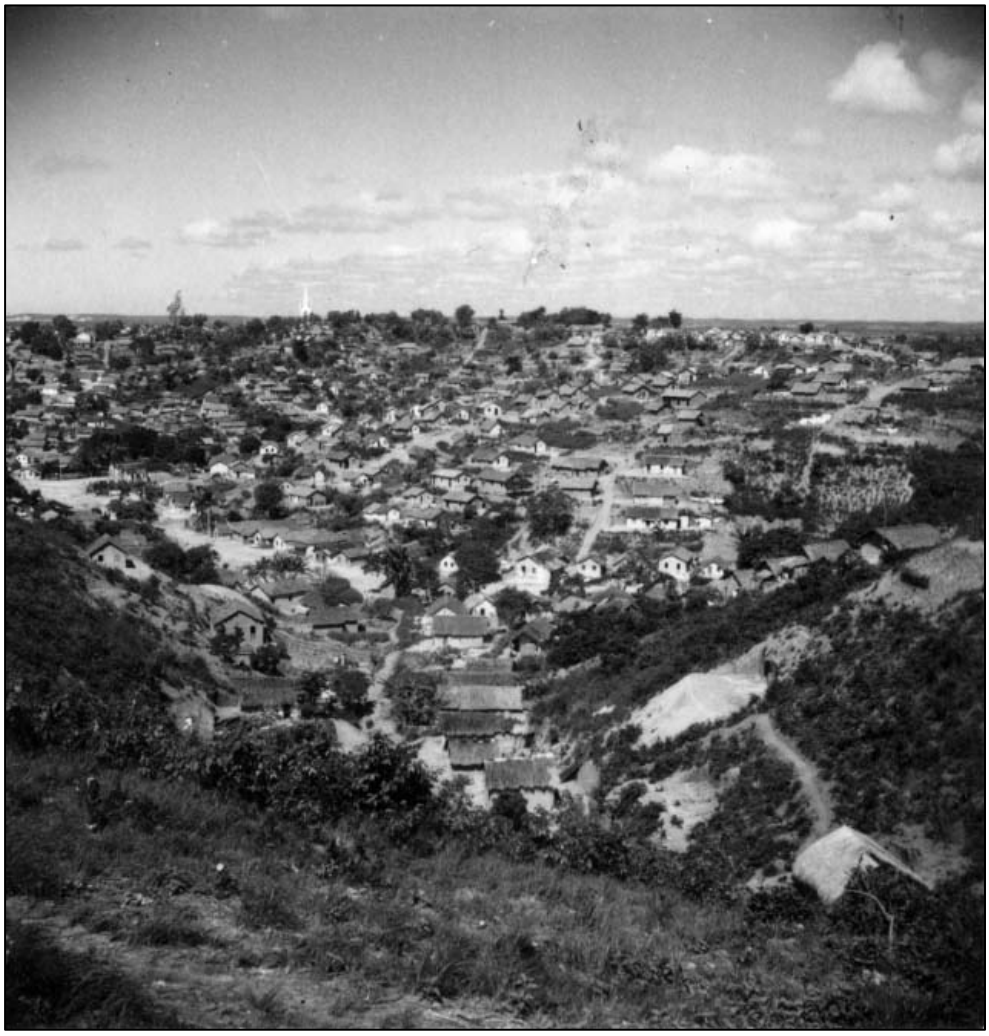


Figura 30: Alto do Pascoal em Água Fria no Início de 1960 (ver-se ao fundo o Morro da Conceição – Casa Amarela).
Fonte: Museu da Cidade do Recife. Livro 4, Tombo 03828.

Em Água Fria, os morros foram sendo habitados por migrantes do interior, que buscavam a cidade na esperança de sobreviver ao violento processo de expropriação que os vitimara. Além dos migrantes e moradores do próprio bairro, esse tipo de moradia humilde também abrigava desempregados oriundos de outras regiões, trabalhadores pobres, adeptos das religiões afro-

brasileiras, ou, ainda, filhos de antigos moradores que não queriam ou não podiam afastar-se de suas famílias, mesmo depois de casados.

Nesse contexto, tendo em vista os conflitos existentes no ambiente de penúria dos morros, ali a solidariedade era exercitada. E as relações de amizade e vizinhança se aprofundavam, tornando-se duradouras, até por uma questão de sobrevivência dos próprios moradores. Tais relações eram amiudadas por meio do encontro diário entre as pessoas, materializados nas conversas nas calçadas à porta das casas, das festas – Carnaval, São João, Natal, aniversários, batizados – e dos velórios, dentre outras ocasiões propícias ao conhecimento, ao envolvimento mútuo das pessoas.

Convém aqui ressaltar que a função da feira e do então recém inaugurado mercado público não era apenas de ordem econômica, mas, sobretudo social. Aqueles pequenos negócios existentes absorviam uma mão-de-obra familiar e asseguravam um complemento no orçamento tanto de pessoas com ocupação parcial, como de empregados mal remunerados do setor público. Além disso, para a população desprovida de outros recursos materiais, a feira e o mercado representavam a possibilidade do encontro e da troca de relações econômicas, afetivas e amistosas com outros moradores.

No bojo dessas relações, há que se destacar também àquelas advindas da cultura popular. Cada uma possuindo uma linguagem peculiar relacionada às raízes do bairro, configurando-se nas tradições de festas e cultos religiosos comumente ali realizados. Tratava-se de elementos da cultura local, e, doravante, da vida do bairro, que dado o empenho dos moradores, construíam as singularidades do universo local. “Transformando os espaços físicos, ressignificando os lugares simbólicos, dentro das áreas não-pensadas por urbanistas, construindo suas próprias habitações, (re)configurando a cidade, o bairro” (COSTA GOMES, 2009, p. 26). Este compreendido como uma realidade material resultado das relações sociais, do convívio de “engajamento” entre parceiros (vizinhos, parentes, comerciantes), pessoas ligadas uma às outras pela proximidade e pela relação de convivência.

Naquele instante, meados do século passado, o bairro de Água Fria conformava-se num verdadeiro mosaico cultural, no qual tradições de modos de vida passada se combinavam aos valores urbanos de um Recife que

buscava se modernizar. Contudo, os moradores normalmente se fechavam em uma dimensão própria de cultos religiosos, festas, plácidas reuniões à porta das casas, etc. Para os mesmos, as ruas e quarteirões próximos eram como "uma extensão da casa, e nas conversas de fim de tarde nas esquinas, na sociabilidade entre os vizinhos, o mundo era unificado: rua e casa tornavam-se espaços contíguos" (NOGUEIRA DA SILVA, Op. Cit., p. 38).

As relações processadas no interior do bairro reforçavam as tradições, os ritos e os laços de sociabilidade dos moradores em torno dos principais pontos de encontro da população, comumente situados no núcleo primitivo do lugar. Nesse espaço consagrado, os moradores ao desempenharem suas atividades, cruzavam suas trajetórias, compartilhando os sentidos e os significados do bairro. No antigo Chapéu do Sol, por exemplo, os moradores ao fim do dia se concentravam em torno da estação para assistirem as manifestações culturais do bairro, sobretudo àquelas advindas dos "condenáveis" pastoris profanos. A propósito, o Jornal do Recife de 06 de dezembro de 1930 descreve a situação da pitoresca estação em noites de folguedo popular.

> Na edição matutina de hoje, devemos uma nota a respeito da movimentação que há no subúrbio do Chapéo do Sol todas as noites. Hoje, como sempre, haverá ali uma azafama desusada, com o funcionamento de um pastoril e outros entretenimentos inclusive as dansas públicas. As famílias residentes naqueles arredores nos chamaram a atenção contra o abuso do mulherio solto que vive prejudicando o decoro publico, com palavreados obscenos e exhibições condennaveis para a moral. É nesse ruído de anseios por distrações, é sem conta o número de pessoas que entregam à prática de vícios, trazendo sério prejuízo pra ellas próprias. (...) É esse quase sempre o scenario do Chapéo de Sol.[109]

Naquele instante, em razão da movimentação "imprópria" do Chapéu do Sol iniciou-se a construção de um posto policial em Água Fria, conforme atesta projeto de 1935.[110] Na época, sua edificação também resultara da contínua perseguição dirigida aos centros religiosos de cultura afro-recifense, que eram concebidos, nos primeiros decênios do século passado, como um perigo para a saúde moral e psíquica da sociedade. Daí explica-se em parte o surgimento de algumas agremiações carnavalescas no bairro. Posto que os adeptos dessas religiões camuflavam seus terreiros, ocultando seus orixás (ancestrais e

[109] Abuso do Mulherio em Chapéu do Sol. Jornal do Recife. 06 de dezembro de 1930.
[110] Posto de Policial em Água Fria. Seção Técnica de Engenharia e Arquitetura. Pernambuco. 22 de junho de 1935. Acervo. Arquivo Público Jordão Emereciano.

divindades africanos), por trás dos santos católicos e dos blocos, maracatus, caboclinhos, e clubes de frevo, como forma de estratégia de manter suas práticas em meio à ação repressiva do Estado.

Conseqüentemente, com a chegada do fim de ano o bairro se alvoroçava, com os ensaios das inúmeras agremiações. Maracatus, caboclinhos, cirandas, clubes, troças... Os Batutas de Água Fria ensaiavam sua orquestra na sede do clube situada na Rua Egas Muniz, no Alto do Pascoal, e depois desciam o morro para desfilar na frente do mercado público, ou ao lado do antigo abrigo de bondes. Também se apresentavam no centro da cidade, como se pode observar na imagem de 1955 (FIGURA 31).

Figura 31: Batutas de Água Fria no Centro do Recife (1955)
Fonte: Museu da Cidade do Recife. Livro 6, Tombo 05488.

Não obstante as perseguições sofridas, outra importante manifestação cultural na vida do bairro era o xangô. Conforme visto antes, havia em Água Fria muitos terreiros, dentre os quais o mais conhecidos eram o de Zefinha

Guedes, de Anselmo, e o terreiro do célebre Pai Adão, que ainda se localiza na direção da Estrada Velha de Água Fria, próximo ao antigo Chapéu do Sol. Outrora como forma de sincretismo religioso, e depois, como prática enraizada nos seus hábitos e costumes, na véspera de São João,

> (...) o velho chalé do Sítio em nada diferia das outras casas da Estrada Velha de Água Fria: luzes bandeirolas, fogos, uma grande estrela de papel celofane iluminada, grande fogueira, crianças, adolescentes e velhos entrando e saindo. Colada à casa, a capela aberta deixava ver a imagem de Na. Sa. da Conceição e de outros santos católicos, no altar, cercado de velas e flores. Nada distinguia das outras centenas de casas do bairro, onde também se festeja o São João.[111]

Com efeito, nessa época do ano, as ruas de Água Fria se enfeitavam de bandeirinhas coloridas, balões, palhas de coqueiro, barracas de fogos de artifício, e formavam os arraiais no centro de Água Fria. Palco das quadrilhas que atraiam moradores de outros bairros da cidade durante o ciclo junino e espaço de sociabilidade dos moradores, onde também se servia pamonha, canjica, milho assado, milho cozido, e pé de moleque.

No dia de São João, fazia-se presente nos principais endereços do bairro a tradicional procissão do Acorda Povo. Cortejo religioso que saía de madrugada, ao ritmo da sabumba e do caracaxá. Seu coordenador era Artur Alves dos Santos, conhecido na época como Artur dos Búzios, morador da Rua da Regeneração. Era ele quem, perante as autoridades policiais, garantia a ordem, quem dizia a hora de recolher e quem fazia a escolha da futura Juíza da Bandeira – pessoa escolhida entre as de sua amizade encarregada de organizar a festa e arcar com as despesas ou parte dos gastos.

Durante a procissão, abrindo caminho, havia uma estrela, arcabouço de madeira, forrada com papel celofane encarnado e verde, com velas acessas no seu interior. Logo atrás vinha a Bandeira feita de pano, com uma pintura de São João em tamanho grande, com a forma retangular conduzida por jovens mulheres. Depois vinha o andor feito de madeira que era colocado no meio, entre filas, enfeitado com papel crepom e flores, e um São João de gesso erguido no topo da estrutura. De acordo com o folclorista Evandro Rabello, durante o percurso, havia cantoras com livros abertos na face e que seguiam

[111] Bandeira do Sítio. Roberto Benjamin. Jornal da Cidade. Recife. 03 a 09 de junho de 1976.

> (...) cantando acompanhadas pelo sabumba e pelo caracaxá. Pessoas levavam lanternas encarnadas, brancas ou verdes. Maior presença de gente de cor. Atrás de tudo o povo cantando, dançando as umbigadas, soltando fogos, balões. Gente com a cabeça enfeitada com capelinha de melão ou de manjericão e uma com elas cheias de bebidas, se esbaldando gostosamente no ritmo que os instrumentos de percussão iam executando. Lá para as tantas, todos iam aderindo, caindo na dança das umbigadas, cantando versos, gindando, batendo ventres.[112]

No interior do bairro, outras práticas também se desenvolviam. O padre celebrava na igreja de Santo Antônio a missa, fazia batizados, casamentos, ensinava catecismos, e dava extrema-unção. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o desenvolvimento de Água Fria também está vinculado ao Catolicismo Romano, uma vez que no Recife, assim como acontecera em outras cidades da mesma época, os bairros geralmente coincidiram com as capelas, e foram, a partir delas, que se configuraram as primeiras modalidades da vida de bairro (SEABRA, 2000, p. 12).

Em torno da capela, nas festas de natal e ano novo, a vida do bairro singularizava-se com a apresentação de fandangos, de bumba-meu-boi, mamulengo e no dia de reis, com a cerimônia do "queima da lapinha". Antes de se apresentar no bairro ou desfilar no carnaval, os caboclinhos também dançavam na frente da igreja de Santo Antônio. Tinha carrossel, e a bandas de música faziam retretas animadas.

Outrossim, os arruamentos do bairro serviam de passagem à tradicional procissão de Santo Antônio todo dia 13 de junho e em cuja paróquia, havia o desenvolvimento de algumas atividades econômicas, fundamentalmente relacionadas às quermesses, onde ocorriam vendas de brindes, comidas, e bebidas, afora os entusiasmados bingos. Vale ressaltar que nas cercanias da igreja as pessoas buscavam se relacionar. Aos domingos assistiam a missa, estabeleciam múltiplos contatos, sabiam das novidades, das vidas alheias, e até namoros ali se iniciavam. Segundo as reminiscências afetivas de Donato e Caldas,

> rapazes e moças se comprimiam semanalmente na pequena igreja do bairro, onde o respeitável padre Jaime, quase um santo, celebrava o ato de forma completa, todo no ritual. (...) O interior da igreja era ocupado pela "carolagem" e por aquelas pessoas que iam à igreja com o firme propósito de reverenciar a Deus. Já do lado de fora era uma maravilha. Dezenas de pescadores se

[112] Acordo Povo. Evandro Rabello. Jornal da Cidade. Recife. 12 a 18 de junho de 1976.

> acotovelavam naquele corredorzinho que dava acesso ao jardim paroquial, tão alegres que pareciam aguardar a hora de entrar no paraíso. (...) Havia muitos dos nossos que iam somente pra esperar a saída da missa. Colocavam-se em pontos estratégicos, normalmente entre a igreja e a barraca da Pateta e faziam da Rua Zeferino Agra a passarela por onde desfilavam todas as meninas do nosso mundo (DONATO & CALDAS, 1995, p. 139).

Concomitantemente a esses aspectos comuns da vida do bairro, Água Fria passou a presenciar o desenvolvimento de novas práticas, ditas modernas, que se desdobraram dada as transformações processadas no Recife desde as primeiras décadas do século passado. Naquele momento, a cidade encontrava-se sintonizada com as mudanças derivadas da expansão das práticas capitalistas. Sobretudo àquelas que atendiam por "eliminar as feições coloniais e tropicais através da tríade urbanizar, civilizar e modernizar", conforme aponta Rezende (2002, p. 95).

À luz desse contexto, Água Fria conhecera significativas mudanças na sua fisionomia e ritmo de vida. Através de inovações e práticas modernas surgem no bairro os primeiros cinemas. Como mencionado anteriormente, a principal sala de exibição do bairro fora o Cinema Império. Segundo antigos moradores[113], a casa de cinema fora erguida

> (...) no centro de Água Fria, em frente ao abrigo (cujo dono, um tal de Jaime teve sua morte anunciada por diversas vezes), onde galãs, engraxates, mariposas e outros tipos faziam ponto. O Império por muito tempo fez parte de nossas vidas. Desde criança aprendemos a freqüentá-lo, mesmo quando só nos era permitida a matinê domingueira, onde as figurinhas e os gibis negociados com outros meninos eram mais importantes do que os próprios filmes (DONATO & CALDAS, Op. Cit., p. 106).

Dessa maneira, novas diversões compunham a vida de relações de Água Fria, e o futebol fora uma delas. O esporte trazido pelos ingleses possuía muitos adeptos no bairro, aumentando seus admiradores com criação de inúmeras associações e clubes desportivos no seu interior. Existia também vários campos de várzea e os moradores mantinham forte vínculo com o Santa Cruz Futebol Clube, equipe profissional situado no bairro vizinho do Arruda.

Todavia, com as metamorfoses cada vez mais acentuadas na cidade, Água Fria fora mudando, e, conseqüentemente, se adequando as novas

[113] Evaldo Donato e Paulo Caldas, antigos moradores do bairro de Água Fria, que escreveram um livro (No Tempo do Nosso Tempo – uma volta aos anos 60) a propósito do universo cotidiano da juventude recifense durante os anos de 1960, especialmente na zona norte.

realidades e, novos modos de vida foram sendo incorporados. Caminhar pelas principais avenidas e ruas do bairro ganhou novos sentidos – o das compras, o do lucro -, visto que, para a cidade do Recife, Água Fria não se constituía mais um espaço residencial, apenas, mas também uma área de comércio, de prestação de serviços, de negócios variados e de consumo. No decorrer desse processo, a vida de bairro que até então o caracterizava, começara a arrefecer. Com propriedade sublinha Seu Nelson Martins[114]:

> As coisas aqui mudaram muito! Mas mudou para pior. Porque há 30 anos a feira era boa, movimentada. Agora está assim, com pouco freguês. As antigas casas comerciais já não existem mais. O carnaval caiu. Permaneceram algumas agremiações e o terreiro do sítio (Pai Adão). Mas o carnaval bom foi há 20, 30 anos atrás. Acredito que hoje tudo caiu muito. Caiu o carnaval, caiu o São João, As troças estão fracas. Não tem mais o Chapéu do Sol. O cinema acabou... Olha aí que coisa complicada!

Pelo relato acima, percebe-se que o Seu Nelson Martins reconhece as transformações que se processaram em Água Fria. Nessa perspectiva, vale destacar que essas mudanças tornaram-se mais intensas a partir do final da década de 1970 no âmbito do processo de metropolização. Deixando evidente que quanto mais complexas as relações capitalistas na cidade, mais se acelera o declínio da vida de bairro e mais o usuário tende a se deslocar do seu bairro para vivenciar outros lugares da mesma. Logo, assinala Bauman (1999, p. 8) que ”ser um local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social”. E acrescenta:

> Os desconfortos da existência localizada compõem-se do fato de que, com os espaços públicos removidos para além do alcance da vida localizada (o bairro), as localidades estão perdendo a capacidade de gerar e negociar sentidos e se tornam cada vez mais dependentes de ações que dão e interpretam sentidos, ações que elas não controlam (BAUMAN, 1999, p. 8).

Assim, para o morador o bairro deixa de ser o meio único de satisfazer suas necessidades, sejam elas de lazer, trabalho ou consumo. O que o remete a transitar por outros lugares, separando o lugar de moradia daquele do trabalho, redefinindo o bairro como lócus de construção das relações interpessoais de seus habitantes. Logo, o morador tende a viver mais superficialmente o lugar. Pois, “com a expansão do processo de globalização, a reprodução das relações sociais dá-se fora das fronteiras do lugar. Mais e

[114] Morador do bairro há 73 anos e Presidente da Associação de Feirantes de Água Fria. Entrevista concedida em 02 de agosto de 2010.

mais, aquilo que de mundial existe no local redefine seu conteúdo, sem, todavia, anular suas particularidades" (CARLOS *apud* SILVA, Op. Cit., p. 17).

Desse modo, para os moradores de Água Fria abstraídos das reflexões e imersos no seu cotidiano, o bairro (apesar das mudanças) ainda representa o lugar mais intensamente vivenciado, e também a referência a partir da qual se relacionam com espaços mais amplos. Constituindo-se dessa forma num lugar, marcado pela construção de uma identidade que difere da noção de bairro no sentido político-administrativo. Pois, ele (o bairro) é o resultado de um conjunto de relações sociais que passam pela consciência histórica de pertencerem a uma localidade, cujos limites podem ser definidos pelo grau de relações entre as pessoas ao viverem um mesmo cotidiano, problemas de rua ou quarteirão, cria um clima de "cumplicidade" para viver ou encontrar saída para os mesmos. O bairro pode ser encarado, portanto, como um lugar onde as relações de vizinhança se encontram mais bem configuradas (SCARLATO, Op. Cit., p. 178/179).

Trilhando nessa direção, buscar-se-á no item a seguir analisar o bairro de Água Fria à luz da contemporaneidade. Ou seja, no bojo da dinâmica atual, marcada pela sobrevivência dos aspectos comuns da vivência local, que não obstante à emergência de novos modos de vida, acabam por cadenciar o ritmo e alma do lugar. Sobretudo no tocante ao âmago do seu tecido, caracterizado pela presença de sintomáticos enredos regidos por determinados marcos referenciais, reveladores da personalidade própria do bairro ao longo de sua historicidade.

IV Capítulo

ÁGUA FRIA

A IDENTIDADE DE UM BAIRRO NUMA TRAMA DE ENREDOS

Uma cidade é um conjunto de bairros dos quais cada um tem sua fisionomia, resultante de sua função, de seus habitantes, de sua idade. Todos esses bairros, mais ou menos integrados entre si, formam a cidade. Um bairro urbano tem uma feição que só a ele pertence, uma vida particular, uma alma.

Pierre Monbeig

4.1 Desatando a Trama Densa de Água Fria

Integrante da Região Político-administrativa – RPA 2 (norte) da cidade do Recife[115] (FIGURA 33), o bairro de Água Fria possui uma interessante situação espacial, encontrando-se localizado numa área fisiográfica marcada pela aproximação da planície flúvio-marinha com os outeiros existentes no interflúvio do Capibaribe e Beberibe.

Conforme observado, sua ocupação inicial processou-se na planície, irradiando seu crescimento rumo aos morros, córregos e ladeiras situados entre os bairros de Casa Amarela e Beberibe. No bojo desse processo, ressalta-se que Água Fria, semelhantemente a algumas cidades, teve sua expansão engendrada a partir de um nódulo central, caracterizado pela presença do Sítio de Pai Adão, o mercado público, a feira livre e a Igreja de Santo Antônio. Este quadro evolutivo lembra a observação de Lynch, onde

> (...) não é incomum o tipo de bairro com um núcleo forte e cercado por um gradiente temático que vai desaparecendo aos poucos. Às vezes, de fato, um ponto nodal forte pode criar uma espécie de bairro numa zona homogênea mais ampla, simplesmente por "radiação", ou seja, pela sensação de proximidade com o ponto nodal (LYNCH, Op. Cit., p. 78).

Atualmente, além dessa particularidade, as ruas centrais do bairro representam uma construção histórico-espacial, um universo válido de inúmeras experiências. Constituindo-se em espaços de domínio público, onde são realizadas as principais ações de seus moradores e usuários. No campo da dimensão prático-sensível, caracterizam-se como lugares de reunião, conflito e emoção, combinados todos numa rica trama de relações, melhor percebidas no âmago do lugar.

No coração de Água Fria, o indivíduo ao caminhar pelas ruas e avenidas do bairro, depara-se com um cabedal de experiências vividas. É o burburinho das ruas repletas por feirantes e comerciantes, o fluxo de pessoas e veículos

[115] Além de Água Fria que, possui uma população domiciliada de 44.020 habitantes numa área de 182 hectares, a RPA2 é composta pelos bairros de Campina do Barreto, Campo Grande, Encruzilhada, Hipódromo, Peixinhos, Ponto de Parada, Rosarinho, Arruda, Alto Santa Terezinha, Bomba do Hemetério, Cajueiro, Fundão, Porto da Madeira, Beberibe, Dois Unidos, e, Linha do Tiro (que perfazem uma população da ordem de 205, 986 habitantes, segundo dados do IBGE – 2000)

circulando, as celebrações e comemorações especiais (as procissões, o carnaval, as festas juninas, etc.), o diálogo freqüente nos pequenos negócios (mercearias, vendas e bodegas), os acenos das pessoas que cruzam umas com as outras... Enfim as diversas manifestações existentes nos endereços centrais de bairro (FIGURA 32), reconhecidos como lugares do encontro, da festa, do comércio e da brincadeira. É também o lugar da diversidade de ocupações habitacionais, comerciais, industriais, de prestação de serviços ou de lazer.

Figura 32: Centro de Água Fria na Avenida Beberibe (à esquerda, inicia-se o ambiente dos morros e córregos do bairro; e à direita, estende-se o bairro pela planície do Recife).
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Julho de 2010.

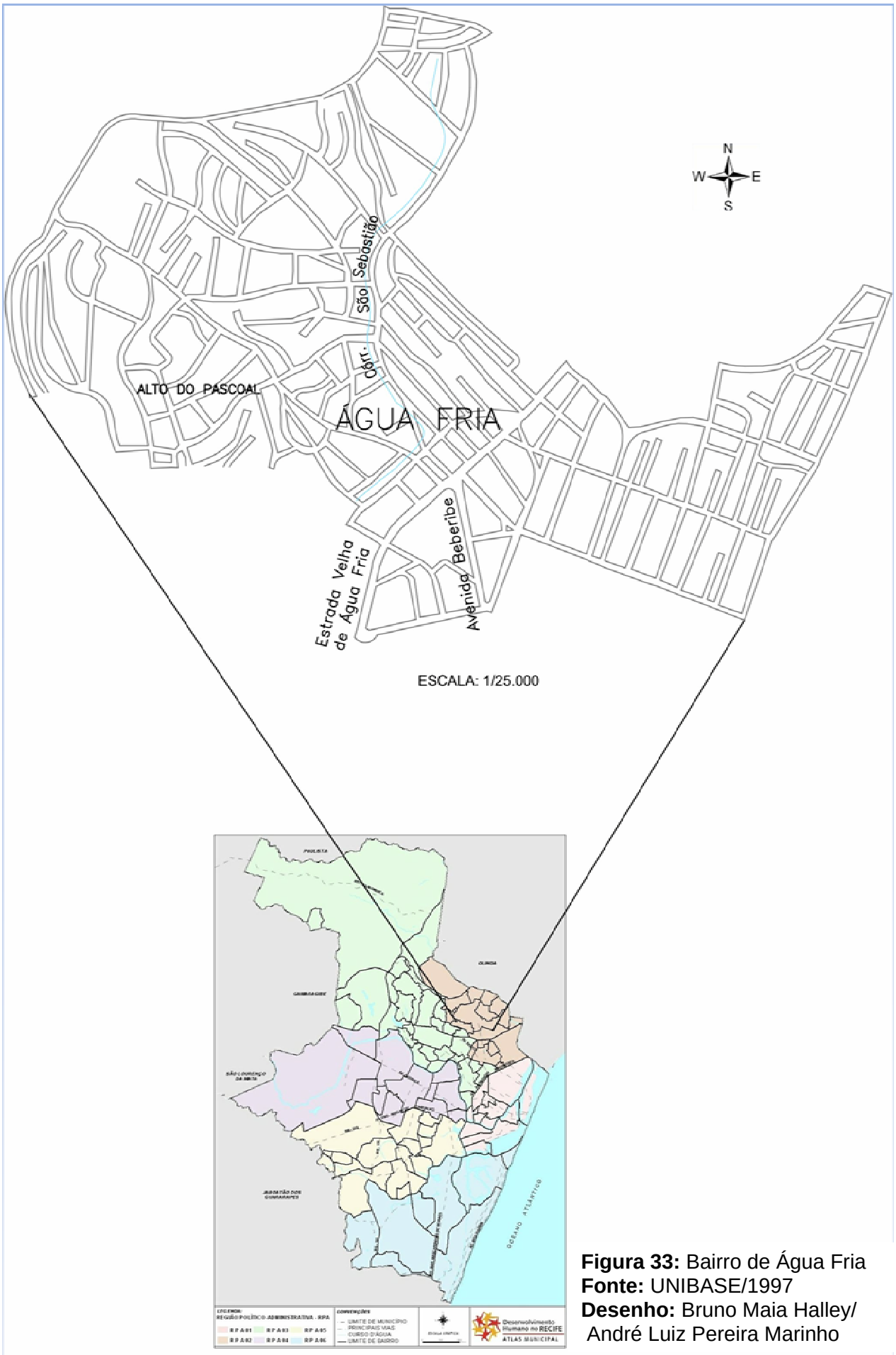


Figura 33: Bairro de Água Fria
Fonte: UNIBASE/1997
Desenho: Bruno Maia Halley/ André Luiz Pereira Marinho

Outrossim, com uma perspectiva mais ampla, observa-se nestes espaços a presença ainda de esquinas, casas, calçadas, vilas, ladeiras, morros e praças, que ali permaneceram como forma do testemunho das mudanças ocorridas no bairro. Contudo, apesar dessas transformações, nas suas ruas densamente povoadas, ainda constata-se hábitos que remontam a sua gênese, resquícios de um passado que persiste em permanecer. Dessa forma, ainda se encontra mulheres e velhos conversando em frente às casas, o jogo de cartas e dominó na calçada, os encontros nos botequins sociabilizadores, os contatos estabelecidos nas padarias ao final da tarde ou na feira livre, as relações amistosas no mercado público, os laços de parentesco e compadrio nos terreiros de xangô, a tradicional festa do padroeiro, os ensaios das diversas agremiações carnavalescas...

Essa miscelânea de experiências encontra-se organizadas em enredos. Determinados conjuntos de ações comuns e intrínsecas do lugar, responsáveis pelas ocasiões mais propicias ao envolvimento mútuo dos moradores. Eles (os enredos) são regidos por expressivos e históricos marcos referenciais (a igreja, o mercado, o terreiro de xangô, as agremiações do carnaval), que, por sua vez, encontram-se concentrados no coração do lugar, palco convergente de inúmeras especificidades da personalidade local. Vale destacar que, nesse ponto do bairro, independentes da localização das suas residências, os moradores reconhecem o coração ou a trama de enredos, como um lugar onde se encontra mais bem configurada suas imagens mentais relacionadas ao sentimento de pertencimento a um bairro.

Assim, partindo do princípio, que o bairro não é conhecido na sua totalidade, vive-se apenas fragmentos do seu tecido, buscar-se-á a partir de agora “desatar’ a trama densa de Água Fria. Ponto comum das experiências dos moradores, que o consideram como portador de um legado simbólico, transmitido por gerações e gerações, e expressos historicamente nos seus marcos referenciais. Essas heranças serão compreendidas à luz dos principais enredos do bairro, notadamente associados ao “bairro negro”, ao carnaval local, ao comércio popular e ao catolicismo romano.

4.1.1 Água Fria: um “Bairro Negro” Recifense e seu Enredo

No limiar do século XX, os terreiros de cultura afro-descendentes foram sendo deslocados do centro do Recife e de sua periferia imediata rumo aos arrabaldes da cidade, sobretudo os arredores situados no interflúvio do Capibaribe e Beberibe. Nos morros, córregos e ladeiras localizados entre os bairros de Casa Amarela e Água Fria. Foram diversas as razões para esse deslocamento, conforme mostra Gomes Costa:

> Algumas delas ligadas à política contra os mocambos e ao processo de expansão urbana da cidade, outras ainda vinculadas à perseguição étnico-religiosa (anos 1930), à política de “higienização” da cidade que concebia as religiões afrodescendentes como um perigo para a saúde mental e psíquica da sociedade – e a política industrial dos anos de 1950, que iria desterritorializar as camadas populares para atender às necessidades da indústria (GOMES COSTA, Op. Cit., p. 24).

Associado a estes fatores, nota-se que a política contra os mocambos ligada a política de modernização da cidade do Recife, iniciadas na década de 1930, foram se consolidando no decênio de 1950. Com efeito, à medida que as habitações de taipa, de folhas de flandres, iam sendo demolidas do centro do Recife, paradoxalmente outras iam sendo construídas na periferia, seguindo, assim, o deslocamento da população pobre, que continuava a migrar para o subúrbio. Subjacente a esse processo, os inúmeros terreiros, que ainda adotavam estratégias para sua manutenção, “seguiam nas estradas desses deslocamentos, agora não somente por motivações da perseguição policial às religiões afro-brasileiras, mas por razões, como por exemplo, a demarcação de um território” (GOMES COSTA, Op. Cit., p. 58).

Nesse contexto, vale rememorar que nos primeiros decênios do século XX, o centro do Recife passa a ser concebido ou idealizado a partir de um projeto de modernização que tinha por objetivo transformar essa área num lugar de desenvolvimento industrial, bancário e comercial. Conseqüentemente, a cidade fora pensada distante das construções pobres, notadamente mocambos, palhoças e casebres, estes lembrados às margens dos modelos arquitetônicos e urbanísticos da época.

Nesse sentido, as ilhas centrais passavam a ser espaços de segregação e diferença, mas que, contraditoriamente, ampliavam seus tentáculos de expansão urbana às populações de baixa renda, aos negros e mulatos dos mocambos e terreiros, que ocupavam a periferia da planície recifense, desde os anos de 1930. A propósito, sublinha Cavalcanti (1935, p. 244): “a maioria das seitas africanas está localizada Zona marginal às linhas do Beberibe e Campo Grande, arrabaldes pobres da cidade. Encruzilhada, Água Fria, Arruda, Chapéu do Sol e Fundão, por todos esses lugares se encontram terreiros. Terreiros de culto nagô, gege, xanhá com predominância de nagô”.

Contudo, em meados do século XX, esses subúrbios deixaram de ser pequenos nódulos isolados e passaram a ser continuidade do tecido urbano (PONTUAL, 2001). Por conseguinte, a periferia se transforma num espaço de territorialização dos diversos grupos sociais, especialmente dos afro-descendentes, que criaram e recriaram estratégias na tentativa de impedir o fechamento de seus terreiros, seja camuflando-se em agremiações carnavalescas, seja ocultando seus ancestrais e divindades africanas por trás dos santos católicos. Esses mecanismos possibilitaram a garantia de habitações, trabalho, e lazer, afora a realização de práticas religiosas marginalizadas pelos grupos hegemônicos da época. Outrossim, essas táticas permitiram

> Reconstruir as redes de sociabilidade e negociações que foram criadas e (re)criadas em torno desses terrenos, ora por várias vezes deslocados, ora fixados, com o objetivo de garantir suas práticas religiosas, chegando em alguns casos até mesmo a contribuir com o processo de ocupação/habitação da localidade onde se fixavam, nas áreas geográficas mais distantes da perseguição policial (GOMES COSTA, Op. Cit., p. 26).

Nessa perspectiva, os mecanismos de criação das populações pobres asseguraram a elas um espaço de moradia dentro das áreas não pensadas por urbanistas. Havendo, assim, um processo de desterritorialização em que as estruturas urbanas oficiais perderam o controle hegemônico, e as pessoas criaram estratégias de continuidade de suas práticas culturais, condenadas pelas estruturas vigentes, ressignificando a partir de suas apropriações ou espaços na geografia da cidade, resultando em novos arrabaldes, e depois, em novos bairros (COSTA GOMES, Op. Cit., p. 26).

Na esteira desse processo, subúrbios como Beberibe, Água Fria, Fundão, Casa Amarela, entre outros, foram se transformando em espaços de moradia, bem como lugares de reconstrução simbólica dos adeptos das religiões afro-descendentes, que desde o decênio de 1930 veio ocupando esses espaços geográficos. Opinião compartilhada por Gonçalves Fernandes:

> Ocupam, como se vê, ruas afastadas de arrabaldes distantes do centro da cidade, sendo que na zona correspondente à estrada do Beberibe e Campo Grande só encontram em sua grande maioria esses terreiros, alguns de difícil acesso aos que não conhecem bem a topografia da região (GONÇALVES FERNANDES, Op. Cit., p. 20).[116]

De fato, entre as décadas de 1920 e 1940, os terreiros existentes na Zona Norte do Recife, nos arrabaldes de Água Fria, Arruda, Fundão, Campo Grande, Beberibe e Casa Amarela, formavam a maior concentração de xangôs da cidade. Não por acaso, terem sido denominados pejorativamente nos jornais da época por "Catimbolândia".[117] Outrossim, "afastados de outras casas, no meio de sítios ou cercados, em arrabaldes de grande densidade de população pobre, eram apontados os xangôs do Recife como centro de bruxaria" (GONÇALVES FERNANDES, Op. Cit, p. 7).

Gilberto Freyre também se remete aos xangôs do Recife, chamando atenção no seu Guia Prático, Histórico e Sentimental, para a existência de alguns terreiros situados nos arrabaldes pobres da cidade, no decênio de 1930. Para ele, essas casas de xangô constituíam-se em "(...) mocambos à sombra de grandes gameleiras ou entre coqueirais. Outros, em casinhas de barro sumidas na mucambaria do Fundão. Ainda existem algumas; mas já deformadas. Em decadência" (FREYRE, 1968, p. 100).

O sociólogo pernambucano também menciona a existência de casas de xangô em outros bairros: "Uma em Água Fria, na rua Manjeirico" (...) "A de Santo Antônio, no Fundão, de ritos nagôs baldeados com *jejes* – informa a mãe-de-terreiro" (FREYRE, Op. Cit., p. 102). E também, "A de Pai Adão, que

---

[116] Contudo, vale registrar novamente que "(...) os bairros circunvizinhos ao rio Beberibe são apontados desde o século XVII como reduto de pobreza e gente de cor. Este fato indica que esta área (o que inclui a Encruzilhada) forma um dos nichos mais antigos de localização de xangôs no Recife" (BRANDÂO, 1988, p. 121).

[117] Ver a propósito em: GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Catimbó:** Saberes e Práticas em Circulação no Nordeste dos anos 1930-1940. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins; LIMA, Ivaldo Marciano de França. Cultura Afro-descendente no Recife: Maracatus, Valentes e Catimbós. Recife: Edições Bagaço, 2007.

estivera na África e falava iorubano" (...) "Pai Adão morreu em 1936. Seu enterro foi um acontecimento. Verdadeira multidão. Quase igual ao enterro de José Mariano" (FREYRE, Op. Cit., p. 102).

Adão nasceu em 1877 na cidade do Recife, filho de escravo chamado Sabino da Costa. Seu sonho era conhecer a terra dos seus ancestrais. Foi à África, em 1906, passou em Lagos, e voltou satisfeito com os ensinamentos recebidos. Era um grande místico na sua época. "Durante o dia, sentado numa velha poltrona de jacarandá, costume de brim branco muito bem engomado, fumando bons charutos, recebe os filhos do terreiro que lhe vão pedir a bençam ajoelhados, ou conselhos para resolver negócios, etc." (GONÇALVES FERNANDES, Op. Cit., p. 57).

O mestre de Apipucos, ainda destaca na "Catimbolândia" recifense, outros pais-de-santo, e, por conseguinte, "outros bons terreiros: o do Patriarca Apolinário, contemporâneo do maior babalorixá que já teve o Recife: Adão" e "o de José Romão, filho do famoso Adão. Fica à Estrada Velha de Água Fria. Ritual nagô" (FREYRE, Op. Cit., p. 103). Sua festa tradicional acontece em "(...) 8 de dezembro, consagrada a Iemanjá, "rainha do mar". Os "filhos de santo" do Romão são os que com mais devoção vão à noite, naquele dia, às praias do Recife, levar flores a Iemanjá" (FREYRE, Op. Cit., p. 103).

Observa-se, portanto, que na década de 1930, os xangôs se restringiam aos arrabaldes pobres e que estes arredores já se encontravam disseminados quase por todo o perímetro urbano do Recife. Em Água Fria, segundo Brandão (1988, p. 124), localizavam-se os mais importantes terreiros daquela época, inclusive os terreiros de Adão e Anselmo. Compreendendo o total de 33% dos casos de xangôs tradicionais da zona administrativa de Beberibe. [118]

Nesse momento, "os xangôs continuam a ser associados as áreas de pobreza e mocambaria" (BRANDÃO, Op. Cit., p. 128).[119] Compunha-se de

[118] Brandão (1988), apoiada no estudo clássico de Mendonça (1975), descreve os seguinte bairros como pertencentes a zona de Beberibe: Beberibe, Água Fria, Arruda, Água Compridas, Linha do Tiro, Fundão, Sapucaia, Caixa d'Água, Passarinho, Cajueiro, e os Altos do Pascoal, do Deodato e do José do Pinho. A densidade demográfica dessa Zona Administrativa é de cerca de 130 a 155 habitantes por hectare.

[119] De acordo com Gonçalves Fernandes (1937), dos principais terreiros existentes no Recife na década de 1930, 8 situavam-se na área circunvizinha da bacia do rio Beberibe (Água Fria: 4 / Arruda: 1 / Fundão: 1 / Encruzilhada: 2).

pessoas humildes (lavadeiras, cozinheiras, operários rurais, pedreiros, etc.) e não eram "(...) bem vistos pelos de cor das massas proletárias e pequena burguesia, causando aos brancos de todas as classes apenas curiosidade, quando não muito um vago receio de bruxaria e catimbó..." (GONÇALVES FERNADES, Op. Cit., p. 118). Na concepção de René Ribeiro

> (...) localizam-se os Xangôs de preferência nos subúrbios da cidade, principalmente naqueles ocupados pela nossa população de nível econômico e social mais baixo. Recrutam-se nessas camadas populares os seus organizadores, como a maior parte de seus fiéis, que assim pouco se distinguem dessa população, compondo-se principalmente de indivíduos predominantemente mestiços, escuros ou negros, analfabetos ou de instrução rudimentar, ocupados em profissões humildes e integrados na sua cultura local (RIBEIRO, 1952, p. 72).

No seu estudo pioneiro sobre os *Xangôs do Nordeste*, Gonçalves Fernandes (1937), faz menção aos terreiros Obá Ogunté, do Pai Adão, e o terreiro do Pai Anselmo, ambos situados em Água Fria. O terreiro de Anselmo, outrora localizado nas proximidades da Rua da Regeneração já não mais existe. Contudo, na sua época, o *babalorixá* fora muito importante para a cultura afro-descendente. "No Congresso afro-brasileiro do Recife foi muito estimável a contribuição de Anselmo. Ele deu todas as suas sessões, o pitoresco de seus apartes, discutiu as teses com os doutores, e escreveu muito cousa na sua simplicidade", recorda Gonçalves Fernandes (Op. Cit., p. 155).

O Sítio de Pai Adão (FIGURA 34), por sua vez, permanece no mesmo local de origem, na Estrada Velha de Água Fria. Conforme visto anteriormente, constitui-se um dos mais antigos e tradicionais terreiros do Recife, revestindo-se de uma significativa importância, na condição de casa matriz do xangô pernambucano, e doravante, das tradições afro-descendentes da cidade. Outrossim, um traço característico do sítio diz respeito a sua ortodoxia, sendo o ritual nagô sua prática constante e única.

Remonta do último quartel do século XIX, tendo como fundadora a *yalorixá*[120] Inês Joaquina da Costa. Com o falecimento de "Tia Inês", o terreiro passa a ser dirigido por Felipe Sabino Costa, o lendário Pai Adão. Após sua morte sucederam-se os seguintes *babalorixás*[121]: José Romão, de 1936 a

[120] O mesmo que mãe-de-santo.
[121] Sacerdote chefe do terreiro. O mesmo que pai-de-santo.

1971, Malaquias, 1971 a 1984, e atualmente Manuel do Nascimento Costa, o conhecido Manuel “Papai”, coordena as atividades do “sítio”.

Figura 34: Sítio de Pai Adão no Bairro de Água Fria (conjunto principal do terreiro de xangô – a Capela, a entrada do Peji, e a casa de Walfrido)
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Junho de 2010

Localizado na Estrada Velha de Água Fria, nas imediações do antigo Chapéu do Sol, o Sítio de Pai Adão funciona num amplo terreno, e que em tempos pretéritos constituía-se num exuberante sítio, comum naquela região da cidade. Atualmente, o terreiro acumula um conjunto de construções e espaços

sagrados, destinados ao culto dos *Orixás*[122] e dos ancestrais *Eguns*[123]. Outro conjunto de construções profanas revela que lá residem cerca de sessenta e sete pessoas, cujas unidades domésticas se distribuem desordenadamente por todo terreiro. Por conseguinte, pouco resta da sua fisionomia original, existindo apenas uma árvore do Irocó na entrada do "sítio" e outra nos fundos, tida como sagrada (FIGURA 35). Sobre ela, descreve Gonçalves Fernandes (1937, p. 58): "a gameleira secular tem junto ao tronco montinhos de barro cheias d'água. Ali fazem sacrifícios de animais em dias determinados do ano (...) Em poucos terreiros, nesta cidade, há semelhante adoração".

]

Figura 35: Residências no Sítio de Pai Adão (ao fundo, gameleira sagrada; à esquerda, algumas casas dos filhos-de-santo; e, à direita, oficina de serralharia).
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Junho de 2010

[122] São as divindades dos africanos, os santos.
[123] Espírito, almas dos mortos ancestrais que são cultuados com oferendas.

Na frente da casa, encontra-se, à esquerda, a antiga residência de Mãezinha (Maria do Bonfim), filha falecida de Pai Adão.[124] No lado direito, conjugada com a construção principal, tem-se a casa de Seu Walfrido José da Silva (sobrinho de Adão). Na parte de trás do terreiro foram construídas nove casas (algumas de taipa), onde se encontra as residências dos filhos-de-santo, uma pequena oficina, todas dispostas de forma irregular face o alinhamento do terreno.

Um pouco mais recuada, avista-se a enorme gameleira sagrada chamada de *Irocó,*[125] e uma cacimba dedicada à orixá *Oxum*[126]. A cacimba, além de possuir suas finalidades sagradas, serve igualmente como espécie de chafariz da comunidade, que a utiliza na falta de água encanada. Sobre a construção principal do terreiro, vale conferir a descrição de Pereira:

> O acesso a construção principal, destinada apenas às atividades sagradas, ocorre através de um salão ligado diretamente ao quarto do santo (Peji)[127], à cozinha do santo, a um banheiro, a duas residências, e um "hall" por onde se chega ao salão de toque. Este é o mais amplo espaço e ambiente da casa. É simples, tendo como enfeite uma Yemanjá pintada com os dizeres: "A Paz Esteja Aqui'. A esquerda deste, existe uma porta por onde chega ao quarto do culto aos ancestrais eguns (ritual privado masculino), composto de dois compartimentos (PEREIRA, Op. Cit., p. 42).

Geminada à esquerda desta construção tem-se a Capela de Santa Inês (FIGURA 36), de arquitetura católica, com entrada e ligação com o restante da casa independente. Outrora, na década de 1930, esta capela compunha-se de santos católicos, como bem lembra Gonçalves Fernandes:

---

[124] No início deste ano, um fato triste acometeu a comunidade nagô do Terreiro de Pai Adão. A ialorixá Maria do Bonfim morreu aos 93 anos. No seu enterro, no cemitério de Santo Amaro, dezenas de filhos e filhas de santo da religiosa, todos vestindo branco, cumpriram o ritual que se dedica ao sepultamento de lideranças religiosas do Xangô. Partindo da capela do cemitério, onde foi realizado o velório, o corpo foi conduzido ao som de toques e cânticos para os ancestrais. Algumas toadas eram para Iansã, orixá que no xangô domina os espíritos. Segundo o babalorixá Manoel do Nascimento Costa, "ela era muito conselheira, amiga, tinha sempre uma palavra de conforto e um remédio para alguém". A Tia Mãezinha nasceu e viveu toda a sua vida no "sítio". Era filha caçula de Pai Adão. Dedicou toda sua vida ao terreiro. Como filha de xangô, seu nome era Yá Midê (a última a nascer e a última a morrer). Teve sete filhos, doze netos e oito bisnetos. De acordo com seu Walfrido José da Silva, o ogã (tocador) mais antigo do terreiro, "Mãezinha foi criada ali, com pai, sabia de muita coisa, e jogava muito bem". "Ela era realmente muito procurada, era boa cozinheira, fazia tudo da culinária do santo", reforça Manoel Papai. O Babalorixá recorda que, nos 80 anos do sociólogo Gilberto Freyre, houve uma celebração do terreiro e Tia Mãezinha comandou o preparo das comidas. No entanto, seu maior legado fora ter repassado as cantigas em ioruba, aprendida com os amigos.

[125] Gameleira sagrada venerada como santo, orixá.

[126] Sincretismo da santa católica Nossa Senhora do Carmo.

[127] O mesmo que quarto de santo.

> Ao lado da casa tem a sua capela. Ali, toda cheia de santos católicos, imagens e estampas no altar que toma o fundo da sala, bancos de madeira dispostos como se fossem em igreja, fazem rezas, terços. O mez mariano então é muito concorrido, sendo as orações tiradas por Adão (GONÇALVES FERNANDES, Op. Cit., p. 59).[128]

A consolidação deste tipo de sincretismo religioso por parte do Terreiro Obá Ogunté possibilitou a permanência da casa de xangô em Chapéu do Sol. A população pobre que veio ali habitar acabou por estruturar o espaço suburbano por meio da ocupação do espaço físico, estabelecendo relações de parentesco e vizinhança, a partir do reconhecimento da pessoa como membro pertencente daquele território socialmente construído.

Foi, portanto, a partir de mecanismos de permanência associados aos contatos freqüentes entre vizinhos que se processou com maior intensidade a ocupação inicial do bairro, já impulsionada com o loteamento das terras do Beberibe de Baixo, que, por sua vez, estava ligado à emergência do trem a vapor, a maxambomba. Assim, naquelas imediações da estação de trem, fixou-se o Sítio de Pai Adão, constituindo junto com a Igreja de Santo Antônio e o Chapéu do Sol, os primeiros marcos de ocupação humana do lugar.

Dessa forma, nos derradeiros decênios do século XIX, os membros do Terreiro Obá Ogunté, redirecionaram a dinâmica do até então arrabalde que passava a incorporar a movimentação do xangô, ao cotidiano dos seus sítios, chácaras e mocambos. Nesse instante, as relações de vizinhança, parentesco e compadrio eram estabelecidas em torno dos encontros espontâneos estabelecidos entre os membros do terreiro e os moradores do bairro, adeptos ou não do xangô. A partir de então, o terreiro torna-se um marco referencial no contexto do povoado, constituindo-se um novo ponto de encontro e localização para as pessoas do lugar.

Nesse contexto, torna-se interessante observar como os espaços urbanos são reconfigurados pelos seus habitantes que associam suas histórias particulares (ou dos grupos) à formação de um bairro. Com efeito, esses lugares acabam sendo transformados pelos indivíduos e comunidades ali

[128] De acordo com Seu Walfrido José da Silva, antigo morador do “sítio”, quem construiu a capela foi Inês Joaquina Costa. “Foi ela quem fez a capela, tudo isto quem fez foi ela. Isto aqui é uma capela particular de santos. De santos da igreja católica. Aqui não só adora os santos africanos não, aqui é exclusivamente para estes da capela. Na época em que eu era menino, tinha casamento...”

existentes, que interferem no espaço, nas paisagens, de acordo com suas experiências cotidianas. No caso do Terreiro Obá Ogunté, o "Sítio" conseguiu consolidar-se no bairro através de suas práticas culturais, baseadas numa história de chefia religiosa e numa rede de parentesco sedimentada em importantes atividades religiosas, representativas de uma forte identificação do indivíduo com o lugar. Nesse sentido, a narrativa de Dona Maria Conceição Costa, bisneta de Pai Adão, se revela sintomática ao evocar a ligação do terreiro ao bairro de Água Fria.

> O terreiro de Pai Adão representa muito para Água Fria. Nós ajudamos muito a comunidade em termo de saúde, em termo de religião e educação. Nos cursos oferecemos corte e costura em geral. Nós ligamos muito a comunidade ao terreiro, realizamos debates de saúde, ocorre muitos trabalhos comunitários. Eu acho que é uma boa para Água Fria. É uma referência boa o Sítio de Pai Adão. Ele é muito conhecido, se você perguntar onde fica, todo mundo lhe informa. Aí você também fica sabendo onde é Água Fria. (Dona Maria da Conceição Costa, morador do Sítio de Pai Adão há 30 anos).

As palavras de Maria da Conceição podem ser reforçadas no depoimento do *babalorixá* Manoel "Papai", quando o mesmo ressalta: "falou no Sítio de Pai Adão, falou em Água Fria. Se falar em Água Fria, se fala em Pai Adão. Temos uma identidade forte com o bairro, a partir daqui tudo foi povoado. Desde o tempo de Inês". Em seguida, o pai-de-santo acrescenta:

> Água Fria é um ótimo bairro. Todos daqui adoram Água Fria, se sentem bem em morar aqui. Pode perguntar a qualquer um se um quer sair daqui... Jamais! Eles amam o bairro, pois aqui tem tudo. Tem o problema da segurança, mas como todo lugar tem. O que importa é o nosso sentimento de se sentir bem aqui. (Manoel da Costa Nascimento, Manoel "Papai", Babalorixá do Terreiro Obá Ogunté).

O relato acima imbuído de intensa bairrofilia (SOUZA, 1988) "evidencia que o bairro corresponde a uma certa parcela da cidade que por força de relações sociais, constitui para o indivíduo um espaço vivido e sentido" (SOUZA, 1989, p. 149).[129] No bojo dessas relações, o Sítio de Pai Adão, além de excitar suas práticas divinatórias, sacrifícios e oferendas, passando pelos ritos de iniciação, também organiza meios de assegurar alegria, momentos de divertimento para as pessoas, com apresentações de ciranda, músicas e danças. Sem esquecer os caboclinhos e maracatus que marcam a cadência e

[129] O depoimento de Dona Maria da Conceição Costa, igualmente expressa tal condição do bairro. "Adoro Água Fria! Não há lugar melhor do que esse. Meus vizinhos são ótimos. Água Fria tem de tudo. É uma cidade... Adoro! Adoro!".

o ritmo da comunidade durante a folia de momo, através das apresentações do Maracatu Raízes do Pai Adão e do Afoxé Povo do Ogunté.

Figura 36: Capela de Santa Inês (filhas da comunidade sentadas na calçada da capela e a inscrição na construção *Seja Bem Vindos ao Terreiro Obá Ogunté – Sítio de Pai Adão*)
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Junho de 2010

No bairro de Água Fria, as manifestações culturais dessas agremiações estabelecidas junto às práticas religiosas substituem as ações das instituições hegemônicas por pequenos grupos que passam a reger e construir a própria história, e, conseqüentemente, a história de uma localidade imbricada na sua vivência cotidiana. Em outro contexto, esta realidade também se processava no início do século passado, quando os terreiros camuflavam suas atividades em agremiações carnavalescas.

Outro aspecto interessante do “Sítio” diz respeito ao fato dele ser considerado a casa matriz de xangô de Pernambuco, formador e transmissor de conhecimentos a outros terreiros da região metropolitana do Recife. Em tempos passados, a participação intensiva ou ocasional de adeptos das religiões afro-descendentes de outros terreiros no Sítio de Pai Adão, por períodos de tempo variados, resultava na imitação da maneira de conduzir rituais, sacrifícios, toadas, ritmos, entre outros. Sobre esse aspecto, sublinha Brandão:

> O terreiro de Adão mantinha assim uma rede que começava dentro do terreiro, espalhava-se pela cidade no intenso intercâmbio de visitas ou da reprodução do aprendizado das tradições mais ortodoxas da cidade. influenciados por este terreiro, os pais-de-santo mais novos vinham ao Sítio para se especializar, para aprender com esta comunidade o que havia de melhor.... ganhavam mais prestígio – quando informavam a seus prosélitos que tinham amizade e/ou conhecimento com este terreiro (BRANDÂO, 1986, p. 188).

Nos últimos decênios, este terreiro continua representativo no que tange à reprodução do aprendizado da tradição. Expressivo número de pais e mães de santo procuram o Sítio de Pai Adão com o objetivo de assimilar a “tradição nagô” mais “pura” da cidade. Nessa perspectiva, a organização do “Sítio” constitui um modelo a ser seguido, seja na sua plenitude, seja parcialmente, pelos outros centros religiosos.

Desse modo, por o ser o centro religioso do xangô pernambucano, difusor do conhecimento nagô a diversos terreiros da cidade[130], o Terreiro Obá Ogunté representa em si um pólo de atração de cultura popular no âmago de Água Fria. Nesse sentido, várias são as agremiações carnavalescas situadas nas imediações do terreiro, delimitando um raio de influência de suas tradições, e também a caracterização de um enredo “negro” na trama densa do bairro (FIGURA 37).

Dentre essas agremiações, sobressai o Maracatu Bacnaré (FIGURA 38). Localizado na Rua Raul Pompéia, paralela a Estrada Velha de Água Fria, esse grupo fora formado pelo mestre Ubiracy. Coreógrafo e pesquisador da cultura popular recifense, reconhecido nacionalmente como um grande conhecedor de maracatu, afoxé, coco, ciranda, jongo, xaxado, pastoril, reizado e mais uma

[130] De acordo com Manuel “Papai”, o Sítio de Pai Adão presta “(...) assistência acerca de 19 terreiros, a maioria aqui próximo. São todos umbandizados que aceitam a introdução de outros elementos de culto afro-descendente”.

série de expressões artísticas e rituais religiosos. É aposentado como professor do estado. Ensinou educação artística e balé popular em escolas por muitos anos. Atualmente está à frente do Balé de Cultura Negra do Recife, o Bacnaré, que estuda as origens negras, índias e mestiças. O grupo já conquistou vários prêmios internacionais, mais de 100, constituindo umas das companhias pernambucanas que mais viajaram pelo mundo.

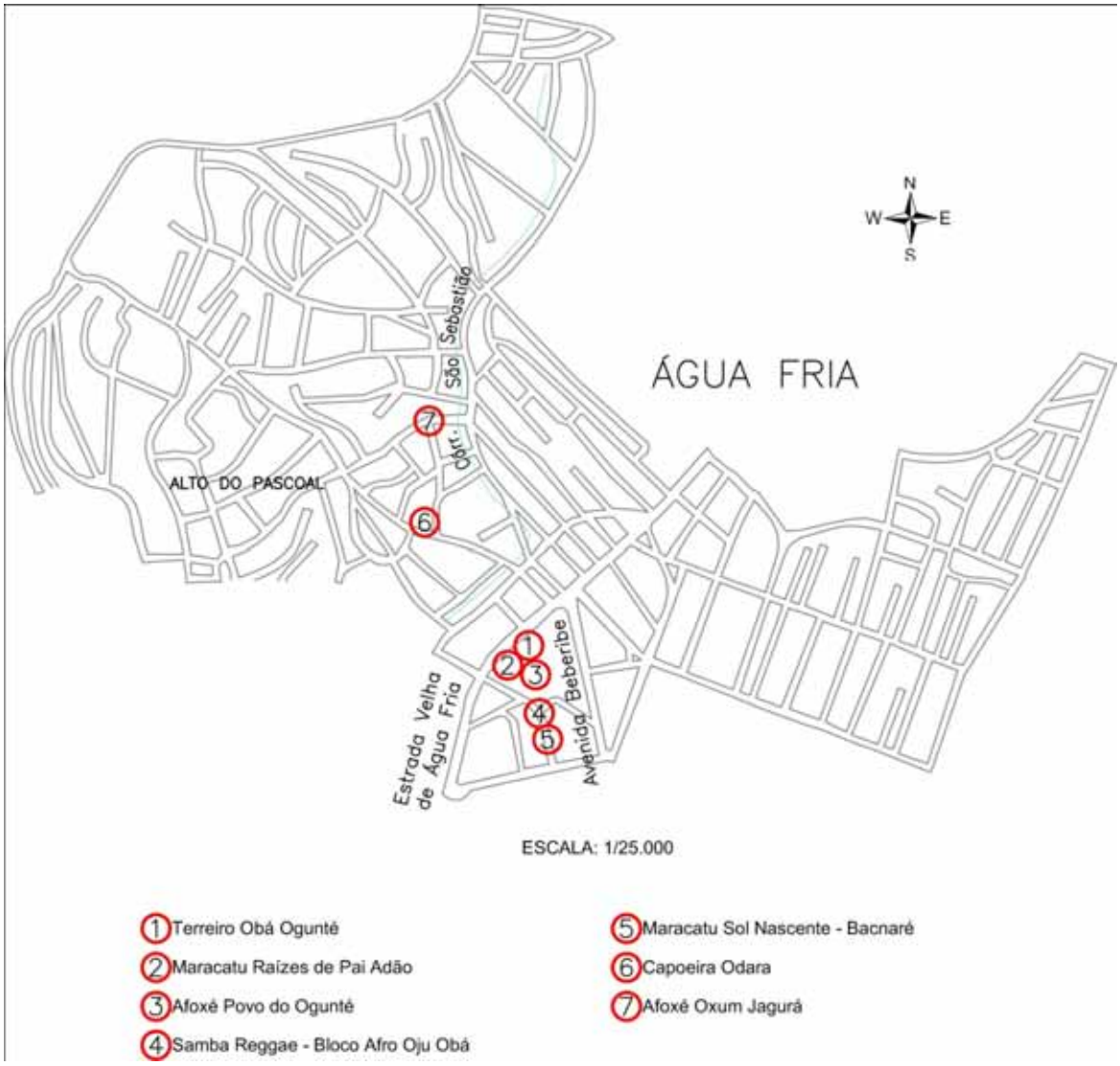


Figura 37: Instituições Afro do “Bairro Negro” de Água Fria
Fonte: Unibase/1997
Desenho: Bruno Maia Halley / André Pereira Marinho

Figura 38: Maracatu Bacnaré do Mestre Ubiracy em Água Fria
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Fevereiro de 2009

Mestre Bira fundou oficialmente o Bacnaré em 1985. “Criamos o Bacnaré quando começamos a crescer e viajar. Precisávamos sair da informalidade, mas há muito tempo trabalhava com dança”, diz o mestre do maracatu. Logo depois, imbuído de reminiscências afetivas, mestre Bira rememora que ainda rapaz já fazia teatro de mamulengo. “Ensaiava as crianças a fazer bonecos e depois ensaiava os textos. Meu primeiro pastoril tinha sete meninas e dois meninos. Eles fizeram apresentação do Dia de Reis, na calçada mais alta da rua. Naquela época, eu morava ainda no Alto do Pererinha, aqui em Água Fria”, revela o coreógrafo.

Neste lugar, no ano de 1954, o pesquisador da cultura popular começou a transmitir o seu conhecimento das danças e brincadeiras. A propósito comenta Mestre Bira sobre seu envolvimento com o bairro de Água Fria e o município de Barreiros.

> Trago muita coisa que aprendi com minha avó lá em Barreiros. Tenho muitas boas lembranças dali. E fui também me especializando adquirindo conhecimento aqui mesmo em Água Fria. Aqui eu me fiz, trabalhando na cultura popular, e trabalhando aqui no meu bairro. Hoje, meu filho faz pós-graduação em dança africana! (Mestre Ubiracy do Maracatu Bacnaré, morador de Água Fria há 56 anos).

O depoimento do coreógrafo revela que sua "cidade natal é um lugar íntimo" (TUAN, 1983, p. 160), revestido de memória e que produz intensa satisfação quando lembrado junto à imagem de sua avó. Água Fria, por sua vez, também se configura num "reservatório de lembranças e sonhos" (TUAN, Op. Cit., p. 184), vivenciado cotidianamente por ele e sua família. Com efeito, em torno de sua residência, Mestre Bira demonstra as raízes culturais de Pernambuco e as festas tradicionais, a exemplo do carnaval, do São João, Natal e Dia de Reis, quando faz a "queima da lapinha" na Rua Raul Pompéia. Neste endereço, percebe-se àquelas manifestações da vivência local, que ainda permitem, nos dias atuais, identificar a existência de um bairro no interior dos grandes espaços metropolitanos, mesmo quando aquelas relações de vizinhança já se encontram ameaçadas pelo novo ritmo de vida de seus habitantes (SCARLATTO, Op. Cit., p. 179).

Em Água Fria, isto se torna evidente quando observado a resistência das tradições afro-descendentes materializadas nas relações permeadas pelo enredo "negro" do bairro. Outrora, um importante centro de religiões afro-recifense, e que "ainda hoje, é reduto de xangôs tradicionais" (BRANDÂO, 1988, p. 124). Na concepção do *babalorixá* Manuel "Papai",

> Água Fria é um "bairro negro". Grande parte da população é negra. Você precisa ver os encontros que fazemos aqui. Aí você verá a quantidade de maracatus, caboclinhos, urso... todas essas agremiações com origem no elemento africano, que parti daqui do nosso terreiro (Manuel do Nascimento Costa, Manuel "Papai").

Destarte, são várias as instituições afro-descendentes (afoxés, maracatus, caboclinhos, samba-reggae, capoeira, entre outros) espalhadas nas circunvizinhanças do terreiro de xangô, e, por conseguinte, do coração do bairro. Este marcado também por um enredo vinculado às agremiações carnavalescas, que, por sua vez, igualmente derivam suas tradições dos elementos enraizados da cultura afro, conforme será visto na seqüência.

4.1.2 Ao Som dos Clarins... o Carnaval Enaltecendo um Enredo Local

Durante as perseguições e imposições sofridas nos primeiros decênios do século passado, os terreiros de culto afro-descendente começaram a se camuflar em agremiações carnavalescas, notadamente às agremiações vinculadas à cultura popular. Naquele instante, o folclore pernambucano preocupa-se, enquanto campo do saber, em registrar essas práticas culturais compreendidas como meras sobrevivências dos costumes dos escravos, lembranças de um tempo passado, então fadadas ao desaparecimento.

Nesse contexto, a transferência dessas práticas para o espaço do carnaval mostrava no âmbito da historiografia que os grupos afro-descendentes elaboravam estratégias, buscando encontrar saídas para manutenção de seus costumes e ao mesmo tempo reconhecimento social. Assim, com as devidas licenças liberadas pelas delegacias de polícia, maracatus, caboclinhos e afoxés garantiram o direito de desfilarem pelas ruas durante o período momesco, e mesmo, ensaiarem suas cadências e ritmos no restante do ano.

Nessa perspectiva, em Água Fria, um dos redutos históricos de população negra recifense, várias agremiações se multiplicaram pelos morros, córregos e ladeiras do até então arrabalde. Em meados do século passado, outras foram surgindo, enquanto outras foram sendo desfeitas. Outras se deslocaram para os bairros vizinhos, e ainda outras permaneceram estimuladas pela vinda de novos migrantes imbuídos de um sentimento interiorano típico dos modos de vida passada. Nesse processo, acrescenta-se, ademais, a emergência de algumas agremiações fruto das ramificações herdadas de gerações pretéritas, que através de seus descendentes, passaram a organizar outros maracatus, troças carnavalescas, caboclinhos, afoxés, etc.

Na ordem do dia, não obstante as novas tendências associadas à cultura de massa, são inúmeras as manifestações culturais ainda existentes em Água Fria. Tais manifestações possuem uma linguagem peculiar e estão diretamente relacionadas às raízes do bairro, conformando-se nas festas populares e religiosas aí realizadas. Trata-se de elementos residuais da cultura popular, que, dado o empenho dos moradores, resistem ao acelerado processo de

mudanças ocorridas na cidade do Recife nos derradeiros decênios, que tendem a arrefecer ou até mesmo aniquilar os costumes e práticas da vivência local.

A sobrevivência dessas agremiações acaba por viabilizar condições para impedir a desagregação cultural de Água Fria e preservar, de certa maneira, seus enredos, sua história e ainda parte significativa de sua personalidade. As mais expressivas manifestações culturais do bairro encontram-se localizadas especialmente no coração de Água Fria. Reconfigurando a dinâmica do lugar, também marcado pelas relações sociais dimanadas da presença do mercado, da feira livre, e do Sítio de Pai Adão.

Mesmo não estando próximo desses marcos referenciais, o Caboclinho Oxossi Pena Branca, situado no Alto do Pascoal, possui um forte vínculo com a trama densa de Água Fria, palco convergente de inúmeras especificidades locais. Fundado no bairro de São José, em 17 de janeiro de 1979, o Caboclinho Oxossi Pena Branca deve sua existência ao mestre Cícero Antônio, que possuía, segundo Zuleide Alves, uma "ligação com a religião Umbanda, decidindo então render homenagem aos Caboclos dele". Ainda de acordo com Zuleide, atual presidente da agremiação, a designação do caboclinho[131] faz referência a duas entidades, Oxossi e Pena Branca, também simbolizadas nas suas cores oficiais: o verde simboliza a mata (Oxossi), o branco a paz (Pena Branca) e o amarelo o ouro (Oxum).

[131] Manifestação popular originária da mescla indígena, os caboclinhos, também chamados de tribos de caboclinhos, expressam um forte sentimento de que foram eles os primeiros habitantes do Brasil. São homens, mulheres e crianças que apresentam vigorosas coreografias em ritmo marcado pelo estalido das preacas (espécie de arco-flexa). A religião está presente na manifestação por meio dos cultos indígenas, a pajelança, a religião dos antepassados. É na Jurema ou Catimbó como é popularmente conhecida, onde atua a maioria dos mestres e caboclos. Alguns grupos diferem desta linha, cultuando religiões afro-brasileiras, ligadas aos terreiros de Xangô e Umbanda. A apresentação normalmente inicia com o Porta-estandarte (podendo haver mais de um), seguido de dois Cordões de Caboclos e Caboclas. No centro o Cacique (responsável pelas coreografias) e a Cacica (ou mãe da tribo). O desfile também conta com a presença do Pajé (o curandeiro, orientador espiritual do grupo); Matruá (representa um feiticeiro); Capitão (chefe de uma das alas); Tenente (chefe da outra ala); Perós (crianças da tribo) e dos Caboclos de Baque. A indumentária é composta por atacas (de pé e mão), saiotes e tangas, confeccionada com penas (de ema e de outras aves), lantejoulas, contas, búzios, espelhos, vidrilhos, cordas e sementes. Os adereços de cabeça são bastante diversificados: cocas, capacetes, cabeleireiras, etc. O baque é composto por caracaxás, surdos e inúbia. Apresentam-se descalços (REAL, 1990).

Após um período desativado, Dona Zuleide resolve resgatá-lo, assumindo o Caboclinho Oxossi Pena Branca em janeiro de 1993.[132] Como tinha apenas o estandarte, confecciona com bastante dificuldade as fantasias e os adereços para participar daquele carnaval. Contudo, nos anos seguintes, a partir do ingresso de novos componentes, conquista o vice-campeonato da folia de momo, tornando-se logo campeão no ano de 1996, quando passa ao grupo especial, categoria na qual desfila atualmente.

Composto por cerca de 120 integrantes, incluindo crianças, adolescentes e adultos, a maioria provenientes do próprio bairro de Água Fria, o caboclinho caracteriza-se no bojo de suas práticas sociais, por expressivos contatos alicerçados em laços de parentesco, vizinhança e compadrio. Segundo o relato de Dona Zuleide Alves:

> A gente trabalha com a comunidade... Questão de piquenique, bingo... E a comunidade participa do caboclinho, os próprios componentes são eles que bordam a própria roupa, eu dou o tecido, e eles dão a mão-de-obra. São meus filhos, amigos e vizinhos aqui mesmo do bairro (Dona Zuleide Alves, presidente do Caboclinho Oxossi Pena Branca e moradora de Água Fria há 30 anos).

No Alto do Pascoal, mas precisamente na Rua Elza, funciona a sede do caboclinho e a residência de Dona Zuleide, onde ocorrem também os ensaios e a produção de fantasias confeccionadas pelos próprios "brincantes". De acordo com suas palavras, os ensaios acontecem "todos os sábados aqui no bairro, junto com as pessoas daqui... Tudo é com a raiz do povo daqui".

Esses laços tornam-se mais fortalecidos com a proximidade da folia de momo. Os ensaios se multiplicam, estreitando os contatos sociais em torno da agremiação. O caboclinho (FIGURA 39) se apresenta no centro da cidade, nas passarelas erguidas na Avenida Dantas Barreto e na Rua da Concórdia. Em Água Fria, exibi-se nas proximidades do mercado público, onde é montado um palco para a apresentação e desfile das várias agremiações ali existentes. Segundo Dona Zuleide: "em Água Fria a gente passa (o caboclinho) pra dar uma satisfação aos moradores. Por morar aqui, por viver aqui, temos esse vínculo, essa obrigação!". O que demonstra, assim, uma identificação das

[132] Antes de liderar o Caboclinho Oxossi Pena Branca, Dona Zuleide Alves já participou da agremiação Urso Cangaçá, e seu marido, o mestre Cícero Antônio, do Batutas de Água Fria. Também fora diretora da Escola de Samba Galeria do Ritmo no Morro da Conceição, e dirigente do Bloco Carnavalesco Após-Fum.

pessoas com o lugar, onde constroem relações interpessoais, às vezes duradouras e profundas, sem que por isso as relações sociais que passam pela consciência histórica de pertencimento ao bairro sejam questionadas.

Figura 39: Caboclinho Oxossi Pena Branca, Alto do Pascoal, bairro de Água Fria.
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, fevereiro de 2009.

É desse modo que os moradores apreendem o bairro de Água Fria: um lugar de vivência íntima onde reproduzem parte de sua existência cotidiana. Outrossim, para os moradores de Água Fria, o bairro caracteriza-se por suas

múltiplas atividades culturais, ou como prefere Dona Zuleide, “pelo presença constante da cultura”. Pois,

> (...) no nosso bairro, nós somos ricos de cultura. Tem sempre um boi, um bumba-meu-boi, um maracatu, um clube, uma troça... Caboclinho nem se fala, escola de samba... Quer dizer, nós do bairro de Água Fria somos ricos por esse motivo, pois é tudo uma junção, tudo perto um do outro, e você tem de tudo e quem ganha é o bairro (Dona Zuleide Alves).

O depoimento acima respalda o lugar como “o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade” (SANTOS, 2004, p. 322). E mais, a narrativa da moradora referente à “junção”, o “tudo perto do outro”, representa a essência do coração do bairro. Ou seja, a importância conferida à trama densa do lugar, que se encontra investida por inúmeras construções, marcos referenciais, atividades econômicas, religiosas e sócio-culturais. Assim, na concepção de Dona Zuleide ela “(...) abrange tudo. Não desmerecendo outros bairros, mas o centro de Água Fria é melhor. Pra onde você for têm farmácias, mercado, feira livre... Não há necessidade de você ir pra outro bairro pra comprar alguma coisa, pois em Água Fria tem de tudo... Não precisa se preocupar”.

No bojo dessa preferência afetiva, calcada na aproximação do indivíduo ao lugar de moradia, lazer e trabalho, há que se ressaltar também o sentido religioso existente nas agremiações voltadas à “brincadeira” do caboclinho. No Oxossi Pena Branca, como em outros, percebe-se o vínculo com as tradições da cultura afro-descendente, notadamente as práticas religiosas desenvolvidas em torno do caboclo homenageado. A propósito, vale conferir o relato de Dona Zuleide.

> Todas as pessoas que tem caboclinho tem lá a cidadezinha do caboclo, a estátua do caboclo, mas isso é uma coisa que não pode ficar mostrando. Nisso eu concordo em não mostrar. Mas em falar que existe, eu não vejo nada demais, pois é uma coisa que acontece... Pra você vê, tem treino aqui mesmo, ou em qualquer outro caboclinho, quando o treino começa as próprias pessoas recebem o caboclo ou em qualquer outro canto... Quando vê tá o menino com aquela entidade (Dona Zuleide Alves).

São práticas e costumes religiosos intrínsecos aos adeptos dos cultos afro-descendentes. Nesse sentido, faz-se importante registrar também à presença em Água Fria do Caboclinho Sete Flechas, do fundador, figurinista e

presidente Sr. José Severino dos Santos (FIGURA 40). A história da agremiação tem seu início na cidade de Maceió, num terreiro de Umbanda: “naquela brincadeira de chamar caboclo eu recebi Sete Flexas, fiquei gostando e lá eu consegui colocar o clube na passarela em 1969”, rememora o mestre de Água Fria.[133] Em 1970, Seu Zé Alfaiate, como é mais conhecido, retorna para Pernambuco e aqui o registra em 7 de setembro de 1971.

Figura 40: Seu José Severino dos Santos (Mestre Alfaiate) na Sede do Caboclinho Sete Flechas no Beco da Beliscada, Água Fria.
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, junho 2010.

Contando com cerca de 100 participantes, provenientes do próprio bairro de Água Fria e de comunidades do entorno, grande parte de seus integrantes são jovens e crianças. Destaca-se no Carnaval do Recife pelo luxo de suas

[133] Ainda sobre o caboclo da tribo, acrescenta Mestre Alfaiate: “sempre peço ajuda ao caboclo Sete Flexas, que tome conta da tribo, porque esse grupo não é meu, é do caboclo. E sempre eu dou a ele sete qualidade de fruta e sete bifes, mel, acendo o ponto dele e ele me atende”.

fantasias e pelas vigorosas coreografias, ensaiadas e “puxadas” por Paulo Sérgio dos Santos, o conhecido Paulinho (filho de Mestre Alfaiate). Já se apresentou em diversos estados do país, a exemplo de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais, afora em países no exterior, quando viajou para a França em 2005 e 2006.

O Caboclinho Sete Flexas possui diversos títulos conquistados no concurso de agremiações carnavalescas, sendo os últimos triunfos alcançados em 2003 e 2005 da primeira categoria e vice-campeão do grupo especial em 2006, e campeão em 2010. Possui como cores oficiais o verde, o vermelho, o azul e o amarelo, representando respectivamente a mata, a guerra, a paz e o sol. A sede da agremiação localiza-se no lendário Beco da Beliscada (Travessa Dowsley), situado nas cercanias do antigo Chapéu do Sol entre a Avenida Beberibe e a Estrada Velha de Água Fria. Segundo Paulinho, os treinos são realizados “aqui mesmo, no Beco da Beliscada. Fecha a rua, coloca os cavaletes da prefeitura e a gente ensaia. Durante o carnaval nós ensaiamos na Avenida Beberibe” (Paulo Sérgio do Santos, morador de Água Fria há 38 anos).

Comenta ainda Paulinho que durante os treinos (FIGURA 41) a população do bairro vem assistir, aplaudir e incentivar. “De vez em quando, também vem o Antônio Carlos Nóbrega (o músico e ator pernambucano), Ariano Sussuana (o escritor) e João Paulo (ex-prefeito do Recife). O governador Eduardo Campos também já veio... Isto aqui é considerado o maior Patrimônio Vivo!”. O coreógrafo refere-se ao registro conquistado pela Tribo Sete Flexas, no início de 2009, de Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco. Indicado aos tradicionais grupos que dedicaram sua trajetória à cultura popular. A exemplo do caboclinho do mestre Alfaiate, que segundo seu filho, possui “87 anos, sendo 77 só de cultura!”.

> Ele gosta tanto do caboclinho que a única casa que ele tinha, ele vendeu para colocar no caboclinho e até hoje não recuperou. Hoje ele recebe um benefício no valor de R$ 510,00. Entrega para minha mãe R$ 100,00 para fazer a feira, os outros R$ 410,00, ele gasta no caboclinho (Paulo Sérgio dos Santos).[134]

[134] Cabe ressaltar que o Caboclinho Sete Flexas ao integrar o Registro de Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco (Lei N° 12. 196), obteve o direito de receber mensalmente uma bolsa de incentivo (R$ 1.700,00), a qual perdurará, segundo a lei, enquanto o grupo existir.

Paulinho ressalta também a importância conferida ao bairro de Água Fria no contexto das manifestações culturais, exaltando que o mesmo é “um bairro que respira cultura”, pois “temos caboclinho, ciranda, urso, boi, coco, maracatu rural, maracatu baque solto... Tudo isto no bairro de Água Fria. Só aqui têm quatro caboclinhos: Sete Flexas aqui, tem dois na Bomba do Heméterio, e tem um no Alto do Pascoal, o do Oxossi Pena Branca”.

Figura 41: Ensaio do Caboclinho Sete Flechas, Água Fria (Cacique Paulinho de bermuda branca no Beco da Beslicada).
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, 2010

À luz desse contexto, o coreógrafo, morador do Beco da Beliscada, e seu pai, principal referência do carnaval de Água Fria, imbuídos de um sentimento de pertencimento, expressam uma forte identidade com o bairro. Construída cotidianamente não só a partir do caboclinho, mas também das práticas mais

singelas estabelecidas por ambos no bairro, como a conversa e o descanso na cadeira de balanço na calçada, o jogo de cartas e /ou dominó, a pelada aos domingos, o andar por suas ruas...

> Eu adoro isso aqui! Eu fui criado aqui. Aqui tudo o que você quer encontra. É um bairro bom de morar. Se você que ir no mercadinho fazer uma feira, você faz e encontra de tudo. Faz compras de verduras, legumes... Tudo é perto. Pra mim é um bairro bom, eu gosto (Paulo Sérgio dos Santos).

> Estou aqui há muitos anos. Peguei até o tempo dos bondes. Vendia balas de mel. Eu morava de frente ao comissariado de polícia, onde hoje se encontra os Correios. Aqui em Água Fria sempre fui alfaiate, tive alfaiataria. Trabalhei em São Paulo, trabalhei em Minas, no Rio. Trabalhei em Araruna e Maceió. E depois montei meu caboclinho e voltei à Água Fria, para meu lugar de sempre (Seu José Severino dos Santos, presidente do Caboclinho Sete Flechas).

Ancorado nesses depoimentos, ressalta-se que “para a formação da identidade do lugar a relação entre a pessoa e toda a sua aura que a envolve é essencial” (MELLO, 2000, p. 124). Pois, as diversões e compromissos no espaço coletivo, a respeitabilidade e a convivência em pontos diferentes do seu tecido, despertam uma sensação de apego, pertencimento e filiação ao bairro no qual se habita.

Afora os caboclinhos, há que se destacar no âmbito das agremiações de Água Fria, a existência do lendário Boi Teimozo, fundado por Nelson José dos Santos, grande mestre de bumba-meu-boi, no dia 12 de fevereiro de 1946. Inicialmente, Seu Nelson dos Santos organizou o Boi Mimoso no bairro da Torre; e depois de ter brincado no Boi Misterioso do Capitão Antônio Pereira é incentivado a criar o Boi Teimozo, no bairro de Água Fria, onde residiu por mais de quatro décadas. Grande referência dos festejos natalinos e carnavalescos do Recife, o Boi Teimozo acumula dezenas de conquistas e títulos oriundos dos concursos da folia de momo. Apresentou-se em várias cidades de Pernambuco e de outros Estados, inclusive em Brasília na década de 1950. Seu Nelson dos Santos, além de ter discorrido sobre os seus saberes e do seu “brinquedo” nos diversos congressos nacionais e internacionais, atuou nos filmes Riacho de Sangue e Canto do Mar, o que contribuiu para a visibilidade da agremiação no contexto nacional.

Com o seu falecimento, em 2006, sua esposa Dona Marina Ferreira (FIGURA 42), assume a liderança do grupo, dando continuidade ao legado

deixado por um artista que dedicou sua vida à "brincadeira do boi" [135], mantendo vivas a beleza e a simplicidade de uma agremiação que sempre abrilhantou o carnaval do bairro, e, por conseguinte, da cidade do Recife. Atualmente, Dona Marina reside no Alto do Pascoal, numa casa humilde de aparência antiga. Possui 73 anos, é católica, mas já freqüentou por muito tempo o terreiro de Pai Adão, onde ela diz ter recebido a entidade do marido falecido. "Sou católica, mas também já freqüentei o Xangô. Eu ia muito ao Sítio de Pai Adão, mas depois que meu velho morreu não vou mais. Todas as manhãs ele me chamava depois de morto", afirma Dona Marina Ferreira.

Embora seu boi (FIGURA 43) tenha sido campeão em inúmeras vezes no carnaval, a agremiação não possui sede própria. Conseqüentemente, as fantasias e adereços são alojados na residência da responsável. Onde também são realizados os ensaios da agremiação às vésperas do carnaval: "Quando é perto do carnaval chamo os meninos. Aí eu junto eles e ensino dias antes da brincadeira. Quase todos já sabem como é. E minha filha de criação (Severina Ferreira) ensina também. Ela que irá tomar conta um dia, e quem é o capitão do boi é meu compadre Emegídio" (Dona Marina Ferreira).

Nota-se, portanto, que no bojo dessas agremiações culturais, a tradição popular é transmitida por gerações e gerações, constituindo uma herança cultural marcada por sintomáticas relações formadoras de um referencial cotidiano na vida de uma determinada família. Em Água Fria, a família de Dona Marina Ferreira é identificada como a "Família do Boi", fruto da forte ligação dos indivíduos com a agremiação popular, e destes com o bairro. O que pode ser atestado no depoimento de Dona Marina.

[135] A "brincadeira" do Boi aparece no carnaval do Recife como uma forma derivada do Bumba-meu-boi, auto de Natal que representa a morte e a ressurreição do Boi. Os Bois de carnaval são caracterizados pela simplicidade, improviso e irreverência, e levam para rua uma grande variedade de personagens, classificadas como *humanas*, *animais* e *fantásticas*. Algumas são indispensáveis, como o Capitão Mateus, Bastião, Catirina, Doutor, Padre, Arlequim, o Boi a Ema, a Burrinha, o Babau, o Jaraguá, o Diabo, o Morto-carregando-o-vivo, a Caipora, e o Mané Pequinino. Diferentemente do Bumba-meu-boi ou Boi de Terreiro, o Boi do carnaval traz a avenida apenas o cortejo dos personagens. No desfile, os bois normalmente trazem estandartes ou faixas com uma mensagem ou com um tema. Alguns grupos apresentam alas e cordões (de pastorinhas, de baianas, de caboclos, etc.), mas também há agremiações em que os personagens desfilam livremente. A orquestra é formada por dois bombos, ganzá, gonguê, reco-reco. Quem tira as loas é o tirador ou cantadeira, e as músicas podem ser composta para o desfile ou improvisadas (REAL, 1990).

Eu gosto muito de morar aqui. Aqui tem de tudo. E foi aqui que fiz minha vida. Criei meus filhos e netos dentro da “família do boi”. E é aqui onde eu vou morrer e irei me enterrar... Água Fria, onde tudo que se procura tem! Tudo aqui é uma Família! Todos são unidos, porque um sente o outro. (Dona Marina Ferreira, presidente do Boi Teimozo e moradora de Água Fria há 57 anos).

Figura 42: Dona Marina Ferreira e os Troféus e Placas do Boi Teimozo no Alto do Pascoal (bairro de Água Fria).
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Janeiro de 2010.

O relato de Dona Marina calcado nas suas experiências vividas em Água Fria, além de envolvente, confirma a idéia de uma construção histórica ao sentido de lugar. Construção “tecida por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a constituição de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizatória que produz a identidade-lugar” (CARLOS, Op. Cit., p. 30). Isto só acontece no âmbito do

bairro, a referência que o usuário tem de pertencimento ao lugar – seu ponto de partida e chegada na ampla estrutura do espaço.

Outra agremiação encontrada em Água Fria diz respeito ao Pastoril Estrela Brilhante, fundado em dezembro de 1958, no Alto do Pascoal, por Maria das Neves da Silva, conhecida por Dona Dengosa. No ano de 1985, já debilitada com o avanço da idade, passa a liderança do "brinquedo" para sua filha Maria Cristina de Andrade, mais lembrada como Dona Dinda. Com o falecimento de Dona Dengosa, no ano de 1995, Cristina Andrade torna-se a única responsável pelo Pastoril Estrela Brilhante, que continua animando e enchendo de beleza os festejos natalinos da cidade do Recife.

Desse mesmo processo, tem-se também a conformação da Ciranda da Dengosa, outra agremiação do bairro criada por Maria das Neves, e herdada por Cristina Andrade. A formação da ciranda como do pastoril[136] possibilitou ao longo dos anos um maior envolvimento de Dona Dinda com a Água Fria, lócus principal de suas experiências cotidianas. Nesse sentido, vale conferir sua narrativa, quando indagada a propósito da satisfação em morar no bairro.

> Água Fria é meu quintal. Adoro isto aqui. Nasci e me criei aqui. Conheço todo mundo e ensaio minhas meninas aqui ao lado. O pessoal gosta do pastoril. São as pessoas daqui que participam. E daqui eu sigo para outros lugares. Já me apresentei em teatros, na Praça da República, no Pátio de São Pedro, pelo interior... (Dona Cristina Andrade, Presidente do Pastoril Estrela Brilhante, Urso Cangaçá, Ciranda da Dengosa e Moradora de Água Fria há 55 anos).

No carnaval, Dona Dinda também é responsável pelo Urso Cangaçá, que fora fundado em 3 de janeiro de 1983 por Johnson Arcanjo, João Eugênio e Zuleide Alves. O nome Cangaçá deriva do cangaço e significa coisa velha, tranqueiras. Lembrando, assim, o aspecto inicial da agremiação que "brincava"

[136] O Pastoril nordestino caracteriza-se pela divisão das pastoras em dois cordões, o azul e o encarnado, e pela presença da moderadora Diana, que se veste metade de uma, metade de outra cor. Os pastoris atuais conservam a disposição dos personagens em cordões, mas já não representam um drama. Desenvolvem-se em jornadas (cenas) soltas, uma ou outra com alguma coisa de teatral. Segundo Carneiro (1974, p. 177/178) "os bailes pastoris são, ou foram, obra de obscuros e anônimos beletristas dados às coisas populares. São de apresentação a bem dizer familiar. Servem-se de personagens que nem sempre repetem o das pastorinhas e pastoris, mas que pertencem ao mesmo gênero, e organizam melhor a atuação deles. O baile pastoril em geral não trata diretamente do nascimento de Cristo, mas habitualmente a ação termina com chegada de alguém que convida os personagens a adorá-lo em Belém"

nos endereços suburbanos de Água Fria, com roupas maltrapilhas, ao som de batidas de latas e coros de meninos.[137]

Em 1996, Cristina Andrade, atual presidente do urso, resolve assumi-lo, revigorando um "brinquedo" que estava prestes a se acabar. A partir de então, com a ajuda da comunidade, de artistas e amigos, consegue que o Urso seja vice-campeão, mantendo a posição por vários anos até 2006, quando passa para o grupo especial, no qual torna-se bicampeão (2006/2007). Durante a folia de momo, a agremiação desfila com o seguinte enredo: o urso entra na avenida amarrado por uma corrente, sendo conduzindo por um caçador. Atrás, vem um italiano querendo, em vão, comprar o animal com uma pasta cheia de dinheiro. [138] Na frente dos personagens vem o abre-alas e atrás uma orquestra composta por 10 músicos, além dos cordões de fantasiados. Segundo Dona Dinda:

> As pessoas que participam comigo são sempre as mesmas. São meus vizinhos, meus parentes, meus amigos. O pessoal aqui é muito gentil comigo. Quando sai o pastoril é tudo por minha conta. Dou um agrado pra cada um. Não posso dizer que pago, porque o valor seria alto. Mas um agrado eu dou, uns R$ 10,00, e mais um lanche (Dona Cristina Andrade).

O Urso Cangaçá, além dos elementos tradicionais, apresenta em seu conjunto a inovação, a força e a beleza de seus vários "brincantes", incluindo crianças, adultos e idosos. Está presente na programação oficial do carnaval do Recife, especialmente no concurso de agremiações carnavalescas e do

[137] Ali próximo, no Alto do Pascoal, também existe o Clube de Boneco Seu Malaquias. Fundado nos anos de 1940, na cidade de Carpina, Zona da Mata Norte de Pernambuco, o Clube de Boneco nasceu como uma troça. A idéia de fundar a agremiação foi de Antônio Ramos de Oliveira, conhecido popularmente por Seu Maracujá, que registrou o boneco em 27 de agosto de 1954. O nome foi escolhido em função de uma pessoa com estatura elevada que existia na região e era chamada Malaquias. Em 1959, quando da mudança de Seu Maracujá para o bairro de Águas Compridas, Olinda, a sede do falecimento do seu primeiro diretor (Maracujá), assume a presidência do "brinquedo", seu filho José Ramos de Oliveira, mais conhecido como Zezinho de Malaquias, que decide mudar o estatuto da Agremiação de Troça para Clube de Boneco. A agremiação tem como símbolo um boneco gigante (Seu Malaquias) que pesa em torno de quarenta quilos e traz como cores oficiais o vermelho e o branco, decorrente ao orixá xangô.

[138] Inicialmente, a 'brincadeira" do urso se caracteriza apenas pela presença de um homem fantasiado de urso, pelo italiano ou domador e pelo caçador, acompanhados de alguns músicos. Até hoje, quando se pensa em La Ursa, denominação popular da "brincadeira", é comum imaginar crianças a brincar nas ruas durante o carnaval, batendo latas, puxando alguém fantasiado de urso e gritando "A La Ursa quer dinheiro, quem não dá é pirangueiro". As músicas são cantadas por um coral, normalmente em ritmo de marchinhas, xotes, baiões, polcas, xaxados, com letras que podem falar da própria "brincadeira", do tema que o Urso traz para a avenida ou ainda canções de duplo sentido associando o Urso à figura de um amante. Os principais instrumentos da orquestra são: sanfona, triangulo, pandeiro, reco-reco, violão, tarol e surdo, podendo incluir cavaquinho, banjo e ganzá (ARAÚJO, 1996).

encontro de Urso e Bois no Pátio de São Pedro (bairro de Santo Antônio), além de ser convidado a se apresentar, inclusive, em outros momentos festivos da cidade.

Figura 43: Boi Teimozo nas Ruas de Água Fria, Carnaval 2010
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Fevereiro de 2010

Mesmo não se apresentando no centro de Água Fria, Dona Dinda ensaia seu pastoril (FIGURA 44), ciranda e urso nas ruas densamente povoadas do coração do bairro. Deixando evidente que malgrado a intensificação das relações sociais além dos limites do lugar, este ainda é um lócus das relações cotidianas dos seus moradores. Nessa perspectiva, exalta Dona Dinda:

> Adoro Água Fria! Já morei no Alto do Pascoal, mas desci o morro para morar aqui perto do mercado. Aqui é mais perto de tudo. Tem ônibus, a feira, o mercado... Aqui é tudo mais fácil, até para ensaiar as meninas... Não saio daqui nunca! (Dona Cristina Andrade).

O enraizamento dessas agremiações no âmago de Água Fria vincula-se às condições de existência de seus produtores e usuários, integrantes dos vários segmentos e estratos sociais que compõem o bairro. O que significa dizer que uma população mista de baixo poder aquisitivo possui no interior do lugar um universo cultural rico. Singularidade que está relacionada diretamente a suas raízes e ao seu universo, que, não sendo padronizado, é preservado e reconstruído pelas pessoas.

Figura 44: Pastoril Estrela Brilhante na Cerimônia da Queima da Lapinha (Praça da República no bairro de Santo Antônio; ao fundo o Palácio do Governo).
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Dezembro de 2009.

Nessas agremiações, portanto, o morador recria suas práticas culturais e luta pela sua manutenção, mesmo que subordinada a uma lógica que visa seu aniquilamento. Nesse sentido, o carnaval, apesar de seu enfraquecimento nos

últimos decênios, continua resistindo. Esta sobrevivência emerge da própria necessidade que a comunidade tem de expressar sua arte, comunicar suas dores e alegrias, preservando suas tradições culturais. Na concepção de Ecléia Bosi (1987, p. 16)

> Quando duas culturas se defrontam (a cultura popular e a cultura de massa), (...) como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação. Essa experiência raramente acontece fora dos pólos submissão-domínio. A cultura dominada perde os meios materiais de expressar sua originalidade (BOSI, 1987, p.16).

Dessa maneira, as manifestações culturais existentes em Água Fria (FIGURA 45), cada vez mais, sofrem o arrefecimento dos seus meios materiais, incorporando novos elementos da indústria cultural de massa , como se fossem mercadorias, e não, um bem transmitido de geração a geração. Trata-se das manifestações ritmadas ao som dos trios elétricos dos inúmeros blocos carnavalescos (Seu Água Fria, o Arrastão de Folia, o Bloco do Gordo, as Biziguentas, os Dominados, Os Irresponsáveis, o Última Hora, entre outros), que interferem e reconfiguram a folia momesca tradicional, marcada pelo som dos clarins dos clubes de frevo (Batutas de Água Fria), pelos atabaques e agogôs dos afoxés, pelos caracaxás dos caboclinhos e cirandas, e pelos tambores de corda dos maracatus do Povo do Ogunté e Bacnarê.

No entanto, a resistência desses costumes tradicionais no contexto de Água Fria, pode ser compreendida através dos depoimentos de suas várias lideranças. Nesses relatos, observa-se os pontos em comum dos indivíduos no que diz respeito às suas histórias particulares, mormente ligadas às tradições de um modo de vida passada, que a despeito da associação de outras culturas, carregam consigo os aspectos comuns do lugar; as manifestações religiosas em torno dos cultos afro-descendentes; o apego e o sentimento identitário com o espaço de vivência; e os profundos laços de solidariedade existente entre os parceiros, vizinhos e parentes.

O conjunto desses aspectos possibilitou aos grupos sua permanência no interior do bairro, malgrado às novas tendências advindas da cultura do consumo que tendem a vilipendiar e doravante extinguir a espessura e os significados da cultura popular. Haja vista, a atração social exercida por alguns blocos carnavalescos típicos da cultura de massa, como Os Irresponsáveis,

que atrai todos os anos uma verdadeira multidão às ruas do Arruda e Água Fria, já tornado uma referência nas quartas-feiras de cinzas da folia pernambucana. Esse exemplo, associado a outros, constitui-se um aspecto da identidade de um bairro, sobretudo quando observado à luz do seu âmago. Ponto convergente de antigos e novos enredos que enaltecem a consagração da festa no interior do lugar.

Figura 45: Localização das Agremiações Carnavalescas de Água Fria
Fonte: Unibase/1997
Desenho: Bruno Maia Halley / André Pereira Marinho

Nesse contexto, buscar-se-á no item a seguir analisar as cerimônias e festas religiosas conduzidas pela Igreja de Santo Antônio no cerne do bairro de Água Fria. Mais precisamente suas procissões, missas, festa de São João e quermesses, que ainda perfazem um modo de vida particular no âmbito do bairro, não obstante às novas práticas estabelecidas pelo ritmo intenso da metrópole.

4.1.3 Paróquia de Santo Antônio e o Enredo Religioso do Lugar

Ao adentrar no universo de Água Fria, o indivíduo surpreende-se de imediato com as várias formas de uso do espaço, onde atividades econômicas, sociais e políticas desenvolvem-se, simultaneamente, às práticas religiosas, culturais e de lazer da população. Nesse contexto, as práticas religiosas se mostram bastantes expressivas para os moradores do bairro. Elas estabelecem determinados tipos de relações sociais que reforçam as tradições, ritos e laços de sociabilidade entre os vizinhos, amigos e parentes. Envolvem, portanto, relações que se iniciam desde o núcleo familiar até a escala mais ampla dos amigos e conhecidos, ou mesmo, desconhecidos.

A Igreja de Santo Antônio exerce uma significativa influência no cotidiano do bairro e constitui-se um marco referencial para os moradores de Água Fria, como também do Arruda.[139] As próprias festas religiosas realizadas anualmente envolvem um expressivo circuito de trocas e favores, de consumo, de trabalho, de energia e de recursos; demarcando espaços e tempos e estabelecendo ritmos de reunião e dispersão, na articulação das redes de relações do bairro e adjacências.

As festas são, assim, muito mais que um mero ato litúrgico. Representam momentos de congraçamento entre os indivíduos que compartilham um mesmo referencial cotidiano. Com efeito, durante a Semana Santa, além das missas, casamentos e batizados, a Igreja de Santo Antônio conforma-se num palco para as apresentações da Paixão de Cristo, dirigida e conduzida pelos próprios moradores, representados pelos jovens acólitos da paróquia que viabilizam a encenação teatral do lugar.

No mês de junho, o bairro é tomado por uma série de festas religiosas derivadas da homenagem ao padroeiro Santo Antônio, e dos tradicionais festejos a São João. Nesse período, observa-se nos bairros do Arruda e Água

[139] Conforme mencionado no item precedente a Igreja de Santo Antônio, datada de 1873, era uma capela até o ano de 1926, ligada a Igreja de São Pedro Mártir, em Olinda. Entre os anos de 1926 a 1939, ficou sob a jurisdição da Igreja da Nossa Senhora da Conceição, em Beberibe, tornando-se paróquia em março de 1939. Situa-se no cruzamento da Rua Zeferino Agra com a Rua do Machado, no local outrora localizado no centro do loteamento Beberibe de Baixo, no último quartel do século XIX.

Fria, ruas enfeitadas com bandeirinhas e balões coloridos, e um considerável número de pavilhões, fogueiras (FIGURA 46), pontos de venda de comida típica (milho, canjica, pamonha, pé de moleque) e de fogos de artifício. No centro comercial de Água Fria há os montes de milho espalhados ao longo da Avenida Beberibe e ruas paralelas (Japaranduba e João Uzeda Luna), além de barraquinhas de vestimentas típicas da época. No tocante ao dia de Santo Antônio, vale conferir o depoimento de Dona Letícia Dantas, moradora do bairro e freqüentadora da paróquia de Água Fria há 65 anos.

> A festa do nosso padroeiro é muito forte! Nós temos as festividades de Santo Antônio que é realizada no mês de junho, no dia 13. E tem uma semana pré, que é de muitas rezas, muitas orações. A casa é cheia, a igreja é cheia, e no dia da procissão, dizem que a nossa é assemelhada com a da padroeira do Recife, Nossa senhora do Carmo. Porque vem gente de todos os bairros para nossa paróquia. Temos uma missa antes e depois da procissão que encerra às 20h:00. Celebrada por um convidado de honra ou pelo próprio vigário da paróquia (Dona Letícia Dantas).

Figura 46: Fogueira e Estrela de São João na Rua Júlio Ramos, Água Fria
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Junho de 2009.

O ponto alto da festa diz respeito à procissão, quando as ruas do bairro adquirem, então, grande significação para os moradores, que a identificam com o trajeto dos devotos. Desse cortejo, participam homens, mulheres e crianças, carregando faroletes coloridos e luminosos, velas acesas ou lírios. Na frente segue o andor atravessando as ruas repletas de Água Fria, enfeitado de flores e uvas; os sinos badalam; avistam-se moças de vestidos brancos, frades, seminaristas e as inúmeras irmandades. No meio da procissão o carro de som anda lentamente acompanhado pelas bandas, onde se escuta hinos, cânticos, orações e preces. Segundo Dona Maria José Medeiros:

> na época de Padre Humberto (1970-1990) eu cantava dentro do carro de som. Cantava o hino do Santo Antônio durante todo percurso. Depois que Padre Humberto faleceu, deixei o comando, passando a responsabilidade para bandas composta pelos jovens do bairro (Dona Maria José Medeiros, moradora de Água Fria há 51 anos).[140]

Ao longo do itinerário litúrgico, o percurso da procissão (FIGURA 47) coincide com os trajetos dos desfiles carnavalescos, dos cortejos juninos, do encontro cotidiano nas esquinas, assim como nas praças, nos locais de namoro, nas calçadas... Enfim, nas diversas trilhas percorridas cotidianamente pelos moradores que se sentem íntimos desses lugares. Em Água Fria, a procissão de Santo Antônio tradicionalmente inicia-se na Rua Zeferino Agra, na frente da paróquia, seguindo em direção à Rua do Machado, e desta, a caminho da Rua da Regeneração. Daí prossegue em linha reta até o Largo de Água Fria, na Avenida Beberibe. Depois, contorna a área central do bairro até alcançar a Rua Alegre, e daí, reencontrar-se com a Zeferino Agra, ponto inicial e final do percurso.[141] Contudo, ressalta Dona Maria José Medeiros, que em algumas ocasiões

> (...) ela vai pela Rua da Feira (Rua Japaranduba), e depois pela Rua Zeferino Agra. Tornando-se um percurso menor quando chove forte. Às vezes também vem pela Rua do Triunfo, sai na Rua do Machado, e vem para igreja. Mas

[140] Atualmente a Paróquia de Santo Antônio do Arruda e Água Fria, pertencente a Arquidiocese de Olinda e Recife, é conduzida pelo Padre Adriano Araújo da Fonseca, que há dois anos exerce sua liderança. Antes o vigário responsável era o Padre João Carlos de Santana, que, por sua vez, assumira o posto do Padre Humberto Jones.

[141] Ainda sobre o percurso da procissão, faz-se importante observar que ela se realiza na área correspondente a planície do bairro (ruas Zeferino Agra, Machado, Regeneração, Alegre e Avenida Beberibe). Contudo, os residentes no ambiente dos morros também participam intensamente do ato litúrgico, uma vez que existe uma capela dedicada à São Sebastião no córrego de mesmo nome, pertencente à Paróquia de Santo Antônio. O que estabelece um vínculo, e doravante, uma rede de influência da matriz até os córregos, ladeiras e morros de Água Fria.

> sempre ela tem que passar no Largo de Água Fria, pois os comerciantes ajudam muito a igreja, e o padre faz questão que ela tenha este percurso dentro de Água Fria (Dona Maria José Medeiros). [142]

Esse relato confirma a importância da trama densa de Água Fria, não só em razão dos comerciantes (FIGURA 48), mas sim também pelos sentidos e a lógica que opera nos modos simbólicos, nos enredos e nos elos de significação da trama, baseados também na comunicação com o sagrado, com a ligação do humano com o religioso. Nesse sentido, destacam-se as narrativas de algumas moradoras do bairro:

> Sou católica, batizada e crismada. A minha vida é o catolicismo daqui de Água Fria, onde eu recebi toda minha formação religiosa que carrego até hoje... E estamos ainda aqui no bairro, na Igreja de Santo Antônio (Dona Letícia Dantas).

> Desde criança que não sei viver longe da igreja de Santo Antônio. E eu não sou só católica, eu sou muito católica! E não sou só religiosa na igreja, fora daqui também visito doentes. Visito sempre os que precisam... nos hospitais e nas casas deles. Rezo por todos (Dona Maria José Medeiros).

Ainda sobre a procissão, vale ressaltar que esta é formada por várias pastorais. Cada pastoral com suas roupas e bandeiras próprias. A de Santo Antônio possui sua bandeira; o Apostolado da Oração outra; os Acólitos, e a Pia União também possuem um lábaro próprio; a de São Francisco, a do Casal em Cristo, cada qual com o seu. Todas representam uma atividade específica no bojo da igreja, com suas atribulações semanais, compromissos eucarísticos, serviços sociais etc. A existência destes grupos, revela a importância da igreja na vida do bairro, abarcando diferentes segmentos da população na construção de um cotidiano comum a todos. A propósito, as narrativas de algumas freqüentadoras da paróquia evidenciam tal relevância da matriz de Santo Antônio no bairro de Água Fria:

> A vida do bairro só é possível com a existência da matriz católica de Santo Antônio. E graças a Deus nós a temos. Outros bairros não possuem. Aí eles têm uma vida menor. São assim dependentes de Água Fria (Dona Letícia Dantas).

> O papel da igreja é muito importante. Tudo aqui é em torno da igreja. Eu canto no coral. Teve agora pouco a semana eucarística, e eu vinha toda noite. Aliás, vinha minha família inteira. Pois, a gente nasceu e foi batizado aqui, não é? Por

[142] Segundo outra antiga moradora, Dona Letícia Dantas, a procissão às vezes toma outros trajetos em virtude das condições "...das ruas, da chuva, do estrago. Mas normalmente é Rua do Machado, Regeneração, Largo de Água Fria até a Rua Alegre. Depois entra na Rua Zeferino Agra, vindo em seguida para a igreja de Santo Antônio".

> isso, quando é preciso eu venho. Quando tem missa sempre venho... Sinto-me bem quando estou aqui! (Dona Maria José Medeiros).

Todos esses aspectos mencionados pelas moradoras são revestidos de grande singularidade, uma vez que promovem o encontro, possibilitando o desenvolvimento de uma vida comunitária, afora a emergência de outros aspectos, notadamente relacionados a atividades sócio-econômicas. Destarte, durante os festejos de Santo Antônio ocorrem vendas de brindes, comidas e bebidas. Associadas a elas, ainda encontra-se os “parquinhos de bairro” com seus carros de bate-bate, maçã do amor, tiro ao alvo, carrossel, etc. Opções comerciais e de lazer inerentes a uma população de baixo poder aquisitivo, que também busca auferir renda nos momentos de descontração. A esse respeito, o depoimento de Dona Letícia Alves mostra-se sintomático, pois revela o envolvimento do indivíduo ao lugar, independente da sua situação financeira ou social:

> Eu gosto muito de Água Fria. Aqui é parte da minha vida. Ele é o bairro da Santa Pobreza, porque você sai da sua casa com pouco dinheiro ou muito dinheiro, você consegue fazer alguma coisa que lhe satisfaz. E eu estou aqui há muito tempo como você vê. E a gente vive direitinho, não precisa ser rico pra ser feliz, não é? Por isso, gosto daqui! (Dona Letícia Alves).

Os laços topofilicos da moradora concernentes aos elos entre a pessoa e o lugar são tecidos pela experiência cotidiana; pela sensação de pertencimento e afinidade ao lugar de moradia, que varia de intensidade e expressão para cada um (TUAN, 1983). Nesse sentido, outras experiências relacionadas aos costumes juninos do bairro, também evidenciam essa relação identitária do indivíduo com o lugar. Nas vésperas de Santo Antônio, São Pedro e São João, as ruas “incendiadas” por fogueiras cedem espaço aos arraiais de palha de coqueiro enfeitados com bandeiras e luzes de celofane, comumente instaladas nas proximidades do coração do bairro, ao lado do Córrego de São Sebastião. Ali, ao som típico dos festejos da época, há apresentações de quadrilhas e o toque do forró â noite inteira. Afora comer e dançar, os moradores realizam adivinhações em torno das fogueiras, e os meninos soltam fogos (tanques, bichas de estalo, estrelinhas ou chuva de prata, vulcões e buscapés). Os adolescentes e adultos ocupam-se desde cedo na fabricação dos balões, movidos a querosene e revestidos com papel de seda colorido.

Cabe ressaltar também que essas festas são na maioria das vezes patrocinadas e organizadas pelos moradores, comerciantes (FIGURA 49) e políticos eleitos pela comunidade. Existe, assim, uma motivação comunitária na realização da festa popular, com um espírito coletivo, marcado por laços de solidariedade e compadrio no desenvolvimento de práticas que dão um sentido peculiar a este evento. Outrossim, muitas famílias mantêm a tradição de fazer sua própria festa no São João, onde contratam músicos, criam galpões, fogueiras enormes, decorações nas principais dependências da casa e banquetes gastronômicos fartos.

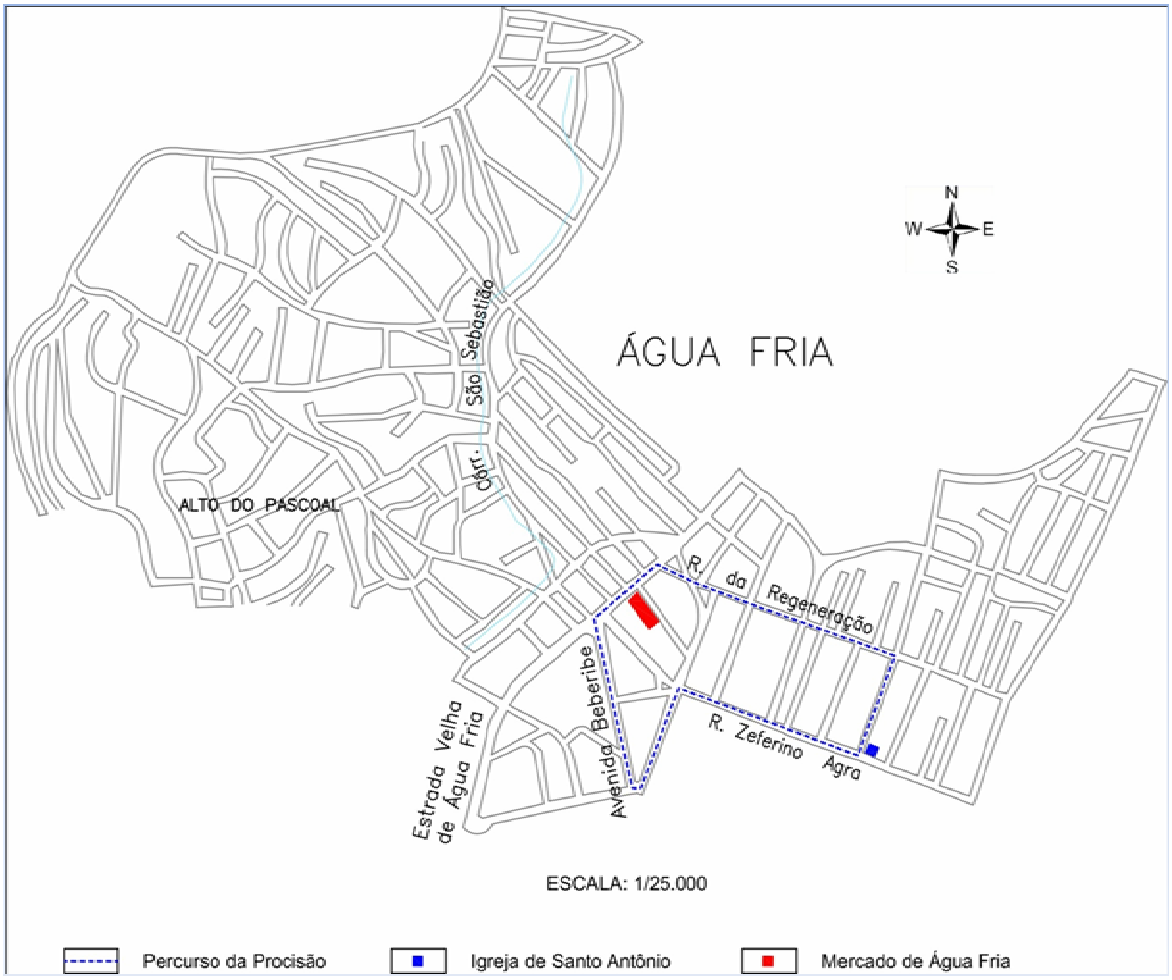


Figura 47: Itinerário da Procissão de Santo Antônio em Água Fria
Fonte: Unibase/1997
Desenho: Bruno Maia Halley / André Pereira Marinho

Mesmo sem o fervor do passado, também as “festinhas escolares” representam o universo junino do bairro – quadrilhas, chapéus de palha, vestidos de chista, calças de brim, lenços coloridos no pescoço, casamento da roça. Para acentuar a semelhança com a vestimenta estereotipada do homem do campo, põem-se camisa semi-solta do cinturão, arregaçam a boca das calças, usam sapatos de pares diferentes ou calçam um dos pés de chinelo... São indumentárias que revelam a intimidade com a festa realizada no Nordeste brasileiro, e que, na escala do bairro, se mostra vivida e forte, a despeito dos novos comportamentos que descaracterizam as relações tradicionais no âmbito da sociedade urbana atual

Figura 48: Procissão de Santo Antônio em Água Fria (o andor no primeiro plano à esquerda; o mercado público ao fundo; e a multidão durante o rito litúrgico no centro comercial do bairro).
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Junho de 2009

Figura 49: Apoio dos Comerciantes à Procissão de Santo Antônio (o andor no lado esquerdo; a faixa em homenagem ao santo padroeiro ao fundo; e a banda da polícia abaixo).
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Junho de 2009.

Com efeito, durante as festividades católicas de Água Fria, os "micro-cosmos que são as ruas e os quarteirões tornam-se um macro-cosmo quando a população de diferentes pontos é atraída pelas festas religiosas ou sociais" (SCARLATO, Op. Cit., p. 178). A partir delas, nota-se com maior precisão a delimitação do coração do bairro, e, por conseguinte, da influência exercida pela Igreja de Santo Antônio (FIGURA 50) no cotidiano do lugar, constituindo-se em referência para os moradores de Água Fria.

Contudo, no bojo dessa realidade, há que se ressaltar a crescente presença de igrejas protestantes no interior do bairro, materializadas em inúmeros templos e adeptos. Os próprios fiéis participam ativamente da evangelização, procurando sempre conquistar novos seguidores entre seus amigos e conhecidos. Assim, através de cultos direcionados à juventude do

bairro, visitas as casas dos moradores, e os cultos ao ar livre nas diferentes ruas do bairro, os protestantes vem contribuindo para o crescimento dessas igrejas no conjunto, embora se possa questionar sobre a permanência mais ou menos longa delas.

Figura 50: Fiéis na Igreja de Santo Antônio para Procissão do Santo Padroeiro (as bandeirinhas de São João; os moradores do bairro e a fachada lateral da paróquia)
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Junho 2009

Por outro lado, enraizada na historicidade do bairro há mais de um século, a Paróquia de Santo Antônio que outrora existia em forma de capela (fins do século XIX), contínua a representar um marco da sociabilidade essencial na vida do bairro. Constituindo-se em um nível de relações sem o qual não se poderia produzir a rica trama de enredos do bairro, que se caracteriza pelos laços de vizinhança, parentesco e compadrio dos moradores em suas várias

atividades desempenhadas (o carnaval, o comércio, o “bairro negro” e o catolicismo). Nesse sentido, dada sua importância, a igreja torna-se pequena em dias de cerimônias e de festas, como mostra o depoimento abaixo:

> A Igreja de Santo Antônio é maravilhosa. Pena que é pequena para o tanto de gente que vem aqui. Na festa da Semana Eucarística, por exemplo, não coube de tanta gente. Vinha muita gente. Por isso que a igreja é forte aqui. É preciso ampliá-la ou construir uma maior (Dona Letícia Alves).

Percebe-se através da narrativa da moradora, a resistência dos aspectos comuns da vida de bairro no tocante as práticas estabelecidas pelo Catolicismo Romano. Essa vivência local ainda se faz presente nas bodegas, mercearias, mercadinhos, padarias e na feira livre (que sobrevivem aos hipermercados e magazines). Que também constituem ponto de encontro da população ou lugares que regem a experiência do morador e lhes possibilita perceber a fluidez e as coisas comuns do bairro, sendo mais forte entre os habitantes que vivenciam o âmago comercial do lugar, conforme será visto a seguir.

4.1.4 Legitimação de um Enredo no Entorno do Mercado Público

Desde o limiar do século passado, o bairro de Água Fria possui uma personalidade vinculada à função comercial. As ruas tortas e acanhadas do outrora arrabalde que integravam o antigo Beberibe de Baixo já detinham no seu interior um comércio rotineiro, que atendia de forma precária a população pobre ali existente. Nas suas cercanias havia vacarias, currais, atividades de carroceiros, uma pequena feira, mercearias e bodegas. Primeiros indícios de uma vida de bairro caracterizada na atualidade por uma expressiva atividade comercial, ainda fortalecida em meados do século XX, com o advento de um mercado público símbolo do lugar.

Inaugurado em 1954 (FIGURA 51), durante as comemorações do tricentenário da Restauração Pernambucana, o mercado público de Água Fria fora construído na gestão do Prefeito José do Rego Maciel,[143] num local anteriormente ocupado por um sítio ocioso, situado na margem da então Estrada Nova de Beberibe (hoje, Avenida Beberibe). Sua estrutura física erguida em forma de hangar encontra-se atualmente dividida em cerca de 110 boxes distribuídos entre 73 locatários.[144]

As numerosas e variadas atividades desenvolvidas no mercado incluem desde a comercialização de cereais, frutas, verduras, produtos de mercearia, artigos importados, confecções e carnes, até a criação e comercialização de animais vivos (carangueijos, aves), a prestação de serviços diversos – por cabeleireiros, barbeiros, sapateiros etc. -, sem falar nos bares, na banca de jogo do bicho e nos inúmeros fiteiros. Na entrada do mercado, nota-se também a presença de uma loja especializada em artigos religiosos, mormente ligados à cultura afro-descendente.

[143] A construção do Mercado Público de Água Fria iniciou-se na gestão do Prefeito Antônio Pereira, passando depois, pela gestão do prefeito Etelvino Lins, e por fim, pela administração do prefeito José do Rêgo Maciel.

[144] Dados obtidos no estudo de NÓBREGA, Maria de Lourdes Carneiro da. **Um Estudo sobre as Formas de Apropriação do Espaço Público Urbano pelos Comerciantes de Rua na Cidade do Recife**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Centro de Artes e Comunicação. UFPE, 2002.

Por sua configuração interna e fisionomia externa, o mercado de Água Fria constitui-se num dos principais marcos referenciais do bairro. Responsável por legitimar um enredo próprio imbuído por sintomáticas relações econômicas e sociais, sempre abertas e convidativas para quem ali passa. Segundo Dona Ivonete de Paula, comerciante de Água Fria há 45 anos, “ele é o único prédio dentro do bairro que recebe todo tipo de gente. Todo tipo de gente vem aqui. É de fora, é daqui, é de todo canto”.

Figura 51: Inauguração do Mercado Público de Água Fria em 1954 (o pátio do mercado público ajardinado; por trás da construção os sítios frutíferos da época margeando a Estrada Nova de Beberibe).
Fonte: Museu da Cidade do Recife, Livro 3, Tombo 02807.

Conforme exposto anteriormente, sua edificação buscou atender de forma permanente e menos precária, o comércio popular do bairro, que se mostrava estimulado em decorrência do expressivo aumento populacional da zona norte

do Recife nos decênios de 1940-50. Contudo, vale ressaltar que naquele instante já se fazia presente, nas proximidades da antiga estação Chapéu do Sol, a feira livre da “Beliscada”. Caracterizada como um pequeno conjunto de tendas e barracas espalhadas irregularmente nas estradas e becos de Água Fria (FIGURA 52).

Com a construção do edifício público, a “Beliscada” transferiu-se do beco homônimo, passando a se estabelecer diariamente na frente do mercado, no lugar outrora ocupado pelo pátio público do bairro. Atualmente, a feira também se estende por outros espaços de Água Fria, situando-se por toda a extensão da Rua João Uzeda Luna (FIGURA 53), parte da Rua Dr. Eudes Costa, e início da Rua Japaranduba, vizinha ao mercado. A feira é composta por cereais, frutas, legumes, hortaliças, material de limpeza e outros produtos oferecidos aos transeuntes pela dupla via da exposição visual e da oferta verbalizada nos pregões. De permeio, encontram-se caixotes e tabuleiros mais modestos, oferecendo condimentos, ervas, pentes e espelhos, válvulas para panelas de pressão e uma infinidade de miudezas, úteis ao lar.

No domingo, dia mais intenso de feira, o ritmo do bairro se alvoroça, sobretudo ao redor do mercado público (FIGURA 54), local de compras de um número considerável de pessoas. A feira atende não apenas uma população de baixo poder aquisitivo, mas também pessoas que residem perto de Água Fria (Arruda, Cajueiro, Fundão, Mangabeira etc.) e têm padrão de renda relativamente elevado, muita delas, antigos moradores do bairro. Nas calçadas e ruas estreitas de Água Fria, rivaliza as atenções com as casas de comércio, dificultando a circulação, tanto dos veículos quanto dos pedestres.

Anteriormente, como tentativa de solução para tal realidade, no início do decênio de 1990, durante a gestão do prefeito Jarbas Vasconcelos, transferiu-se a feira livre para um terreno pouco distante do mercado, localizado na Estrada Velha de Água Fria. O extenso terreno, outrora pertencente ao Sítio de Pai Adão, passou a abrigar a feira do bairro, com tendas padronizadas, local para estacionamento, e banheiros públicos. No entanto, não satisfeitos no novo endereço, pouco tempo depois os feirantes voltaram a comercializar nas

redondezas do mercado, acarretando no esvaziamento do pátio projetado[145]. O retorno dos feirantes deve-se à necessidade de um contato mais próximo com o consumidor, tanto o do mercado, como o das ruas mais movimentadas do lugar (Avenida Beberibe, Rua Dr. Eudes Costa, e Rua João Uzeda Luna – ligação principal com o Córrego de São Sebastião, Alto do Pascoal e Alto do Bonito). A propósito, os depoimentos de alguns moradores e comerciantes também apontam os possíveis motivos do regresso da feira livre ao local de origem, ou seja, os arredores do mercado.

> Pra mim era difícil ir para o lado de lá. Não tem movimento ali. Eu achei que não ia dar certo. Os comerciantes de lá todos trabalhavam aqui. Quando foram lá... Coitados! Fracassaram tudo, muitos deixaram de negociar. Ali na frente têm duas que voltaram, uma é Dona Lia. Tem um bocado que veio de lá pra cá. (Dona Ivonete de Paula – comerciante e moradora de Água Fria há 60 anos).

> No início achei que foi bom, pois ficou tudo limpo, depois começaram os assaltos, começando assim a repercussão negativa, afastando os clientes da feira. O movimento ficou fraco, e os feirantes foram voltando para o largo de Água Fria. (Seu Francisco Fabiano de Lima Filho – comerciante do mercado público de Água Fria há 35 anos).

> Olhe é porque a feira é o seguinte, a feira não pode sair do meio do comércio. Pode "botar" no chão, mas se não tiver no meio do comércio o cliente não vem! Por isso não deu certo lá na estrada velha. (Seu Nelson Martins – feirante e morador de Água Fria há 63 anos).

O relato de Seu Nelson Martins, além de sintomático, aponta um aspecto que singulariza Água Fria. Quando ele fala que a feira não pode sair do meio do comércio, pois dessa forma o cliente não vem, deixa evidente a importância conferida ao coração do bairro. Neste caso também compreendido como um coração comercial (FIGURA 55). Marcado pela coexistência da feira livre, do mercado público, e das inúmeras casas comerciais, todas situadas nas ruas mais intensamente transitadas e vivenciadas do lugar.[146] Segundo Seu Francisco Fabiano a importância conferida ao coração de Água Fria deve-se a existência mútua desses elementos citados, conforme é possível atestar no seu depoimento.

---

[145] O pátio da feira livre de Água Fria ocupava uma área total de 2.987m², e foi inaugurado no dia 13 de outubro de 1993, com capacidade para 294 bancos de feira. Com o seu abandono, o Movimento dos Sem-Teto ocupou o local, sendo logo depois retirados. Recentemente, a prefeitura municipal iniciou a construção de uma unidade médica local, a policlínica de Água Fria, com data prevista de inauguração no primeiro semestre de 2011.

[146] O centro comercial de Água Fria é composto pela Avenida Beberibe, Rua Alegre, Rua Dr. Eudes Costa, Estrada Velha de Água Fria, Rua Júlia Ramos, Rua Japaranduba, Rua João Uzeda Luna, Rua Córrego de São Sebastião, e Rua da Regeneração.

> Tudo faz um todo, porque se tivesse apenas as lojas e não a feira, tudo seria mais complicado, mais distante. Porque as pessoas vão a um local, onde tenha tudo pra comprar. Por exemplo, se eu tivesse que pegar agora um ônibus e ir ao Arruda, eu não iria. O Arruda praticamente não tem comércio. No caso eu realizo minhas compras ou em Água Fria ou na Encruzilhada, pois lá você vê que tem mais opções de compras. Tem tudo o que você precisa. (Francisco Fabiano de Lima Filho – comerciante de Água Fria há 35 anos).

Figura 52: Barracas e Casas Comerciais em Água Fria no início de 1940 (a Estrada Nova de Beberibe, no trecho hoje correspondente ao encontro desta via - Avenida Beberibe - com a Estrada Velha de Água Fria).
Fonte: Museu da Cidade do Recife, Livro 1, Tombo 00660.

Registra-se igualmente que nos centros comerciais desses bairros (Encruzilhada e Água Fria), há entre eles alguns pontos em comum, dentre os quais, sobressaem, a forte identidade dos moradores com o lugar, o que

propicia uma análise dos mesmos como produto das relações sociais humanas a partir das relações sociais que se realizam no plano do vivido, no plano do cotidiano, onde o homem se reconhece, porque é o lugar da vida (CARLOS, 1996). E, segundo, a existência de práticas sociais, que mesmo sendo comum aos bairros, no bojo dos seus corações simbólicos se mostram mais expressivas. Nesse sentido, as falas de alguns moradores e comerciantes bem demonstram a ligação afetiva do indivíduo com o lugar, seja na feira livre, seja no mercado público.

> Meu filho! Vou lhe dizer uma coisa, adoro Água Fria! Eu moro aqui na feira, e passeio em casa. Se eu chego nove, dez horas da noite, quatro da madrugada... Eu já estou aqui novamente. Então eu moro aqui. Tudo o que eu fizer pela feira, é com amor, com carinho, com respeito. (Seu Nelson Martins – feirante e morador de Água Fria há 63 anos).
>
> Olhe, eu gosto de trabalhar nele (no mercado), eu gosto de viver nele. Aqui é praticamente a minha casa. Eu posso trabalhar, eu posso conviver com outras pessoas. É muito bom isso! (Dona Ivonete de Paula – moradora de Água Fria há 60 anos).
>
> Eu gosto daqui! É aqui em Água Fria que eu ganho o meu pão, que vivo, que criei os meus filhos com muito sacrifício. Mas graças a Deus eu vivo feliz. (Socorro Silva – feirante e moradora de Água Fria há 55 anos).

Trilhando nessa direção, outro aspecto interessante de Água Fria refere-se a algumas formas antigas de comércio. Ao caminhar pelos becos, vielas e ruas do centro comercial percebe-se que ainda sobrevivem no âmago do bairro, pequenos negócios, tão antigos quanto o lugar, que integram parte de uma economia calcada em relações de confiança, notadamente as relações de vizinhança e compadrio. O que respalda, assim, o conceito de bairro, expresso por diversos autores como um lugar “elementar, cujos nexos são a vizinhança, o parentesco e o compadrio. Foi pela articulação destes três níveis que o bairro ganhou realidade, traduzindo-se como vida de bairro, produzindo profundos enraizamentos” (SEABRA, Op. Cit., p. 12).

Nas esquinas densamente povoadas da trama local, como também nas ruas localizadas no entorno próximo, as antigas mercearias e bodegas ainda sobrevivem no bairro de Água Fria. Apresentando uma fisionomia desgastada, paredes mal consolidadas, comumente freqüentadas pelos mesmos clientes. Outrossim, suas prateleiras e estantes expõem variados tipos de mercadorias: carne de charque, farinha, milho verde, manteiga, aguardente, barbante, fumo

de corda, feijão... Enfim, um sortimento de produtos comercializados ainda no sistema de vendas na caderneta.

Figura 53: Feira Livre de Água Fria (barracas e tendas na Rua João Uzeda Luna; as casas comerciais nos flancos; e os feirantes e clientes no centro comercial do bairro).
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Janeiro de 2010.

Esses pequenos negócios (mercearias, bodegas, fiteiros, etc.), portanto, constituem-se formas pretéritas do capital, baseadas em relações de confiança subjacentes as relações de vizinhança e compadrio. Sua clientela compõe-se de antigos moradores do bairro de baixo poder aquisitivo, que mantêm com o proprietário uma cumplicidade construída no âmbito da dimensão cotidiana. Dessa forma,

> O freguês do caderno só pode existir onde as pessoas se conhecem e têm confiança uma nas outras, quer dizer, num meio de relações personalizadas. O "sistema' implica numa forma peculiar de democracia, pois beneficia indistintamente os iguais em termos da moralidade, da confiança (FERREIRA DOS SANTOS, Op. Cit., p. 89).

Figura 54: Mercado Público de Água Fria (o edifício em forma de hangar, os feirantes no pátio do mercado; e os transeuntes na Avenida Beberibe).
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Janeiro de 2010.

No contexto de Água Fria, os antigos pontos comerciais, característicos de um modo de vida anterior, configuram em espaços de sociabilidade capazes de atrair um expressivo número de pessoas. Eles representam em si lugares de descanso e comunhão, onde os indivíduos se sentem entre os "seus", refazendo-se da jornada diária do trabalho, através dos jogos de dominó, das conversas amistosas, das pequenas discussões travadas sob o balcão de madeira, etc. Os temas debatidos entre o freguês e o comerciante, encontram-

se marcados por certa pessoalidade, sempre possível nessa forma tradicional de relação, onde os contatos não se estabelecem apenas entre situações mediadas pelo dinheiro.

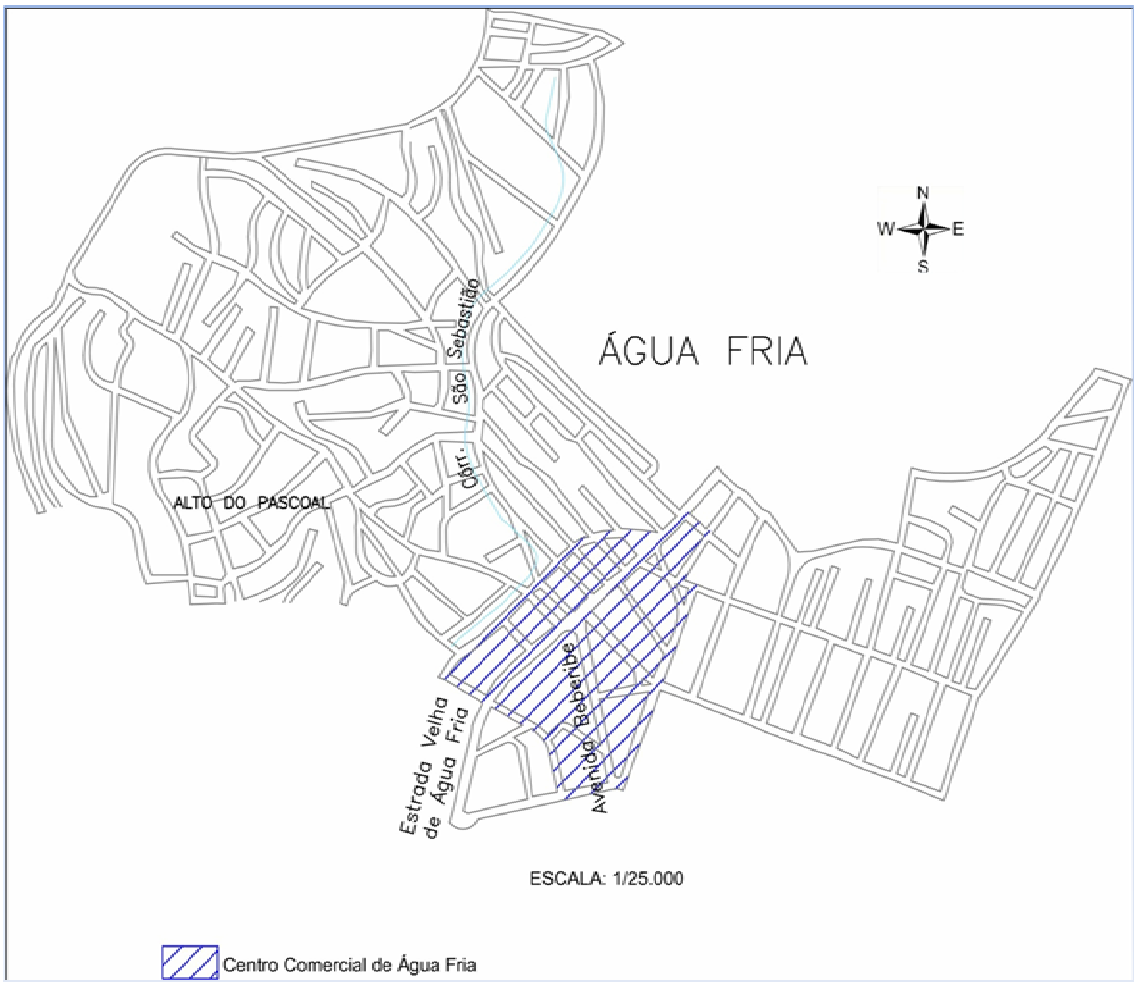


Figura 55: Centro Comercial de Água Fria
Fonte: Unibase/1997
Desenho: Bruno Maia Halley / André Pereira Marinho

Por outro lado, no âmbito das coações impostas pela metrópole, observa-se em Água Fria a emergência de um novo modo de vida, marcado por relações frias, anônimas e impessoais. Trata-se dos contatos estabelecidos pela rede de supermercados, magazines e lojas de comércio especializado, que impõem no coração do bairro uma relação indireta entre as pessoas do

lugar. [147] À luz desse contexto, o mercado, a feira e as antigas mercearias enfraquecem suas atividades, a costureira se transforma de criadora de roupas em sua mera reparadoura, o sapateiro deixa de fazer calçados, o consertador de panelas torna-se um profissional raro... Diluindo, assim, os antigos aspectos do comércio de bairro face as novas relações marcadas por um individualismo associado à uma inteligibilidade social, contraposto do sentido de bairro enquanto refúgio envolto de relações cotidianas e de identidade, onde a solidariedade é ainda exercitada.

Contudo, malgrado os novos modelos de consumo e comportamento, persistem aqui e acolá, velhas formas e práticas cotidianas no bairro, resistindo bravamente à tentação e embriaguez pelo novo. Como dito e redito, em Água Fria o sistema de cadernetas ainda permeia as relações diretas entre as pessoas no ato da compra e venda, onde todos se conhecem. A feira livre, as antigas leiterias ou bodegas sobrevivem à invasão dos supermercados, magazines, na condição de pontos de encontro, além de lugares de mercado. Configurando-se assim, em enclaves de resistência, e também um dos atributos da identidade local, compreendida como

> (...) aquela ação espontânea que não foi completamente capturada e submetida à pressão da realidade programada. Capaz de se opor aos padrões de comportamento ditados, existe viva a possibilidade do despertar ou mesmo da permanência do papel ativo e intransigente do homem (CARLOS, Op. Cit., p. 146).

Nesse sentido, a metrópole é reconhecida como o espaço da atomização da vida, mas também o lugar onde se abrem as perspectivas do encontro, da construção de uma realidade experienciada em pequenos atos através dos quais se tornam possíveis compartilhar os sentidos da dimensão existencial. Isto só se tonar possível na esfera do bairro, que se mostra imbuído “de um invólucro, que devido à sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior” (TUAN, 1980, p. 114).

[147] No ano de 2008, houve a inauguração da uma unidade da rede internacional Electra/Banco Asteca no centro de Água Fria, contando com a presença até do Presidente da República no ato comemorativo. A estrutura da loja e do banco substituiu uma antiga padaria no bairro (Padaria 10 de Janeiro), marco da população local de propriedade do lendário Sebastião Vasconcelos. Nas entrevistas com os moradores constatou-se o sentimento de perda com o fim da padaria situada na esquina do Beco da Beliscada, e doravante, a estranheza com relação ao prédio moderno que abriga a unidade da multinacional mexicana.

No bairro de Água Fria, a feira livre e, depois, o mercado influenciaram a economia do bairro, tornando-se fundamental para seu desenvolvimento. Como dito, foi ao redor desses elementos que se desenvolveram as primeiras atividades econômicas do lugar, e só no decênio de 1970, tais atividades passaram a ocupar os espaços mais internos do bairro. Atraindo as demais formas de comércio que se instalaram no seu entorno, inclusive as grandes redes de supermercados. Todavia, não obstante a presença destes, existe ali o encontro diário entre as pessoas, a troca de contatos econômicos e sociais, permitindo a construção de um eixo de valores espaciais segundo o qual as pessoas se orientam.

Assim, na trama densa do bairro as pessoas encaram como parte de sua existência o “ir às compras”. Nestas ocasiões elas se encontram com os amigos e conhecidos. E Isto não acontece sobre o muro do quintal, ou na porta de casa, ou de janela para janela – se dá na rua. E essa é uma particularidade do coração de Água Fria, a de poder proporcionar o encontro sistemático das pessoas dentro de uma trama de relações conduzidas por uma série de enredos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apreender e desvendar o bairro de Água Fria a partir da sua trama de enredos foi o objetivo central desse trabalho. Nesse sentido, uma análise que contemplasse os enredos do lugar, e destes, no contexto do Recife, se mostrou um caminho promissor.

Dessa forma, uma incursão no processo histórico da cidade permitiu contextualizar o bairro, e doravante, as especificidades do lugar, afora identificar seus marcos referenciais, responsáveis pelo povoamento, e pela vida de relações do bairro na atualidade. Momento em que se intensifica o arrefecimento da vida do bairro, evidenciando que o ritmo da cidade, determina o ritmo da vida, interferindo nas relações interpessoais, conforme teoriza Carlos (1999, p. 79).

Rumando nessa direção, respaldado em observações in loco e no depoimento dos entrevistados/personagens centrais da trama local, constatou-se a emergência de um coração simbólico no bairro, materializado na solidariedade que acompanha o sentimento de vizinhança e em relação ao espaço da vida cotidiana, que por assim ser visto, constitui também em espaço da contradição e, onde as metamorfoses têm se mostrado sobremaneira agudas.

Registre-se que se está diante de uma realidade embriagada pelo novo, que obriga o morador a planejar e desenvolver a sua vida além do seu lugar de moradia. É o trabalho, é o lazer, é a escola... Assim, o bairro torna-se “um referencial compartilhado muito superficialmente pelos moradores”, sublinha Souza (Op. Cit., p. 151).

O saber acumulado dimanado do modo de vida passada e da vida de bairro, fica a deriva, não obstante a resistência que se dá através de pequenos atos corriqueiros, aparentemente sem sentidos que marcam o ritmo e a alma do lugar. Trata-se das sintomáticas relações permeadas por uma série de enredos que engendram o envolvimento mútuo dos moradores no local de residência.

No caso de Água Fria, percebe-se tais relações nas tradicionais cerimônias da Igreja Católica (a procissão de Santo Antônio, as missas, os batizados, a festa de São João), nos laços de parentesco e compadrio do Sítio de Pai Adão (as relações de familiaridade, compadrio e vizinhança do Terreiro Obá Ogunté), nos ensaios e desfiles das agremiações carnavalescas que harmonizam o ritmo da vivência local, e nos contatos freqüentes marcados por certa pessoalidade no mercado público e na feira livre, afora nas bodegas e mercearias do bairro.

Parafraseando Souza (1989), a sobrevivência do bairro como algo mais que um referencial vazio, em que pesem as dificuldades e a diluição de sua vida, se deve, em grande parte, a essa trama de enredos. Embora sempre acompanhada por uma simpatia, que se realiza como afeição pelo bairro, apego ao lugar, o qual o mesmo autor chama de *bairrofilia* (1989, p. 150). O sentimento de pertencimento ao espaço de vivência centra-se nos aspectos comuns da vida do bairro (a conversa na calçada, o encontro e a conversa diária nas padarias do bairro, a intimidade social entre os vizinhos, o jogo de bola das crianças nas ruas, etc.).

A vivência do (e apego ao) bairro, conquanto seja de certo modo única para cada pessoa, necessariamente consiste num terreno mais ou menos comum para todo conjunto de indivíduos, especialmente no que concerne a trama densa de um determinado bairro. Ponto convergente das inúmeras práticas engendradas no lugar e das características físicas e simbólicas mais singulares. Obviamente isto não é perceptível nos lugares imprecisos da cidade, as áreas de transição intra-urbana, que acabam por confundir o sentimento de pertencimento do habitante de estar em tal ou qual bairro.

No caso de Água Fria, a trama densa do lugar constituiu-se uma referência vívida e forte para toda uma coletividade, configurando-se numa parte da experiência íntima de cada indivíduo, tal qual é a rua ou o quarteirão onde se mora. Assim, compreende-se que o bairro não é vivido na sua totalidade, vive-se apenas fragmentos do seu tecido, materializados na calçada (FIGURA 56), na esquina, em alguns caminhos percorridos diariamente, e no coração do lugar.

Nessa perspectiva, a vivência íntima de Água Fria, acontece na rua com os vizinhos e parentes, mas também na área mais densamente habitada, onde há a presença de maior número de atividades sociais, comumente conduzidas pelos enredos intrínsecos do lugar. Conforme se pode observar no mapa da trama (FIGURA 57), os enredos de Água Fria se encontram mais bem configurados numa determinada área do bairro, onde há uma concentração das especificidades locais, tanto nas práticas ali engendradas como nos marcos referenciais ali existentes.

Figura 56: Moradores a Conversarem nas Calçadas do Bairro de Água Fria (Córrego de São Sebastião)
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Junho 2010

Nesse recorte espacial entendido como uma trama de relações sociais há o envolvimento constante entre as pessoas, e assim, a construção de um lugar

relativamente comum para todo um conjunto de indivíduos, os quais vêem suas imagens mentais se aproximarem e se superporem a ponto de proporcionar a comunicação para além do limite de suas casas.

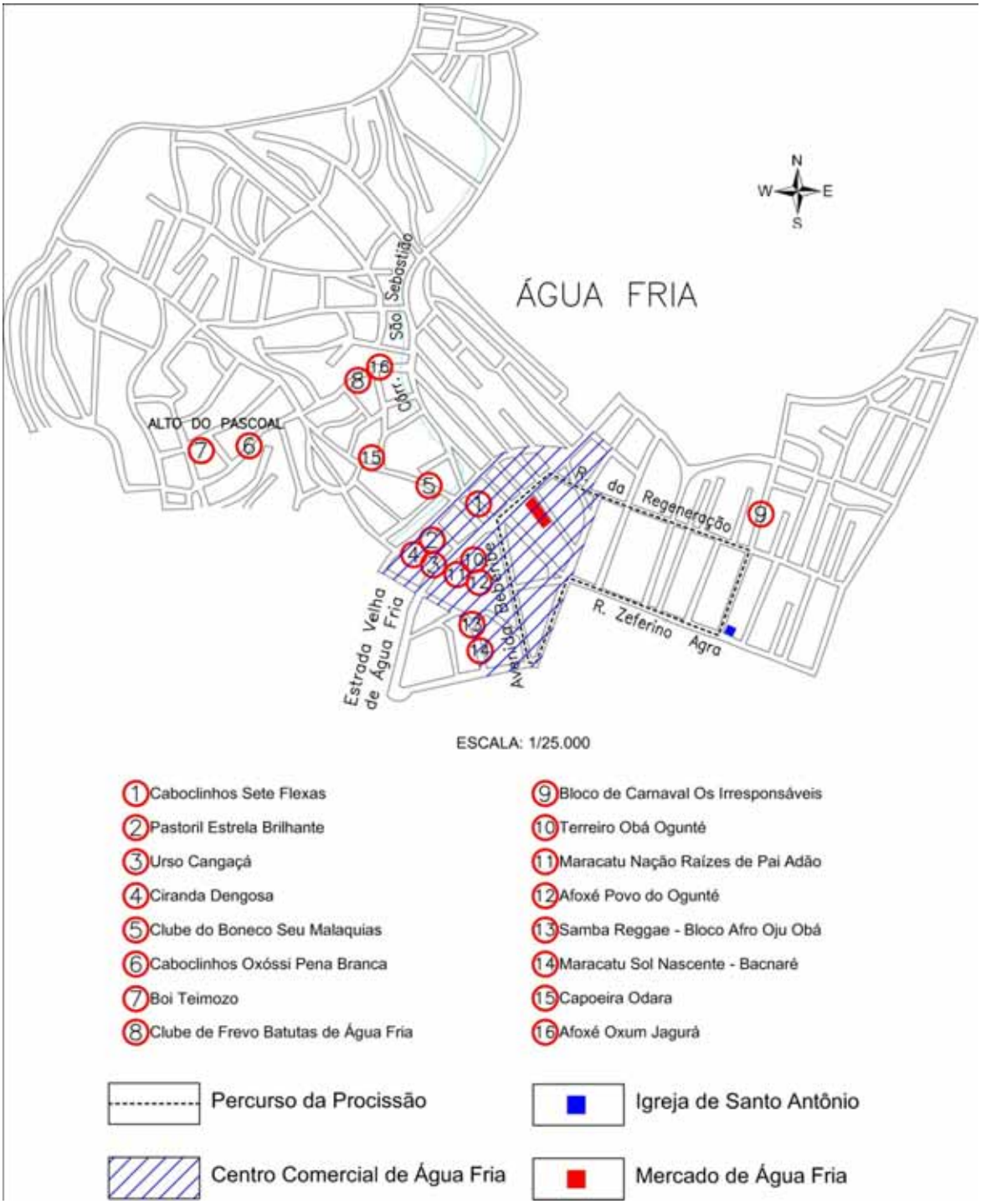


Figura 57: Demarcação da Trama Densa de Água Fria
Fonte: Unibase/1997
Desenho: Bruno Maia Halley / André Pereira Marinho

Daí é que se apreende a alma do lugar, e, por conseguinte, sua identidade marcada por uma miscelânea de ações e de objetos construídos historicamente ao longo da evolução do bairro. Nesse sentido, conforme mostra Tuan (1985), a identidade do lugar se constitui através de suas características físicas, sua história e de como as pessoas fazem uso do passado para promover uma consciência própria acerca dos lugares. Os lugares são, portanto, suas construções, os enredos que os moldaram e a biografia de seus habitantes, os verdadeiros personagens desta trama do bairro.

Referências

ANDRADE, M. M. de. **Bairros além-Tamanduateí:** o imigrante e a fábrica no Brás, Mooca e Belenzinho. 1991. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ANGEOLETTO, F. **Pirajá: um bairro e um parque** – a vegetação como fator de aumento da biodiversidade e da qualidade de vida nos biomas urbanos. 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ARAÚJO, R. de C. B. de. **As praias e os dias**: história social das praias do Recife e de Olinda. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.

_____. **Festas: máscaras do tempo**: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996.

ATLAS Ambiental da Cidade do Recife. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente, 2000.

ATLAS de Desenvolvimento Humano no Recife. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/PNDU, 2005.

BANDEIRA, L. B. **Mallet** – um bairro eleito e demarcado afetivamente. 1998. Monografia (Especialização em Políticas Territoriais no Estado do Rio de Janeiro). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BARRETO, A. M. M. **O Recife Através dos Tempos** – formação de sua paisagem. 1990. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

BARROS, S. A. L. **O que são bairros: limites político-administrativo ou lugares urbanos da cidade?** O Caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife. Recife: Livro Rápido, 2004.

BASTIDE, R. **Imagens do Nordeste místico em branco e preto**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1946.

BAUMAN, Z. **Globalização:** as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BERNARDES, N. **Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e Arredores de São Paulo**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1958.

BEZERRA, D. U. C. **Alagados, mocambos e mocambeiros**. Recife: Imprensa Universitária, 1965.

BIAJOTI, R. L. **Uma Vila Paulistana: Vila Palmeira**. 1979. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BITOUN, J. Territórios do diálogo: palavras da cidade e desafios da gestão participativa no Recife (Brasil). **Revista de Geografia**. Recife, v. 16, n. 2, p. 41-54, dez/jan. 2000.

_____. Análise dos bairros do Recife através da distribuição de renda. In: **Revista de Geografia**. Edição Especial. Recife. p. 41-55, jul. 1996.

_____. Centro Histórico e Identidade Cultural. In: SARINHO, Byron; BORGES, Waldemar. **Recife, cidadania e revitalização** – memória do seminário. Recife: Inojosa Editores, 1993, p. 51-58.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Edusp, 1987.

BRANDÃO, M. do C. A localização dos Xangôs na cidade do Recife. In: **Revista Clio** – Série História do Nordeste da UFPE. Recife, n. 11, p. 117-135, 1988.

_____. **Xangôs tradicionais e umbandizados do Recife: organização econômica**. 1986. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BUTTIMER, A. Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985b, p. 165-193.

_____. Hogar, Campo de Movimento y Sentido del Lugar. In: RAMÓN, M. D. G. (Org.). **Teoria y Método en la Geografia Humana Anglosajona**. Barcelona: Ariel, 1985, p. 227-241.

BRITO, M. S. A. de. **Bento Ribeiro – Perfil de um Bairro**: fragmentos do passado e da atualidade. 2000. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

CABRAL DE MELO, E. Canoas do Recife. In: DANTAS SILVA, Leonardo; MAIOR, M. S. **O Recife - Quatro Séculos de sua Paisagem**. Recife: Editora Massangana, 1992, p. 193-226.

CAMPOS, H. L. **A Bacia Hidrográfica do Beberibe: um enfoque ambiental**. 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco.

CANNABRAVA, A. Primeiras notas para um estudo acerca dos bairros no estado de São Paulo. In: IX Congresso Brasileiro de Geografia, 1941, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação de Geógrafos do Brasil, 1941, v. 3, p. 650-652.

CARLOS, A. F. A. **Espaço-tempo na metrópole** – a fragmento da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. Apresentando a Metrópole na Sala de Aula. In: _____. **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 79-92.

_____. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARLS, F. H. **Álbum de Pernambuco e seus Arrabaldes**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2007.

CARNEIRO, E. **Folguedos tradicionais**. Rio de Janeiro: Conquista, 1974.

CASTRO, J. de. A Cidade. In: _____. **Documentário do Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1968, p. 13-17.

_____. O despertar dos mocambos. In: _____. **Documentário do Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1968, p. 19-21.

_____. A perspectiva ideal de uma cidade. In: _____. **Documentário do Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1968, p. 125-128.

_____. **A cidade do Recife - ensaio de geografia urbana**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954.

_____. **Fatores de localização da cidade do Recife**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional - Brasil, 1948.

CAVALCANTI. P. **As seitas africanas do Recife**. In: Estudos Afro-Brasileiros. Rio de Janeiro, Editorial Ariel, 1935.

CECÍLIA DE SOUZA, D. **As territorialidades flexíveis do transporte alternativo na cidade do Recife:** os fluxos das Kombis e Vans entre a Avenida Caxangá e o Bairro de Boa Viagem. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2006.

COELHO, S. dos S. **A percepção do bairro através dos diferentes modos de transporte**. Monografia (Graduação em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

CORALNET: site oficial do Santa Cruz Futebol Clube. Disponível em: <http://www.coralnet.com.br>. Acesso em: 02 de maio de 2010.

CORRÊA, R. L. A Geografia Cultural e o Urbano. In: _____.; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 167-186.

CORRÊA DA SILVA, A. **A metrópole ampliada e o bairro metropolitano - o caso de São Paulo**: o Bairro da Consolação. 1982. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CORREIA DE ANDRADE, M. **Recife: problemática de uma metrópole em região subdesenvolvida**. Recife: UFPE, 1979.

_____. Formação da aglomeração recifense. In: JATOBÀ, Lucivânio (Org.). **Estudos nordestinos sobre crescimento urbano**. Recife: FUNDAJ, 1987. P. 257-292.

COSTA, F. A. P. da. **Anais pernambucanos**. 2. Ed. Recife: FUNDARPE, 1983. v. 1, 4 e 6.

_____. **Arredores do Recife**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.

COSTA FILHO, O. O Recife, o Capibaribe e os Antigos Engenhos. **Revista do Norte**, n. 2, dez. 1944.

CRISTOFOLETTI, A. **As perspectivas dos estudos geográficos**. São Paulo: Difel, 1985.

DARDEL, E. **L´Homme et la terre – nature de la réalite geographique***.* Paris: CTHS, PUF, 1952.

DONATO, Edvaldo; Caldas, Paulo. **No tempo do nosso tempo** – uma volta aos anos 60. Recife: Bagaço, 1995.

FERNANDES, L. L. **Bairros rurais do Município de Limeira** – estudo geográfico. 1972. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. **O bairro rural dos Pires** – estudo de geografia agrária. São Paulo: Instituto de Geografia, 1971.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FERREIRA DOS SANTOS, C. N. **A cidade como um jogo de cartas.** Niterói: EDUFF, 1988.

_____; VOGEL, Arno. **Quando a Rua Vira Casa**. Rio de Janeiro: IBAM, 1985.

FRANCA, R. **Monumentos do Recife**: estátuas e bustos, igrejas e prédios, lápides, placas, inscrições históricas do Recife. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1977.

FRÉMONT, A. **A Região, espaço vivido**. Coimbra: livraria Almedina,1980.

FREYRE, G. **Apipucos: que há num nome?** Recife: Massangana, 1983.

_____. **Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife**. Rio de Janeiro: José Olympio Editôra, 1968.

GALVÃO, S. de V. **Dicionário Chorográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. 1-4, 1921.

GARCIA, A. dos S. **As mulheres da cidade D'Oxum: relações de gênero, raça e classe e organização espacial do movimento de bairro em Salvador**. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

GEORGE, P. **Geografia Urbana**. São Paulo: Difel, 1983.

GONÇALVES DE MELO, J. A. Capunga: Crônica de um Bairro Recifense. In: DANTAS SILVA, Leonardo; MAIOR, Mário Souto. **O Recife, Quatro Séculos de sua Paisagem**. Recife: Editora Massangana, 1992.

_____. **Tempo dos Flamengos**. Recife: Massangana, 1987.

GONÇALVES FERNANDES, A. **Xangôs do Nordeste**: investigações sobre os cultos negro-fetichistas do Recife. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

GOMES, P. C. da C. A região e o lugar: novos significados na análise geográfica. In: A Geografia e as Transformações Globais – Conceitos e Temas para o Ensino, 1995, **Anais...** Rio de Janeiro: 1995, p. 123

GOMES COSTA. V. **É do Dendê!** História e memórias urbanas da Nação Xambá no Recife (1950-1992). São Paulo: Annablume, 2009.

GOMINHO, Z. O. de. **Veneza Americana X Mucambópolis** – o Estado Novo na cidade do Recife (Décadas de 30 e 40). 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

GUERRA, F. **Velhas Igrejas e Subúrbios Históricos.** Recife: Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife, 1961.

GUILLEN, I. C. M. Catimbó: saberes e práticas em circulação no Nordeste dos anos 1930-1940. In: _____; LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Cultura Afro-descendente no Recife**: Maracatus, Valentes e Catimbós. Recife: Edições Bagaço, 2007.

HALLEY, B. M. “Coração de Bairro”: a Identidade do Lugar numa Encruzilhada de Caminhos na Cidade do Recife-PE. In: Encontro Regional de Estudos Geográficos, 10., 2009, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: UEPB, 2009. (Cd-Rom).

_____. **Nos recantos de um bairro, a emergência do lugar: as vilas e becos do Arruda – Recife/PE**. 2005. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

HENSERSON, J. Sob a Sombra dos Coqueiros. In: DANTAS SILVA, Leonardo; MAIOR, Mário Souto. **O Recife, quatro séculos de sua paisagem**. Recife: Editora Massangana, 1992.

HENRIQUE GOMES, C. **Onde brota o mel... E fonte de onde brotaram tantos bairros da zona norte**. 1999. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

HOLZER, W. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

_____. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 1998. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. O lugar na geografia humanista. In: **Revista Território**. v. 4, n. 7, jul./dez. Rio de Janeiro: 1999.

_____. **A geografia humanista – sua trajetória de 1950 a 1990**. 1990. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

JUCÁ, G. N. M. **A implantação de serviços urbanos no Recife: o caso da Companhia do Beberibe (1838-1912)**. 1979. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco.

LA BLACHE, P. V. de. As características próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 37-48.

LEDRUT, R. **Sociologia urbana**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Forense, 1971.

LEFEBVRE, H. **De lo Rural a lo Urbano**. Barcelona: Peníssula, 1968.

LIMA, A. G. de. **Espaço, espelho da sociedade. A Barra da Tijuca, pergunta? Espelho, espelho meu, existe bairro mais belo do que eu?** 2003. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

LIMA E SILVA, M. V. de. **Desconstruindo e descortinando símbolos na Cidade de Deus**. 2005. Monografia (Graduação em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LINS, R. C. Alguns aspectos originais do sítio urbano do Recife. In: JATOBÁ, Lucivânio (Org.). **Estudos nordestinos sobre o crescimento urbano**. Recife: FUNDAJ, 1987, p. 343-352.

LUCKERMANN, F. **Geography as a formal intelectual discipline and the way in wich it contributes to human knouledge**. Canadian Geographer, 8 (4), 1964, pp. 167-172.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JOSÉ DE SOUZA, B. **Dicionário da terra e da gente do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 5 ed., 1961.

JUREMA, A. **O sobrado na paisagem recifense**. Recife: Editora Nordeste, 1952.

MARC-AUGÉ. **Não-lugares**. introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus Editora, 2001.

MAIOR, M. S.; SILVA, L. D. da. **O Recife – Quatro séculos de sua paisagem**. Recife: Editora Massangana, 1992.

MARTIN, A. R. **O bairro do Brás e a deteriorização urbana**. 1984. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MELLO, J. B. F. de. **Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade**: o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos. 2000. Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. Espaço, Lugar e “Deslugar”. In: **Redes – Revista do Departamento de Estudos Sociais**. v. 1, n. 2, mai/ago. Rio de Janeiro: Associação de Ensino de Campo Grande, 1997.

_____. **O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira – 1928/1991** – uma introdução à geografia humanística. 1991.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MELO, M. L. de. **Metropolização e subdesenvolvimento: o caso do Recife**. Recife: Ed. Universitária, 1978.

_____. **Paisagens do Nordeste em Pernambuco e Paraíba** – Guia da Excursão n. 7, realizada por ocasião do XVIII Congresso Internacional de Geografia. Rio de Janeiro: CNG, 1958.

_____. **Pernambuco: Traços de Geografia Humana**. Recife: Gráfica Jornal do Commércio, 1940.

MENDES, R. S. Os bairros da zona norte e os bairros orientais. In: AZEVEDO, Aroldo (Org.). In: **A cidade de São Paulo:** estudos de geografia urbana. v. 3. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958, p. 183-255.

MENDONÇA, J. H. O crescimento e a localização dos terreiros de Xangô no grande Recife (interpretação sociológica). In: **Revista Ciência e Trópico 3**, 1975.

MENEZES, J. L. M. **Atlas Histórico Cartográfico do Recife**. Recife: Massangana, 1988.

MESQUITA. S. N. de. **O Enredo**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

MOREIRA, F. D. **A construção de uma cidade moderna: Recife (1909-1926)**. 1994. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MONTEIRO, C. A. F. **O mapa e a trama** – ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MULLER, N. L. Bairros rurais no município de Piracicaba. In: **Boletim Paulista de Geografia**, n. 43. Jul. 1966. São Paulo, p. 83-130.

NÓBREGA, M. de L. C. da. **Um estudo sobre as formas de apropriação do espaço público urbano pelos comerciantes de rua na cidade do Recife**. 2002. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

NOGUEIRA DA SILVA, R. C. **As singularidades do bairro na realização da cidade** – um estudo sobre as transformações na paisagem urbana do bairro da Torre na cidade de João Pessoa – PB. 1999. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA, W. de. **A geologia da planície do Recife: contribuição ao seu estudo**. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Commércio, 1942.

PEREIRA, Z. D. **O Terreiro Obá Ogunté: parentesco, sucessão e poder**. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

PERES, A. **Recife Histórico** (Município do Recife). Recife: Imprensa Industrial, 1932.

PETRONE, P. A região de São Luiz do Paraintiga (estudo de geografia humana). In: **Revista Brasileira de Geografia**, V. 21, n. 3, jul./set.. Rio de Janeiro, 1959, p. 239-336.

PIZOTTI, A. M. **Mangueira: um simbólico lugar forjado no ritmo do samba e no passo de seus desfilantes**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

POCOCK, D. C. D. **Place and the novelist. Transactions of the british geographers**. New Series 6, 1981, p. 337-347.

PONTUAL, V. **Uma cidade e dois prefeitos** – narrativas do Recife nas décadas de 1930 a 1950. Recife: Editora Universitária, 2001.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Bairros rurais paulistas – dinâmica das relações bairro rural-cidade**. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1973.

_____. Bairros rurais paulista – estudo sociológico. In: **Revista do Museu Paulista**, n. 17, São Paulo, 1967, p. 63-210.

REAL, K. **O folclore no carnaval do Recife**. Recife: FUNDAJ, 1990.

RELPH, E. **As bases fenomenológicas da geografia**. Geografia. Geografia, 4 (7): 1-25, 1979.

_____. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

REZENDE, A. **O Recife** – histórias de uma cidade. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002.

RIBEIRO, R. **Cultos afro-brasileiros do Recife**: um estudo de ajustamento social. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1952.

ROCHA, T. **Roteiros do Recife** (Olinda e Guararapes). Recife: Gráfica Ipanema, 1963.

RODRIGUES, A. A. B. **O Bairro do Tanque – Atibaia (SP)** – um exemplo da contribuição da colonização japonesa para a evolução do meio rural paulista. 1973. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ROLIM, A. L. **A modernidade nos subúrbios do Recife ou de como surge o edifício suburbano moderno –** o caso de Casa Amarela, Afogados e Encruzilhada. 1999. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco.

ROSTAND, P. **Esses Ingleses...** Recife: Bagaço, 2009.

SANTOS. M. **A natureza do espaço** – técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2004.

SCARLATO, F. C. **O real e o imaginário no Bexiga:** autofagia e renovação urbana no bairro. 1988. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SCHMIDT, C. B. **A vida rural no Brasil**: a área de Paraitinga, uma amostra representativa. São Paulo: Secretária da Agricultura, 1951.

SEABRA, O. C. de L. **Urbanização e fragmentação** – cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do bairro do Limão. 2003. Tese (Livre-docência) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Urbanização: bairro e vida de bairro. In: **Travessia – Revista do Migrante**, n. 38, ano XIII. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, 2000, p. 11-17.

SERPA, A. **Cidade popular** – trama de relações sócio-espaciais. Salvador: EDUFBA, 2007.

SETTE, M. **Arruar**, história pitoresca do Recife antigo. 2 ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1978.

_____. **Maxambombas e maracatus**. Recife: Edições Cultura Brasileira, 1938.

SILVA, A. C. da. **A Metrópole ampliada e o bairro metropolitano, o caso de São Paulo: o bairro da Consolação**. 1982. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA DE SOUZA, F. **Caracterização e apropriação social de três espaços públicos centrais, em bairros populares de Salvador**. 2006. Monografia (Graduação em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SOARES, T. S. O conceito de bairro e sua exemplificação na cidade do Rio de Janeiro, In: **Boletim Carioca de Geografia**. Ano X, n. 3/4. Rio de Janeiro, 1958, p. 46-68.

SOARES DE SOUZA, G. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Brasiliana, v. 7, 1979, p. 56-63.

SOUSA, A. C. **Os Parceiros do Rio Bonito**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

SOUZA, M. L. de. O bairro contemporâneo: ensaios e abordagem política, in: **Revista Brasileira de Geografia**. V. 51, n. 2, abr/jun. Rio de Janeiro, 1989, p. 139-172.

_____. **O Que Pode o Ativismo de Bairro Reflexão sobre as Limitações e Potencialidades do Ativismo de Bairro à Luz de um Pensamento Autonomista**. 1988. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TOSTES, V. de O. **Bangu:** o nome do lugar. 1999. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TOLLENARE, L. F. de. **Notas Dominicais**. Recife: SESC/Departamento de Cultura. 1978. (Coleção Pernambucana, 1 fase, 16).

TRIGUEIRO, E. B. F. **Oh de Fora!** Um estudo sobre a arquitetura residencial pré-modernista do Recife, enquanto elemento básico de composição do cenário urbano. 1989. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 143-164.

_____. **Espaço e Lugar**. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia**. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: Difusão Editorial S/A, 1980.

_____. **“Environment” and “World”**. Professional Geographer, 1965, 17 (5), pp. 6-7.1965

VELHO, G. **A Utopia Urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VIANNA, A. J. B. **Recife, Capital do Estado de Pernambuco**. Recife: Secretária de Estado de Educação e Cultura, 1970.

VILLAÇA, F. **O Espaço Intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1998.

Jornais Consultados

Festas em Louvor de Santo Antônio. Jornal do Commércio. Recife, 14 de junho de 1939.

Moderno Edifício para o Mercado Público da Encruzilhada. Jornal do Pequeno. Recife, 11/12/1950.

Abuso do Mulherio em Chapéu do Sol. Jornal do Recife. 06 de dezembro de 1930.

Um Empreendimento que Honra a Administração da Cidade. Diário de Pernambuco. Recife, 25 de janeiro de 1954.

Acorda Povo. Evandro Rabello. Jornal da Cidade. Recife, 12 a 18 de junho de 1976.

Bandeira do Sítio. Roberto Benjamim. Jornal da Cidade. Recife, 03 a 09 de junho de 1976.

Entrevistas

Seu Israel Francisco de Assis, morador de Água Fria há 65 anos. Entrevista concedida em 03 de maio de 2009.

Dona Severina Carneiro (Dona Nem), moradora de Água Fria há 80 anos. Entrevista concedida em 22 de maio de 2010.

Seu Walfrido José da Silva, Tocador do Terreiro Obá Ogunté e morador de Água Fria há 94 anos. Entrevista concedida em 15 de janeiro de 2010.

Seu Nelson Martins, Presidente da Associação de Feirantes e morador de Água Fria há 73 anos. Entrevista concedida em 02 de agosto de 2010.

Dona Zuleide Alves, Presidente do Caboclinho Oxóssi Pena Branca e moradora de Água Fria há 30 anos. Entrevista concedida em 03 de maio de 2009.

Seu Severino dos Santos, Presidente do Caboclinho Sete Flechas e morador de Água Fria há 39 anos. Entrevista concedida em 05 de junho de 2010.

Seu Paulo Sérgio dos Santos, Cacique do Caboclinho Sete Flechas e morador de Água Fria há 38 anos. Entrevista concedida em 05 de junho de 2010.

Dona Marina Ferreira, Presidente do Boi Teimozo e moradora de Água Fria há 57 anos. Entrevista concedida em 03 de maio de 2009.

Dona Cristina Andrade, Presidente do Pastoril Estrela Brilhante, Urso Cangaçá, e Ciranda da Dengoça. Moradora de Água Fria há 55 anos. Entrevista concedida em 06 de junho de 2010.

Dona Letícia Dantas, freqüentadora da Igreja de Santo Antônio e moradora de Água Fria há 65 anos. Entrevista concedida em 21 de setembro de 2010.

Dona Maria José Medeiros, freqüentadora da Igreja de Santo Antônio e moradora de Água Fria há 51 anos. Entrevista concedida em 21 de setembro de 2010.

Dona Ivonete de Paula, comerciante e moradora de Água Fria há 60 anos. Entrevista concedida em 20 de setembro de 2010.

Seu Francisco Fabiano de Lima Filho, comerciante do mercado público de Água Fria há 35 anos. Entrevista concedida em 04 de maio de 2009.

Dona Socorro Silva, feirante e moradora de Água Fria há 55 anos. Entrevista concedida em 18 de setembro de 2010.

Manuel do Nascimento Costa (Manuel Papai), *Babalorixá* do Terreiro Obá Ogunté. Entrevista concedida em 17 de setembro de 2010.

Maria da Conceição Costa, moradora do Terreiro Obá Ogunté há 30 anos. Entrevista concedida em 03 de maio de 2009.

Ubiracy de Bacnaré, Presidente do Balé de Cultura Negra da Cidade do Recife e morador de Água Fria há 56 anos. Entrevista concedida em 05 de outubro de 2010.